

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO**

MARIANA SCHOSSLER

**O PRÓCER DA REVOLUÇÃO DE MAIO E O HISTORIADOR JESUÍTA:
RECONSTITUINDO SUAS TRAJETÓRIAS A PARTIR DA ANÁLISE DA OBRA
CORNELIO SAAVEDRA, PADRE DE LA PÁTRIA ARGENTINA, DE GUILLERMO
FURLONG SJ**

São Leopoldo

2016

Mariana Schossler

**O PRÓCER DA REVOLUÇÃO DE MAIO E O HISTORIADOR JESUÍTA:
RECONSTITUINDO SUAS TRAJETÓRIAS A PARTIR DA ANÁLISE DA OBRA
CORNELIO SAAVEDRA, PADRE DE LA PÁTRIA ARGENTINA, DE GUILLERMO
FURLONG SJ**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História,
pelo Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientador(a): Prof(a). Dr. Eliane Cristina Deckmann Fleck

São Leopoldo

2016

S374p

Schossler, Mariana.

O prócer da Revolução de Maio e o historiador jesuíta : reconstituindo suas trajetórias a partir da análise da obra Cornelio Saavedra, padre de la pátria argentina, de Guillermo Furlong SJ / Mariana Schossler. – 2016.

165 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2016.

“Orientador(a): Prof(a). Dr. Eliane Cristina Deckmann Fleck.”

1. Fúrlong Cárdiff, Guillermo, 1889-1974 – Crítica e interpretação. 2. Saavedra, Cornelio de, 1759-1829. 3. Historiadores – Argentina. 4. Historiografia – Argentina. I. Título.

CDU 930.1(82)

Mariana Schossler

**O PRÓCER DA REVOLUÇÃO DE MAIO E O HISTORIADOR JESUÍTA:
RECONSTITUINDO SUAS TRAJETÓRIAS A PARTIR DA ANÁLISE DA OBRA
CORNELIO SAAVEDRA, PADRE DE LA PÁTRIA ARGENTINA, DE GUILLERMO
FURLONG SJ**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre, pelo
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a) Dr.(a) Eliane Cristina Deckmann Fleck (Orientadora) - UNISINOS

Prof. Dr. Cláudio Pereira Elmir - UNISINOS

Prof.(a) Dr.(a) Maria Cristina Bohn Martins - UNISINOS

Prof.(a) Dr.(a) María Elena Imolesi – Universidad de Buenos Aires

*Aos meus pais, por tudo.
À minha irmã, que me ensinou a importância de compartilhar.*

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar o texto dos agradecimentos, eu gostaria de dizer que esta dissertação não foi escrita na primeira pessoa do plural apenas por questões formais. Este “nós” diz respeito a todos aqueles que contribuíram para a escrita deste trabalho e leva um pouquinho de cada um de vocês.

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer à minha família, minha mãe, meu pai e minha irmã, e ao meu tão amado namorado, Tiago, por tudo, pela força, pelo colo nos momentos de desespero, pelas palavras de incentivo, por simplesmente me deixar falar em vários momentos sobre minhas dúvidas ou sobre minhas novas descobertas. Sem vocês, este trabalho não seria possível. E ao Kiko, meu querido cachorrinho, que aproveitou ótimas sonecas ao meu lado durante as longas tardes de trabalho.

Em segundo lugar, aos amigos, e não apenas aqueles da vida, como a Ju, a Mari e a Sane, que me acompanham há muito tempo e sempre souberam me dizer algo como “vai gatinha!” nos momentos em que eu mais precisei, mas, também, aqueles que eu fui conquistando ao longo dos anos de Unisinos. Como o grupo da pesquisa – a Elisa, a Mari, o Maico, o Eric e o Roberto – que sempre me ofereceram sua atenção. Agradeço, especialmente, à Tarcila e ao Nicássio, pelo conhecimento que compartilhamos e construímos juntos nas tantas disciplinas que cursamos juntos. Aos demais colegas, agradeço pela companhia, conversas e risadas.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, que nunca hesitaram em dividir conhecimento ou lançar perguntas que me fizessem ir além daquilo que achava que seria possível. Obrigada!

Ao CNPq, pela bolsa, que permitiu que eu me dedicasse integralmente ao curso e tivesse a experiência da consulta a arquivos e bibliotecas em Buenos Aires, Argentina.

E, por fim, me cabe agradecer à Professora Eliane, minha orientadora. Mesmo naqueles momentos em que eu achava que teria que refazer tudo o que já havia escrito e que o cansaço ou desânimo tomavam conta, ela sempre esteve comigo. E, o mais importante, sempre me incentivando e me desafiando a querer saber mais e a questionar as versões consagradas pela historiografia e aquelas que os documentos nos oferecem. Quaisquer palavras que eu venha a dizer não serão suficientes para agradecer por todo o aprendizado, incentivo e apoio. Muito obrigada!

“Tão difícil quanto fazer uma biografia é analisar sua constituição. Assim como não é fácil escrever sobre os outros, refazer o caminho que leva à composição da vida de um indivíduo é um problema historiográfico dos mais relevantes. Por quê? Porque escrever acerca da vida de alguém é inseri-la em um contexto histórico, em uma dimensão do tempo cuja produção pode ser uma hipertrofia da figura biografada, ou seja, um cenário convertido a partir do objeto da biografia, ou, inversamente, o efeito desta mesma contextualização anônima. Em todo o caso, trata-se de investigar como se realiza uma *operação historiográfica*.”

Maria da Glória de Oliveira – Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a biografia *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina*, escrita por ocasião das comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio (1960) pelo historiador jesuíta Guillermo Furlong (1889-1974) e reimpressa dezenove anos depois, quando do sesquicentenário da morte do biografado (1979). A obra originou-se de uma conferência que Furlong proferiu, a pedido da *Agrupación Celeste y Blanca*, em 1960, e apresenta evidentes influências da *Historia Magistra Vitae*, sobretudo pelo apego às fontes documentais, e pela exaltação do posicionamento político moderado do líder de Maio e de sua forte relação com o catolicismo, em contraposição às tendências mais exaltadas de seus adversários. Recorrendo a esta metodologia e a estratégias narrativas, Furlong pretendeu transformar Saavedra em exemplo para as próximas gerações de argentinos em momentos de grande turbulência política na Argentina, como foram as décadas de 1960 e 1970.

A dissertação é composta de três capítulos, sendo que, no primeiro, reconstituímos a trajetória de Furlong, destacando aspectos relativos à sua formação às influências que recebeu, a sua inserção em instituições leigas e os vínculos que estabeleceu com outros intelectuais, católicos ou não, e ao contexto de produção da biografia. No segundo capítulo, apresentamos a trajetória de Saavedra e sua atuação na Revolução de Maio, privilegiando uma reflexão sobre a *operação historiográfica* evidenciada no texto da conferência e da biografia escritas por Furlong. No terceiro capítulo, discutimos tanto a memória que ambos os textos construíram sobre Saavedra e sobre o movimento de Maio, quanto a que se construiu sobre o historiador argentino a partir tanto de textos elaborados por colegas e amigos para uma edição especial da revista *Archivum*, quanto de historiadores contemporâneos, que se dedicam à análise de sua vasta produção.

Palavras-chave: Guillermo Furlong. Cornelio Saavedra. Operação historiográfica. Revolução de Maio argentina. Biografia.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Lista de autores e obras citados por Furlong no texto de 1979	75
Tabela 2: Publicações do texto das Memórias entre 1830 e 1960.....	83
Tabela 3: Relação das fontes utilizadas por Furlong e disponíveis nos fundos documentais de Carlos Saavedra Lamas, Enrique Ruiz Guiñazú e Mariano Saavedra.....	84
Tabela 4: Sumário da edição de Maio de 1960 da revista Estudios.	95
Tabela 5: Estrutura comentada do texto Cornelio de Saavedra, de Guillermo Furlong SJ. (1960)	96
Tabela 6: Capítulos da obra <i>Cornelio Saavedra: Padre de la Patria Argentina</i> (1979).....	100

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	7
1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A ESCRITA BIOGRÁFICA ENTRE CONTEXTOS E POSSIBILIDADES: UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DO AUTOR E A PRODUÇÃO DA OBRA	27
2.1. A FORMAÇÃO DE GUILLERMO FURLONG NOS CÍRCULOS DA COMPANHIA DE JESUS	30
2.2. AS INFLUÊNCIAS: OS AUTORES LIDOS E AS RELAÇÕES COM A <i>HISTORIOGRAFIA LEIGA</i>	39
2.2.1. Sobre as leituras dos tempos de formação: Plutarco, Boswell e Carlyle.....	39
2.2.2. A <i>Nueva Escuela Historica</i>: o encontro com a historiografia produzida por leigos	46
2.2.3. A rede de contatos estabelecida com os <i>bienhechores</i>	48
2.3. A INSERÇÃO DE FURLONG NAS INSTITUIÇÕES LEIGAS: O INSTITUTO DE INVESTIGACIONES HISTORICAS, A ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA E A JUNTA DE HISTORIA ECLESIASTICA ARGENTINA	50
2.3.3. A inserção na <i>Academia Nacional de la Historia</i>.....	56
2.3.4. A <i>Junta de História Eclesiástica Argentina</i>.....	57
2.4. UM ESTUDO SOBRE O CONTEXTO DE PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO DA OBRA: AS COMEMORAÇÕES DO SESQUICENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO DE MAIO (1960)	59
2.4.1. O sesquicentenário de Maio e a primeira publicação da obra	59
3 FURLONG HISTORIADOR DE LEIGOS: A CONSTITUIÇÃO DE UMA OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA	67
3.1. CORNELIO SAAVEDRA E SUA ATUAÇÃO NA REVOLUÇÃO DE MAIO	68
3.2. AS FONTES UTILIZADAS: SAAVEDRA E A ESCRITA DE SUAS <i>MEMORIAS</i> (1829).....	78
3.3. A CONSTITUIÇÃO DE UMA <i>PRÁTICA</i> OU COMO FURLONG LIDA COM SUAS FONTES.....	87
3.4. A <i>ESCRITA</i> E SEUS DESDOBRAMENTOS: UMA VERSÃO SOBRE O PASSADO NACIONAL.....	91
3.4.1. A escrita de Furlong nas comemorações do sesquicentenário de Maio: uma comparação entre o texto divulgado na revista <i>Estudios</i> e o publicado em 1979.....	93

4 O HISTORIADOR COMO MEMORIALISTA: NAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA NOS TEXTOS SOBRE SAAVEDRA.....	107
4.1. A PUBLICAÇÃO DA OBRA <i>CORNELIO SAAVEDRA PADRE DE LA PATRIA ARGENTINA</i> EM 1979: O SESQUICENTENÁRIO DA MORTE DE SAAVEDRA.....	110
4.2. A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA SOBRE SAAVEDRA E SOBRE A REVOLUÇÃO DE MAIO	113
4.2. GUILLERMO FURLONG E A OBRA "CORNELIO SAAVEDRA PADRE DE LA PATRIA ARGENTINA" (1979): UMA MEMÓRIA SOBRE SUA ATUAÇÃO COMO HISTORIADOR.....	133
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156

1 INTRODUÇÃO

I

Buenos Aires, Vice-reino do Rio da Prata, maio de 1810. Os colonos iniciam o processo independentista da região, que receberia a designação de Revolução de Maio. Entre os dias 22 e 25 daquele mês, havia se realizado um Cabildo Aberto, que depôs o vice-rei e escolheu uma Junta de Governo que passou a governar – não sem maiores conflitos – a extensão do Vice-reino. Neste processo, teve grande preeminência a figura de Cornelio Saavedra, um dos líderes revolucionários e primeiro presidente da Junta, cargo que desempenhou após ter sido escolhido por seus companheiros.

Esta dissertação tem dois personagens e dois cenários principais. No primeiro, encontra-se Cornelio Saavedra, considerado um dos “pais da pátria”, tanto por sua importância como chefe miliciano, quanto por ter exercido o cargo de presidente da primeira Junta, após a Revolução de 1810. No segundo, destaca-se Guillermo Furlong, um padre jesuíta, a quem coube proferir palestra sobre este prócer da independência da Argentina, no ano de 1960.

Buenos Aires, Argentina, maio de 1960. Guillermo Furlong SJ. (1889-1974), historiador da Companhia de Jesus e membro da Academia Nacional de la Historia de seu país é convidado pela *Agrupación Celeste y Blanca* a proferir conferência sobre a trajetória de Cornelio Saavedra. Este texto seria, posteriormente, publicado sob a forma de livro, no ano de 1979. Segundo as palavras de apresentação da obra, provavelmente escritas pelos seus editores, o texto original sofreu poucas modificações, contando com o acréscimo de passagens de documentos, como a *Memoria Autógrafa* (2009 [1829]), escrita pelo próprio Saavedra, e que serve de base para a construção da biografia.

II

Cornelio Saavedra nasceu em 1761. Após cursar seus estudos no Colegio de San Carlos, em Buenos Aires, foi *regidor* da administração colonial. Em 1801, foi nomeado *alcalde* e, em 1805, administrador de grãos. Iniciou sua carreira militar durante as invasões inglesas ao Rio da Prata, assumindo o comando do Regimento de Patricios e participando da recuperação de Buenos Aires em 1807.

Partidário do Vice-rei Liniers, aderiu à Revolução de Maio de 1810, sendo eleito, como já mencionado, presidente da Primeira Junta de Governo e sendo reconhecido por sua tendência mais moderada. Seguiu para o exílio, após ser retirado do poder por seus opositores em 1811. Retornou à capital argentina apenas em 1818, quando retomou seu cargo e recebeu honrarias. Dois anos depois seria retirado novamente do poder, tendo se exilado em Montevideú. Redigiu suas *Memorias* em 1829, ano de seu falecimento.

Seu biógrafo, o argentino Guillermo Furlong Cardiff, era filho de imigrantes irlandeses e ingressou na Companhia de Jesus em 1903, aos 13 anos de idade. Em meados de 1905, foi enviado por seus Superiores à Espanha, para que desse continuidade a sua formação. Após estudar por um ano em Gandía, o jesuíta argentino dirigiu-se ao antigo mosteiro de Veruela, na província de Aragão. Lá, ao mesmo tempo em que lia e estudava os autores clássicos, Furlong passou a ter algumas lições de metodologia¹ e paleografia (GEOGHEGAN, 1979; MAYOCHI, 2009).

Em 1910, iniciou seus estudos de Filosofia, desta vez, em Tolosa e, um ano mais tarde, foi enviado aos Estados Unidos, para o Woodstock College, anexo à Universidade de Georgetown, onde, em 1913, obteve seu PhD, e teve a oportunidade de entrar em contato com a escrita de biografias como a *Life of Samuel Johnson (1787)*, de James Boswell, o que pode ter despertado seu interesse posterior pelo gênero (PADILLA, 1979, 73).

Em meados de 1913, Guillermo Furlong retornou à Argentina. No mesmo ano, o jesuíta argentino iniciou suas funções como historiador da Companhia de Jesus. Segundo Geoghegan (1979), Furlong passou a frequentar o *Archivo General de la Nación*², o *Museo Mitre*³ e algumas bibliotecas privadas (Geoghegan, 1979; Mayochi, 2009), ocasião em que conheceu o historiador Enrique Peña⁴.

O senhor Peña foi quem orientou definitivamente ao padre Furlong para a investigação histórica, presenteando-lhe com o seguinte conselho: ‘Não leia livro algum de história, mas opte por uma linha de

¹ Considerando o contexto de produção dos textos de Mayochi (1979) e de Geoghegan (1979) e o fato de que O’Callaghan atuava como arquivista, pode-se supor que a palavra metodologia tenha sido empregada para referir as técnicas de manejo de documentos e manuscritos visando à escrita de obras históricas.

² O *Archivo General de la Nación* foi fundado em 1821 e tem por objetivo de “Reunir, conservar y tener disponible para su consulta o utilización la documentación escrita, fotográfica, fílmica, videográfica, sónica y legible por máquina, que interese al país como testimonio acerca de su ser y acontecer, sea ella producida en forma oficial, adquirida o donada por instituciones privadas o particulares.” (AGN, 2013, s/p).

³ Instituição dedicada à memória de Bartolomé Mitre (1821-1906), ex-presidente argentino, e que tem por objetivo a conservação e exibição de coleções documentais e bibliográficas pertencentes ao político. (MUSEO MITRE, s/d, p. 1)

⁴ Historiador argentino e presidente da Academia Nacional de la Historia Argentina, entre os anos de 1906 e 1915. Dentre as suas principais obras se encontram: *Historia de Belgrano y de la independencia argentina* e *Historia de San Martín y de la emancipación americana* (sem datas de publicação definidas).

pesquisa, uma série de temas afins, e frequente o Archivo General de la Nación em busca de materiais sobre estes temas e lhe asseguro que, passados dez ou quinze anos, ficará assombrado com o material que terá reunido...’ (GEOGHEGAN, 1979, p. 36, tradução nossa).

Em 1920, Furlong retornou à Espanha, para a conclusão dos seus estudos de Teologia, tendo sido enviado ao *Colegio Máximo de Sarriá*, em Barcelona. De acordo com Mayochi (2009), já neste período, Furlong manifestava forte interesse na história da América platina do período colonial. Em 1924, após receber a ordenação sacerdotal, retornou à Argentina, passando a atuar como professor de Literatura castelhana, Apologética, História argentina, Instrução cívica e Inglês.

Em 1929, publicou seu primeiro livro sobre temas históricos, intitulado *Glorias Santafesinas*, que versa sobre a história da Argentina colonial. A quantidade de documentos e informações que conseguiu reunir em suas visitas realizadas a arquivos e bibliotecas argentinas e europeias possibilitou também a escrita de diversos artigos, muitos deles publicados na revista *Estudios*, da Academia Literaria del Plata e da Universidad del Salvador, de Buenos Aires. Estes textos versaram, em sua maioria, sobre a história da Companhia de Jesus na América platina, sendo que, em vários deles, Furlong se aproximou do gênero biográfico.⁵

Pensando não apenas nas trajetórias de Saavedra e Furlong, mas, também, na relação estabelecida pelo historiador argentino com o gênero biográfico, devemos, aqui, refletir sobre as principais discussões teóricas atuais sobre este gênero.

III

A biografia, segundo Dosse (2009), esteve, durante muito tempo, ligada à *Historia Magistra Vitae*, aquela que tem por principal objetivo a exemplaridade e apresenta nítido caráter pedagógico. Fazer com que os nomes de grandes homens não caíssem no esquecimento era um dos principais objetivos daqueles – historiadores ou não – que se aventuravam neste gênero.

Um dos principais e mais conhecidos biógrafos da Antiguidade e, também, um dos primeiros a se utilizar da *Historia Magistra*, foi Plutarco. Suas obras têm como característica

⁵ Podemos citar, como exemplo, o artigo intitulado *Un médico colonial: Segismundo Asperger* (1936), publicado na revista *Estudios*, e as obras *Médicos argentinos durante la dominación hispánica* (1947) e *Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica* (1948), onde reconstituiu as trajetórias de missionários jesuítas que atuaram na antiga Província do Paraguai nos séculos XVII e XVIII.

básica a ênfase que o autor dá às virtudes de seus biografados, buscando fazer dos mesmos referenciais de atuação dos grandes homens do futuro.

Para Plutarco [...], trata-se de perpetuar pelo *exemplum* um certo número de virtudes morais. [...] O *bios*, ao mesmo tempo “vida” e “modo de vida”, serve-lhe de apoio para sublinhar algumas virtudes éticas indispensáveis aos dirigentes políticos e militares. O herói de Plutarco é uma personalidade forte, animada por um ideal a que se consagra por inteiro. Definido como um ser não sujeito a regras, marcado pela desmedida (*hýbris*), esse herói está, por definição, sujeito às tentações do descomedimento. Deve, pois, redobrar a vigilância a fim de não soçobrar nos piores escolhos. (DOSSE, 2009, p. 129).

Em *Vidas Paralelas*, Plutarco estabelece comparações entre diversos personagens tanto da Grécia, quanto da Roma antigas. Os heróis são apresentados, nestes textos, de forma que o autor tenha a possibilidade de explorar ao máximo características pessoais, sejam elas positivas ou negativas, visando deixar claro ao leitor quais são as virtudes dignas de imitação pelas gerações posteriores e quais devem ser devidamente observadas a fim de não serem reproduzidas.

O gênero passou por algumas modificações ao longo do tempo. Se na Idade Média predominavam as hagiografias, ou seja, as biografias de santos⁶, nos séculos posteriores, o positivismo e o historicismo introduziram a noção de “grande homem”, que, para além das virtudes pessoais, apresentava características que o faziam decisivo em relação ao serviço devido à pátria. Entretanto, o objetivo principal do gênero biográfico continuava sendo o de perpetuar os exemplos positivos do passado na memória das futuras gerações:

No horizonte dessa evocação biográfica, encontramos o mesmo impulso, a mesma esperança que motiva a operação histórica: a ânsia de vencer o esquecimento, a finitude da existência, e o **cuidado de transmitir, imortalizar a ação humana a ser perpetuada na lembrança dos pósteros, na memória coletiva [...]**. (DOSSE, 2009, p. 128-129, grifos nossos)

Para o caso brasileiro, durante o século XIX, o gênero biográfico contava com grande apreço por parte dos historiógrafos. Um exemplo disso é a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839-1889), que publicou uma série de biografias de brasileiros

⁶ A hagiografia é entendida como um discurso de exaltação das virtudes de um mártir ou santo, servindo este de *exempla vitae* para os demais que conhecerão suas ações, suas trajetórias, seu comportamento. “[...] ela privilegia os atores do sagrado [...] e visa à edificação [...]. A retórica desse “monumento” está saturada de sentido, mas do mesmo sentido. É um túmulo tautológico.” (CERTEAU, 2011, p. 289). Muitos personagens históricos, como o próprio Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, inspiraram-se nas vidas desses “atores do sagrado” para erigir seu modelo de fé e de conduta, fundar ordens religiosas ou construir ideologias.

considerados distintos por suas atuações tanto nas letras, quanto nas armas (OLIVEIRA, 2009). Estas, entretanto, foram assumidas por escritores sem qualquer formação ou experiência em relação aos estudos históricos, resultando em textos que se utilizavam, fundamentalmente, da fórmula da *Historia Magistra*.

Com a maior profissionalização por parte dos historiadores na Europa, ainda no século XIX, a historiografia deixou de ser a prática narrativa e literária dos eruditos, em nome de um maior rigor metodológico e objetividade, que faziam com que a História fosse entendida como uma “forma de conhecimento”, ao invés de um meio de aprimoramento pessoal a partir de exemplos. Neste contexto de mudanças, a biografia começa a ser vista como “gênero menor” da escrita histórica, sendo, inclusive, muito mal vista, até meados do século XX. A introdução de novas formas de pensar tanto os objetos de pesquisa quanto as próprias metodologias e problemas de pesquisa por escolas como os Annales, possibilitou a abertura de espaço para uma renovação do gênero, que alterou não apenas as formas de se escrever biografias, mas, também, de pensar e analisar textos produzidos no período entre o século XIX e XX, no qual o gênero conheceu uma de suas piores fases.

Para Giovanni Levi (1996), a biografia pode ser caracterizada como a escrita da vida ou da trajetória de vida de um indivíduo.⁷ O texto biográfico tem, por isso, como foco e ponto de partida o indivíduo a ser biografado, inserido, a partir daí em seu contexto⁸, tecendo suas relações, desmembrando o ambiente no qual se encontra inserido. Em relação aos problemas da escrita biográfica, Levi (1996, p. 169) propõe o seguinte questionamento:

Pode-se escrever a vida de um indivíduo? Essa questão, que levanta pontos importantes para a historiografia, geralmente se esvazia em meio a certas simplificações que tomam como pretexto a falta de fontes. [...] Em muitos casos, as distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. [...] contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.

⁷ Para Benito Schmidt (2004), este último conceito – trajetória de vida –, nada mais é do que o “curso da vida”, a “carreira” do indivíduo. Entendida não apenas como sua atuação profissional, na medida em que é possível considerá-la, também, como o viés pessoal e privado do indivíduo que se deseja estudar, abarcando-se, assim, as múltiplas facetas da trajetória de vida em uma mesma narrativa.

⁸ Segundo Schmidt (2012, p. 196), o contexto – ou os contextos – não é/são o pano de fundo onde se desenrolam as ações do intelectual, mas sim o campo de possibilidades que este tem em sua trajetória. “Seguindo a sugestão do antropólogo Gilberto Velho, talvez se possa pensar o contexto não como uma configuração fixa e pré-moldada, mas como um ‘campo de possibilidades’, espaço para formulação e implementação de projetos individuais e coletivos; projeto nesse caso designando não um plano perfeitamente organizado e racionalizado, mas ‘a conduta organizada para atingir finalidades específicas’.”

Segundo o mesmo autor, os historiadores se preocupam em construir uma narrativa linear da vida do biografado, sem considerar o ambiente no qual este se encontra inserido, suas dúvidas, medos, decisões arbitrárias, problemas pessoais. O biografado acaba por ser apresentado como um indivíduo com uma trajetória exemplar, desde seu nascimento até a sua morte, supondo-se que “todos os indivíduos têm as mesmas disposições cognitivas, obedecem aos mesmos mecanismos de decisão e agem em função de um cálculo, socialmente normal e uniforme, de lucros e perdas” (LEVI, 1996, 180). Bourdieu, por sua vez, (1996, p. 190, grifos do autor) aponta os limites do gênero biográfico, ao afirmar que

[...] não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontado com o mesmo espaço dos possíveis.

Atualmente, autores como Sabina Loriga e François Dosse questionam as críticas feitas por Pierre Bourdieu ao gênero biográfico. Segundo esse autor, muitos historiadores seguem um modelo em que o biografado possui uma carreira inteligível, com um início, um meio e um fim, sendo que não são levadas em consideração as vicissitudes e as tomadas de decisão consideradas inesperadas em um roteiro linear.

Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, curriculum vitae, biografia oficial, bem como da filosofia da identidade que o sustenta, quanto mais nos aproximamos dos interrogatórios oficiais – cujo limite é a investigação judiciária ou policial –, afastando-se ao mesmo tempo das trocas íntimas entre familiares e da lógica da confiança que prevalece nesses mercados protegidos. (BOURDIEU, 1996, p. 188).

Segundo Loriga e Dosse (apud SOLANO, 2010, p. 6), “Bourdieu [...] só vê a possibilidade de abarcar a trajetória individual atrelada ao percurso dos outros agentes, que participaram de fatos similares, nos mesmos espaços de sociabilidade”. Neste sentido, Loriga lembra que o sociólogo considera que existe apenas um tipo de biografia, sendo que, na realidade, a escrita biográfica pode dar-se de várias formas, sem a necessidade de um relato linear, e que podemos encontrar exemplos disso em obras de intelectuais do século XIX, como Thomas Carlyle, Jacob Burckhardt e Hippolyte Tayne, que priorizam determinados

aspectos das trajetórias de seus biografados, fugindo, assim, do modelo preconizado por Bourdieu.

IV

Guillermo Furlong publicou cerca de dois mil trabalhos ao longo de sua vida, a maioria deles versando sobre a história da Companhia de Jesus na América platina colonial.⁹ Parte de sua obra reconstituiu trajetórias de vida, resgatando personagens da história argentina, principalmente, de missionários jesuítas que atuaram nas reduções da região do Rio da Prata. Textos como *Un médico colonial: Segismundo Asperger* (1936)¹⁰ e os volumes sete e oito da coleção *Cultura colonial argentina*, intitulados, respectivamente, *Médicos argentinos durante la dominación hispánica* (1947)¹¹ e *Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica* (1948)¹², são apenas uma amostra de sua vastíssima obra.

Ao mesmo tempo em que possui esta vasta produção sobre a Companhia de Jesus, em alguns momentos Furlong dedicou-se a escrever sobre personagens leigos, dentre os quais, entre outros, se destacam historiadores com os quais tomou contato, como é o caso da obra que dedica ao historiador argentino José Torre Revello. Porém, e o que chama a atenção em determinados momentos de sua carreira como historiador, são as obras que dedicou a alguns próceres da Revolução de Maio.

As obras que escreveu sobre os líderes da Revolução de Maio evocam, em grande medida, as incursões que Furlong havia feito na reconstituição das trajetórias de alguns missionários jesuítas, como Segismundo Asperger e Heinrich Peschke, que mereceram especial atenção do historiador da Companhia de Jesus por suas virtudes morais. Nos textos que escreveu sobre José de San Martín (1778-1850)¹³, Manuel Belgrano (1770-1820)¹⁴ e

⁹ Dentre suas principais obras, podemos citar: *Los jesuitas y la cultura rioplatense* (1933), *Cartografía jesuítica del Río de la Plata* (1936), *La cultura femenina en la época colonial* (1951), *Nacimiento y desarrollo de la filosofía en el Río de la Plata 1536-1810* (1952), *Historia y bibliografía de las primeras imprentas rioplatenses 1700-1850* (1953), *Historia social y cultural del Río de la Plata, 1536-1810* (1969).

¹⁰ FURLONG, Guillermo. *Un médico colonial: Segismundo Asperger*. *Estudios*. Nº 54, p. 117-148, 1936.

¹¹ FURLONG, Guillermo. *Médicos argentinos durante la dominación hispánica*. Buenos Aires: Editora Huarpes S.A., 1947.

¹² FURLONG, Guillermo. *Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica*. Buenos Aires, Huarpes, 1948.

¹³ Nascido na Argentina, San Martín foi para a Espanha em 1784, onde ingressou na carreira militar. Participou de várias guerras, destacando-se em sua atuação na Independência argentina. Ficou encarregado de organizar os exércitos rebeldes, ficando, por isso, conhecido como o Libertador. Sua atuação estendeu-se para a região do Peru, aliando-se, posteriormente, a Simón Bolívar. Com o final da guerra de Independência americana, em 1824, regressou à Europa, radicando-se na França, onde permaneceu até a sua morte.

¹⁴ Belgrano estudou Direito na Espanha, onde acompanhou os acontecimentos da Revolução Francesa de 1789. Ao retornar à Argentina, foi nomeado secretário do Consulado de Buenos Aires. Participando da resistência

Cornelio Saavedra (1761-1829)¹⁵, constata-se a preocupação de Furlong em apresentá-los como exemplos a serem seguidos, como evidenciado no trecho transcrito abaixo:

Hubo también entre nosotros, no tan solo uno, sino tres varones máximos que se hicieron acreedores a igual elogio, en cuanto a los tres incisos del mismo: *Saavedra, Belgrano, San Martín*. Pero si el héroe de Tucumán y el de Maipú, *cada uno a su manera, fue el primero en la guerra, el primero en la paz, y el primero en el corazón de sus conciudadanos*, esto postrero, por razones menguadas, no se otorgó al que fue, a la par de Liniers, *el primero en la lucha contra los invasores británicos, y al que, frente al pueblo bonaerense, fue el numen y el nomen en los días de Mayo, y fue la encarnación de los ideales de la revolución y fue el alma grande y firme, luminosa y con intuiciones de la más fina política, en la Primera Junta*. (FURLONG, 1979, p. 15, grifos nossos).

Furlong também salienta evidências da fé católica no comportamento e nas atitudes de cada um dos biografados. Se, no caso de Belgrano, a palavra *santo*¹⁶ aparece logo no título da obra, no caso de San Martín, lemos que “durante los cortos pero gloriosísimos años que pasó en América (1812-1823), afianzó [...] la independencia [...] y mostró [...] no sólo su pujanza de soldado, sino también su temple de caballero y su espíritu cristiano y católico” (FURLONG, [1963] 1995, p. 19). A educação que San Martín havia recebido em colégios da Companhia de Jesus, a dedicação de sua mãe à Igreja e o fato de ter ordenado que fossem rezadas missas aos soldados mortos em batalha, fazem com que, para Furlong, as raízes católicas de sua atuação estivessem confirmadas, eliminando-se, qualquer dúvida em relação a uma possível filiação dele à maçonaria¹⁷ ou à suposição de que fosse deísta¹⁸.

contra a invasão inglesa de 1806, como capitão de milícias, foi um dos dirigentes da Revolução de Maio de 1810, compondo, também, a Junta de Governo que se formou em Buenos Aires no mesmo ano. Após fracasso militar frente aos exércitos metropolitanos vindos desde o Peru, foi destituído do comando das forças de guerra, sendo enviado em missão diplomática à Espanha para negociação da Independência. Antes de falecer, em meio à pobreza, ainda lutou por alguns anos frente às milícias revolucionárias.

¹⁵ Militar e político argentino que presidiu a Primeira Junta de Governo, Saavedra iniciou sua carreira militar durante as invasões inglesas ao Rio da Prata. Sua adesão e participação decisivas na Revolução de Maio de 1810 foram recompensadas com sua nomeação para o cargo de Presidente da Primeira Junta, mas sua política conciliadora, afastada das ideias revolucionárias, acabou por suscitar denúncias de conspiração. Reintegrado ao cargo e às honras em 1818, regressou a Buenos Aires (após lutar no Alto Peru), sendo nomeado Chefe do Estado Maior do Exército. Em 1820, exilou-se em Montevidéu.

¹⁶ FURLONG, Guillermo. *Belgrano: el santo de la espada y de la pluma*. Buenos Aires: Asociación Cultural Noel y Club de Lectores, 1974, 73 p.. Esta obra tem como objetivo narrar os feitos de Manuel Belgrano, com ênfase na sua atuação como jurista e militar.

¹⁷ Segundo Furlong ([1963] 1995, p. 11-12), “por masón entendemos al que se ha afiliado a alguna de esas logias o asociaciones secretas, que se valen de símbolos tomados de la albañilería, entre cuyos objetivos primordiales se halla el combatir al catolicismo y que han sido explícita y absolutamente condenadas por los Romanos Pontífices a partir de 1884”.

¹⁸ “Deísta es el que admite la existencia de Dios y profesa una religión natural, pero niega la revelación divina y toda religión positiva”. (FURLONG, [1963] 1995, p. 11).

Já a obra *Bio-bibliografía del Deán Funes* (1939) difere significativamente das anteriores, por reunir cartas e duas autobiografias de Gregório Funes, que são compiladas e comentadas. Os comentários, em sua maioria, possuem um tom elogioso, como o encontrado nos textos que se referem aos outros dois líderes revolucionários. Porém, ao invés de ressaltar a formação católica de Funes (indispensável, sendo este Deão), ganharam destaque suas opiniões acerca da estrutura no novo governo argentino, após os acontecimentos de Maio de 1810. Em um série de três artigos escritos para um periódico, ainda em 1810, e intitulados *Bases para la formación y organización de la Nación Argentina*, Funes afirmou que a ex-colônia necessitava de uma Constituição, que não seguisse a espanhola, defendendo a instalação de um governo democrático e a emancipação. Furlong optou por destacar o mérito destas proposições, apoiando-se em autores como Ricardo Levene¹⁹ para dar crédito as suas afirmações.

Tais obras abrem precedente para a escrita e posterior publicação da biografia *Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina* (1979), a qual, tendo sido elaborada para as comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio, tem papel importante não apenas para a construção biográfica e, por conseguinte, historiográfica, sobre um determinado personagem, mas, também, por se caracterizar como um texto que busca a rememoração da atuação do político em um momento de uma efeméride. Neste caso, além de ser uma biografia, o texto constrói uma memória sobre a atuação e as qualidades pessoais do personagem, lembrando aos cidadãos portenhos, que assistiram à conferência ou que, mais tarde, leriam o livro, o trabalho de Saavedra pela pátria argentina.

É interessante notar que na edição especial alusiva ao Sesquicentenário de Maio, da Revista *Estudios*, divulgada em maio de 1960, Furlong publicou uma versão do texto da conferência – com apenas 18 páginas –, que, ainda no mesmo ano, se transformará no livro que estamos analisando. O texto foi publicado sob o título *Cornelio Saavedra, el padre de la patria*, pela editora Club de Lectores. Possui 151 páginas, sendo que, na última, podemos ler informações acerca de sua impressão e da autorização que Furlong recebeu da Companhia de Jesus para a publicação da obra:

Este libro se acabó de imprimir en la Imprenta BALMES S. R. L., sita en la calle Ranch, 1847, en la ciudad de Buenos Aires, a los 30 días del mes de Octubre de 1960, contando con la autorización que, por parte de la

¹⁹ O argentino Ricardo Levene (1885-1959) foi historiador e jurista, tendo exercido diversos cargos, como o de presidente da Academia Nacional de la Historia, por cerca de três décadas, em mandatos não consecutivos. Entre suas principais obras estão *Introducción a la historia del derecho indiano* (1924), *Lecciones de historia argentina* (1924) y, sobre todo, *Historia del derecho argentino* (1945).

Compañía de Jesús, otorgó el R.P. Cándido Gaviña a su autor, con fecha 14 de ese mes y año y con la de la Autoridad Eclesiástica, firmada por monseñor Antonio Rocca, a los 18 días del mismo mes y año. Laus Deo et Batae Mariae Virgini. (FURLONG, 1979, p. 151).

O texto que aqui utilizamos como base para análise foi publicado em 1979, e parece ser uma reimpressão da obra de 1960. A nova impressão da obra se dá justamente no ano do sesquicentenário da morte de Saavedra. Assim, explorar os dois contextos – tanto o de escrita quanto o de publicação – torna-se algo importante para compreendermos o porquê da escrita da biografia sobre o líder revolucionário.

V

Para a análise da biografia de Cornelio Saavedra que Furlong escreveu, consideramos fundamental refletir, primeiramente, sobre a memória que esta obra construiu, não apenas sobre o líder, mas, também, sobre a Revolução de Maio, apoiando-nos, para tanto, nos trabalhos de Michael Pollack, Joël Candau e Fernando Catroga. Iniciamos esta reflexão pelo conceito de memória proposto por Candau (2012, p. 9), para quem:

a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: “a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um ‘estar aqui’ que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele”. A ideia segundo a qual as experiências passadas seriam memorizadas, conservadas e recuperadas em toda sua integridade parece “insustentável”.

Nesta definição, a memória é entendida como uma construção, havendo, em razão disso, uma seleção daquilo que será rememorado. Neste sentido, a memória não valoriza o fato em si, mas a representação, o significado que o mesmo tem para a sociedade em questão e poderá ter para as próximas gerações²⁰. Embora o grupo de indivíduos seja mutável, dada a condição da existência humana, as representações acerca dos fatos vividos podem ser compartilhadas, repassadas de geração em geração e, perpetuadas, estando sempre mediadas pelo ambiente cultural e social às quais se encontram vinculadas (CANDAU, 2012).

Levando em conta esta compreensão e definição de memória, entendemos o processo de construção de memória sobre a Revolução de Maio como uma seleção de representações

²⁰ Candau (2012) refere dois tipos de memória: a primeira corresponde à lembrança acerca do fato em si, que é compartilhada por todos; a segunda constitui-se da representação acerca do fato, que é individual; é de acordo com esta segunda definição que pensamos a palavra memória.

acerca de fatos, que foram destacadas e transmitidas de acordo com parâmetros predefinidos acerca daquilo que deveria ser rememorado, garantindo, assim, a perenidade de um discurso sobre a “realidade”. Como bem observado por Pollak, esta seleção de fatos atende aos objetivos das sociedades e de instituições que, visando perpetuar-se no imaginário e na memória, constroem representações acerca de si mesmas, na medida em que:

[...] nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento alimenta-se de referências culturais, literárias e religiosas (POLLAK, 1989, p. 11).

Refletindo sobre a ação da memória no processo de escrita da história nacional, Catroga afirma que o século XIX assistiu a um grande surto historiográfico, com o reconhecimento do valor social e político da investigação, além do “ensino e popularização de interpretações do passado legitimadoras do presente, assim como na institucionalização de práticas simbólicas postas ao serviço da sacralização cívica do *tempo* (comemorações) e do *espaço* (novos “lugares de memória”)” (CATROGA, 2001, p. 60). Esta história “ensinável” contribui para o enraizamento e para a construção de novas memórias, podendo, neste sentido, utilizar-se de personagens da história nacional, como os líderes da Revolução de Maio na Argentina, para estabelecer um vínculo entre o passado e o presente. Assim, ao escrever uma biografia de Saavedra, Furlong poderá utilizar-se desta “história ensinável”, refletindo, sobretudo, sobre os valores morais encarnados pelo personagem e a importância, como quer a *Historia Magistra*, de sua imitação pelas gerações posteriores.

VI

Muitos foram os historiadores argentinos e brasileiros que se dedicaram a analisar temas próximos àquele que nos propomos a desenvolver nesta dissertação. Dentre os trabalhos que enriqueceram as nossas reflexões, destacamos o livro organizado por Adriana Romeiro e Marco Antônio Silveira (2014), que oferece uma nova perspectiva de análise da vida do historiador mineiro Diogo de Vasconcelos. A obra, composta de vários artigos, mostra qual era a concepção de História de Vasconcelos e analisa qual o tratamento que este dava às fontes que utilizava em sua escrita. Entretanto, em nenhum momento, as biografias

escritas pelo historiador mineiro são alvo da atenção dos historiadores que contribuem com seus artigos.

No caso específico da escrita biográfica, contribuiu significativamente a tese de Maria da Glória de Oliveira (2009), na qual a autora procura analisar uma série de biografias escritas por membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) durante o século XIX. Uma das principais preocupações da autora é evidenciar que estas biografias estavam ligadas à *Historia Magistra Vitae*, por um lado, e, por outro, à constituição do campo historiográfico brasileiro. Entretanto, nota-se que a autora não preocupa-se com uma análise da *operação historiográfica* realizada por estes membros do IHGB ao escreverem os textos biográficos.

Dentre os trabalhos de pesquisadores argentinos que se dedicam, especificamente, à análise da produção bibliográfica de Guillermo Furlong, destacamos os de Valentina Ayrolo (2001) e Maria Elena Imolesi (2013). A primeira autora analisa uma obra em que Furlong trata da Revolução de Maio, intitulada *La revolución de Mayo, los sucesos, los hombres, las ideas*, e publicada em 1960. Segundo a autora, “a nuestro juicio, [es] una obra que dentro de la importantísima producción historiográfica de este autor, destaca especialmente el origen católico de la nación argentina” (AYROLO, 2001, p. 47). A autora tem grande preocupação em demonstrar que Furlong sempre procura ligar os acontecimentos de Maio de 1810 com a atuação da Companhia de Jesus na região do Rio da Prata, mencionando, inclusive, que, para o autor, grande parte do pensamento que moveu os revolucionários decorria da herança do ensino jesuítico e das escolas que a Ordem havia deixado na América.

Ayrolo (2001, p. 56) salienta, ainda, que o historiador argentino tinha grande preocupação com o valor educativo da História, já que “[...] la visión de la historia que tiene Furlong es utilitaria, en el sentido de que *debe servir*, debe significar un aprendizaje”. E, apesar de não se aprofundar em uma análise sobre o referencial teórico adotado pelo jesuíta, constata a aplicação de alguns pressupostos da *Historia Magistra*, ressaltando que, para Furlong, suas obras deveriam contribuir para a formação dos cidadãos em torno do ideal comum de luta pela pátria.

[...] *el fin de la historia es transmitir ciertos valores morales* a través de su enseñanza. Un objetivo que entiende ligado a la definición que él da de cultura: “el resultado de cultivar los conocimientos humanos y de ejercitar las facultades intelectivas”. En este contexto, y para el jesuita, el contenido de la materia historia debe ser cuidado ya que es indispensable como guía de la sociedad en el cumplimiento de la misión común de la patria.

Já Imolesi (2013) se propõe a analisar a obra *Misiones y sus pueblos de guaraníes*, de 1962, na qual Furlong reconstitui a atuação missionária da Companhia de Jesus na América platina, detendo-se, especificamente no discurso do historiador jesuíta sobre a atuação da Ordem junto às populações de índios guaranis que viviam na vasta região abarcada pela Província Jesuítica do Paraguai. A autora classifica Furlong como um “intelectual católico”²¹, denominação que será discutida ao longo da dissertação.

Note-se, também, que a autora, ao analisar a obra de Furlong, utiliza, como principais referenciais teóricos, a versão em espanhol de uma das mais conhecidas obras de Hayden White, *El contenido de la forma. Narrativa, discurso y representación histórica* (1992) e, de Michel de Certeau, o trabalho intitulado *El lugar del otro. Historia religiosa y mística* (2007). Vale ressaltar que Imolesi (2013, p. 9) intitula uma das seções do texto da seguinte maneira: “*Una operación (anti)historiográfica, la expulsión y la emergencia de los guaraníes como patriotas*”.

A autora procura demonstrar, assim, e convergindo com o trabalho de Ayrolo (2001), que Furlong, através de seus textos, procurou exaltar o trabalho da Companhia de Jesus e, inclusive, escrevia o que denomina “la historia de un cristianismo feliz”, onde “la operación historiográfica no consiste en utilizar las fuentes (que él conoce y muy bien) para conocer el pasado sino para demostrar cómo la obra de Dios se materializó en la existencia de los 30 pueblos”. Neste sentido, parece-nos plausível que o historiador argentino tenha procurado encontrar também exemplos morais na história da formação da pátria argentina, para, através deles, contribuir para a construção da nação e para a exaltação de heróis nacionais, como Cornélio Saavedra.

VII

Na obra *Representações do intelectual* (2005), Edward Said afirma que “o que interessa é o intelectual enquanto figura representativa — alguém que visivelmente representa um certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras” (SAID, 2005, p. 27). Neste sentido, para o autor, deve-se considerar que o intelectual é sempre um mediador entre uma determinada forma de conhecimento e o público

²¹ A partir da década de 1930, se desenvolve na Argentina uma corrente de ultradireita, composta por membros das Forças Armadas e de intelectuais católicos que “reforzó esta visión de catolicismo como elemento constitutivo de la nación. Los intelectuales de origen católico aspiraron entonces a construir discursos capaces de orientar prácticas sociales desde su identidad confesional.” (IMOLESI, 2013, p. 4). Além disso, buscava-se salientar a origem espanhola da Argentina e seu passado considerado glorioso.

alvo de seu discurso. Ao mesmo tempo, sempre representará um ponto de vista acerca do assunto sobre o qual está se posicionando, que é sustentado a partir dos vínculos políticos, sociais e, principalmente, institucionais do intelectual. É a partir destes pressupostos que Said (2005, p. 13) afirma que “pessoas bem relacionadas promovem interesses particulares, mas são os intelectuais que deveriam questionar o nacionalismo patriótico, o pensamento corporativo e um sentido de privilégio de classe, raça ou sexo”. Os intelectuais teriam, então, o papel social de questionar os padrões e fatos históricos e socialmente aceitos, e não de reproduzir interpretações que acabem por favorecer determinados grupos em detrimento de outros. Assim, acreditamos ser importante refletir sobre a produção de Guillermo Furlong durante o sesquicentenário da Revolução de Maio à luz dos trabalhos de História Intelectual.

Dentre os trabalhos que contemplam a discussão da produção de pensadores à luz dos pressupostos da História Intelectual se encontram os produzidos por Ângela de Castro Gomes, Rebeca Gontijo e José Murilo de Carvalho. Segundo Carvalho, os historiadores brasileiros que se dedicam a estudos de História Intelectual optam por duas abordagens distintas: a) uma grande preocupação com o pensador estudado, supondo-se que seria possível interpretar com exatidão suas ideias, sendo que havia apenas um pequeno esforço de situá-lo no seu contexto; b) não se preocupar com os autores isolados, mas, sim, com um grupo dos mesmos, procurando “identificar famílias intelectuais construídas em torno de certas correntes de pensamento. [...] Nessas histórias, os pensadores eram agrupados e se discutiam seus pontos de coincidência e de desacordo, estabelecendo-se certa intertextualidade.” (CARVALHO, 2000, p. 123).

Dentre os historiadores argentinos que vêm trabalhando com História intelectual destacam-se Carlos Altamirano e Oscar Terán. Enquanto o primeiro se detém mais em questões teóricas e metodológicas, o segundo possui um livro recente, intitulado *Historia de las ideas en la Argentina: Diez lecciones iniciales* (2012), no qual procura traçar um panorama das principais correntes historiográficas na Argentina abarcando desde o final do século XVIII até os dias de hoje. Altamirano propõe que os historiadores se preocupem com o contexto de produção das obras que pretendem analisar, acrescentando que se a intenção é a compreensão das ideias do pensador biografado, deve-se realizar um estudo sistemático de interpretação dos textos.

[...] para estabelecer o sentido intelectual dos textos (ou os sentidos, caso se prefira) não basta vinculá-los ao campo da ação ou, como se costuma dizer, a seu contexto. Associá-los a seu ‘exterior’, a suas condições pragmáticas, contribui sem dúvida para sua compreensão, mas não evita o trabalho de

leitura interna ou da correspondente interpretação, mesmo se os considerarmos documentos da História política e social. (ALTAMIRANO, 2007, p. 14, grifos nossos).

A proposição de inserir Furlong no contexto historiográfico argentino do século XX e em um projeto de construção de identidade nacional em curso neste mesmo período deve, por isso, considerar “como adverte Jacques Julliard, [que] as idéias não ‘circulam’ elas mesmas pelas ruas; elas estão sendo portadas por homens que fazem parte de grupos sociais organizados.” (GOMES, 1993, p. 63). Acreditamos que a análise das obras produzidas pelo historiador jesuíta, sob esta perspectiva, permite inseri-lo numa comunidade de intelectuais argentinos, com os quais estabeleceu diálogo ou entrou em desacordo, por suas opções teóricas e políticas, auxiliando-nos na compreensão do investimento que o historiador jesuíta fez na história nacional argentina nas décadas de 30, 60 e 70 do século XX.

Os trabalhos de Jean François Sirinelli, com certeza, muito contribuem para a identificação e para a compreensão dos sentidos/significados assumidos tanto pelas posições que Guillermo Furlong veio a ocupar em instituições acadêmico-científicas argentinas, quanto daquelas enunciadas em sua produção historiográfica. Em razão disso, foi preciso considerar também a constituição das “lentes” do intelectual, a fim de que se pudesse compreender em maior profundidade o seu discurso. Os paradigmas – a forma de ver e pensar o mundo – se constroem de maneiras absolutamente variáveis e num somatório de todas as experiências de vida do indivíduo humano, que incluem a cultura em que o intelectual viveu desde a sua infância, o acesso e o tipo de educação formal recebida, a rede de intelectuais da qual faz parte (SIRINELLI, 1996, p. 248-256).

É, portanto, a partir destes referenciais teórico-metodológicos que produzimos esta dissertação, que propõe a reconstituição tanto do contexto de produção da conferência e da obra, quanto da trajetória de seu autor, bem como a análise dos textos que a constituem com vistas à compreensão, a partir do proposto por Said (2005), da forma como o intelectual Furlong articulou as suas representações sobre Saavedra e sobre a Revolução de Maio, pensando no público leigo que teria acesso às produções.

Ao realizar a revisão bibliográfica sobre a[s] temática[s] contemplada[s] nesta dissertação, constatamos que a *operação historiográfica*²² nem sempre foi o foco da atenção dos historiadores que se detiveram na produção intelectual de Guillermo Furlong sobre os próceres argentinos. Foi esta constatação que nos fez optar por investir na análise do que Furlong escreveu sobre Cornelio Saavedra e acerca de sua participação na Revolução de Maio.

O principal objetivo da presente dissertação é, portanto, o de analisar a produção de viés nacionalista²³ de Guillermo Furlong, através da obra *Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina* (1979), inserindo-a em seu contexto de produção e vinculando-a a um processo de construção de uma memória sobre a Revolução de Maio. Dentre os objetivos específicos, estão os de: reconstituir a trajetória intelectual de Guillermo Furlong, privilegiando a rede de interlocução que estabeleceu e sua inserção em instituições não eclesiais, como a *Academia Nacional de la Historia Argentina* e a *Junta de Historia Eclesiástica Argentina*²⁴ e sua atuação durante as comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio; evidenciar a construção de uma memória sobre o acontecimento e sobre o próprio Saavedra, através da análise desta obra escrita por Furlong, inserindo-a em um projeto de construção de identidade nacional argentina em curso no século XX; analisar a contribuição do historiador jesuíta Guillermo Furlong para a historiografia argentina do século XX, analisando qual a *operação historiográfica* que utilizava.

Na tentativa de contemplar estes objetivos, formulamos quatro questões, que procuramos responder nos três capítulos que compõem a dissertação: **a)** Por que escrever uma biografia e não outro tipo de texto? **b)** Como se dá a escrita do texto? **c)** Qual memória é construída sobre Saavedra e sobre a Revolução de Maio? **d)** De que forma esta produção de biografias de próceres da Revolução contribui também para a construção de uma memória sobre Furlong enquanto historiador?

No primeiro capítulo, nos detemos em alguns momentos da trajetória de Guillermo Furlong, como a sua formação na Europa e nos Estados Unidos, o contexto historiográfico

²² CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense. 2011.

²³ Como procuramos evidenciar ao longo do presente trabalho, acreditamos que, ao dedicar-se à reconstituição histórica da formação da nação argentina, através de estudos relativos à Revolução de Maio, utilizando-se de algumas particularidades do gênero biográfico, como o discurso sobre as virtudes e a exemplaridade, Furlong acaba por produzir textos que possuem um caráter pedagógico, por visarem à formação de cidadãos que se identifiquem com a causa pátria.

²⁴ Embora a JHEA tenha sido criada, também, por eclesiais, grande parte de seus membros eram historiadores leigos que se dedicavam a estudar, por exemplo, a história da Igreja na Argentina colonial. Portanto, consideramos plausível incluí-la junto às instituições leigas.

que encontra quando retorna à Argentina, em 1913, e nos anos que se seguem, as leituras que, possivelmente, fez, bem como sua inserção nos círculos historiográficos leigos argentinos. Tomamos estes momentos como chave de explicação para a compreensão das motivações para a escrita desta biografia, já que não pretendemos esgotar, neste capítulo, a trajetória do autor, optando por destacar as possibilidades que se ofereceram ao historiador argentino. Esboçamos, também, o contexto de produção, levando em conta perguntas como “o que era a Argentina em 1960?”, que podem auxiliar na compreensão das razões para a escrita de uma biografia de Saavedra. Por fim, ainda neste primeiro capítulo, nos dedicamos à análise dos elementos pré-textuais, como os prólogos da obra *Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina* (1979), os quais, por tratarem dos motivos da comemoração e da conferência proferida, podem ajudar na resolução da questão proposta acima.

No segundo capítulo, sob o título *Furlong historiador de leigos: a constituição de uma operação historiográfica*, analisamos mais detidamente o texto da obra *Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina* (1979), procurando evidenciar como se deu a *operação historiográfica* de Furlong, ao escrever sobre um personagem leigo, e, também, responder à questão: como se dá a escrita do texto? Analisamos sua *prática*, ao utilizar a obra *Memória autógrafa* (2009 [1829]) como principal fonte, pois interessa-nos, ainda, avaliar se tais procedimentos influíram, e de que forma, na sua *escrita*. A partir desta operação, identificamos quais os aspectos que o historiador argentino mais ressaltou em seu texto.

No terceiro capítulo, procuramos responder às seguintes questões: qual memória é construída sobre Saavedra e, neste sentido, sobre a Revolução de Maio?; de que forma esta produção de biografias de próceres da Revolução contribuiu, também, para uma memória sobre Furlong enquanto historiador? Partimos da hipótese de que Furlong repete um discurso antigo, permeado pelas virtudes do biografado, produzindo, assim, não um texto historiográfico crítico e analítico de um determinado acontecimento, mas, sim, a reprodução de uma memória sobre os fatos já construída quando da escrita da *Memória autógrafa* (2009 [1829]) de Saavedra. Ao final do capítulo, procuramos, também, compreender como Furlong construiu uma memória sobre si mesmo enquanto historiador, a partir de sua inserção em organizações leigas e das incursões que fez nas trajetórias de vida de leigos.

2 A ESCRITA BIOGRÁFICA ENTRE CONTEXTOS E POSSIBILIDADES: UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DO AUTOR E A PRODUÇÃO DA OBRA

Em 1955, Guillermo Furlong SJ (1889-1975) é jubilado de suas atividades no Colégio del Salvador, após completar 50 anos de atuação na Companhia de Jesus (ARANCIBIA, 1968, p. 31). Desde então, dedicará a maior parte dos seus dias aos estudos historiográficos. Segundo Mayochi (2009), o jesuíta e historiador argentino investirá boa parte do ano de 1960 ao estudo da Revolução de Maio, publicando artigos na revista *Estudios*²⁵ e proferindo conferências em diversas cidades argentinas, como Entre Ríos, Mar del Plata e San Nicolás.²⁶ Ao mesmo tempo, “se adhirió a los festejos con la publicación de cuatro libros: breve biografía de Cornelio Saavedra; Los jesuitas y la escisión del Reino de Indias; La Revolución de Mayo y Bibliografía de la Revolución de Mayo, que comprende más de nueve mil títulos.” (MAYOCHI, 2009, p. 73, grifos no original). É a esta primeira obra, a biografia sobre Cornelio Saavedra escrita por Furlong, e à congerência que a originou, que esta Dissertação se refere.

Entretanto, antes da análise do conteúdo dos textos, dos documentos e da *escrita* utilizados pelo jesuíta argentino, consideramos necessário compreender não apenas sua trajetória, ou aspectos dela, mas, também, o contexto em que ocorreram a produção conferência e da biografia, o que nos auxilia na percepção de como se deu a construção do texto e também o porquê da escolha de uma biografia.

Em um breve e didático texto intitulado *História e Biografia* (2012), Benito Schmidt aponta que grande parte dos historiadores, ao construírem uma biografia, por exemplo, concebem o contexto como uma “configuração fixa e pré-moldada”, um “plano perfeitamente organizado e racionalizado” (SCHMIDT, 2012, p. 196). Ao mesmo tempo, o autor propõe, a partir da sugestão do antropólogo Gilberto Velho, que o contexto seja visto como um “campo de possibilidades”:

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um *campo de possibilidades*. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso

²⁵ A edição de maio de 1960 da revista *Estudios*, que comemora o sesquicentenário da Revolução de Maio, conta com dois textos de Guillermo Furlong, intitulados, respectivamente, *Hombres e ideas en los días de Mayo* e *Cornelio de Saavedra*, sendo este último uma versão reduzida da obra que proponho investigar.

²⁶ Note-se que estas cidades foram referidas por Mayochi (2009), juntamente com outras em que Furlong proferiu conferências. Entretanto, não há qualquer informação adicional quanto aos locais em que as conferências ocorreram, seu público, ou seus títulos, o que seria importante para aprofundar nosso estudo.

mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, devem ser portadores de *projetos* diferentes, até contraditórios. Suas pertinência e relevância serão definidos contextualmente. (VELHO apud SCHMIDT, 2012, p. 196, grifos do autor).

Entender o contexto como um campo de possibilidades do indivíduo é a premissa que rege o primeiro capítulo desta Dissertação. Tanto a trajetória do autor, quanto o contexto de produção dos textos são, aqui, delineados com o fim de procurar estabelecer quais eram as possibilidades de Guillermo Furlong SJ para a escrita de uma obra sobre a Revolução de Maio. Afinal, quais foram as principais influências que Furlong teve?; o que o autor argentino leu e que pode ter contribuído para a construção de uma biografia?; qual a importância de seu *lugar social*?; e, ainda, no contexto argentino de fins da década de 1950 e início dos anos 1960, qual a importância de uma biografia sobre Cornelio Saavedra?

A partir destas questões, procuramos responder a uma das perguntas formuladas na Introdução: por que escrever uma biografia e não outro tipo de texto? Para tentar respondê-la, nos detemos em alguns momentos da trajetória de Guillermo Furlong, como a sua formação na Europa e nos Estados Unidos, o contexto historiográfico que encontra quando retorna à Argentina em 1913 e nos anos que se seguem, as leituras que, possivelmente, fez e sua inserção nos círculos historiográficos leigos argentinos. Por fim, neste primeiro capítulo, nos dedicamos à análise dos elementos pré-textuais, como os prólogos da obra *Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina* (1979), os quais, por tratarem dos motivos da comemoração e da conferência a ser proferida, nos auxiliam na resolução da questão proposta acima.

Para a reconstituição dos momentos-chave da trajetória do historiador argentino contamos com fontes variadas. Em 1941, Furlong publica uma pequena obra intitulada *Los jesuitas*²⁷. Ao longo das suas 47 páginas, ele se propõe a rebater críticas feitas aos jesuítas por dois autores do século XIX, Alexandre Dumas (pai) e Eugenio Sue. Se consideramos as condutas dos personagens jesuítas dos romances de ambos os autores, os padres da Companhia de Jesus eram homens que utilizavam-se de todo e qualquer meio para obter os fins desejados, ou seja, poder e riqueza. Partindo do exemplo de sua trajetória, Furlong procura responder a essas acusações, rebatendo as críticas com uma imagem positiva da Ordem. Ao mesmo tempo em que é uma fonte importante para compreender a imagem que um dos principais historiadores da Ordem constrói sobre a mesma no século XX, a obra se

²⁷ FURLONG, Guillermo. *Los jesuitas*. Buenos Aires: [editora não identificada], 1941.

constitui em referência importante para a reconstituição da trajetória de Furlong, pois se trata de texto de cunho autobiográfico.

No ano de 1979, a revista *Archivum*, da Junta de Historia Eclesiastica Argentina, (JHEA), de Buenos Aires, lançou uma edição especial em homenagem a Guillermo Furlong SJ. Trinta anos depois, a JHEA lançou uma obra inteira, intitulada apenas *Guillermo Furlong Cardiff*,²⁸ dedicada ao historiador argentino, a partir de “semiguardados textos biográficos de su larga vida, apuntes en hojas sueltas, borradores de cartas, artículos a medio empezar” (JHEA, 2009, p. 5), a qual foi coordenada por Enrique Mario Mayochi, historiador argentino e, também ele, membro da associação. Furlong era membro da JHEA desde 1942, tendo sido seu primeiro vice-presidente e diretor da revista que a Junta publicava, de 1959 até sua morte, em 1974. Os textos²⁹ publicados na edição especial da *Archivum* são de autoria de colegas seus de Ordem, de ofício e de amigos, membros da associação ou não. Não há como especificar se estes autores foram convidados a escrever ou se ofereceram sua homenagem. Entretanto, é possível afirmar que os textos foram escritos com o objetivo de oferecer aos leitores do periódico um testemunho sobre a vida de Furlong.

Já a obra publicada pela associação é, em certa medida, uma nova edição de um texto que já havia sido divulgado no periódico *Archivum*. Este texto, segundo Mayochi (1979) havia sido escrito bem antes para uma homenagem ao jesuíta argentino e, por não ter sido publicado, foi adaptado à esta edição da revista. Ao ser editado em forma de livro, o texto foi modificado e apresenta diversas seções que abordam a vida de Furlong antes do ingresso na Companhia de Jesus, sua formação, sua atuação como professor e historiador, e, mais especificamente, seu trabalho sacerdotal, não descuidando de ressaltar seu carisma e sua personalidade.

²⁸ MAYOCHI, Enrique Mario. *Guillermo Furlong Cardiff*. Buenos Aires: Junta de Historia Eclesiástica Argentina, 2009.

²⁹ Os artigos presentes no volume 13 da revista *Archivum*, publicado em 1979, constituem-se de homenagem a Furlong, devido aos cinco anos de seu falecimento. Nos utilizaremos, principalmente, dos seguintes textos: *Homenaje al padre Guillermo Furlong S.J.*, de Luis Avila; *Algo acerca de Guillermo Furlong S.J. como bibliógrafo y bibliófilo*, de Domingo Buonocore; *Guillermo Furlong, académico de la Historia*, de Enrique de Gandía; *Apuntes para una biografía de Guillermo Furlong*, de Abel Geoghegan; *El hombre, el sacerdote, el historiador*, de Enrique Mayochi; *La biblioteca del P. Furlong*, de Federico Oberti; *Una especialidad: las biografías*, de Ernesto Padilla; *Furlong, el hombre*, de Vicente Sierra; *Guillermo Furlong S.J.*, de José Sojo.

2.1. A FORMAÇÃO DE GUILLERMO FURLONG NOS CÍRCULOS DA COMPANHIA DE JESUS

Em 1903, às vésperas de completar quatorze anos de idade, Guillermo Furlong Cardiff ingressa no Noviciado da Companhia de Jesus, em Córdoba. Furlong, que possuía ascendência irlandesa, havia sido educado em escolas nas quais os professores eram britânicos,³⁰ e havia começado a aprender espanhol apenas um ano antes, quando de seu ingresso em uma escola da Ordem em Santa Fé, sua cidade natal. Neste último ano, havia estabelecido boas relações com um jesuíta, Julián Hurley, que, ao ser exemplo para o menino Guillermo, definiu seu ingresso na Companhia (GEOGHEGAN, 1979; MAYOCHI, 2009).

Na obra *Los jesuitas*, Furlong refere a conduta exemplar dos jesuítas com os quais conviveu antes de seu ingresso na Ordem:

Estaba yo en la ciudad de Santa Fe, y en el segundo año de bachillerato, cuando ingresé en la Compañía de Jesús. Nadie me habló del asunto, pero estudiaba yo con los Jesuitas, y el proceder de éstos me impulsó a ser como ellos. [...] Lo que me gustó en ellos fue el ver hombres honrados, castos, serviciales, consagrados a un ideal, el del sacerdocio y del magisterio. Ingresé en la Orden con esa idea, y bien pronto me confirmé en su exactitud y pude darme cuenta de que la realidad superaba, y con mucho, a todas mis ambiciones. (FURLONG, 1941, p. 11-12).

Furlong permaneceu por cerca de dois anos ainda na Argentina, onde iniciou seus estudos. Em meados de 1905, foi enviado por seus Superiores à Espanha para dar continuidade à sua formação. Contava, então, com cerca de dezesseis anos de idade e estudou, primeiramente, em Gandía. O fato de ser enviado à Espanha não parece causar nenhum estranhamento aos autores das obras com as quais trabalhamos. Mayoichi (2009) afirma que era prática comum aos Superiores enviar os noviços para continuar seus estudos no exterior. Entretanto, não há qualquer menção sobre as razões da escolha da Espanha para este período de formação. Assim, é plausível supor que a proximidade linguística e cultural tenha sido fator preponderante na escolha.

³⁰ No final do século XIX, a Irlanda ainda pertencia à Grã-Bretanha, tornando-se independente somente em 1921.

Figura 1: **Guillermo Furlong**

Fonte: <http://www.filosofia.org/ave/001/img/a350.jpg>

Após estudar por um ano em Gandía, o jesuíta argentino dirigiu-se ao antigo mosteiro de Veruela, na província de Aragão. Neste meio tempo, já havia feito seus primeiros votos, estando, por isso, apto ao estudo dos clássicos, tanto da literatura, quanto da filosofia. Dentre os autores que Furlong leu e estudou, estão aqueles considerados fundamentais para a formação de um jesuíta. Segundo Mayochi (2009, p. 18-19), eles também eram apreciados pelo jovem Furlong:

Fue durante esos años cuando el adolescente entró en íntimo contacto, mediante atentas y saboreadas lecturas, con Milton y Shakespeare, Dante y Petrarca, Goethe y Schiller, Corneille y Racine. También lo hizo con Homero y Sófocles, Eurípides y Esquilo, Virgilio y Cicerón, Horacio y Julio César, clásicos de todos los tiempos que pronto ganaron las más íntimas preferencias de su ser.³¹

³¹ John Milton (1608-1674): poeta inglês que chegou a se dedicar à política antimonarquista durante o governo de Oliver Cromwell. William Shakespeare (1564-1616): dramaturgo e poeta inglês. Dante Alighieri (1265-1321): Poeta italiano. Francesco Petrarca (1304-1374): poeta e humanista italiano. Johann Wolfgang Goethe (1749-1832): escritor alemão. Friedrich von Schiller (1759-1805): poeta e dramaturgo alemão. Pierre Corneille (1606-1684): dramaturgo francês. Jean Racine (1639-1699): dramaturgo francês. Homero (séc. VIII a.C.): poeta

Ao mesmo tempo em que lia e estudava os autores clássicos, Furlong passou a ter algumas lições de metodologia³² e paleografia. As informações encontradas nas fontes que consultamos nos permitem presumir que este foi o primeiro contato que Furlong teve com o que podemos denominar de “operação historiográfica”. Segundo Geoghegan (1979) e Mayochi (1979; 2009), este primeiro contato com metodologia e paleografia se deu através de Ramón O’Callaghan (1834-1911), “arquivista, professor e cronista da cidade” (PÈREZ, n/d, p. 1, tradução minha) no arquivo da Colegiata de Tortosa. Não é possível dizer quais e como foram essas primeiras lições e o contato com a prática historiográfica, mas sabe-se que durante o período de estudos na Espanha, o jesuíta argentino realizou viagens pelo país, para visitar arquivos e, muito provavelmente, diferentes casas e Colégios da Companhia de Jesus na região.

Em 1910, Furlong iniciou seus estudos de Filosofia, desta vez, em Tolosa (MAYOCHI, 2009) e, um ano mais tarde, foi enviado aos Estados Unidos, para o Woodstock College, que funcionava junto à Universidade de Georgetown, onde, em 1913, recebeu seu PhD. Sobre seu envio aos Estados Unidos, Furlong dedica as seguintes linhas em seu folheto intitulado *Los Jesuitas* (1941):

Un día me preguntaron los superiores: ‘¿Tendría usted inconveniente en ir a los Estados Unidos para proseguir allí sus estudios?’ - ¿Yo? ¡ninguno! – Pues embáquese el lunes próximo y vaya vía Cuba, a Florida’. Y así se hizo. Pasé al Colegio de Woodstock en Marilandia, cerca de Washington. Años verdaderamente inolvidables pasé allí, con una juventud animosa, divertida, laboriosa y santa. Eramos unos cien los ‘filósofos’. Así se nos denominaba porque era la filosofía nuestro principal estudio. Pero también estudiamos física, química, matemáticas e historia natural; en algunos períodos especiales, tuvimos hebreo y pedagogía. (FURLONG, 1941, p. 25-26)

No final da década de 1910, um dos professores do Woodstock College, para o qual Furlong havia sido enviado, exerceu grande influência sobre o jovem jesuíta. Richard Tierney

grego. Sófocles (495-406 a.C.): poeta trágico grego. Eurípides (480-406 a.C.): poeta trágico grego. Ésquilo (525-456 a.C.): trágico grego. Virgílio (70-19 a.C.): poeta latino. Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.): orador, político e filósofo latino. Horácio (65-8 a.C.): poeta latino. Caio Julio César (100-44 a.C.): militar e político cuja ditadura pôs fim à República em Roma. (RUIZA et al., 2013)

³² Considerando o contexto de produção dos textos de Mayochi (1979) e de Geoghegan (1979) e o fato de O’Callaghan atuar como arquivista, pode-se afirmar que a palavra metodologia refere-se à forma de se lidar com documentos e manuscritos para a escrita de obras históricas.

SJ era professor de pedagogia³³ e seus artigos, que versavam sobre teorias pedagógicas, foram, posteriormente, reunidos e publicados na forma de livro, sob o título *Teacher and Teaching* (1914). Tierney foi professor de Furlong durante sua estada nos Estados Unidos. Segundo Mayochi (2009), o jesuíta argentino escreveu uma monografia que versou sobre educação, intitulada *Popular education in the United States* (sem data definida), durante sua permanência na América do Norte e teria sofrido grande influência de Tierney ao escrevê-la.

Se levarmos em consideração a tradição jesuíta de atuação no ensino e a influência exercida por Tierney, podemos presumir que os Superiores de Furlong tinham encontrado no jesuíta argentino o talento para a docência, tanto que, após seu retorno à Argentina, passou a atuar como professor, o que parece explicar seu envio aos Estados Unidos. Além disso, Furlong viveu durante seus primeiros treze anos de vida em um ambiente marcado pela fala inglesa, não havendo, assim, qualquer impedimento linguístico, o que poderia ser novamente aproveitado, posteriormente, em sua atuação. Sabe-se que, de fato, isto foi levado em conta, pois encontramos informações de que lecionou Língua Inglesa nos colégios da Companhia de Jesus na Argentina (GEOGHEGAN, 1979; MAYOCHI, 2009).

Quanto às leituras que fez e às atividades de que participou durante sua estada na América do Norte, e que podem ter contribuído para seus trabalhos futuros, recorreremos ao texto de Ernesto Padilla (1979, p. 73), inserido na revista *Archivum* e intitulado *Una especialidad: las biografías*, no qual podemos encontrar a seguinte informação:

Intima emulación le despierta la placentera lectura de la vida de Samuel Johnson por James Boswell realizada, en 1911, en la biblioteca de Woodstock College. La califica ‘un ideal de biografías, ya que no era el biógrafo sino el biografiado quien más intervenía en su composición’ y, desde entonces, formula la íntima aspiración de escribir la vida de algún ilustre compatriota en conformidad con esa técnica y con esa táctica.

Logo após sua chegada aos Estados Unidos, Furlong passou a visitar diversas bibliotecas e arquivos, como a Library of Congress (Washington), Peabody Library (Baltimore), New York Public Library (Nova York), Columbia University (Nova York) e a Hispanic Society (Nova York), além de conhecer cidades como Baltimore, Washington, Boston, Saint Louis, Filadélfia, Nova York e nova Jersey, e frequentar centros culturais e conhecer jesuítas que atuavam nestes locais. Embora saibamos que o jesuíta argentino passou por estes arquivos e bibliotecas, não sabemos qual era seu objeto de pesquisa nesta época,

³³ De acordo com Mayochi (1979; 2009), a disciplina de Pedagogia parece ter sido somente uma das que Furlong cursou durante o seu período de formação no Woodstock College. Cabe lembrar, ainda, que Furlong é PhD em Filosofia e não em Pedagogia.

nem encontramos notícias sobre documentos específicos que, muito possivelmente, estivesse procurando ou transcreveu. Pode-se especular, entretanto, que Furlong tenha procurado tomar contato tanto com documentos que poderiam auxiliá-lo na escrita de textos solicitados por seus professores durante este período de formação, quanto, com fontes que versassem sobre a história da Ordem.

Ainda durante o período de estudos nos Estados Unidos, Furlong escreveu alguns ensaios, que chegaram a ser publicados. Embora não tenhamos encontrado qualquer data específica de suas publicações, Mayochi (2009) menciona os seguintes títulos: *Saint Francis Xavier's Sonet and its influence on English authors, Shakespeare in Spain, Fray Luis de León e The Spanish Lyries*. Sabe-se que escreveu uma *Brief History of Woodstock*, que não chegou a ser publicada, e, também, alguns artigos para a *Catholic Encyclopedia*, os quais também não foram publicados.

Em meados de 1913, Guillermo Furlong retornou à Argentina. Contava, então, com vinte e quatro anos de idade e era PhD em Filosofia pela Universidade de Georgetown. Foi, então, destinado ao Seminário Metropolitano de Buenos Aires³⁴, situado no bairro Villa Devoto, onde passou a atuar como professor, ficando responsável por lecionar latim, grego, castelhano, geografia e história argentina.

Ainda em 1913, o jesuíta argentino iniciou seu trabalho como historiador. Segundo Geoghegan (1979), foi neste ano que Furlong passou a frequentar o *Archivo General de la Nación* (AGN), em Buenos Aires, onde viria a conhecer o historiador Enrique Peña.

El señor Peña fue quien orientó definitivamente al padre Furlong hacia la investigación histórica, brindándole el siguiente consejo: 'No lea libro alguno de historia, pero trácese una línea de estudio, una serie de temas afines, y frecuente el Archivo General de la Nación en busca de materiales sobre dichos temas y le aseguro que, al cabo de diez o quince años, quedará asombrado del material que habrá reunido...' (GEOGHEGAN, 1979, p. 36).

Sabe-se que, entre os anos de 1913 e 1920, o jesuíta argentino permaneceu em seu país de origem, atuando como professor – sendo transferido, em 1916, para o Colegio del Salvador, onde residiria até sua morte. Realizou, também, frequentes visitas ao AGN, fundado em 1821, com o objetivo de “Reunir, conservar y tener disponible para su consulta o utilización la documentación [...] que interese al país como testimonio acerca de su ser y acontecer, sea ella producida en forma oficial, adquirida o donada por instituciones privadas o

³⁴ Este Seminário constitui-se, até os dias de hoje, no centro de formação do clero arquidiocesano da cidade portenha. Para saber mais, recomendamos ver <http://www.sembue.org.ar/>

particulares.” (AGN, 2013, s/p), bem como ao Museo Mitre (MM)³⁵ e a bibliotecas pessoais, nas quais pôde realizar pesquisas (Geoghegan, 1979; Mayochi, 2009). Infelizmente, não encontramos quaisquer informações sobre os temas de pesquisa de Furlong nesta época ou sobre os documentos que ele consultou durante as visitas que fez a estes arquivos. Ao que parece, entre 1913 e 1920, o jesuíta argentino não se ausentou por longos períodos de seu país, tendo realizado apenas viagens curtas, com o objetivo de visitar arquivos.

Em 1920, Furlong retornou à Espanha para concluir seus estudos de Teologia no Colegio Máximo de Sarriá, em Barcelona. A partir deste período, temos informações um pouco mais precisas sobre as pesquisas que Furlong fez na Espanha. Se levarmos em consideração que seus primeiros trabalhos, escritos nos Estados Unidos, versaram sobre educação e literatura, é importante constatar que, segundo Mayochi (2009, p. 28, grifos nossos),

Así lo hizo, en efecto, residiendo casi siempre en *Barcelona*; mas aprovechó las varias vacaciones estivales para visitar a *Sevilla, Madrid, Simancas, París, Londres y Munich*, cuyos archivos exploró y estudió ahincadamente en sus respectivas secciones americanas. Obviamente, centro de sus preferencias fue *el sevillano Archivo General de Indias*, donde pasó siete meses continuos y contó con la invalorable guía del padre Pablo Pastells y de don José Torre Revello, nuestro meritorio investigador histórico que por entonces revisaba pacientemente el cuatro veces secular repositorio.

Neste período, Furlong manifestou um forte interesse pela história da América platina do período colonial:

[...] *Furlong descubrió y copió valiosos documentos* [...] en *Barcelona* [...]. En la parroquia del pueblo de *Balbastro*, al norte del monasterio de Veruela,

³⁵ Quanto ao Museo Mitre – instituição que Furlong frequentará, inclusive, para reunir informações para a biografia sobre Cornelio Saavedra – sabemos um pouco mais sobre sua história através da página da instituição na Internet (<http://www.museomitre.gov.ar/historia.htm>). Bartolomé Mitre³⁵ foi presidente da Argentina entre 1862 e 1868 e um dos mais famosos e reconhecidos historiadores argentinos do século XIX e o Museo que leva seu nome tem por objetivo se tornar um repositório de documentos, imagens e demais fontes para a história colonial da Argentina. O MM foi criado a partir de um projeto de lei que permitiu ao Estado a compra do imóvel onde viveu Mitre para que esta abrigasse o museu: “Como primer director fue nombrado Alejandro Rosa, quien había compartido con Mitre sus pasiones por los estudios históricos y numismáticos, plasmadas en su momento con la fundación de la Junta de Historia y Numismática Americana, institución que en 1938 cambió su nombre y hoy es la reconocida Academia Nacional de la Historia. *Gracias a la celeridad en las tareas de organizar el museo sus puertas se abrieron al público el 3 de junio de 1907. Un primer objetivo fue editar numerosos volúmenes de documentación histórica y el Catálogo de lenguas americanas.*” Já sob a direção de Rómulo Zabala, o Museo dedicou-se a “*editar los catálogos del museo y de numismática, prosiguiendo la transcripción y publicación de los papeles del archivo colonial. Cabe destacar que el 21 de mayo de 1942 el museo fue declarado monumento histórico nacional.* Posteriormente le cupo a Juan Angel Fariní la conducción de la institución en dos períodos (1948-1956 y 1966-1973), época durante la cual *se recuperaron elementos originales de la casa, como así también la adquisición de óleos y retratos de Mitre.*” (MUSEO MITRE, s/d, p. 1, grifos nossos)

[...]. Otro tanto hizo en *Sevilla y en Madrid*, en cuyo *Archivo Histórico* halló interesantísimos corpus documentales. En la *Bibliothèque National de Paris* pudo examinar los muchos manuscritos americanos de lengua indígena que allí se conservan, mientras que en el *British Museum* vio y leyó numerosas obras tan raras [...]. Fue, finalmente, en la *Biblioteca de los Bollandistas de Bruselas* donde tuvo la satisfacción de ver, leer y extractar las *Décadas de Techo*, único ejemplar existente en repertorio alguno. (MAYOCHI, 2009, p. 29-30, grifos nossos).

O próprio Furlong, em *Los jesuitas* (1941), esclareceu as razões do apoio e do patrocínio que recebeu para as diversas viagens que fez aos arquivos da Europa. Na obra, consta a informação de que seus Superiores, reconhecendo talentos particulares em alguns membros da Ordem, os auxiliavam em seu aprimoramento, o que, no caso de Furlong, possibilitou sua dedicação aos estudos históricos:

[...] cómo los superiores favorecen esas vocaciones personales, y cómo todos los demás Jesuitas se empeñan en que cada uno dé de sí cuanto pueda para la gloria de Dios. La Compañía de Jesús da a todos sus hijos un rico caudal, pero deja a cada uno explotarlo según su carácter, inclinaciones y talentos: sabia táctica, enseñada y practicada por San Ignacio. (FURLONG, 1941, p. 31).³⁶

Esta postura da Ordem em relação às aptidões de cada indivíduo parece evocar a adotada nos séculos XVI, XVII e XVIII, conhecida como a política de “repartição dos operários da vinha do Senhor”, tão brilhantemente estudada por Castelnau-L’Estoile³⁷. Segundo a autora, a Companhia de Jesus, em cada uma das regiões onde atuava, procurava confeccionar Catálogos, os quais traziam informações sobre as habilidades e o temperamento de cada um dos missionários, ou seja, seus talentos³⁸, segundo uma classificação prévia dos

³⁶ Ele continua, mais uma vez, a referir sua experiência pessoal: “Yo mismo sentí inclinación a los estudios históricos, y puedo decirlo con toda verdad y gratitud, los superiores me favorecieron en todos sentidos. Me bastó indicar la conveniencia de ir a los grandes archivos españoles, y para ello me dieron amplísima facultad. Insinué la conveniencia de ir al British Museum de Londres, a la Biblioteca Nacional de París, a la Real de Bruselas y al Archivo de Munich, y no solamente no hubo obstáculos, antes, por el contrario, facilidades amplísimas. Y es el caso de todos los que se sienten inclinados a un trabajo especializado: la Compañía de Jesús los alienta, ayuda y favorece cuanto puede. Si no lo hace siempre, es, o porque no conviene para la gloria de Dios, o porque materialmente no pueden por una u otra causa.” (FURLONG, 1941, p. 31, grifos nossos). Vale observar que a conclusão dos estudos em Teologia na Europa pode ter se dado por vontade do próprio Furlong, dado que o historiador argentino refere, na passagem que destacamos acima, as visitas aos arquivos, museus e bibliotecas como aqueles que teria visitado durante esta etapa de sua formação.

³⁷ CASTELNAU-L’ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620*. Bauru. SP: Edusc, 2006.

³⁸ Segundo Castelnau-L’Estoile (2006, p. 211), “Podem-se classificar os talentos em diferentes categorias: talentos para ensinar, seja em nível elementar (*ad docendum*), seja em nível superior (*ad legendas facultates*); para a administração, que são ou de governo (*ad gubernandum*), ou de conselho (*ad consultandum*); para as tarefas espirituais: a pregação (*ad condicionandum*), a confissão (*ad audiendas confessiones*), o cuidado dos outros (*ad agendum cum proximis*), enfim, talentos ligados à gestão dos bens e à organização da vida material da

mesmos. A partir da identificação do talento de cada um dos missionários, estes eram enviados para estudar ou trabalhar em locais predeterminados, onde suas habilidades e seus temperamentos pudessem ser aproveitados ao máximo e, também, pudessem servir da melhor maneira possível ao trabalho da Ordem.

O estudo da distribuição dos missionários implica fatalmente estudar a política de pessoal: designação dos jesuítas por seus superiores para residir em certos lugares, para exercer certas atividades; o fato de os superiores poderem levar em consideração desejos de seus subordinados, embora sejam aqueles que decidam. [...] O estudo da distribuição dos missionários permite observar a política dos superiores com relação ao pessoal. (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006, p. 239).

Embora pudessem ser considerados os pedidos que alguns missionários encaminhavam para atuar em determinados locais ou em determinadas funções³⁹, o ato de requerer ou de suplicar aos Superiores não significava que esta solicitação viesse a ser atendida em algum momento. Na realidade, era tarefa dos Superiores, principalmente dos Provinciais, designar certa função a cada um dos membros, prestando atenção, principalmente, ao que de melhor esses missionários teriam para oferecer, dado que deveriam sempre pensar em termos da vocação de cada um dos jesuítas. Assim, enviar um membro a um determinado local não supria apenas a falta de pessoal, assegurando, também, a edificação e o florescimento espiritual de cada um dos missionários (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006). Neste sentido, a destinação e o investimento que a Companhia de Jesus fez na formação – para a pesquisa – de alguns seus membros, como Furlong, parece estar de acordo com essa “política de distribuição dos talentos”.

Em 1924, Furlong recebeu ordenação sacerdotal, tendo sido enviado ao Reino Unido para realizar sua terceira provação. Instalou-se na residência jesuíta de Mouth Street, em Londres (GEOGHEGAN, 1979), e em “el 2 de febrero de 1926, hizo los [votos] correspondientes a coadjutor espiritual [...]”. Pero muchos años después, a mediados de 1948,

provincia (*ad negotia curanda, ad officia domestica*). Os talentos concernentes ao trabalho missionário junto aos índios são claramente especificados; trata-se do talento para converter os índios (*ad convertendos Indos*), para catequizar (*ad erudiendos Indos*), para instruir (*ad docendos Indos*), para confessar (*ad audiendas confessiones Indorum*), para tomar conta (*ad agendum cum Indis*). Os talentos junto aos índios são claramente identificados e isolados dos outros (*talentum ad agendum cum Indis* é diferente de *talentum ad agendum cum proximis*; *talentum ad docendos Indos* é diferente de *ad docendos*). O contato com eles é, assim, percebido praticamente como uma questão de distinção de categoria”.

³⁹ Era comum, nos séculos XVI, XVII e XVIII, que os missionários que estivessem por concluir seus estudos na Europa e tivessem interesse de atuar, por motivos diversos, nas missões da América ou da Ásia, enviassem cartas aos seus superiores informando sua vontade e suplicando para que esta fosse atendida e que pudessem atuar onde mais lhes aprovesse.

[...] el superior leyó una carta del General de la Compañía de Jesús en la que [...] se le concedía profesar solemnemente los cuatro votos” (MAYOCHI, 2009, p. 30). Em 1925, retornou à Argentina e às aulas das disciplinas de literatura castelhana, apologética, história argentina, instrução cívica e inglês.⁴⁰

Ao refletirmos sobre as informações relativas ao período de formação de Furlong encontradas nas fontes a que tivemos acesso, não há como desconhecer as advertências feitas por autores como Schmidt (2003; 2004; 2012) e Loriga (2011), que defendem que uma trajetória de vida não é totalmente linear e possui rupturas, incertezas e inúmeras reviravoltas.

Parece-me que o estudo do passado continua a privilegiar uma concepção aritmética do indivíduo, pré-psicanalítica, e mesmo pré-dostoievskiana – concepção que não oferece ao personagem-homem senão uma alternativa: desempenhar o papel de um ser consciente e coerente ou então o de um peão no tabuleiro de xadrez da necessidade. [...] [Os biografados] Compartilham o mesmo destino aritmético: pensar com frases que terminam com um ponto final, a diferença residindo em seu grau de normalidade. (LORIGA, 1998, 245-246).

As fontes sobre Furlong a que tivemos acesso nos oferecem uma trajetória em que a coerência é a palavra-chave. A realização dos primeiros estudos na Espanha, a transferência para os EUA, a volta para a Argentina, a formação sacerdotal, o retorno à Europa e, novamente, o retorno à terra natal parecem perfeitamente encadeados, lógicos e sem qualquer descontinuidade⁴¹. Entretanto, e lamentavelmente, as informações que as fontes nos oferecem

⁴⁰ É interessante notar, ainda, que em nenhum momento Furlong separa sua atuação como historiador da de sacerdote da Companhia de Jesus. Para o historiador argentino, uma das principais funções dos sacerdotes em formação era o trabalho como professores nos Colégios da Ordem, e, este trabalho era visto, também, como apostólico, por ser fundamental para a formação do caráter dos alunos. “No era mi principal preocupación la asignatura que enseñaba, en sí misma, aunque estaba en la convicción de que uno de los mejores medios para tener autoridad sobre los alumnos, era dominar lo que enseñaba. *Pero, fuera historia universal o argentina, literatura preceptiva o historia de la misma, matemáticas o inglés, griego o latín, consideraba esa enseñanza como un simple medio para otra enseñanza superior y trascendental: la formación de carácter, del alma.* Esta iba a veces sintetizada en una frase: ‘el niño es el padre del hombre’ o ‘no sigas la senda de las vacas’ o ‘no seas del montón’, u otras parecidas.” (FURLONG, 1941, p. 28, grifos nossos). Note-se, também, que a formação do caráter e da alma do indivíduo foi evocada pelo historiador argentino. Talvez a grande importância dada por Furlong à formação moral não apenas de seus alunos, mas de si próprio, seja uma das motivações para a escrita posterior da biografia sobre Saavedra.

⁴¹ É interessante notar que, como afirmamos anteriormente, em nenhum momento os biógrafos de Furlong questionam o fato de Furlong ter sido enviado à Espanha e aos Estados Unidos para realizar seus estudos. Entretanto, entendemos que o fato de o historiador argentino ter estudado no exterior contribuiu para sua formação, principalmente em razão do contato que pôde ter com obras, arquivos e documentos. Neste sentido, estas pequenas rupturas podem ter tido grande importância na trajetória de Furlong, e, por isso, não devem ser desconsideradas.

não nos permitem reconstituir de forma distinta, isto é, não linear, este período da trajetória de Furlong.⁴²

Parece-nos que esta possibilidade nos será oferecida quando tratarmos de outro momento da trajetória do historiador argentino, no qual se deu a sua inserção em instituições leigas, e, conseqüentemente, o reconhecimento de sua produção perante seus pares e a circulação entre profissionais que possuíam outras vinculações institucionais, o que pode ter aberto espaço para produções que versassem sobre outras temáticas que não apenas a história da Companhia de Jesus na região do Rio da Prata.

2.2. AS INFLUÊNCIAS: OS AUTORES LIDOS E AS RELAÇÕES COM A HISTORIOGRAFIA LEIGA

2.2.1. Sobre as leituras dos tempos de formação: Plutarco, Boswell e Carlyle

Autores como Mayochi (2009) e o próprio Furlong, em sua obra *Los Jesuitas* (1941), referem alguns dos autores e das obras lidos durante o período de estudos na Europa. Além de Sófocles, Píndaro e Xenofonte, outros autores clássicos foram lidos pelo jesuíta em formação:

Fue durante esos años [entre 1905 e 1911] cuando el adolescente entró en íntimo contacto, mediante atentas y saboreadas lecturas, con Milton y Shakespeare, Dante y Petrarca, Goethe y Schiller, Corneille y Racine. También lo hizo con Homero y Sófocles, Eurípides y Esquilo, Virgilio y Cicerón, Horacio y Julio César, clásicos de todos los tiempos que pronto

⁴² Ao mesmo tempo, em seu *São Luís* (2010), Jacques Le Goff aponta algumas questões muito interessantes para nossa análise. Logo na introdução de seu livro, ao comentar as dificuldades que encontrou ao iniciar seus estudos biográficos, o historiador francês chega à seguinte conclusão: “Em compensação, pensando que me sentiria deslocado, reencontrei quase todos os grandes problemas da investigação e da escrita histórica com os quais até então me tinha deparado. Certamente, confirmei a idéia de que a biografia é um modo particular de fazer história. Mais que isso, ela não exigia apenas os métodos intrínsecos à prática da história: posição de um problema, busca e crítica das fontes, tratamento num tempo suficiente para determinar a dialética da continuidade e da troca, redação adequada para valorizar um esforço de explicação, consciência do risco atual – ou seja, antes de tudo, da distância que nos separa – da questão tratada. A biografia confronta hoje o historiador com os problemas essenciais – porém clássicos – de seu ofício de um modo particularmente agudo e complexo. Faz isso, todavia, num registro a que freqüentemente já não estamos habituados”. (LE GOFF, 2010, p. 20). Neste sentido, é importante considerar que os trabalhos que utilizamos para a reconstituição da trajetória de Furlong – principalmente a biografia publicada em 2009 por Mayochi, não leva em consideração os problemas essenciais do campo historiográfico mencionados por Le Goff (2010). Pelo contrário, os autores que biografaram o historiador argentino levam em consideração, como veremos mais adiante, as memórias que guardaram sobre o personagem, fazendo com que os textos se constituam muito mais em um relato elogioso da personalidade bondosa de Furlong do que de uma análise de sua contribuição para a historiografia argentina.

ganaron las más íntimas preferencias de su ser. (MAYOCHI, 2009, p. 18-19).

Mas, se a formação de Furlong foi basicamente clássica, teria ele lido também as obras de Plutarco, mais, especificamente, as *Vidas Paralelas* (séculos I e II)? Esta indagação nos parece pertinente, considerando que autores como Schmidt (2012) e Loriga (1998) afirmam que Plutarco foi um dos primeiros autores a se utilizar do gênero biográfico. Um dos textos da edição de 1979, da revista *Archivum*, aponta para outra leitura que Furlong fez logo após sua chegada aos Estados Unidos e que terá, no nosso entendimento, significativa importância para a opção que ele fará pelo gênero biográfico:

Intima emulación le despierta la placentera lectura de la vida de Samuel Johnson por James Boswell⁴³ realizada, en 1911, en la biblioteca de Woodstock College. La califica ‘un ideal de biografías, ya que no era el biógrafo sino el biografiado quien más intervenía en su composición’ y, desde entonces, *formula la íntima aspiración de escribir la vida de algún ilustre compatriota en conformidad con esa técnica y con esa táctica.* (PADILLA, 1979, p. 73, grifos nossos)

De acordo com Padilla (1979), a biografia escrita por Boswell causou tanta admiração em Furlong, que ele passou a considerá-la como modelo, e, conseqüentemente, a adotar a mesma metodologia que Boswell empregou na elaboração da *Life of Johnson* (1791).⁴⁴ A biografia escrita por Boswell deve, por isso, ser observada mais de perto. Afinal, qual a metodologia e qual a estratégia narrativa utilizadas pelo autor que conferem à *Life of Johnson* o status de biografia ideal? Acreditamos que sua identificação nos ajudará a compreender como o historiador argentino concebeu a biografia de Saavedra.

Também o inglês Thomas Carlyle, biógrafo e autor de textos como *On History* (1830), pode ter exercido influência sobre Furlong, como evidenciado nesta passagem extraída da biografia que escreveu sobre Saavedra:

Como es evidente, Saavedra, lejos de ser un patriota retardado, como otros, fue el arriete demoledor, fue la espada de los filos, fue la cortante proa, porque fue el hombre de la idea grávida y vívida, porque fue el hombre de la palabra certera y electrizante, porque fue el hombre de la acción medida y oportunísima. ‘*Honor al bravo, digamos con Carlyle, que en un partido u*

⁴³ O escocês Boswell (1740-1795) foi um advogado e jornalista formado pela University of Edinburgh. Além de dos contatos que manteve com Jean-Jacques Rousseau, publicou obra intitulada *Relación sobre Córcega* (1768), na qual disserta sobre uma de suas viagens de que participou como acompanhante de Samuel Johnson.

⁴⁴ Embora Padilla (1979) não deixe claro o que entende por técnica e por tática, compreendo o primeiro termo como a metodologia utilizada na construção da biografia e, o segundo, como a estrutura narrativa empregada por Boswell.

otro, y más cuando está en el bueno, es la personificación del valor humano y no un espectro fanfarrón ni una sombra vocinglera e inútil'. (FURLONG, 1979, p. 65-66, grifos do autor).

Não foi possível identificar de qual texto de Carlyle o historiador argentino retirou esta citação. Entretanto, a referência que Furlong faz a ele constitui evidência de que efetivamente tomou contato com alguma obra do historiador inglês.

Na continuidade, nos detemos nas principais características dos textos e dos autores com os quais Furlong tomou contato durante o período de sua formação. Iniciamos, primeiramente, pelas *Vidas Paralelas*, de Plutarco, passando pela *Life* (1791), de Boswell, e encerrando este subtópico com uma breve análise da concepção de história de Carlyle.

No caso da obra de Plutarco, partimos da plausibilidade do contato e/ou leitura dos clássicos, uma vez, que o texto não é referido explicitamente por ele e por seus biógrafos. O estilo narrativo adotado por Plutarco enfatiza as virtudes de seus biografados e utiliza-se da *Historia Magistra Vitae*⁴⁵, que tem por característica básica a exemplaridade, se constituindo em um tipo de história que busca no passado os referenciais de conduta moral e política para as próximas gerações.

O ritmo do cosmos, a raiz ahistórica da natureza humana e a fama (perpetuada pela escrita) são, assim, as traves-mestras que devem ser invocadas para se entender melhor o consabido preceito greco-romano (Tucídides, Políbio, Cícero) segundo o qual a história é mestra da vida (*historia magistra vitae*): “*Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati comendatur*”. A tarefa directora que Cícero adjudicava à história (ou melhor, à história como arte) tinha em vista obter efeitos análogos aos da oratória, fornecendo a esta, com imparcialidade, uma colecção de exemplos pedagógicos (*plena exemplorum est historia*). Para isso, e tal como outras formas de evitar a queda no esquecimento, a historiografia era também garante de transmissibilidade. O que dá sentido ao facto de ela ter sido qualificada, não só como verdadeiro testemunho do tempo e como discurso aletológico (“lux veritatis”), mas também como “vita memoriae”. (CATROGA, 2006, p. 14-15, grifos do autor).

Segundo Catroga (2006), a *Historia Magistra* possui carácter pedagógico e memorial, pois tinha como objetivo garantir a transmissibilidade das ações humanas. Já para Koselleck (2006), a *Historia Magistra* depende de uma concepção cíclica do tempo, onde os acontecimentos e as ações pessoais se repetem. Neste sentido, a exemplaridade é necessária, de modo que se possa aperfeiçoar os indivíduos intelectual e moralmente para que possíveis

⁴⁵ Esta expressão foi cunhada pelo orador, político e filósofo latino Cícero. Sobre a *Historia Magistra Vitae* em suas obras, ver o trabalho de Pavez (2011), intitulado *Historia Magistra Vitae: História e Oratória em Cícero*.

erros que ocorreram no passado não aconteçam novamente. É importante notar que transformações sociais são admitidas, embora estas aconteçam de forma lenta e gradual, fazendo com que os exemplos vindos do passado não se percam.

Qualquer que seja o ensinamento que subjaz à nossa fórmula, há algo que sua utilização indica de modo inegável. Seu uso remete a uma possibilidade ininterrupta de compreensão prévia das possibilidades humanas em um *continuum* histórico de validade geral. A história pode conduzir ao relativo aperfeiçoamento moral ou intelectual de seus contemporâneos e de seus pósteros, mas somente se e enquanto os pressupostos para tal forem basicamente os mesmos. Até o século XVIII, o emprego de nossa expressão permanece como indício inquestionável da constância da natureza humana, cujas histórias são instrumentos recorrentes apropriados para comprovar doutrinas morais, teológicas, jurídicas ou políticas. Mas, da mesma forma, a perpetuação de nosso *topos* aludia a uma constância efetiva das premissas e pressupostos, fato que tornava possível uma semelhança potencial entre os eventos terrenos. E, quando uma transformação social ocorria, era de modo tão lento e em prazo tão longo, que os exemplos do passado continuavam a ser proveitosos. A estrutura temporal da história passada delimitava um espaço contínuo no qual acontecia toda a experimentação possível. (KOSELLECK, 2006, p. 43, grifos do autor).

A *Historia Magistra* garante ao ser humano a possibilidade de compreensão dos modelos morais mesmo que o personagem que serve de exemplo tenha vivido muitos séculos antes do público ao qual a biografia se destina, dado que o espaço de experimentação do ser humano é contínuo. No caso específico de Plutarco, a exemplaridade trazida pela *Historia Magistra* é enriquecida com um discurso acerca das virtudes de cada um dos biografados. Estas virtudes enaltecidas pelo biógrafo antigo poderiam fazer do biografado um modelo de ações corretas ou daquelas que devem ser rechaçadas. No caso de governantes, como Alexandre e César, posturas como o comedimento, o tratamento dado aos mortos inimigos após as batalhas, são valorizadas, e, em uma concepção de tempo cíclico, devem ser tomadas como exemplo para ações futuras.

O discurso de Plutarco sobre as virtudes dos biografados procura elaborar aquilo que podemos chamar de “pedagogia do exemplo”, termo empregado por Jonaedson Carino, em seu texto intitulado *A biografia e sua instrumentalidade educativa*, de 1999. O autor, que analisa biografias que não foram escritas exclusivamente por historiadores, parte da ideia de que os textos biográficos têm um caráter educativo, pois possuem uma exemplaridade que seria inerente a eles. Neste sentido, o conceito de “pedagogia do exemplo” pode ser utilizado quando as biografias, “Tomadas como exemplo, imitadas, seguidas, integrando um ‘modelo’

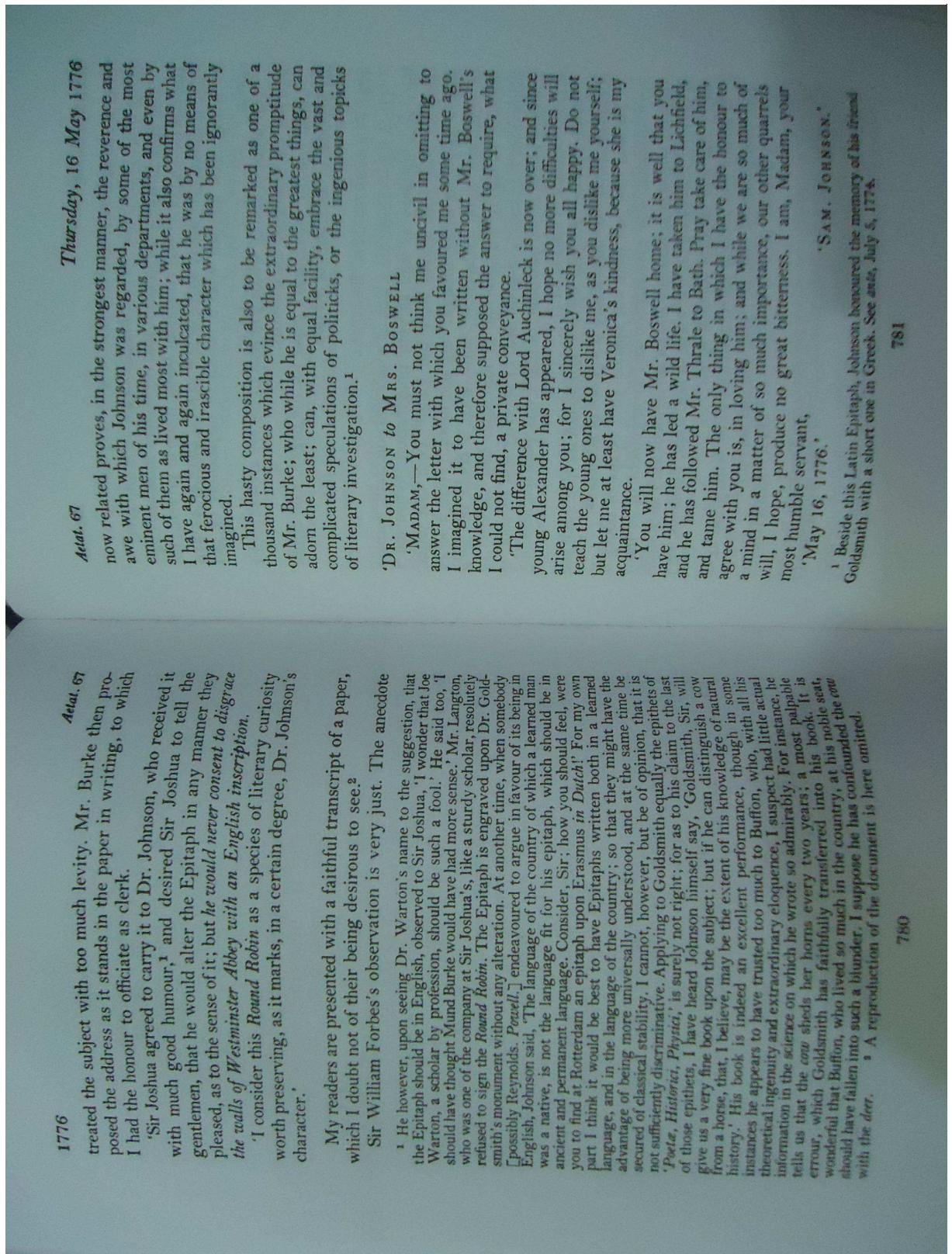
de conduta determinado pelo espírito da época, servirão à educação.” (CARINO, 1999, p. 173).

Seguindo-se esta “pedagogia do exemplo”, os personagens biografados transformam-se em heróis que têm suas principais virtudes vistas como condutas que devem ser imitadas e observadas. Com a repetição destes modelos, ao longo das gerações, enraíza-se na memória coletiva a lembrança de personagens que marcam determinado período histórico em função de suas ações mas, principalmente, por suas qualidades morais.

Já no caso da possível influência exercida por James Boswell sobre Furlong, é importante dar uma maior atenção à metodologia e ao tipo de escrita, ou seja, à *técnica* e à *tática* empregadas na construção deste texto. James Boswell foi amigo do médico inglês Samuel Johnson e, inclusive, o acompanhou em algumas de suas viagens. Quando da morte de Johnson, Boswell teve acesso a um diário e a alguns de seus apontamentos e, com estas fontes, construiu uma biografia que, até os dias de hoje, é considerada um clássico. Entretanto, segundo a análise de Vance (1985) – que realizou um balanço das principais críticas feitas a este livro nas últimas décadas –, a obra de Boswell constitui-se em uma espécie de biografia do autor, pois é dada ênfase maior ao espaço temporal em que biógrafo e biografado estiveram juntos e a construção da narrativa é feita a partir da visão que o primeiro tinha dos fatos vividos pelo segundo. Haveria ainda uma grande semelhança entre a *Life of Samuel Johnson* (1791) e as vidas da Antiguidade, com a apresentação de um herói moral e intelectual, e com vida exemplar, encarnado por Johnson. Ainda, segundo Vance (1985), esta obra teria exercido grande influência sobre as mentes de leigos, pois apresentava-se um *exempla vitae* a ser seguido.

Grande parte das críticas a essa obra gira em torno da metodologia utilizada por Boswell, já que, para muitos críticos, a biografia de Samuel Johnson não passa de uma “*colcha de retalhos*” de diferentes documentos que são editados, remodelados e transcritos, formando, assim, grande parte do texto da obra. As linhas escritas pelo autor teriam por finalidade ligar, “*costurar*” os diversos documentos um ao outro, dando inteligibilidade ao texto que se propôs a escrever.

Figura 2: Reprodução das páginas 780 e 781 da edição de 2008 da *Life of Johnson*



Fonte: *Life of Johnson*, de James Boswell

Pat Rogers (2008), que assina o texto introdutório de uma das edições da obra de Boswell, acredita que o texto não poderia, realmente, ser denominado como uma biografia.

Como se pode ver na imagem acima, Boswell transcreve páginas inteiras dos diários e demais documentos deixados por Johnson, fazendo com que a *Life* seja muito mais um diário editado do que uma biografia propriamente dita.

Por fim, embora não saibamos ao certo qual foi a obra de Thomas Carlyle que Furlong utilizou para escrever a biografia sobre Saavedra, discutimos a concepção de história deste autor a partir de sua obra intitulada *Os heróis* (1841), na qual delinea as trajetórias de uma série de personagens históricos como Odin, Maomé, Lutero e Cromwell, entre outros. Seu objetivo é o de demonstrar que existiam diferentes tipos de heróis e que eles eram fundamentais na evolução histórica. No século XIX, momento em que os primeiros paradigmas cientificistas⁴⁶ procuram estabelecer um padrão de análise historiográfica, “[...] Carlyle exalta o herói como instrumento para escapar à contingência histórica e a uma forma de determinismo historicista, segundo a qual o homem é produto de sua época” (DOSSE, 2009, p. 163). Para o historiador inglês, as qualidades encarnadas no herói é que movem o curso da história e, embora se possa encontrar diferentes tipos deste, que surgem nos mais diversos espaços, como o religioso, por exemplo, estes possuem características em comum, universais. Assim, a biografia seria necessária para a compreensão da História.

A fuga às injunções do tempo só é possível graças a uma vontade heroica: ‘Apenas o grande homem, expressão do livre-arbítrio, se revela capaz de enfrentar a multidão passiva, prisioneira da necessidade’. A um tipo de história historicizante, centrada unicamente nos fatos, Carlyle opõe o herói como possível retomada de sentido, que permite o acesso ao geral, ao universal. [...] Carlyle, [...] pretende buscar o que é mais significativo, privilegiando a figura individual do herói. (DOSSE, 2009, p. 163).

Assim como no caso da *Historia Magistra*, o herói de Carlyle é um modelo de virtudes, e são elas que dão sentido às ações humanas e são o que há de mais significativo na história. Além disso, como podemos observar na passagem que segue, segundo Carlyle, para compreender a História dos feitos humanos, bastaria reunir as biografias dos grandes homens, pois todas as ações que mudam o curso da História seriam realizadas por estes, pessoas especiais que seriam enviadas a este mundo com este objetivo específico.

⁴⁶ Os principais paradigmas do século XIX são o Positivismo e o Historicismo. Para caracterizá-los, podemos nos apropriar das discussões feitas por Barros (2010, p. 76), para quem “A oposição fundamental entre Positivismo e Historicismo dá-se em torno de três aspectos fundamentais: a dicotomia objetividade/subjetividade no que se refere à possibilidade ou não de a História chegar a leis gerais validas para todas as sociedades humanas; o padrão metodológico mais adequado à história (de acordo com o modelo das Ciências Naturais, ou um padrão específico para as ciências humanas); e a posição do historiador face ao conhecimento que produz (neutro, imerso na própria subjetividade, engajado na transformação social)”.

[...] a História universal, a História do que o homem realizou nesta Terra, no fundo não é mais que a História dos grandes homens que obraram aqui embaixo. Foram eles os condutores dos homens, seus modelos, suas referências e, numa acepção ampla do termo, os iniciadores de tudo o que a grande massa dos humanos se esforçou para realizar ou atingir. (CARLYLE apud LORIGA, 2011, p. 57).

Como se pode constatar, Plutarco, Boswell e Carlyle possuem concepções diferentes sobre o gênero biográfico. Entretanto, as leituras que Furlong talvez tenha feito dos mesmos – considerando-se a hipótese de que o historiador argentino tenha efetivamente lido as obras de Plutarco, o que nos parece plausível – possam nos levar a pensar que tais concepções se complementem de alguma forma. Afinal, por que não aliar a exemplaridade da *Historia Magistra Vitae* com a técnica de escrita e edição de documentos de Boswell e as qualidades encarnadas pelo herói de Carlyle? Esta possibilidade será analisada mais detidamente no segundo capítulo desta Dissertação.

2.2.2. A Nueva Escuela Historica: o encontro com a historiografia produzida por leigos

Ao retornar à Argentina em 1913, após os períodos de formação na Europa e nos Estados Unidos, Furlong tomou contato com um grupo de historiadores que logo passou a ser conhecido como a *Nueva Escuela Historica* (NEH). Embora não fosse um grupo homogêneo, os historiadores “filiados” à NEH tinham seu ponto de união no “[...] hecho de haber nacido entre 1885 y 1889 en el seno de familias aluviales y por ello sin vínculos con el pasado que aspiraban a estudiar, su paso por la Facultad de Derecho, así como cierta sociabilidad político-académica” (DEVOTO; PAGANO, 2009, p. 140).

As ideias vigentes na Argentina, entre o final do século XIX e início do XX, e as discussões historiográficas motivadas pelo Centenário de Maio, em 1910, ajudaram a moldar a historiografia construída por esta corrente. A NEH se destacava, em primeiro lugar, por sua vinculação tanto com universidades, onde seus membros atuavam como professores, quanto com instituições leigas que valorizavam o conhecimento histórico, como o *Instituto Ravigani* e a *Academia Nacional de la Historia*. E, em segundo lugar, pela campanha de profissionalização da disciplina histórica, o que explica as reivindicações para que somente historiadores, com a devida formação acadêmica, ocupassem postos de ensino e de pesquisa.

Os membros da NEH buscavam suas principais referências teórico-metodológicas em autores como Rafael Altamira, Xenopol, Langlois e Seignobos, e Bernheim,⁴⁷ cujas obras tinham como principal característica o rigor metodológico e a crítica às fontes. Além disso, é importante notar que os historiadores da NEH buscavam realizar as discussões acerca dos conteúdos e resultados de suas obras, corroborando ou rechaçando hipóteses, não apenas no ambiente institucional ao qual estavam vinculados, mas, também, e principalmente, através das “redes de crítica”.⁴⁸

Los nuevos historiadores se expresaron e fueron reseñados acorde con el funcionamiento de las “redes de la crítica”, que – a diferencia de la práctica decimonómica – se instituía ahora como producto de un saber objetivo o “científico”; de allí que sus sedes institucionales más identificables fueron los círculos del aparato académico, revistas especializadas y libros, que en general no excedían los acotados ámbitos intelectuales. [...] Ciertamente la actividad crítica desempeñó diversas funciones acorde con el particular status de quien la ejerciera: el disciplinamiento de los “consagrados” sobre los recién llegados y el intento de éstos por legitimarse y adquirir notoriedad a través de aquélla. (DEVOTO; PAGANO, 2009, p. 150).

Entre os principais nomes filiados à NEH, destacamos Emilio Ravignani, Ricardo Levene, Diego Luis Molinari, Rómulo Carbia e José Torre Revello, entre outros. Dentre estes, chamam a atenção os casos particulares de Ravignani e Levene, não apenas por suas trajetórias, mas, principalmente, pelas instituições às quais estavam filiados e dirigiam, para além do âmbito universitário, sendo elas o *Instituto de Investigaciones Históricas de la Universidad de Buenos Aires* (IIH), posteriormente denominado *Instituto Ravignani*, e a *Junta de Historia y Numismática* (JHN), que foi renomeada como *Academia Nacional de la Historia* (ANH). Na continuidade, abordamos a rede de contatos construída por Furlong e sua relação com os *bienhechores*, amigos que financiaram a publicação de diversas de suas obras.

⁴⁷ Não encontramos evidências de que Furlong tenha lido os trabalhos dos autores referenciais para a *Nueva Escuela Histórica* – Rafael Altamira, Xenopol, Langlois e Seignobos, e Bernheim. Pode-se, no entanto, supor que tenha mantido contato direto com historiadores “filiados” à NEH ao freqüentar os espaços de sociabilidade nos quais circulavam os intelectuais de Buenos Aires, e, por isso, mesmo indiretamente, tenha tido acesso aos seus textos.

⁴⁸ É interessante notar que essas “redes de crítica” nos auxiliam na reconstituição do ambiente intelectual a partir das discussões suscitadas pela publicação de uma determinada obra, uma vez que resenhas e críticas apontam tanto para concordância, quanto para os rechaços das ideias por ela divulgadas.

2.2.3. A rede⁴⁹ de contatos estabelecida com os *bienhechores*

Sabe-se que a rede de colaboradores que o jesuíta argentino formou ao longo de seus anos de pesquisa é bastante extensa. Entretanto, poucas são as informações disponíveis sobre aqueles que compunham o círculo de relações de Furlong. Procuramos, a despeito destas dificuldades, reconstituir esta rede de colaboradores, com o propósito de compreender o ambiente em que Furlong se encontrava inserido e identificar os intelectuais com os quais o autor mantinha contato frequente.

A partir dos trabalhos de Geoghegan (1979) e de Mayochi (1979; 2009), pode-se presumir que um dos primeiros intelectuais com quem Furlong teve contato foi Enrique Peña⁵⁰. Algumas páginas acima, transcrevemos um conselho que Peña deu ao jovem jesuíta, sendo que, ao que tudo indica, o historiador Peña era “varón de presencia aristocrática y poseedor de selectísima biblioteca” (GEOGHEGAN, 1979, p. 36). Ao frequentar o acervo pessoal de Peña, o jesuíta argentino entrou em contato com Samuel Lafone y Quevedo⁵¹ e Luis María Torres⁵², que também o consultavam para suas pesquisas. Sobre Torres não encontramos maiores informações. Contudo, sabemos que Lafone y Quevedo tinha origem inglesa e que Furlong visitava o amigo no Hotel Los Dos Mundos, onde residia e também realizava seus estudos.

Posteriormente, no *Instituto de Investigaciones Históricas de la Universidad de Buenos Aires*, o jesuíta argentino conheceu a Emilio Ravignani e a Juan Canter. Segundo Furlong, Ravignani foi um notável estudioso, que dedicou boa parte de seu tempo às questões políticas, dado o fato de que ocupou diversos cargos públicos (GEOGHEGAN, 1979). Já no caso de Canter, as relações com o jesuíta foram rompidas em função de apreciações divergentes.⁵³

⁴⁹ Nos utilizamos, aqui, da expressão “redes” no sentido de que procuramos mapear as relações estabelecidas por Furlong com outros intelectuais argentinos. Entretanto, não pretendemos explorar todas as possibilidades do conceito, tão caro à Micro-história, apenas oferecer aos leitores deste trabalho um rápido panorama dos contatos do historiador argentino.

⁵⁰ No *Complejo Museográfico Provincial ‘Enrique Udaondo’*, em Luján, existe uma biblioteca que leva o nome de Enrique Peña.

⁵¹ Lafone y Quevedo foi humanista, arqueólogo, etnógrafo e linguista. Era catedrático de Etnografía na Universidad de Buenos Aires e diretor do *Museo de la Plata*. Foi membro da *Junta de Historia y Numismática* e ocupou diversos cargos públicos.

⁵² Foi diretor do *Instituto de Investigaciones Históricas de la Universidad de Buenos Aires* e do *Museo de La Plata*.

⁵³ É interessante notar que, em nenhum momento, Geoghegan (1979) deixa claro quais teriam sido estas divergências políticas entre Furlong e Canter. Já no caso de Ravignani, o autor comenta que suas relações com o jesuíta argentino sempre foram afetuosas.

Entre os anos de 1920 e 1930, outro bibliófilo cedeu sua biblioteca pessoal para que Furlong pudesse realizar seus estudos. Trata-se do médico Miguel Angel Fariní⁵⁴, que, em diversas ocasiões, deixou o jesuíta consultar seu acervo enquanto atendia a seus pacientes.

Ao realizar o levantamento dos principais colaboradores de Furlong, aqueles que, com certeza, abriram seus arquivos e bibliotecas pessoais para que realizasse suas pesquisas, Geoghegan (1979) constatou que o jesuíta argentino teve acesso aos acervos de Clemente Fregeiro, Félix F. Outes, Alejo Gonzáles Garaño, Antonio Dellepiane, Antonio Larrouy e Mario Belgrano, além dos já referidos.

Por fim, podemos citar a Monseñor Pablo Cabrera⁵⁵, intelectual argentino, que Furlong conheceu ao passar por Córdoba e Jose Torre Revelo⁵⁶, com quem trabalhou no *Archivo General de Indias*, no período em que esteve na Espanha estudando Teologia, além de intelectuais uruguaios⁵⁷ com quem teve contato no período entre 1930 e 1935, quando atuou no *Colegio del Sagrado Corazón*, em Montevideu.

O apoio de outra categoria de colaboradores foi fundamental para a publicação dos trabalhos de Guillermo Furlong. Trata-se dos que atuaram como mecenas ou, como prefere Geoghegan (1979), como *bienhechores*. Em diversos momentos, o jesuíta argentino contou com amigos e conhecidos, que se dispuseram a financiar a publicação de uma ou mais obras e também com editores que garantiram a impressão de seus livros e possibilitaram que estes viessem a público.

Sabe-se que alguns editores também facilitaram o pagamento da impressão de algumas de suas obras, apoiando, portanto, a divulgação da produção do jesuíta argentino. Segundo Geoghegan (1979), em alguns momentos, Furlong utilizou os rendimentos obtidos com a venda das obras já publicadas para financiar a publicação de outros trabalhos [que não os seus], como os de José Alberto Fuselli, Pedro San Martín e Miquel Cullen. Entretanto, quando

⁵⁴ Geoghegan (1979) conta que o médico Fariní deixava que seus pacientes esperassem por atendimento para que, primeiramente, pudesse atender a Furlong quando este visitava sua biblioteca.

⁵⁵ É interessante notar que Furlong também travou relações Monsenhor Cabrera, que foi diretor do *Museo Histórico de la Provincia de Córdoba*, membro de instituições como o *Instituto Histórico Argentino* e catedrático de Etnografia Indígena na *Universidad Nacional de Córdoba*.

⁵⁶ Segundo Ruiza (2013, s/p), o *Instituto de Investigaciones Historicas* contribuiu para que Torre Revello desenvolvesse seus estudos. Nascido em 1893, “ganó el premio de la especialidad histórica de la Comisión Nacional de Cultura con sus obras *El libro, la imprenta y el periodismo durante la dominación española* y *Orígenes de la imprenta en España y su desarrollo en América*. Fue autor de obras tan variadas como *La orfebrería colonial en Hispanoamérica*, *El archivo general de Indias: historia y clasificación de sus fondos* o *Investigaciones sobre las islas Malvinas*”.

⁵⁷ Mayochi (2009) afirma que Furlong teria construído uma sólida amizade com Juan Zorrilla de San Martín, e travado relações com outros historiadores, como Pablo Blanco Acevedo, Carlos Pérez Montes, José M. Fernández Saldaña, Buenaventura Caviglia, Felipe Ferreiro, Horacio Arredondo, Ariosto D. González, Fernando Capurro e Eduardo Saltarain, os quais, em sua maioria, eram membros do *Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay*.

não foi possível encontrar um mecenas que pudesse assumir as despesas de impressão, os editores tiveram grande tolerância em relação ao pagamento destes custos.

Entre os principais editores que colaboraram para a publicação das obras do jesuíta podemos encontrar seu “ex alumno e impresor favorito, el Sr. José Alberto Fuselli, [...] en cuyos Talleres Gráficos San Pablo ha impreso el padre Furlong la mayoría de sus trabajos. [...]”. Após a morte deste editor, seus colaboradores foram “Dr. Pedro San Martín, de la Editorial TEA, y al Dr. Miquel Cullen, de quien son los talleres gráficos Crisol, en los que después del deceso del señor Fuselli publicó el padre Furlong no pocos de sus trabajos” (GEOGHEGAN, 1979, p. 39).

2.3. A INSERÇÃO DE FURLONG NAS INSTITUIÇÕES LEIGAS: O INSTITUTO DE INVESTIGACIONES HISTORICAS, A ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA E A JUNTA DE HISTORIA ECLESIASTICA ARGENTINA

Em 1937, Furlong participou do II Congresso Internacional de Historia da América, realizado em Buenos Aires, atuando como relator da seção de História Religiosa. No mesmo ano, Enrique Udaondo apresentou o jesuíta argentino para a *Academia Nacional de la Historia*, para a qual foi nomeado membro em 1939, vindo a ocupar a cadeira de número 31. Em 1942, Furlong passou a integrar a *Junta de Historia Eclesiástica Argentina* (JHEA), tendo sido seu primeiro vice-presidente.

A inserção de Guillermo Furlong nas instituições acima citadas nos permite refletir sobre o impacto que sua circulação por estes espaços e, especialmente, seu contato com uma historiografia leiga, exerceram sobre a *prática* e a *escrita* que empregará em obras como *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina*, de 1979. Furlong era, antes de tudo, um jesuíta, condição que o circunscreve a um *lugar social* específico. Para Michel de Certeau (2011), o *lugar social* do historiador permite e proíbe determinados tipos de produção, e tal permissão e proibição dependem, em grande parte, do reconhecimento tanto dos pares, da comunidade historiográfica a qual o profissional pertence, quanto do leitor, que, por pertencer a essa comunidade, legitima e confere validade perante o grupo. Ainda segundo o autor, este lugar é circunscrito não apenas por questões políticas e sociais, mas também, e principalmente, pela instituição à qual o profissional se encontra vinculado.

Esta instituição se inscreve num complexo que lhe permite apenas um tipo de produção e lhe proíbe outros. Tal é a dupla função do lugar. Ele torna possíveis certas pesquisas em função de conjunturas e problemáticas comuns. Mas torna outras impossíveis; exclui do discurso aquilo que é sua condição num momento dado; representa o papel de uma censura com relação aos postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) na análise. Sem dúvida, essa combinação entre permissão e interdição é o ponto cego da pesquisa histórica e a razão pela qual ela não é compatível com qualquer coisa. É igualmente sobre essa combinação que age o trabalho destinado a modificá-la. (CERTEAU, 2011, p. 63, grifos nossos).

Um *lugar social* específico influencia a maneira como o historiador pensará e escreverá história. Afinal, a seleção de fontes, as perguntas que o profissional fará às mesmas e o aporte teórico-metodológico que utilizará em suas análises serão diferentes, dependendo da época em que vive o historiador, do grupo ao qual se encontra vinculado e de toda uma série de textos com os quais teve contato. Ao mesmo tempo, o *lugar* faz com que o historiador seja reconhecido pela sua pertença a um determinado grupo. No caso de Furlong, sua vinculação à Companhia de Jesus fez com que seu acesso a determinados locais fosse facilitado e, a outros, negado.

Aqui seria interessante compartilhar um relato que Mayochi (2009) faz das viagens que Furlong fez às mais diversas regiões do país, como convidado para proferir conferências inseridas na programação do sesquicentenário de Maio. Segundo o autor, ao chegar às 19h, ao Colegio da cidade de Concepción del Uruguay, conhecido por ser uma instituição leiga e que não admitia o ingresso de religiosos, Furlong foi proibido, por sua vinculação à Companhia de Jesus, de entrar no prédio pelo reitor. Sobre o acontecido, Furlong teria dito que “aunque sea argentino, aunque sea historiador, aunque sea miembro de la Academia, soy sacerdote e ese estigma no me redime, antes me condena” (MAYOCHI, 2009, p. 72). Pode-se tomar este caso como exemplo do tipo de produção que o *lugar social* permite e proíbe, bem como dos locais aos quais faculta o acesso.

Desta forma, nos círculos em que o discurso do autor está condicionado à pertença a determinado grupo e meio social, a utilização de pseudônimos torna-se um recurso estratégico para a ocultação de uma identidade já marcada e reconhecida por este *lugar social*. É plausível supor que o jesuíta argentino tenha recorrido a este recurso para poder desfrutar de uma liberdade que não lhe era concedida nos círculos em que atuava. Cerca de 390 trabalhos de Furlong foram publicados com a utilização de pseudônimos. Estes textos versam sobre os mais diversos temas, contemplando desde história da América colonial até a história política Argentina no século XIX, sendo que Furlong assinou alguns deles como Juan Cardiff,

Francisco Talbot e, inclusive, como Guillermo Paucke, entre outros⁵⁸. Pode-se presumir que, dependendo da linha editorial da revista para a qual havia encaminhado o artigo ou do assunto que nele abordasse, Furlong recorresse a pseudônimos, ocultando, assim, sua condição de membro da Companhia de Jesus. Ao abordar a utilização de pseudônimos por Furlong, Tesler afirmou que:

Sus características personales, los temas de los cuales se ocupó y el tratamiento que dio a estos no contribuyeron a facilitar que Guillermo Furlong estableciera vínculos masivos; tampoco le dispensaron su favor los medios de difusión. Su condición de sacerdote jesuita le franqueó algunas puertas, pero por la misma razón le fueron cerradas otras y en las narices; no podía salvarse de sufrir las secuelas de los enfrentamientos entre filias y fobias, máximo cuanto tomó parte en ellos. (TESLER, 1994, p. 15).

Note-se que alguns dos pseudônimos utilizados pelo historiador argentino são compostos por nomes de missionários jesuítas do período colonial, como se constata na utilização do sobrenome Paucke, do padre Florián Paucke⁵⁹. Neste sentido, se Furlong procurava dissimular totalmente sua identidade, poderia se utilizar de pseudônimos que não fizessem referência a membros da Companhia de Jesus (como Adolfo Sanders, por exemplo), já que intelectuais ou editores de revistas que tivessem algum conhecimento sobre a história da Ordem no período colonial pudessem inferir que a utilização do sobrenome fizesse referência – ou, pelo menos, homenagem – a algum jesuíta. Entretanto, temos apenas suposições em relação a isto. Seria, de fato, importante, realizar um estudo sobre o que Tesler (1994) chama de *la obra oculta* do jesuíta argentino, analisando de forma mais detida os temas abordados e os posicionamentos tomados por Furlong nos textos em que adotou

⁵⁸ Tesler (1994) aponta que, em suas pesquisas, encontrou 48 pseudônimos de Furlong. Estes foram subagrupados de acordo com suas características. Em um primeiro momento, o autor cita o que denomina “seudónimos a seca”, onde se encontram aqueles que possuem nome e sobrenome. Dentre eles, podemos encontrar, além dos já citados, algumas denominações como: Adolfo Sanders, Guillermo Graham, Juan Muriel, Nicolás del Castillo e Percy Roy. Em outro grupo, Tesler (1994) apresenta os pseudônimos compostos apenas por iniciais, que poderiam ser as do próprio jesuíta, tanto G.F. (Guillermo Furlong), G.F.C. (Guillermo Furlong Cardiff), ou G.F., S.J. (Guillermo Furlong S.J.), passíveis de identificação, quanto algumas que não correspondem ao nome e sobrenome do historiador, tais como F.T. (Francisco Talbot) ou G.K. (Godofredo Kaspar).

⁵⁹ Florián Paucke, Padre nascido em 24 de setembro de 1719, sendo natural de Winzing, na Silesia. Ingressou na Companhia em nove de outubro de 1736, chegando à América em primeiro de janeiro de 1749. Com formação missionária e também possuindo conhecimentos relativos à música, atuou entre os índios Mocobíes no vale do Chaco (Província de Santa Fe), esteve em Buenos Aires e Córdoba, e atuou em San Javier e San Pedro até o ano de 1767, quando da expulsão dos missionários dos domínios castelhanos no Novo Mundo. Assim como Sepp, Paucke teve de enfrentar epidemias durante sua atuação missionária, o que fez com que também se utilizasse de práticas curativas para empreender a cura dos enfermos. Autor da obra *Hacia allá y para acá 1749-1767* (1829), reeditada entre os anos 1942-1944, faleceu em quatorze de julho de 1779 perto de sua terra natal, em Neuhaus, Silesia.

pseudônimos, procurando verificar as discrepâncias e mudanças de postura adotadas pelo autor⁶⁰.

No que tange à questão da pertença a determinado grupo e de como esta pode influenciar na construção das obras de qualquer autor, Certeau (2011) lembra-nos que os trabalhos produzidos não têm como objetivo principal o leitor comum, em um primeiro momento, mas, sim, os pares, aqueles que fazem parte de um mesmo círculo, principalmente, o profissional, e que reconhecem estes textos como “obra de valor”. Neste sentido,

Ao “nós” do autor corresponde aquele dos verdadeiros leitores. [...] uma obra é menos cotada por seus compradores do que por seus “pares” e seus “colegas”, que a apreciam segundo critérios diferentes daqueles do público e decisivos para o autor, desde que ele pretenda fazer uma obra historiográfica. Existem as *leis* do meio. (CERTEAU, 2011, p. 56).⁶¹

Caberá à *Junta de Historia Ecclesiastica Argentina* e à *Academia Nacional de la Historia*, compostas pelos principais historiadores argentinos da época e, no caso da JHEA, por aqueles que se interessavam, especialmente, pela História da Igreja, o reconhecimento público do valor dos textos de Furlong, para além do reconhecimento da Companhia de Jesus, com o qual já contava, e, também, sua leitura, indicação e utilização em pesquisas sobre o tema. As obras escritas por Furlong, neste sentido, serão aprovadas pelos pares e produzidas para um “nós”, isto é, um grupo que compartilha uma mesma disciplina e as mesmas regras.

A grande quantidade de documentos e informações que Furlong conseguiu reunir durante as visitas a arquivos e bibliotecas argentinas e europeias tornou possível a elaboração de diversos artigos, muitos deles, publicados na revista *Estudios*, na da *Academia Literaria del Plata* e na da *Universidad del Salvador*, em Buenos Aires; e cerca de dois mil trabalhos, a maioria deles versando sobre a história da América platina colonial. Parte de sua obra reconstituiu trajetórias de vida, resgatando personagens da história argentina, principalmente, de missionários jesuítas que atuaram nas reduções da região platina.

⁶⁰ Em seu livro, Tesler (1994) traz uma listagem dos trabalhos de Furlong publicados sob pseudônimos. É interessante notar que muitos dos textos foram publicados na revista *Estudios*, o que torna ainda mais importantes as indagações sobre quais as intenções do historiador argentino ao utilizá-los.

⁶¹ Ainda segundo Certeau (2011, p.56), os indivíduos, para que estejam habilitados a definir quais serão as regras do grupo ao qual pertencem, também precisam passar por um processo que o autor denomina como “agregação”, no qual apenas aqueles realmente aceitos por aquele determinado círculo e legitimados pela crítica dos pares têm o direito de interferir na escolha dos novos “membros”: “O estatuto dos indivíduos que têm – e somente eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir um discurso semelhante’ depende de uma ‘agregação’ que classifica o ‘eu’ do escritor no ‘nós’ de um trabalho coletivo, ou que habilita um locutor a falar o discurso historiográfico”.

É preciso reconhecer que os trabalhos de Guillermo Furlong se diferenciavam dos de seus antecessores justamente pela grande quantidade de informações que traziam a público. Isto se devia, inegavelmente, ao franco acesso que havia tido aos mais diversos arquivos, principalmente, aqueles considerados de uso exclusivo pela Companhia de Jesus. Também, com certeza, foram fundamentais os grupos com os quais se relacionou e as instituições que frequentou.

A partir da inserção de Furlong em instituições leigas de cunho historiográfico, percebe-se que o historiador argentino passa a transitar nesse círculo de profissionais devido ao reconhecimento de seu trabalho. Pode-se pensar, ainda, que tal reconhecimento tenha se dado em razão não apenas das semelhanças de abordagens existentes entre os membros da NEH, mas também por afinidades teórico-metodológicas existentes entre o historiador e os profissionais que faziam parte deste grupo. Ao mesmo tempo, sendo Furlong um jesuíta, o trânsito por instituições leigas legitima a escrita de trabalhos sobre outros temas, que não daqueles associados exclusivamente à Companhia de Jesus. No caso aqui estudado, de uma biografia escrita para as comemorações de um momento pátrio, o vínculo com a historiografia leiga permite, também, a produção de uma obra sobre um militar, tido como prócer da Revolução de Maio de 1810.

Diante do exposto, consideramos fundamental reconstituir a história das instituições leigas às quais Furlong esteve vinculado, o que não foi tarefa das mais fáceis, já que as informações que encontramos sobre elas são escassas e, quando existem, se encontram nas páginas que as instituições mantêm na Internet, constituindo-se em resumos com apenas algumas informações básicas, como mudanças de nome, principais diretores, etc. Dentre as instituições leigas às quais Furlong se vinculou se encontra o *Instituto de Investigaciones Historicas*, sobre o qual tratamos a partir de agora.

Através das informações disponíveis na página que o *Instituto Ravignani* mantém na Internet,⁶² podemos conhecer um pouco de sua história. Criado em 1905, como um prolongamento da *Sección de Investigaciones Históricas de la Facultad de Buenos Aires*, este instituto iniciou suas atividades em 1906. Sabe-se que Emilio Ravignani ingressou no *Instituto* em 1912, tendo sido designado para assumir sua direção em 1920, função que

⁶² Pode-se acessar a página do *Instituto Ravignani* através do seguinte link: <http://institutos.filo.uba.ar/ravignani/>.

exerceria até 1946.⁶³ Em 1921, a instituição foi renomeada, passando a se chamar *Instituto de Investigaciones Históricas*.

Ravignani foi, com certeza, um dos mais importantes diretores desta instituição e, durante sua gestão, além da intensa campanha para obtenção de fundos documentais, quer na Argentina, quer fora dela – para a qual contou com a colaboração de historiadores como José Torre Revello –, o Instituto recebeu, também, uma quantidade privilegiada de recursos financeiros do Congresso Nacional e do Ministério das Relações Exteriores. Concomitantemente, sua administração caracterizou-se pela intensa divulgação dos fundos documentais através de seu *Boletín* e de outras publicações. Segundo Devoto e Pagano (2009), o periódico procurava dar conta, principalmente, da atividade historiográfica tanto local quanto internacional e foi considerado um dos símbolos da especialização alcançada pela disciplina histórica na Argentina.

Além dos contatos que Furlong estabeleceu com outros pesquisadores, ao consultar arquivos e bibliotecas argentinos, norte-americanos e europeus, durante o período de sua formação, sua inserção no IIH constitui-se em mais uma evidência dos vínculos que o historiador argentino estabeleceu com seus pares leigos entre os anos de 1913 e 1920. Cabe, lembrar que a Companhia já mantinha vínculos com o IIH, antes mesmo de Furlong tornar-se membro efetivo do Instituto⁶⁴, decorrentes da confluência de interesses no estudo das raízes da cultura e da nação argentinas, que, durante as décadas de 1930 e 1940, eram compreendidas como resultado da matriz civilizatória de origem europeia e católica.

Imolesi (2014, p. 24) lembra, ainda, que existia entre a Companhia de Jesus e o IIH uma confluência metodológica, “[...] que buscaba escribir una ‘nueva historia’ en base a la exhumación y publicación de Fuentes, pero al mismo tiempo criticaban la pretendida neutralidad que la historiografía de matriz positivista tenía frente a los procesos históricos”. Como será possível constatar no próximo capítulo, a opção metodológica de Furlong era muito semelhante àquela adotada nas pesquisas realizadas por membros da NEH – como Ravignani – especialmente, no tratamento dado às fontes.

⁶³ É importante lembrar que Furlong conheceu, efetivamente, a *Sección de Investigaciones Históricas de la Facultad de Buenos Aires*, renomeada, posteriormente, como *Instituto de Investigaciones Históricas*. Foi somente na década de 1970 que o Instituto passou a se chamar *Instituto Ravignani*.

⁶⁴ É interessante notar que não encontramos informações sobre a existência de outros membros ligados à Companhia ou a outras ordens religiosas. Entretanto, se os jesuítas possuíam um vínculo com o IIH que ia além daquele estabelecido por Furlong junto ao mesmo, é possível que tenham havido outros membros da Ordem ligados ao Instituto.

2.3.3. A inserção na *Academia Nacional de la Historia*

Após a inserção no IIIH, Furlong começou a circular entre historiadores leigos e intensificou sua participação em eventos. Além de ser uma forma de divulgação de seus trabalhos, os espaços de sociabilidade que passou a frequentar possibilitaram, não apenas o contato com outros historiadores, mas sua participação efetiva em eventos, como no II Congresso Internacional de Historia de América, realizado em 1937, em Buenos Aires, no qual atuou como relator da seção de História Religiosa.

El Congreso de Historia de América es una institución llamada a promover y relacionar las actividades superiores de Academias e historiadores del Nuevo Mundo. [...] *Su consecuencia inmediata ha sido el intercambio de publicaciones históricas, documentales y bibliográficas, que editan las Academias, Institutos o Juntas de Historia y Universidades, así como también las que realizan los investigadores separadamente.* [...] El Congreso Internacional de Historia de América es también una institución cultural y patriótica para la difusión del saber histórico. *La historia erudita es el laboratorio de trabajo del investigador, pero el historiador moderno está obligado a preparar la síntesis. Esta noción de la síntesis histórica – bandera de escuelas de historiadores en Europa – es la que estamos adoptando en la preparación de la historia de naciones de este Continente.* (LEVENE, 1937, p. 8-9, grifos nossos).⁶⁵

Como se pode constatar, o II Congresso Internacional de Historia de América foi apresentado por Levene (1937) como um espaço de troca entre historiadores vinculados a diferentes instituições e, também, de preparação para a elaboração de uma síntese histórica sobre a América aos moldes dos trabalhos de historiadores europeus.

A *Academia Nacional de la Historia* havia sido criada no ano de 1893, por Bartolomé Mitre, sendo denominada, primeiramente, *Junta de Historia y Numismática Americana*. Em 1938, após diversas mudanças de gestão e, já sob a presidência de Ricardo Levene, a Junta passou a se chamar *Academia*. A *Academia* constituía-se em um importante espaço, não apenas de discussões entre os diferentes intelectuais que a compunham, mas também de difusão do conhecimento historiográfico, através de publicações, assessoramento sobre questões históricas e produção de material didático.

⁶⁵ Levene (1937, p. 8-9, grifos nossos) acrescenta que o II Congresso Internacional de Historia de América “[...] es una institución de orden pedagógico, porque a la luz de la verdad histórica defiende y preserva el patrimonio moral de sentimientos e ideales solidarios de los pueblos hermanos de América.” É interessante notar que, nesta passagem, Ricardo Levene enfatiza o caráter pedagógico do evento, mencionando a preservação do patrimônio moral. Neste sentido, pode-se inferir que grande parte dos trabalhos apresentados tiveram como foco um discurso baseado na moral e na exemplaridade, com o intuito de formar cidadãos para a nação.

Esta vertiente tuvo la peculiaridad de conectar a los historiadores profesionales con un amplio sistema relacional que vinculaba zonas de los poderes públicos con otras de la sociedad civil. Desarrollaba tareas de asesoramiento: nombres e establecimientos educativos, calles, estaciones de ferrocarril, homenajes, recomendaciones; tuvo una considerable injerencia en materia educativa en lo concerniente a la manualística y los contenidos. (DEVOTO; PAGANO, 2009, p. 162).

Note-se que a Academia oferecia um espaço de integração entre historiadores de diversas correntes (tomemos como exemplo as trajetórias de Levene, um historiador acadêmico leigo, e de Furlong, um religioso, que, apesar de participarem da mesma corrente historiográfica, possuíam filiações institucionais diferentes), o que poderia facilitar as discussões – ou acirrar disputas intelectuais – entre os profissionais. Ao mesmo tempo, esta integração possibilitou uma maior divulgação dos trabalhos realizados no âmbito da instituição, já que, segundo os autores acima citados, a ANH oferecia assessoria em uma série de atos públicos e contribuía, também, apoiando a escrita de manuais escolares e a seleção dos conteúdos a serem ensinados. Neste sentido, parece ter havido, efetivamente, por parte da Academia, uma preocupação com a formação da população argentina.

Outra instituição que tinha entre seus objetivos a integração de historiadores, tanto leigos, quanto religiosos, era a *Junta de Historia Eclesiástica*, sobre a qual nos debruçamos a partir de agora.

2.3.4. A *Junta de História Eclesiástica Argentina*

Além do *Instituto de Investigaciones Historicas* e da *Academia Nacional de la Historia*, Furlong passou a integrar, em 1942, a *Junta de História Eclesiástica Argentina*, da qual foi seu primeiro vice-presidente. A história desta instituição se encontra mais bem documentada do que as anteriores, pois, em 2012, Héctor Tanzi pronunciou uma conferência na qual reconstituiu sua trajetória.⁶⁶ Segundo Tanzi, levando-se em conta o interesse pela história da Igreja na Argentina:

[...] faltaba una institución cultural que orientara, ordenara y destacara la proyección histórica de estos estudios. [...] La Junta tenía por misión fundamental el estudio y la difusión de la obra realizada por la Iglesia

⁶⁶ O texto da conferência de Tanzi (2012) sobre a história da JHEA encontra-se disponível no link <http://www.jhea.org.ar/historia.html>.

Católica, asesorar a la Conferencia Episcopal en las consultas que se formularan y cooperar en la conservación y valoración de los monumentos y objetos artísticos religiosos. (TANZI, 2012, s/p.).

É interessante notar que a Junta foi criada por iniciativa eclesiástica, principalmente, do Monsenhor José A. Verdaguer, que propôs a formação da nova instituição à Conferência Episcopal Argentina (TANZI, 2012). Assim como a *Academia* e o *Instituto*, a *Junta* acabou se tornando um importante espaço de divulgação dos trabalhos de Furlong e, também, de sociabilidade intelectual, sobretudo, de contato com outros sacerdotes.

A *Junta de Historia Eclesiastica Argentina* (JHEA), que “tenía por misión fundamental el estudio y la difusión de la obra realizada por la Iglesia Católica, asesorar a la Conferencia Episcopal (...) y cooperar en la conservación y valoración de los monumentos y objetos artísticos religiosos” contou com diversos historiadores leigos⁶⁷ entre seus membros, pois “Como un instituto de este tipo no podía prescindir de los laicos dedicados a la historia de la Iglesia, a poco se incorporaron Adolfo M. Diaz, *Enrique Udaondo*, César B. Pérez Colman, *Mario J. Buschiazzi*, *José Torre Revello* y *Vicente D. Sierra*” (TANZI, 2012, s/p, grifos do autor).⁶⁸

Em 1943, a JHEA cria a revista *Archivum*⁶⁹, que se tornaria a principal publicação da entidade. Divulgada com uma periodicidade semestral, a revista lançou, durante sua existência, 23 edições. De acordo com seu Estatuto, os volumes contavam com a seguinte estrutura:

I. Artículos originales de investigación histórica; II. Documentos inéditos o rarísimos; III. Notas, datos o comentarios breves sobre temas históricos; IV. Valoraciones de libros; V. Bibliografía, sección en que se expone todo lo que ha aparecido sobre historia de la Iglesia argentina tanto de libros, como revistas especializadas o en periódicos; VI. Monumentos religiosos del pasado argentino, ilustraciones y comentarios. Más adelante, se han añadido otro apartado dedicado a Necrológicas y a revistas y libros recibidos. Desde

⁶⁷ Em nenhum momento Tanzi (2012) afirma se o número de religiosos que compunha a JHEA era maior que o de leigos. Entretanto, parece-nos que a instituição foi composta primeiramente por historiadores religiosos, sendo que os leigos foram sendo integrados aos poucos.

⁶⁸ Note-se que historiadores como José Torre Revello, por exemplo, participavam das três instituições aqui mencionadas. Por sua vez, o já citado Udaondo tinha vínculos, também, com a ANH. Neste sentido, percebe-se que havia trânsito, por parte de alguns historiadores, como no caso de Furlong, entre mais de uma instituição leiga.

⁶⁹ Furlong dirigiu a revista *Archivum* entre os anos de 1959 e 1974. Lamentavelmente, ainda são poucos os trabalhos produzidos sobre este periódico argentino, o que aponta para a necessidade de estudos que versem sobre a difusão e a recepção das ideias que este periódico veiculou ao longo de quase seis décadas. Dentre as questões que, com certeza, mereceriam a atenção dos pesquisadores, estão: Qual era a linha editorial da revista? A revista publicava somente artigos de membros da JHEA? Qual era o público leitor da *Archivum*? Qual a importância deste periódico para a divulgação das ideias de Furlong?

el primer momento contó con un detallado índice onomástico. (GRAU, s/d, p. 2).

Nota-se, a partir do Estatuto da revista, que havia, pelo menos, dois espaços dedicados à avaliação e à crítica bibliográfica, o que indica que os membros da JHEA procuravam entrar em contato com diversas obras que versavam sobre a História da Igreja. Entretanto, seria importante saber se as obras resenhadas foram escritas, também, por historiadores que não pertenciam à Junta, o que seria um indicativo da capacidade de recepção de obras que foram escritas por pares que pertenciam a outras instituições de pesquisa. Já a seção VI era dedicada, especialmente, à rememoração de datas especiais a partir de trabalhos que versavam sobre monumentos e ilustrações. Com a posterior inserção de Necrológicos,⁷⁰ podemos ressaltar o caráter também memorialístico que a revista da instituição passou a assumir ao longo do tempo.

2.4. UM ESTUDO SOBRE O CONTEXTO DE PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO DA OBRA: AS COMEMORAÇÕES DO SESQUICENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO DE MAIO (1960)

2.4.1. O sesquicentenário de Maio e a primeira publicação da obra

A análise de uma obra não pode se limitar apenas à reconstituição da trajetória de seu autor, devendo haver, necessariamente, uma aproximação ao contexto de sua produção. Considerando-se que os textos da conferência e da biografia sobre Saavedra foram escritos por ocasião das comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio, ocorridas em 1960, fazemos uma breve caracterização do momento histórico vivido pela Argentina em fins da década de 1950, para, posteriormente, pensar as comemorações em si, passando por sua organização, visando, desta forma, compreender o que os festejos procuraram valorizar e alcançar.

Para tanto, utilizaremos dois textos que tratam especificamente do contexto do sesquicentenário de Maio. O primeiro intitula-se *El sesquicentenario de la Revolución de Mayo*, de María Estela Spinelli (2010), no qual a autora procura fazer um balanço tanto do

⁷⁰ A inserção de uma seção de Necrológicos no índice da revista, bem como a já citada seção VI, podem ter possibilitado o número especial em homenagem a Guillermo Furlong, publicado em 1979, e que, como já dito anteriormente, serve de fonte para a reconstituição da trajetória do jesuíta e historiador argentino.

cenário político, quanto do tom utilizado pela historiografia para rememorar o evento pátrio. O segundo, *El Sesquicentenario de Mayo, la memoria y la acción editorial: Memoria e Historia hacia 1960*, é de autoria de Isabel Paredes (2010) e tem como objetivo realizar, não apenas uma contextualização do período, mas, também, analisar uma das produções historiográficas da época, a *Biblioteca de Mayo*.⁷¹

O final da década de 1950 na Argentina é compreendido pela historiografia mais recente como um período bastante instável sob o ponto de vista político. Com a queda do governo de Perón, os militares acabaram tomando o poder, dando início a um período de transição entre a ditadura e a democracia. Grupos pró e anti Perón⁷² lutavam pelo poder. Em 1958, assumiu o poder o presidente Arturo Frondizi⁷³, momento em que foi desencadeada a organização das comemorações que viriam a ser realizar em 1960.

O novo presidente teve de fazer frente aos problemas provocados pelos diferentes grupos que lutavam por poder na Argentina, como os próprios militares, peronistas e antiperonistas, além de uma grande crise econômica e social. Todavia, as propostas desenvolvimentistas de Frondizi, direcionadas, principalmente para a indústria, motivaram o vislumbre de um futuro otimista por parte da população e o apoio de grupos de intelectuais. Entretanto, medidas posteriores como “la ley que ponía en pie de igualdad a la enseñanza pública y privada, la tardanza en cumplir con los compromisos para levantar la proscripción del peronismo, la represión ejercida ante los reclamos sociales, la inflación” (PAREDES, 2010, s/p), causaram grande descontentamento entre os argentinos. Em meio a esta

⁷¹ Uma das principais iniciativas que se destacam, à época, é uma coleção de obras lançada especificamente para as comemorações do sesquicentenário da Revolução, a *Biblioteca de Mayo*, que se constituía de diversos documentos referentes ao processo revolucionário, dentre eles memórias, autobiografias e textos literários. A coleção contava com uma tiragem de cinco mil exemplares de cada um dos vinte volumes que a compunha e tinha a finalidade didática e de imposição de uma memória, sendo de interesse, geralmente, para professores, alunos e aquelas pessoas interessadas na história de Maio. Entretanto, a Biblioteca de Mayo pode ser considerada como uma “comemoração em papel”, pois o momento vivido pelo país não era favorável. Ao mesmo tempo, apenas uma corrente historiográfica esteve aí contemplada, ao dar destaque a historiadores que seguiam as interpretações de Mitre e da NEH, construindo, assim, uma memória bastante seletiva e que não criticava a história oficial, pois “hay exclusiones, selectividad, elusión de polémicas, omisiones, imposición de una visión única de lo sucedido. La selección estuvo dirigida a aquellos escritos que convalidaban la línea historiográfica de Mitre y de la Nueva Escuela.” (PAREDES, 2010, s/p). Ao mesmo tempo, pode-se pensar a expressão *comemoração em papel* com outro sentido. Como já mencionado acima, grande parte dos eventos organizados para a ocasião do sesquicentenário foram uma iniciativa governamental. Ao mesmo tempo, e talvez por isso, estas comemorações não tiveram o reflexo esperado na população argentina. Segundo Paredes (2010), a insegurança, a situação econômica e a coerção das autoridades para que as pessoas assistissem aos atos públicos fez com que grande parte dos argentinos considerassem o significado de tais comemorações quase nulo. Assim, o termo *comemorações em papel* pode se referir, também, a este sentimento da população em relação aos festejos que, ocorridos em um momento político bastante instável, não mobilizaram a população argentina da maneira como queriam as autoridades.

⁷² Sobre as lutas entre peronismo e antiperonismo ver os trabalhos de Ferrari, Ricci e Spinelli (2007).

⁷³ Sobre o contexto das lutas pelo poder na Argentina no final da década de 1950, ver os trabalhos de Barco et all. (1983) e Torre e Riz (2002).

instabilidade, transcorreram as comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio, através de uma série de atos públicos, desfiles das Forças Armadas, publicações como as que compõem a *Biblioteca de Mayo*. Segundo Spinelli (2010, p. 14-15, grifos nossos), elas funcionaram como uma espécie de pausa para reflexão sobre o passado e o futuro argentinos:

La celebración de los 150 años de la Revolución de Mayo adquirió en la coyuntura de crisis política y social que se atravesaba el carácter de paréntesis,- efímero, pero paréntesis al fin-, en las disputas cotidianas, *una especie de búsqueda del símbolo de la unidad nacional en el rito patriótico, en el homenaje a los antepasados considerados los constructores de la Nación y en la historia compartida. Hubo un marcado respeto por el protocolo y reverencia hacia los valores republicanos en todos los actos públicos*, del mismo modo que el reconocimiento a España como ‘madre patria’.

É importante notar que, no caso do sesquicentenário de Maio, as comemorações foram organizadas pelo governo federal, a partir do decreto de lei nº 14.587, que definiu a criação de uma Comissão Executiva para a organização dos eventos, bem como o financiamento público para os mesmos.

Esta Comisión quedó integrada por personalidades de la ciencia, las letras y la historia. Su presidente era el ministro del Interior, Dr. Alfredo Vítolo y el vicepresidente 1º, el Dr. Roberto Etchepareborda; entre los directores se encontraban el profesor Ricardo Caillet Bois⁷⁴, el doctor Bernardo Houssay⁷⁵ y el doctor Enrique Larreta⁷⁶. (PAREDES, 2010, s/p).

Em seu discurso de abertura das comemorações do sesquicentenário de Maio, Frondizi ressaltou que as festividades tinham a finalidade de fazer com que os argentinos relembassem o passado e seguissem os exemplos de conduta dos próceres da Revolução de Maio, como Saavedra e San Martín. Para o então presidente argentino, “El pensamiento de Mayo se hizo carne en el corazón de todo un pueblo, improvisó sus armas, exigió sacrificios a ricos y pobres y triunfó en praderas, ríos y montañas, muy lejos de esta Plaza Mayor”. Embora todo o povo bonaerense do início do século XIX tenha sido convocado para a luta, alguns homens se destacaram. Estes, por sua vez, teriam, a partir de suas ações e de seus testemunhos, deixado uma lição para a pátria: “Es que Saavedra, Moreno, Belgrano, San Martín y tantos otros

⁷⁴ Historiador argentino, membro da Nueva Escuela Historica e presidente do IIH entre os anos de 1955 e 1973. Uma de suas principais obras é *Ensayo sobre el Río de la Plata y la Revolución Francesa* (1929). Caillet Bois ainda escreveu prólogos e foi revisor de diversas outras obras.

⁷⁵ Houssay (1887-1971) foi médico e, também, fisiologista, ganhador do primeiro Prêmio Nobel da América hispânica, em 1947.

⁷⁶ Larreta (1875-1961) foi um dos escritores expoentes do modernismo na narrativa de ficção. Era, também, professor de História Medieval no *Colegio Nacional de Buenos Aires*.

poseen en su escala humana la dimensión de los héroes. Ganan batallas, organizan estados, publican libros. Ellos son los que responden victoriosamente a la adversidad, los que forjan el estilo y el perfil de la patria”. E esta lição, tão importante, deve guiar o futuro da nação rumo a um ideal comum, o de assegurar o futuro argentino. “La lección de grandeza que nos han legado los hombres de Mayo, sirve para iluminar nuestra senda y templar nuestras voluntades. Sirve también para señalarnos el ideal común, acerca del cual no caben discrepancias: el afianzamiento definitivo de la nacionalidad” (FRONDIZI, 1960, p. 1-2).⁷⁷

A posição assumida por Frondizi, à frente das comemorações do Sesquicentenário, aponta para a tentativa de transformar a Revolução de 1810 em um lugar de memória para a Argentina. Este esforço pode também ser observado do ponto de vista historiográfico, pois segundo Spinelli: “La celebración de estos hitos que se conciben como constitutivos de las sociedades históricamente se han prestado [...] a [...] la evocación respetuosa de un pasado que se enaltece [...]”. Neste sentido, há um esforço para caracterizar a Revolução de Maio como um passado glorioso para a nação, onde “[...] se evoca a Mayo como un pasado limpio y puro, depurado de conflictos, de flaquezas, de traiciones, para hacer, por contraste, el inventario de las frustraciones y las deudas para con ese legado de su presente inmediato” (SPINELLI, 2010, p. 14)⁷⁸, fazendo desta um exemplo a ser seguido no futuro.

Note-se que organizações leigas como a *Academia Nacional de la Historia* e o *Instituto Ravignani* também participaram dos festejos, tanto através do incentivo a publicações e a eventos, como da realização do Terceiro Congresso Internacional de História da América, organizado pela ANH.

Neste sentido, percebe-se que as comemorações do sesquicentenário de Maio foram resultado de uma iniciativa governamental e que envolveram diversos grupos da sociedade, principalmente, organizações como a ANH e o *Instituto Ravignani*.

Por outro lado, há eventos organizados para um público bastante específico. No caso aqui estudado, destaca-se a iniciativa da *Agrupación Celeste y Blanca*, que solicitará a Furlong que pronuncie uma conferência sobre a atuação de Cornelio Saavedra durante a

⁷⁷ Ao evocar os próceres de Maio em seu discurso, Frondizi aponta para o fato de que suas condutas foram exemplares, não apenas para o processo independentista, mas, também, para a configuração daquilo que viria a ser denominado, posteriormente, de nação argentina. Neste sentido, parece indicar que as virtudes observadas nos próceres citados devem ser observadas pelos governantes argentinos para a condução da nação no momento das comemorações do sesquicentenário de Maio.

⁷⁸ É interessante notar que grande parte da historiografia da época ainda se via influenciada pela ideia de que o passado deveria servir de modelo às futuras gerações. Virtudes como moderação, equilíbrio e seriedade eram vistas como fundamentais para a condução de uma nação como a Argentina. Tais questões podem ser observadas, de forma mais aprofundada nos próximos capítulos desta dissertação, quando nos detemos na biografia escrita por Furlong.

Revolução de Maio de 1810. É sobre o convite feito por esta instituição a Furlong que nos debruçaremos a partir de agora. Para compreendermos a inserção da conferência proferida pelo historiador argentino no contexto das comemorações do sesquicentenário de Maio, utilizamo-nos dos pré-textos da obra *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979).

Para subsidiar tal análise, acreditamos que podem contribuir as discussões relativas às práticas de leitura e de escrita, estudadas intensamente pelo historiador francês Roger Chartier. No capítulo intitulado *Textos, impresos, leituras*, que compõe a obra *A história cultural: entre práticas e representações* (2002), o historiador francês chama a atenção para a importância dos elementos pré-textuais (prefácios, advertências, glosas e notas) encontrados em diversas obras do século XVI ao XXI.

Para Chartier, “a leitura é prática criadora, actividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros” (CHARTIER, 2002, p. 123). Entretanto, estes elementos pré-textuais, geralmente elaborados pelos editores dos livros, têm por objetivo impor uma ortodoxia ao texto, forçar uma leitura, uma determinada compreensão acerca da obra por parte do leitor. Neste sentido, a análise que procuramos fazer dos pré-textos da biografia (um prólogo escrito pelos editores e uma seção intitulada *Palabras de presentación* escrita por Atilio Dell’Oro Maini) é norteada pelas reflexões de Chartier (2002), pois pode-se notar que estes acabam por informar ao leitor qual o tipo de texto que irá encontrar e o porquê de sua escrita, direcionando, assim, a leitura da obra.

Logo no primeiro parágrafo destes pré-textos, podemos encontrar informações sobre a data de realização da conferência e sobre os organizadores da mesma.

La simpática entidad, denominada, “Agrupación Celeste y Blanca”, nos pidió que diéramos una conferencia sobre la persona y la actuación de don Cornelio Saavedra, y el día 8 de julio, en uno de los salones de la *Sociedad Científica Argentina*⁷⁹, desarrollamos el tema solicitado, ante numeroso y selectísimo público. Pocas veces como en este caso, este postrer epíteto, tan

⁷⁹ Para esclarecermos as razões, entendemos ser também importante conhecer as duas instituições referidas na Apresentação, a *Agrupación Celeste y Blanca* e a *Sociedad Científica Argentina*. Afinal, quais eram os objetivos de cada uma dessas instituições? Quem as integrava? Havia alguma relação entre as duas, ou a primeira, principal realizadora do evento, apenas utilizou-se do espaço que a segunda dispunha para a realização do evento? Estas são, no nosso entendimento, questões importantes para tornar claros os motivos do convite feito a Furlong. Até o presente estágio da pesquisa, poucas foram as informações encontradas sobre as duas entidades. No caso da *Agrupación Celeste y Blanca*, existem diversas páginas em redes sociais que levam este nome. Todas elas se referem a sindicatos de trabalhadores argentinos. Há, ainda, uma página na Internet (<http://www.celesteyblanca.org.ar/>) intitulada *Celeste y Blanca: Asociación de Estudios Académicos en Ciencias Económicas*. Como esta instituição oferece um canal de contato por e-mail, chegamos a enviar uma mensagem onde indagamos acerca da história da mesma e de uma possível relação com as comemorações do sesquicentenário de Maio. Entretanto, não obtivemos qualquer resposta da instituição.

frecuentemente como rutinariamente empleado, respondió a la realidad, ya que asistieron a dicha conferencia, así numerosos descendientes de don Cornelio Saavedra, como de otros próceres de la Independencia. (FURLONG, 1979, p. 7, grifos no original).

Em relação a este trecho, é importante perceber que, segundo as palavras de Atilio Dell’Oro Maini⁸⁰, responsável pela apresentação do conferencista Guillermo Furlong, a *Agrupación Celeste y Blanca* tinha entre seus membros alguns descendentes de Cornelio Saavedra, o que justifica a realização de uma conferência sobre a trajetória do personagem.

Como já mencionado na *Introdução*, o texto que analisamos é o que foi publicado em formato de livro em 1979, ou seja, quase duas décadas após a realização da conferência e sua primeira publicação em formato de livro. Contudo, no prefácio da obra, os editores informam que o texto lido na conferência teve o seu estilo alterado e a ele foram também acrescentadas passagens de documentos, o que parece explicar a ampliação do número de páginas. Considerando a publicação do texto já em 1960, sabe-se que o próprio Furlong realizou estas intervenções. Para uma comparação entre as versões – a lida e a publicada – seria necessária a consulta ao texto original da conferência, ao qual, infelizmente, não tivemos acesso. É plausível supor que o texto publicado na revista *Estudios* tenha sido o originalmente lido, devido não apenas à sua extensão, mas também pelo tempo provável de duração da conferência que Furlong proferiu.

Considerando-se o contexto de produção e a análise que fizemos dos pré-textos da obra, constata-se que a mesma foi escrita num momento bastante específico, que era de comemoração. Evidência que nos remete à obra intitulada *Nação, mito e rito. Religião civil e comemoracionismo*, do historiador português Fernando Catroga (2005), na qual analisa detidamente três casos – Estados Unidos, França e Portugal – onde as festas pátrias, em muitos casos, tomaram o lugar de festas anteriormente religiosas, secularizando as comemorações.

⁸⁰ Sobre a vida de Dell’Oro Maini, não foram encontradas quaisquer informações além daquelas que aqui estão reproduzidas e que podem ser encontradas na obra estudada. É preciso, também, considerar que a conferência contou com uma espécie de mediador, a quem caberia apresentar o conferencista e fazer uma breve fala introdutória. Segundo informação que consta na obra analisada, “El doctor Atilio Del’Oro Maini, fue el elegido por los organizadores de este homenaje para presentar al orador, y tuvo expresiones de hondo pensar para ellos, como descendientes de varones de tanta prestancia y de tan excelsa gloria en los anales patrios, y tuvo palabras excesivamente halagueñas para el disertante y para su lucubración, cuyo texto le era conocido, u que fue muy de su agrado.” (FURLONG, 1979, p. 7). Entendemos que caberia, ainda, uma investigação sobre as relações entre Guillermo Furlong e Atilio Del’Oro Maini, conferencista e mediador, pois entendemos que elas possam nos ajudar a esclarecer porque participaram deste evento e porque tomaram os lugares de conferencista e apresentador, respectivamente. Eles participavam de alguma das duas organizações ou foram convidados, como no caso de Furlong, pelos motivos mencionados acima? Esta é uma pergunta que precisa ainda ser respondida.

Na França, a “religião civil” teve por marco de início a Revolução Francesa. Símbolos que evocavam o catolicismo, como a própria corte foram banidos dos festejos pátrios, sendo substituídos, aos poucos, por outros marcos, tais como a formação de um panteão de “grandes homens” – ao gosto tanto do positivismo comtiano, quanto do historicismo – que acabavam por servir de exemplo e de meio para a construção de uma memória nacional.

Auguste Comte limitou-se a sistematizar algo a que os próprios revolucionários franceses (e todos os novos Estados-Nação) recorreram. Procurando substituir muitas formas e funções do velho ritualismo religioso, a exaltação do passado, que os ‘grandes homens’ encarnavam, tornou-se um instrumento essencial (assim como a historiografia propriamente dita) para a produção e reprodução de uma nova memória nacional, ilustrada por uma nova hagiografia, e lembrada de acordo com um novo calendário de festas cívicas. (CATROGA, 2005, p. 102).

Situação análoga pode ser encontrada em Portugal, onde, segundo Catroga, até os dias de hoje são construídos monumentos e mausoléus para abrigar restos mortais de nomes importantes da história do país. De acordo com o historiador, na tentativa de substituição de um símbolo religioso, os personagens históricos passam a ser, de certa forma, cultuados, o que faz com que se crie, através da constante rememoração e da exaltação de certas qualidades de seus grandes homens, uma pedagogia que procura incutir à população certa ideia de cidadão, fundada no amor à nação e no sacrifício pela mesma.

No momento histórico vivido pela Argentina no final da década de 1950 e inícios de 1960, as comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio, além de evidenciarem as dificuldades internas enfrentadas pelo país do ponto de vista político e econômico – que fizeram, inclusive, com que a população não participasse como esperado dos festejos –, parecem confirmar a estreita vinculação entre a rememoração da trajetória de um dos principais próceres da nação e a formação de um panteão de grandes homens para a nação. A evocação do exemplo de Saavedra, não apenas através da conferência, mas também da publicação da biografia, pode ter sido percebida como legítima [e até necessária] para que este propósito viesse a ser alcançado.

A biografia intitulada *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979), de Guillermo Furlong SJ, foi escrita no contexto das comemorações do sesquicentenário de Maio. Nele, o papel dos próceres foi valorizado, não apenas pelos historiadores, mas também

por outros setores da sociedade argentina, interessados em transformar a Revolução de Maio em um *lugar de memória* da nação.

Esta seria já uma boa razão para Furlong ter aderido às comemorações, aceitando o convite para proferir a conferência sobre Saavedra. Acreditamos, no entanto, que a motivação para a conferência e a posterior elaboração da biografia de um dos personagens tidos como próceres da pátria não deve ser reduzida à sua simpatia ou adesão a este movimento amplo da sociedade argentina, em uma determinada conjuntura política, econômica e social.

Furlong era, antes de tudo, um jesuíta, condição que o circunscreve a um *lugar social* específico. Em diversos momentos de sua trajetória, e, principalmente, durante sua formação como sacerdote, pôde ter contato com obras de cunho biográfico, dedicando-se, posteriormente, como historiador da Companhia, à escrita de biografias sobre missionários jesuítas.

No próximo capítulo, analisamos o conteúdo da obra, considerando não apenas as motivações contextuais para sua escrita, mas, também, e principalmente, a *operação* e a *escrita* que constituíram o processo de produção de *Cornelio Saavedra: Padre de la Patria Argentina*.

3 FURLONG HISTORIADOR DE LEIGOS: A CONSTITUIÇÃO DE UMA OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Em 1960, Guillermo Furlong publicou, em uma edição especial da revista *Estudios*, alusiva ao sesquicentenário da Revolução de Maio, um texto intitulado *Cornelio Saavedra*. Ao longo das 18 páginas que compõem o texto, o historiador argentino faz aquilo que, de certo modo, pode ser considerado como um esboço do texto publicado em 1979, sob o título *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina*. Se levarmos em consideração que a conferência encomendada pela *Agrupación Celeste y Blanca* foi proferida para descendentes dos líderes revolucionários de Maio e que o texto da revista *Estudios* tem como uma de suas principais características utilizar-se de elementos do gênero biográfico para fazer um elogio ao personagem¹, pode-se pensar na possibilidade de que este seja o texto original da conferência, e que deu origem às publicações em forma de livro de 1960 e 1979, um texto que possui várias alterações em relação à primeira versão.²

Neste capítulo, analisamos mais detidamente estes dois textos, procurando evidenciar como se deu a operação historiográfica de Furlong ao escrever sobre um personagem leigo e, também, responder à questão: como se deu a escrita deste texto? Se consideramos, como Michel de Certeau, que o discurso histórico é composto por um *lugar social* do historiador, o qual, geralmente, está vinculado a instituições ou grupos, o que o condiciona a seguir determinadas regras de análise e publicação; uma *prática*, caracterizada pelo uso que faz dos documentos, desde sua seleção, até sua leitura e sua crítica, sendo esta existente ou não; uma *escrita*, ou seja, a composição de um determinado tipo de texto que estará vinculado ao *lugar social* e à *prática historiográfica*, pretende-se aqui estudar como se deu sua prática, uma vez que sua principal fonte foi a obra *Memória autógrafa* ([1829] 2009), e se tais procedimentos influíram em sua escrita. A partir desta operação, procuramos definir qual tipo de biografia foi escrita por Furlong, procurando perceber quais os aspectos que o historiador argentino mais ressaltou em seu texto.

Propomo-nos a, em um primeiro momento, analisar tanto a figura de Cornelio Saavedra e sua atuação durante a Revolução de Maio, quanto as principais interpretações

¹ Deve-se sempre levar em consideração que o texto *Cornelio Saavedra* não se constitui em uma biografia, mas, sim, de um discurso, de um elogio público ao prócer. O autor utiliza-se de elementos do gênero biográfico, como uma breve reconstituição das principais façanhas de Saavedra e, como ficará evidente no decorrer deste capítulo, ancorando-se no uso de fontes para corroborar seus juízos de valor em relação à pessoa do prócer.

² Cabe mencionar, aqui, que não podemos afirmar, com certeza, de que este seja realmente o texto original da conferência proferida por Furlong. Chama-nos a atenção, entretanto, a semelhança na estrutura dos textos e dos argumentos trazidos o que faz com que consideremos viável a comparação entre ambos.

historiográficas sobre o tema. Procuramos, também, fazer uma breve relação dos trabalhos publicados sobre a trajetória de Saavedra, antes da elaboração da conferência e da biografia por Furlong. Em um segundo momento, além de descrever os aspectos fundamentais da principal fonte utilizada por Furlong para a construção de seus textos - as *Memorias* (1829) - escritas por Saavedra, destacamos o lugar de produção da obra, ou seja, não apenas o autor em si, mas, também, a época em que foi escrito, a sociedade, a instituição, o lugar teórico desta e do autor, a posição social, as sobreposições de contextos de escrita e de publicação e, ainda, as motivações.

Para estabelecer a *operação historiográfica* propriamente dita, refletimos sobre como Furlong se apropria do referencial metodológico da *Nueva Escuela Histórica* para a produção da biografia sobre Saavedra. Afinal, qual a preocupação que Furlong teve em relação à autoria dos documentos por ele consultados ou transcritos para a elaboração desta obra? Ele realizou alguma espécie de crítica documental? Qual a metodologia por ele utilizada?

Por fim, para compreender a escrita de Furlong, desenvolvemos um argumento que será dividido em duas partes, ou seja, em dois “desdobramentos” da escrita: a) a importância que a Companhia de Jesus dá à escrita, bem como a formação recebida pelos seus membros, que privilegia disciplinas relacionadas ao uso da retórica e da oratória; b) uma análise comparativa entre os diferentes textos que Furlong publicou sobre Saavedra, isto é, a conferência e os livros de 1960 e 1979, procurando estabelecer quais os principais argumentos utilizados pelo historiador argentino e o uso que ele faz do gênero biográfico.

3.1. CORNELIO SAAVEDRA E SUA ATUAÇÃO NA REVOLUÇÃO DE MAIO

As causas da Revolução de Maio de 1810 e, conseqüentemente, do processo independentista que dela se originou na região do Rio da Prata têm ocupado a atenção de historiadores como Halperín Donghi (1975), Lynch (1991), Fradkín & Garavaglia (2009) e Gault vel Hartman (2010), que concordam que as reformas borbônicas³, juntamente com a

³ Conjunto de medidas imposto pela metrópole no reinado de Carlos III (1759-1788) que tinham por objetivo estabelecer um maior controle sobre as colônias. Dentre elas cabe destacar a criação do Vice-reino do Rio da Prata em 1776, bem como o Regulamento de Livre Comércio entre Espanha e as Índias de 1778, a instalação de burocratas de origem espanhola e sem vínculos com as elites locais e uma maior centralização da administração partir da criação de intendências. Enquanto Fradkín & Garavaglia (2009, p. 177) consideram que “las innovaciones no fueran parte de un plan previamente elaborado, sino que se fueran definiendo a través de iniciativas que tuvieron ritmos desiguales y muy disímil capacidad de ejecución”, Lynch (1991, p. 6, grifos

situação da metrópole, a partir, especialmente, do ano de 1795⁴, contribuíram para a dissolução do Império espanhol na América.

Dentre os referidos, Halperín Donghi, na obra intitulada *Revolução e Guerra: formação de uma elite dirigente na Argentina Criolla* (2015), afirma que é necessário não apenas compreender o momento vivido pela Espanha no período que antecede a Revolução, mas, também, olhar mais de perto para o território do Vice-reino do Rio da Prata. No final do século XVIII, o Vice-reino pode ser dividido em duas grandes regiões, o Interior e o Litoral, que, apesar de comporem o mesmo núcleo governativo, apresentavam grandes diferenças. O Interior “se estende a leste dos Andes, da meseta alto-peruana até o ponto onde os contrafortes meridionais e orientais das serras pampianas se perdem na planície” (HALPERÍN DONGHI, 2015, p. 18). Formado por áreas não muito férteis, abrangia regiões tão distintas como Potosi, Tucumán e Terra do Fogo, constituindo-se em território nada homogêneo. Parte de sua importância econômica se dava a partir das rotas comerciais e de escoamento da Prata de Potosi que atravessavam essas regiões e ligavam os diferentes confins do Vice-reino. A criação de mulas para a região andina e atividades como a tecelagem de tecidos simples, desenvolvida no âmbito doméstico auxiliavam na manutenção do Interior.

Por outro lado, o Litoral, embora não fosse mais homogêneo, viu crescer sua importância ao longo das décadas que separavam a criação do Vice-reino e a Revolução de Maio. Buenos Aires, além de contar com o principal porto para o escoamento dos metais preciosos de Potosi, era também centro comercial e burocrático da região do Rio da Prata. Para fora de seus limites, a pecuária se destacava como uma das principais atividades econômicas da região. Por sua condição de “principal centro de comércio ultramarino para o extremo sul do império espanhol” (HALPERÍN DONGHI, 2015, p. 47), Buenos Aires desfrutava também de notável crescimento devido à influência crescente dos comerciantes na vida social e política do porto.

meus) argumenta que “La política borbónica alteró la relación existente entre los principales grupos de poder. La propia administración fue la primera en perturbar el equilibrio. El *absolutismo ilustrado* fortaleció la posición del Estado a expensas del sector privado y terminó por deshacerse de la clase dominante local. *Los Borbones revisaron detenidamente el gobierno imperial, centralizaron el control y modernizaron la burocracia; se crearon nuevos virreinos y otras unidades administrativas; se designaron nuevos funcionarios, los intendentes, y se introdujeron nuevos métodos de gobierno. Éstos consistían en parte en planes administrativos y fiscales, que implicaban al tiempo una supervisión más estrecha de la población americana.*”. Neste sentido, Lynch (1991) concorda com Halperín Donghi (1975), afirmando que as reformas tinham por objetivo modernizar o império e tornar a administração das colônias mais eficiente, embora não tenham apresentado o resultado esperado.

⁴ No ano de 1794, a Espanha firmou acordo com a França. A partir de 1795, as guerras com a Inglaterra bem como o avanço napoleônico na península Ibérica farão com que a Espanha, além de perder sua frota naval, fique cada vez mais distante de suas colônias.

As guerras na Europa – iniciadas no final do século XVIII – abrem espaço a novas oportunidades para os habitantes da cidade, tanto *criollos*, quanto espanhóis e estrangeiros. Diversos comerciantes ingleses passaram a circular pela região, trazendo consigo, também, mercadorias vendidas a preços que faziam concorrência com aqueles praticados no mercado rio-platense. Alguns pensadores ilustrados da época, como Mariano Moreno e Manuel Belgrano, que, posteriormente, se tornarão líderes do processo revolucionário, já haviam salientado a importância de Buenos Aires como centro comercial. Por conta do agravamento dos conflitos europeus, estes ilustrados nem sempre consideraram este o momento ideal para uma ruptura com a Espanha, chegando a propor que haveria outra saída para a crise. Independentemente destas ponderações, o poder espanhol no Rio da Prata passou a desagregar-se muito rapidamente, não por questões econômicas, mas, sim, políticas.

A situação se agravou quando, em junho de 1806, iniciaram-se as invasões inglesas ao Rio da Prata. Buenos Aires tornou-se um bom alvo para a Inglaterra – que via a Espanha enfraquecida com a invasão napoleônica e procurava novos mercados para escoar sua grande produção manufatureira –, pois toda a prata de Potosi era escoada a partir deste porto (MARTÍNEZ BAEZA, 2010). Com a tomada de Buenos Aires pelos ingleses e a fuga do Vice-rei Rafael Sobremonte (1745-1827) para Montevideú, a Audiência, o Consulado e o Bispado acordaram a rendição da cidade com os invasores, entregando a eles o botim de guerra. A partir daí, iniciam-se as tentativas de resistência, que são, finalmente, executadas sob o comando de Santiago de Liniers, oficial francês que atuava junto à Armada Real espanhola, o qual se dirigiu à Banda Oriental para organizar uma força – que contou com cerca de 500 soldados e 400 milicianos. Este pequeno exército marchou até Buenos Aires, recrutando, pelo caminho, cerca de 3000 homens e vencendo as tropas inglesas (FRADKÍN; GARAVAGLIA, 2009).

Com a retomada da cidade, Buenos Aires assistiu a uma situação nova em sua história. Em primeiro lugar, exigiu-se a deposição do Vice-rei em um *Cabildo abierto*⁵, decisão acatada pelo governo espanhol, que nomeou Liniers para o cargo de Vice-rei. Em segundo lugar, a formação de milícias por parte de Liniers para a defesa de Buenos Aires modificou a questão da hierarquia social na região, já que plebeus viram suas atuações reconhecidas, recebendo

⁵ Cerveira (2014) aponta que era comum, durante o período colonial, que, durante revoltas contra disposições da Coroa, fossem convocados Cabildos Abertos, para os quais os homens com maiores rendas e/ou prestígio político eram convocados a discutir e votar as soluções propostas pelos colonos. O autor aponta que as decisões destes Cabildos Abertos eram acatadas pelo governo espanhol. É interessante notar, ainda, que o Cabildo, por ser um órgão que não dependia da Coroa espanhola, já que os seus membros eram escolhidos entre os principais habitantes da cidade, exercia um poder considerado legítimo, mesmo na vacância do trono.

cargos⁶ e, inclusive, indivíduos que já gozavam de algum prestígio social, por ocuparem postos na administração municipal, receberam patentes militares. Um exemplo a ser citado aqui é o de Cornelio Saavedra, que nasceu em 1761 e após cursar seus estudos no Colegio de San Carlos, em Buenos Aires, foi *regidor*⁷ da administração colonial. A família de Saavedra já era bastante conhecida no território portenho. Segundo Halperín Donghi (2015), o pai do líder de Maio já tinha atuado em cargos públicos. Em 1801, foi nomeado *alcalde*⁸ e, em 1805, administrador de grãos. Iniciou sua carreira militar durante as invasões inglesas ao Rio da Prata, tendo sido eleito pelos milicianos do Corpo de Patricios como seu comandante e participando da recuperação de Buenos Aires em 1807. Saavedra ofereceu apoio a Liniers em diversos momentos, como na ocasião do movimento de janeiro de 1809, que propunha a deposição do Vice-rei em consequência de denúncias de corrupção.

O descontentamento das elites bonaerenses⁹ aumentou à medida que se agravava a situação espanhola. Na Europa, na tentativa de manter um poder cuja legitimidade fosse reconhecida na Espanha, criou-se a Junta Central de Governo de Sevilha, devido à abdicação de Fernando VII em favor de seu pai, o monarca Carlos IV, em uma intriga palaciana. Tal situação fez com que Napoleão Bonaparte obrigasse Carlos IV a abdicar em favor de José Bonaparte, irmão do imperador francês. Esta Junta Central foi transferida para Cádiz, em 1809, quando da queda de Sevilha. No mesmo ano, no Rio da Prata, um levante fez com que a Junta – ainda estabelecida em Sevilha – nomeasse para o cargo Baltasar Hidalgo de Cisneros¹⁰.

Entretanto, Cisneros governou o Rio da Prata por menos de um ano. Ao receber a notícia de que a Espanha havia caído nas mãos do exército francês, os colonos bonaerenses

⁶É interessante notar, ainda, que as milícias passaram a funcionar como modo de subsistência para muitos de seus membros dos estamentos menos abastados, já que, em 1807, “se decidió que la mayor parte de los milicianos recibiera una remuneración mensual” (FRADKÍN; GARAVAGLIA, 2009, p. 203). Além disso, os corpos milicianos estavam organizados según arma y región de origen. El más grande fue el *Cuerpo de Patricios*, formado por voluntarios de infantería nacidos en Buenos Aires, que constituyeron tres batallones. Cada batallón podía elegir a sus propios jefes, incluso a su comandante, y el *Cuerpo de Patricios* eligió a [Cornelio] Saavedra. (JIMÉNEZ CALLE, 2009, p. 10, grifos meus). Chama a atenção, aqui, o fato de que a autonomia dada às milícias de escolherem seus comandantes introduz um novo equilíbrio de poder em Buenos Aires, alçando a cargos mais altos indivíduos que antes detinham funções de menor importância na burocracia imperial.

⁷ Os *regidores* se ocupavam de diversos aspectos da vida pública, como a limpeza das ruas, obras, administração das prisões, controle do abastecimento e dos preços nos mercados, bem como da arrecadação de impostos municipais.

⁸ Os *alcaldes* eram encarregados da administração da justiça de primeira instância.

⁹ Referimo-nos aqui, mais especificamente, aos espanhóis e aos *criollos*, que, em razão de seus altos rendimentos e/ou influência política, podiam ser considerados como ponto de apoio para uma revolução.

¹⁰ Baltasar Hidalgo de Cisneros (1775-1829): Marino y político español. Luchó en Trafalgar y formó parte de la Junta Central. Fue el último virrey de Río de la Plata (1809-1810), donde intentó, sin éxito, atraerse a los criollos (amnistía, cambios en los impuestos y en la política comercial). (RUIZA, 2013, s/p).

exigiram ao Vice-rei um *Cabildo Abierto* com o objetivo de discutir as decisões a serem tomadas a partir de então. Segundo Jiménez Calle (2009), as sessões do Cabildo Abierto ocorreram entre os dias 22 e 25 de maio. No primeiro dia, discutiram-se as diversas opiniões manifestas dos mais diferentes grupos. Cabe ressaltar aqui que, além da opção de formar uma Junta de Governo, os colonos poderiam optar por uma regência encabeçada pela infanta Carlota Joaquina, irmã de Fernando VII e esposa do príncipe português, desde o Rio de Janeiro, então a sede da corte portuguesa. Esta alternativa, embora tenha sido celebrada por alguns dos revolucionários de início, foi, posteriormente, rechaçada.

Ao tomar a palavra durante as discussões, Saavedra propôs que o Cabildo detivesse o poder até a formação de uma Junta, opinião que foi aceita pela maioria dos presentes. A sessão do Cabildo transcorreu até a madrugada do dia 23 de maio. No dia 24, foi apresentada uma proposta para a formação da Junta que tinha como presidente o Vice-rei Cisneros. Embora a proposta tenha sido aceita num primeiro momento, na noite do mesmo dia Saavedra e Castelli, então membros dessa primeira formação da Junta, apresentaram suas renúncias, exigindo a total deposição do Vice-rei e a formação de um novo corpo governativo sem a presença do mesmo. Neste sentido, no dia 25 de maio apresentou-se uma nova formação para a Junta, que tinha como presidente Cornelio Saavedra.¹¹

Embora este tenha sido apenas o início do processo independentista no Rio da Prata – que terá, ainda, um longo caminho até a efetiva independência das antigas colônias – o período compreendido entre os dias 22 e 25 de maio de 1810 é considerado o momento fundante da nação por uma linha de interpretação histórica denominada por seus críticos como historiografia liberal ou *Linha Mayo-Caseros*. Segundo Cabrera (s/d) e Galasso (2006), historiadores como Bartolomé Mitre, Vicente Fidel López e Ricardo Levene foram alguns dos divulgadores desta historiografia, que se apóia na ideia de que o pensamento liberal nascido em Maio teria vencido a tirania e conseguido estabelecer uma “ordem legislativa inteligente”,

¹¹ A Junta composta no dia 24 de maio tinha como presidente Cisneros e quatro *vocales*, sendo dois espanhóis e dois *criollos*, Castelli e Saavedra. Entretanto, pretendia-se, segundo autores como Jiménez Calle (2009), Fradkín e Garavaglia (2009) e Halperín Donghi (1975), a deposição do vice-rei e a criação de um governo autônomo, que se legitimaria através do Cabildo. A partir disto, na noite do dia em que esta Junta foi formada, Castelli e Saavedra, após uma reunião com seus partidários e num rápido golpe ao governo de Cisneros, renunciaram a seus cargos. Neste sentido, “El 25 de mayo, a pesar de la enérgica resistencia del síndico Julián de Leyva, el cabildo fue forzado a aceptar una nueva lista, formada por un acuerdo entre partidarios de Saavedra, Belgrano y Álzaga, en que cada secto aportaba tres miembros. Cornelio Saavedra fue nombrado presidente de la llamada *Junta de Gobierno para la Reafirmación de los Derechos Soberanos del Rey Fernando VII*. Fue más un *mediador* que un impulsor de políticas revolucionarias, como lo fueron Juan José Castelli y Mariano Moreno” (JIMÉNEZ CALLE, 2009, p. 14, grifos nossos). O principal ponto de apoio, principalmente de Saavedra, foi formado pelas milícias, com ênfase no Regimiento de Patricios, que, constituído por homens nascidos em Buenos Aires, é considerado, pelos historiadores já citados, o mais importante e mais atuante corpo miliciano do período.

na qual estariam evidenciados o conceito de justiça e felicidade que se tornariam uma perspectiva para a nação (GÓMEZ apud ROSCIANI, s/d, p. 7). Para Mitre, por exemplo, mesmo antes do processo revolucionário, a população da região do Rio da Prata se encontrava unida do ponto de vista cultural e identitário, percepção que é discutida por Souto e Wasserman (2008, p. 83, grifos nossos):

En los años 30 del siglo XIX el romanticismo elaboró el *principio de las nacionalidades, según el cual una comunidad identificada con determinados rasgos étnicos tenía derecho a constituirse en Estado independiente*. [...] ligó indisolublemente el concepto de nación al de nacionalidad [...]. En Hispanoamérica, esa asociación generó una serie de presupuestos que motivaron, *desde finales del siglo XIX, interpretaciones erróneas de los procesos de independencia al afirmar, por una parte, la preexistencia de nacionalidades que se habrían ido conformando durante el dominio español y por otra, el papel protagónico de las nuevas naciones en aquellos movimientos*.

Segundo alguns críticos – dentre eles, podemos citar Chiaramonte (1993), Pimenta (2006) e o próprio Halperín Donghi (2015) –, historiadores como Mitre ignoravam o fato de que a nação não nasceu com a Revolução, mas foi construída ao longo de várias décadas de guerras e disputas, tanto internas, quanto externas. Para Chiaramonte (1993, p. 49) “según un punto de vista generalizado en la historiografía latinoamericana, los proyectos de nuevos estados nacionales que se difundieron con la independencia implicaban la previa existencia de nacionalidades; esto es, de comunidades conscientes de poseer una identidad nacional”.

Cabe citar, ainda, que muitos críticos apontam que a Revolução de Maio foi importante apenas para o território bonaerense, não tendo tão grande repercussão no interior do Vice-reino. Este, inclusive, foi um dos pontos de divergência entre Cornelio Saavedra e outro líder de Maio, Mariano Moreno¹². Segundo Fradkín e Garavaglia (2009, p. 226), no contexto incerto de 1810, logo emergiram duas tendências políticas que competiam entre si. Uma delas era encabeçada por Saavedra, e assumia um rumo moderado; a outra, liderada por Moreno, procurava imprimir uma orientação mais radical à Primeira Junta. Além das diferentes bases de sustentação, tais diferenças também representavam as trajetórias distintas dos dois personagens.

¹² Político argentino formado em Direito pela Universidade de Charcas, e que teve seu pensamento bastante influenciado por ideias ilustradas. Em 1805, assumiu cargos na Audiência e no Cabildo de Buenos Aires. Eleito secretário da Primeira Junta, exprimiu sua concepção de governo para a nova nação em sua obra intitulada *Plan de Operaciones* (sem data de publicação). Faleceu em 1811, durante uma viagem à Grã-Bretanha, onde atuaria como embaixador.

Enquanto Saavedra fez carreira através de sua atuação militar como comandante miliciano durante os conflitos que antecederam Maio de 1810, Mariano Moreno era um dos principais pensadores ilustrados da região do Rio da Prata e deixou diversos escritos, dentre eles, a *Representación de los Hacendados* (1809), no qual condensa parte dos ideais políticos dos diversos grupos que lutavam pelo poder no período. É interessante notar que na historiografia mais atual sobre a temática da Revolução de Maio, autores como Gault vel Hartmann (2010) e Lynch (1991) atribuem grande protagonismo a Moreno no período revolucionário – e, inclusive, no caso de Gault vel Hartmann (2010), o autor chega ao ponto de exaltá-lo e considerá-lo como o principal personagem de todo o processo. Os dois líderes tinham, cada um, apoio de determinadas parcelas dos revolucionários. Embora Moreno tenha sido eleito secretário da Primeira Junta de Governo, as disputas políticas entre o pensador e Saavedra fizeram com que o primeiro fosse destituído de seu cargo, sendo enviado como diplomata à Inglaterra sendo que, durante a viagem, faleceu precocemente.

No caso de Saavedra, este se apoiava nos comandantes dos corpos milicianos; já Moreno era porta-voz de um grupo de letrados. Vale lembrar que era entre milicianos e letrados que se recrutava a elite política em formação, e que a principal divergência política entre os grupos se dava em torno de uma possível supremacia de Buenos Aires em relação às outras províncias da região. Segundo Gault vel Hartman (2010), enquanto Saavedra propunha uma solução federalista para a questão, os partidários de Moreno defendiam a submissão das províncias do interior ao governo da capital portenha.¹³

Apesar do destaque dado pela historiografia a estas divergências políticas entre Saavedra e Moreno, o primeiro é considerado um dos “pais da pátria”, tanto por sua importância como chefe miliciano, quanto por ter exercido o cargo de presidente da primeira Junta. Retirado do poder por seus opositores em 1811, exilou-se, retornando à capital argentina apenas em 1818, quando teve repostos seu cargo e também honrarias. Aliado novamente do poder em 1820, se exilou em Montevideú. Redigiu suas *Memorias* em 1829, ano de seu falecimento.

Antes de iniciarmos a próxima seção deste capítulo, que se dedicará, mais especificamente, a analisar a principal fonte utilizada por Furlong para biografar Saavedra, as *Memórias* (1829), acreditamos ser importante, ainda, fazer uma breve exposição e avaliação da historiografia sobre o personagem produzida antes dos estudos que Furlong fez sobre

¹³ É interessante notar que logo após a Revolução de Maio, a Junta solicitou às províncias que elessem deputados que, posteriormente, seriam incorporados ao governo central de Buenos Aires. Entretanto, dada a questão que envolvia a supremacia de Buenos Aires, havia disputas entre os partidários de Saavedra e de Moreno em relação à incorporação – ou não – dos deputados eleitos pelas outras cidades rioplatenses à Junta de Governo.

Saavedra. Como citado anteriormente, parte dos historiadores que se dedicam à temática da Revolução de Maio acabam por dar destaque ao pensamento de Mariano Moreno, o que pode ser explicado se considerarmos as referências constantes¹⁴ destes autores às ideias da Ilustração e à própria Revolução Francesa. Ao mesmo tempo, logo na abertura do texto da biografia sobre Saavedra publicado em 1979, Furlong faz o seguinte comentário:

Recientemente ha escrito el doctor Ricardo Zorraquín Becú, no sin algún exceso de optimismo, que *'ciento treinta años después de su muerte, la figura egregia y rectora de don Cornelio ha alcanzado por fin, la consagración póstuma que merecía'*. Así es, pero sólo entre los historiadores serios y con sentido de responsabilidad, ya que *la turba de los que escriben sobre temas históricos extienden sobre esa máxima figura de Mayo, el innoble manto de la preterición, cuando no el sambenito de la detracción*. Debido primordialmente a la deficiente enseñanza que se imparte en las escuelas y colegios del país, nuestro pueblo ama a Belgrano, ama a San Martín, pero no ama a Saavedra. (FURLONG, 1979, p. 16, grifos nossos).

Não queremos aqui, obviamente, tomar como verdadeiras as opiniões de Furlong. Nos interessa, entretanto, realizar uma espécie de mapeamento dos trabalhos anteriores ao do jesuíta argentino, a fim de compreender a quais textos o historiador argentino poderia ter tido acesso quando da escrita da biografia de Saavedra. No texto publicado na revista *Estudios*, em 1960, não consta qualquer bibliografia. Neste sentido, podemos realizar tal investigação através da seção intitulada *Bibliografía* (páginas 139-150) da obra de 1979, onde Furlong traz citados os principais textos consultados para a elaboração da biografia. Os autores, títulos e anos de publicação dos trabalhos podem ser encontrados na tabela abaixo.

Tabela 1: Lista de autores e obras citados por Furlong no texto de 1979

AUTOR	TÍTULO	ANO
Anônimo	Comentario a las Memorias Póstumas	1960
	Ensayo sobre la catalogación de medallas del Brigadier don Cornelio de Saavedra	1960

¹⁴ Podemos, aqui, citar o exemplo de Gaut vel Hartman (2010). Embora o título de sua obra seja *Bicentenario 1810-2010. Pensamientos que hicieron la patria. Mariano Moreno, Manuel Belgrano, Cornelio Saavedra, Bartolomé Mitre, Domingo Faustino Sarmiento, Juan Bautista Alberdi*, é interessante notar que o autor dedica todo um capítulo de sua obra para analisar apenas a trajetória de Mariano Moreno, dando menor ênfase às trajetórias de outros próceres. Além disso, o autor atribui claramente a inspiração da Revolução de Maio à Ilustração, como na seguinte passagem: “Influidos por la Ilustración, ese movimiento cultural europeo que afirmaba la posibilidad de construir un mundo mejor a partir de la razón humana, lo que necesariamente debería poder erradicar la ignorancia y la tiranía, algunos dirigentes de los primeros días de la patria sostenían la idea de que debía formarse un Estado unificado” (GAUT VEL HARTMAN, 2010, p. 15).

	Homenaje en el Bicentenario del nacimiento de Saavedra	1960
Astolfi, José Carlos	Cornelio Saavedra. Centenario de su nacimiento	1955
Berutti, J. M.	Memoria Curiosa	1960
Borquez, Juan Carlos	De Saavedra a O'Higgins. Carta del 9 de diciembre d 1818	1916
Cánter, Juan	Una carta justificativa de Cornelio Saavedra	1943
Carranza, Adolfo P.	Brigadier Cornelio de Saavedra	1909
Correa Luna, Carlos	Cornelio de Saavedra en el centenario de su muerte: vida ejemplar del primer gobernante argentino	1929
	Don Cornelio de Saavedra y su influencia política hasta 1823. La ingratitud de la posteridad	1916
	La personalidad de Cornelio Saavedra	1929
Díaz Bialet, Alberto	Mayo y Saavedra	1958
Etchepareborda, Roberto	Instrucciones de Don Cornelio Saavedra a su apoderado en el juicio de Residencia del 3 de agosto de 1814	1960
Fernández, Juan Rómulo	Saavedra. Biografía escrita por encargo de la Comisión Nacional de Homenaje al Prócer	1929
Fitte, Ernesto	Dignificación de Mayo y el encono de un Comodoro Inglés	1960
Gelly y Obes, Carlos María	Cornelio Saavedra en el bicentenario de su nacimiento	1959
	El ostracismo de Saavedra	1960
	Crónica Histórica del Museo Saavedra	1960
	Cornelio de Saavedra y su decisión de Mayo	1960
Guerra, Mariano A.	Apelación de Saavedra al Congreso de Tucumán	1944
Lafuente Machain, Ricardo de	Saavedra en Buenos Aires durante la colonia	1923
Lamas, Andrés	Carta del general Doumoriez a D. Cornelio de Saavedra, presidente de la Junta de 1810; contiene muy importantes juicios sobre nuestra revolución; juicio sobre la figura de don Manuel Padilla	1849
Mangudo Escalada, Ernesto	Ecos de los funerales de don Cornelio de Saavedra	1830/1

		960
Marfany, Roberto	Vísperas de Mayo	1960
Mitre, Bartolomé	Saavedra	1882/1960
Molina, Raúl A.	El testamento ológrafo de don Cornelio Saavedra	1960
	Iconografía y Generarquia de Saavedra	1960
	Una carta de Saavedra sobre la Revolución de Mayo	1960
Olabarrieta, Ramón	Oración fúnebre del Brigadier General y Primer Presidente de las Provincias Unidas del Río de la Plata, don Cornelio Saavedra, dijo el 13 de enero de 1830 en la Iglesia de Nuestra Señora de las Mercedes, el doctor don Cura Vicario del partido de Lobos	1830/1960
Ordóñez, Manuel V.	Cornelio de Saavedra	1960
Peña, David	Saavedra en el destierro	1911
Ruiz Guiñazú, Enrique	El Presidente Saavedra y el Pueblo Soberano de 1810	1960
Zimmermann Saavedra, A.	Don Cornelio Saavedra	1909
Zorraquín Becú, Ricardo	Cornelio de Saavedra	1960

Como evidencia a tabela, além das fontes (cartas e outros documentos) de autoria do próprio Saavedra e que se encontram referenciados à parte, Furlong se utilizou de 34 trabalhos – entre livros, artigos e transcrições de documentos publicados em periódicos – para a escrita da biografia intitulada *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979), embora nem todos se encontrem citados ao longo do texto, tendo servido, assim, para consulta. Se nos detivermos na coluna “Ano”, perceberemos que mais da metade, ou seja, 19 trabalhos foram publicados em 1960. Dentre eles, o livro de J. M. Beruti, intitulado *Memoria Curiosa* (1960), faz parte da *Biblioteca de Mayo*, à qual nos referimos ainda no primeiro capítulo deste trabalho.

O que nos chama mais a atenção é o fato de que, destes 19 textos publicados em 1960, quatorze deles (assinalados em negrito na tabela) fazem parte da edição de número 18, ano V, da revista *Historia*¹⁵ que publicou uma edição especial em comemoração ao sesquicentenário

¹⁵ Em recente visita à sede da *Academia Nacional de la Historia Argentina*, em Buenos Aires, tivemos a oportunidade de tomar contato com esta edição da revista *História*. Nossa intenção era encontrar maiores informações sobre os textos que a compõem, no sentido de qualificar a análise aqui iniciada. Entretanto, a folha de rosto da edição informa apenas que esta foi publicada em razão das comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio, não havendo qualquer outro texto que trouxesse maiores esclarecimentos sobre o assunto.

de Maio. Tais textos somam mais de um terço de todos os citados e têm publicação muito recente em relação à escrita tanto do texto da conferência, quanto da biografia sobre o personagem. Embora não possamos afirmar o quanto eles foram utilizados na escrita da versão de 1960 da biografia sobre Saavedra, fica evidente que boa parte dos trabalhos que versam sobre a trajetória do personagem foi publicada por ocasião das comemorações do Sesquicentenário de Maio.

Após termos esclarecido o papel de Saavedra durante a Revolução de Maio, apontado a principal tendência historiográfica sobre os acontecimentos, juntamente com as principais críticas que ela recebeu nas últimas décadas, por historiadores como Chiaramonte (1993), Pimenta (2006) e Halperín Donghi (2015), e analisado algumas pistas em relação à historiografia produzida sobre o personagem, propomo-nos, agora, a identificar as principais características da fonte utilizada por Furlong, as *Memórias* ([1829] 2009), a fim de compreender, posteriormente, sua utilização na escrita do texto.

3.2. AS FONTES UTILIZADAS: SAAVEDRA E A ESCRITA DE SUAS MEMORIAS (1829)

A utilização das técnicas atuais de informação leva o historiador a separar aquilo que, em seu trabalho, até hoje esteve ligado: a construção de objetos de pesquisa e, portanto, das unidades de compreensão; a acumulação dos “dados” (informação secundária, ou material refinado) e sua arrumação em lugares onde possam ser classificados e deslocados; a exploração é viabilizada através das diversas operações de que esse material é suscetível.

Michel de Certeau – A escrita da História

Uma das principais premissas do trabalho historiográfico é a crítica à fonte escolhida pelo profissional historiador.¹⁶ Para tanto, além de aspectos como autenticidade do

¹⁶ Para Certeau (2011, p. 73), “[...] não se pode chamar de “pesquisa” o estudo que “se atêm” aos limites propostos pela série H dos Arquivos e que, portanto, não define um *campo* objetivo próprio. Um trabalho é “científico” quando opera uma *redistribuição do espaço* e consiste, primordialmente, em *se dar* um lugar, pelo

documento, data em que foi produzido e outras especificidades formais, ou seja, a identificação do *lugar de produção*¹⁷ da fonte histórica, deve-se estar atento ao contexto no qual esta foi produzida, dado o fato de que todo texto possui, segundo Chartier (2002) um *emissor*¹⁸ (que produz o texto), um *objeto* (a mensagem a ser transmitida) e um *receptor* (aquele a quem a mensagem se destina). Neste sentido, nota-se que, ao escrever determinado texto, o autor possui certa intencionalidade na escrita de sua mensagem, já que o *objeto* tem um fim predefinido. Seja um documento oficial, seja uma carta bastante pessoal, dirigida a um familiar, o texto é escrito a fim de passar uma mensagem predefinida por seu *emissor*, e que deve ser compreendida pelo *receptor*.

Considerando, especialmente, a necessária atenção ao *lugar de produção*, nos detemos, na continuidade, na principal fonte utilizada por Furlong para a escrita dos dois textos sobre Saavedra, o publicado na revista *Estudios* em 1960 e o que foi publicado em 1979, em formato de livro. O texto das *Memorias* (1829)¹⁹ foi redigido pelo próprio biografado. Este texto, em específico, abarca a trajetória de Saavedra entre os anos de 1767 e 1829, mesmo ano de seu falecimento, e tem por foco relatar os sucessos políticos e militares de Saavedra em dois acontecimentos principais: as invasões inglesas ao Rio da Prata, entre os anos de 1807 e 1808, e o início do processo independentista do que hoje conhecemos por Argentina, iniciado em 1810, com a Revolução de Maio.

As *Memorias* são compostas por duas partes²⁰. Na primeira parte, o autor inicia o texto fazendo um comentário sobre o êxito que algumas pessoas alcançam em relação às demais, de

“estabelecimento das fontes” – quer dizer, por uma ação instauradora e por técnicas transformadoras”. O autor, não apenas nesta passagem, mas em todo o texto intitulado *A operação historiográfica* (2011), chama a atenção para as técnicas que o historiador deve utilizar durante sua *prática*. Além da seleção criteriosa das fontes, o profissional deve, sempre, realizar a crítica das mesmas, procurando, principalmente – como nos interessa na presente dissertação –, identificar as intenções implícitas quando da produção do documento.

¹⁷ Se o discurso histórico, como afirma Michel de Certeau (2011), encontra-se circunscrito a um lugar que permite e que proíbe determinados tipos de produção, a fonte histórica, mesmo que produzida há alguns séculos atrás, também está condicionada a uma série de elementos que configuram o discurso por ela produzido, a partir de um contexto mais amplo que leve em conta questões políticas, econômicas e sociais; a datação e a localização geográfica; deve-se estar atento à sobreposição de contextos (escrita/publicação/recepção da fonte); a posição social do autor; a(s) instituição(ões) à(s) qual(is) está vinculado; o lugar teórico assumido por este; os textos que interferem no documento, ou seja, autores ocultos que se inscrevem nos textos principais ou fontes preexistentes.

¹⁸ Além disso, Barros (2012, p. 419) afirma que o *emissor* da mensagem não é apenas o autor nominal do texto, mas toda uma série de fatores na qual este se inscreve e que condicionam seu discurso: “o *emissor* de um discurso nunca é somente o seu autor nominal, mas também a sociedade na qual ele se inscreve, a sua posição social, os constrangimentos aos quais ele está submetido, e tantas outras coisas que fazem do autor nominal apenas a ponta de um imenso iceberg”.

¹⁹ A edição de 2009, que utilizamos nesta análise, possui formato 12,5x19 cm e fonte em tamanho médio, e conta com cerca de oitenta páginas.

²⁰ A primeira parte, que serve de introdução para o texto, intitula-se *Por el honor que heredé de mis abuelos* e compreende as páginas 27 a 29. Já a segunda, e mais extensa, é intitulada *Las cosas desde su origen*, e abarca as páginas 31 a 107.

acordo com sua atuação política. Segundo Saavedra, em qualquer sistema de governo, mesmo no democrático, onde a igualdade é a lei, se observam algumas distinções entre os indivíduos, que formam certa hierarquia. Haveria, neste sentido, alguns cidadãos que, por sua conduta ganham o apreço de seus compatriotas e, inclusive, são premiados com honrarias. Assim, seria obrigação destes conservar estas honras, embora também surjam intrigas e mentiras e seja preciso defender-se de tais acusações de inimigos políticos.

Saavedra, segundo suas *Memorias*, teria escrito o texto em resposta às acusações recebidas por seus adversários políticos, durante o período em que estivera no poder como presidente da Primeira Junta, e com o intuito de que seus filhos pudessem defender a memória do pai de quaisquer intrigas ou mentiras que poderiam ser veiculadas sobre sua atuação política e militar:

Por mi testamento les he legado el honor que heredé de mis abuelos y el que yo supe adquirir con mis servicios, y ellos con interesados en conservarlo, sostenerlo y defenderlo de las incursiones de la intriga y maledicencia. La serie de sucesos que en ella se refieren, es verdadera en todas sus partes: Hablo con mis hijos, y ellos saben que la mentira ha sido desconocida en la vida de su padre. (SAAVEDRA, [1829] 2009, p. 29, grifos do autor).

Já a segunda parte do texto é dedicada à exposição de elementos de sua vida pessoal, sendo que o autor conta que, em 1767, mudou-se de Potosi, sua cidade natal, para Buenos Aires, onde passou a residir. Recebeu a educação “que en aquel tiempo se proporcionaba a la juventud” (SAAVEDRA, [1829] 2009, p. 31), embora não diga especificamente qual foi sua formação. Em 1788, aos 28 anos de idade, contraiu seu primeiro matrimônio com María Francisca Cabrera.

Logo na primeira página da narrativa, Saavedra já procura mencionar o reconhecimento que foi conquistando através dos cargos obtidos no Cabildo bonaerense. Já na segunda página, o autor inicia sua narrativa sobre as Invasões Inglesas, às quais se dedicará até a página 42. Continuando a citar suas glórias, menciona sua escolha para comandar o corpo miliciano de Patrícios em 1807. Segundo Saavedra ([1829] 2009, p. 34-35, grifos do autor), a origem de sua carreira militar foi “El *inminente peligro de la patria*, el riesgo que amenazaba a nuestras vidas u propiedades, y la honrosa distinción que habían hecho los hijos de Buenos Aires, prifiriéndome a otros muchos muy beneméritos paisanos suyos para *jefe y comandante* me hicieron entrar en ella”. Assim, para este autor, foi o reconhecimento que Saavedra alcançou durante sua atuação em outros cargos que fez com que fosse alçado ao

posto de comandante miliciano. Não há, no entanto, qualquer menção a algum conhecimento militar ou formação específica para este caso.²¹

Outro ponto que chama a atenção é o apoio que Saavedra deu a Liniers, o que gerou conflitos, dadas as acusações feitas contra o então Vice-rei. Segundo Saavedra, ele teria avisado Liniers dos planos dos opositores que queriam destituí-lo do poder, passando à defesa e manutenção da ordem através do corpo miliciano de Patrícios. Saavedra continua a narrativa, mencionando a nomeação de Cisneros para o cargo de Vice-rei, pela Junta de Sevilha, em 1809. Mesmo que os portenhos questionassem a legitimidade da nomeação, dada a situação espanhola decorrente das invasões napoleônicas, Saavedra teria considerado mais acertado admitir Cisneros no cargo, pois ainda não seria tempo para a revolução. Para o líder revolucionário, seria necessário que a Espanha caísse totalmente em mãos dos franceses, fazendo com que seu poder se fragilizasse completamente tanto na Península Ibérica, quanto na América, para que, então, se iniciasse o processo independentista da região do Rio da Prata. Tal condição garantiria a legalidade da Revolução e faria com que a Espanha não tivesse as condições necessárias para empreender uma reação aos revolucionários.

Entretanto, em maio de 1810, com a chegada da notícia da queda da Espanha frente aos exércitos de Napoleão Bonaparte, Saavedra teria considerado o momento oportuno para a tomada do poder pelos bonaerenses e teria proferido, então, a famosa frase: “Señores, ahora digo que no sólo es tiempo, sino que no se debe perder una sola hora” (SAAVEDRA, [1829] 2009, p. 60). A partir do dia 18 de maio, ele teria articulado, com diversos partidários políticos e exigido de Cisneros a convocação de um Cabildo Aberto. Sua narrativa sobre os acontecimentos de Maio de 1810 seguem até a página 70, quando passa a dissertar sobre os primeiros meses de governo.

Acerca de suas diferenças políticas com Mariano Moreno, em nenhum momento Saavedra menciona o nome do secretário da Primeira Junta. Em relação a isto, ele apenas refere a existência de opiniões divergentes sobre a inclusão do restante do antigo território do Vice-reino sob o governo bonaerense, e que haviam chegado ao seu conhecimento diversos pedidos de mudança de posicionamento do governo independente.

Ello es que, gradualmente se formó división y partido en ella. Esto trascendió al público, de consiguiente también aquél se dividió. Fomentose ésta con motivo del sistema de delaciones que contra los europeos empezó a

²¹ Como já mencionado anteriormente, Saavedra ocupou diversos cargos públicos, principalmente, no Cabildo bonaerense, nos anos anteriores às invasões inglesas ao Rio da Prata. É possível que ele tenha adquirido experiência e conhecimentos político-administrativos bastante importantes neste período, que fizeram com que se destacasse perante os milicianos do *Regimiento de Patricios* e fosse eleito por eles como seu comandante.

adoptarse. *Los más de los días se traían a la Junta listas de hombres que se decían eran contrarios a la causa y al gobierno, solicitando su destierro o separación de esta ciudad y aun de la provincia.* Como ellas eran apoyadas por algunos individuos de la misma Junta, al principio surtieron los efectos que los delatores se habían propuesto; mas eran tan repetidas estas listas que ya no me fue posible dejar de manifestarme contrario a su ejecución. (SAAVEDRA, [1829] 2009, p. 74, grifos meus).

Entre as páginas 80 e 100, Saavedra se detém em seu afastamento do governo de Buenos Aires e em seu exílio. O argumento principal desta parte do texto são as dificuldades enfrentadas não apenas pelo autor, mas, também, por sua família, durante este período. Embora tenha sido, posteriormente, reabilitado à vida política e militar, Saavedra já contava com idade avançada, tendo sido, logo quando possível, dispensado por seus superiores.

O autor considera, ainda, que, com a escrita das *Memorias*, sua honra e seu conceito público estariam reparados, já que teria desmentido as calúnias e acusações de seus opositores: “Mi honor y concepto público quedaron reparados con tan solemne decisión, y declarada de un modo legítimo y legal, la injusticia de mis opresores” (SAAVEDRA, [1829] 2009, p. 101).

Para além da caracterização da principal fonte utilizada por Furlong para a elaboração da conferência e da biografia sobre Saavedra, é necessário que se analise o texto a partir das considerações expostas no início desta seção. Como já dito anteriormente, o autor das *Memorias* tinha recebido educação e o fato de ter feito carreira e ocupado cargos no Cabildo fez com que recebesse o reconhecimento político que tanto almejava, ao ser escolhido como comandante do corpo miliciano de Patrícios e, posteriormente, alçar-se ao cargo de presidente da Primeira Junta de Governo. Entretanto, o que podemos constatar no texto, a partir de uma análise mais profunda, é o fato de que, se Saavedra alcançou tais honras, isto se deveu ao fato de que, como grande estrategista, construiu uma carreira e laços políticos que o permitiram planejar, principalmente nos anos de 1809 e 1810, não apenas alguns dos principais momentos da Revolução de Maio, como sua chegada ao poder. Ao optar sempre por manter a frágil legalidade²², dando apoio tanto a Liniers, quanto a Cisneros, e esperando o momento de maior fragilidade da Espanha para reunir-se com seus partidários e exigir um Cabildo Aberto, Saavedra acabou por construir o caminho que o levaria à presidência da Primeira Junta.

²² A deposição de Liniers, nomeado Vice-rei pelo governo espanhol, criaria, na percepção de Saavedra, um problema de legalidade. Ao impedir a derrubada do francês do cargo, ele procurou garantir que o governo espanhol continuasse mantendo sua estrutura de poder na região, mesmo que precariamente, para que a Revolução apenas fosse iniciada quando da vacância do trono espanhol.

Cabe lembrar, neste sentido, que a narrativa, ao deixar tais questões implícitas, apresenta ao leitor um relato muito bem construído que, ao pretender revelar a “verdade” sobre os fatos ocorridos entre 1806 e 1810, nada mais é do que a versão de Saavedra sobre estes acontecimentos. O autor esperava, com certeza, que esta versão fosse aceita como verdade pelo leitor, aproximando-se daquilo que, nos estudos sobre autobiografia, alguns autores como Philippe Lejeune (apud MIRAUX, 2005) denominam de *pacto autobiográfico*.

A escrita autobiográfica se caracteriza, segundo Lejeune (apud MIRAUX, 2005, p. 19), por ser um “relato retrospectivo em prosa que una persona real hace de su propia existencia, poniendo el acento en su vida individual, en particular sobre la historia de su personalidad”. Entretanto, mais importante do que a definição de autobiografia em si, é aquilo que o próprio Lejeune chama de *pacto autobiográfico*. Para este autor, é necessário que haja identidade entre o autor, o narrador e o personagem da obra, para que, mesmo que o texto não seja narrado em primeira pessoa ou esteja escrito sob um pseudônimo, firme-se uma espécie de contrato entre o autor e o leitor, que aceitará a verossimilhança, a autenticidade do texto. Neste sentido, segundo Lejeune, quando o leitor identifica no texto os traços principais da autobiografia mencionados, este aceita a narrativa procurando compreender não a verdade daquela existência descrita na obra, mas, sim, a verdade do próprio texto, percebendo que nem tudo o que está escrito pode corresponder exatamente aos fatos vividos, mas que o escritor, ao traduzir suas lembranças em palavras, está procurando ser o mais fiel possível a elas.

Outro ponto a ser investigado é a eventual publicação do texto das *Memorias* ([1829] 2009) entre os anos de 1830 e 1960. Na tabela abaixo, podemos visualizar que a fonte foi publicada cinco vezes. Na primeira delas, o texto foi reproduzido em pequenas partes e entre os dias 20 de março e 28 de abril, como folhetim no periódico *Gaceta Mercantil*.

Tabela 2: Publicações do texto das *Memorias* entre 1830 e 1960.

TÍTULO	PUBLICAÇÃO	ANO
Memória póstuma	Gaceta Mercantil (em forma de folhetim)	1830
	Fragmento publicado por Mitre na <i>Historia de Belgrano</i>	?
Memória autógrafa de Saavedra	Colección Buenos Aires, volume 45	1944
	Publicada integralmente por Ruiz Guiñazú em sua obra	1960

	<i>El Presidente Saavedra y el Pueblo Soberano de 1810</i>	
	Biblioteca de Mayo, II	1960

Ao mesmo tempo, é interessante notar que a maior parte destas publicações se deu já no século XX, sendo que duas delas são do ano de 1960, ano das comemorações do sesquicentenário de Maio. Isto nos leva a aventar a hipótese de que, por ser um momento privilegiado de rememoração do evento, tenha crescido o interesse, não apenas por parte de intelectuais, mas, também, do público leigo, em narrativas de cunho autobiográfico, nas quais os personagens relatavam sua participação na Revolução de Maio.

Antes de passarmos para o próximo tópico, mencionaremos uma série de outras fontes, entre cartas, nomeações e instruções enviadas por/para Saavedra e que foram utilizadas por Guillermo Furlong. Tais fontes, como se pode observar na tabela abaixo, parecem fazer parte de um fundo documental bastante organizado e conservado, dado que, na coluna denominada *Página*, pode-se perceber que os diferentes documentos seguem uma paginação contínua, o que pode indicar sua catalogação em formato de álbum ou livro. Furlong cita, na relação de suas fontes, o que parece ser o texto original das *Memorias*, arquivado entre as páginas 626 e 642. O historiador argentino se utiliza de 36 documentos, o que pode indicar uma grande preocupação com o cotejo das informações por eles fornecidas com a bibliografia consultada.

Tabela 3: Relação das fontes utilizadas por Furlong e disponíveis nos fundos documentais de Carlos Saavedra Lamas, Enrique Ruiz Guiñazú e Mariano Saavedra.

Nº	TÍTULO	PÁGINA
1	Nombramiento de Saavedra, como comandante de los Patricios, dado por el virrey Sobremonte, el 8 de octubre de 1806	557-558
2	Nombramiento de la Junta de Mayo, expedida a favor de Saavedra, como coronel del Regimiento Nº 1	558
3	Nombramiento de brigadier a Saavedra, por el Director Pueyrredón, dado con fecha 24 de octubre de 1818	559-560
4	Nombramiento otorgado a Saavedra, por el Director Rondeau, el 25 de enero de 1819	559-560
5	Oficio de don Juan José Viamonte al Excmo. señor Presidente y Vocales de la Junta Provisional de Gobierno, fechado en Salta el 15 de diciembre de 1810	560-561
6	Carta de don Juan José Viamonte a don Cornelio de Saavedra, fechada en Salta el 16 de diciembre de 1810	561
7	Oficio de don Juan José Viamonte al Excmo. señor Presidente don Cornelio de Saavedra y vocal diputado, expedido en Jujuy, el 14 de setiembre de 1811	562

8	Carta del general don Juan José Viamonte al brigadier general don Cornelio de Saavedra, sin data	562-564
9	Carta dirigida a Saavedra por su primo don Domingo de Arévalo, fechada en Potosi el 12 de noviembre de 1810	562-564
10	Carta del feneral don Juan Ramón Balcarce al brigadier general don Cornelio de Saavedra, fechada en Tucumán el 30 de octubre de 1811	564
11	Carta del general don José de San Martín a don Cornelio Saavedra, ofreciéndole asilo en la ciudad de Mendoza. Diciembre 12 de 1814	564-565
12	Carta fechada en Mendoza el 30 de Mayo de 1815, del general San Martín al brigadier don Cornelio de Saavedra	565
13	Carta del ex Director Supremo general don Juan Martín de Pueyrredón al brigadier general don Cornelio de Saavedra, que le fuera enviada desde Montevideo el 31 de marzo de 1821	565
14	Instrucciones reservadas a Viamonte	566-567
15	Carta familiar	567
16	Carta de don Cornelio de Saavedra al Director Ignacio Alvarez Thomas	568-571
17	Respuesta del Director Alvarez Thomas a don Cornelio de Saavedra	571
18	Carta del Príncipe de la Paz (Ministro Godoy) a Araujo de Acevedo	572
19	La Excma. Junta hace elección de cabildantes. 17 de octubre de 1810	573
20	Bandera de los rebeldes del Perú (Suipacha)	573
21	Carta de Cornelio de Saavedra a Feliciano Antonio de Chiclana, aplaudiendo las medidas conciliatorias adoptadas por éste en Salta y comentando lo acaecido con el Cabildo de Buenos Aires y los resultados del bloqueo marítimo. 27 de octubre de 1810.	564-565
22	Carta de Cornelio de Saavedra a Feliciano Antonio de Chiclana en la que expresa su fundamental desidencia con Moreno, 15 de enero de 1811	575
23	Carta de Cornelio de Saavedra a Feliciano Antonio de Chiclana, reiterando sus apreciaciones contra Moreno, 28 de enero de 1811	576-578
24	Carta de Cornelio de Saavedra a Feliciano Antonio de Chiclana, aconsejando adoptar un criterio político de ecuanimidad y establecer en el interior juntas gubernativas bajo el reglamento que se incluye. 11 de febrero de 1811	578
25	Carta del presidente Saavedra al general Viamonte. 27 de junio de 1811	579-588
26	Nota de Lord Strangford, ministro de la Gran Bretaña en Río de Janeiro, al marqués de Wellesley, ministro del Foreign Office. 10 de junio de 1810	589-593
27	Reclamación de la Junta al Gobierno de Río de Janeiro. Diciembre 17 de 1810	593
28	Buenos Aires solidario con Chile contra el virrey de Lima. 1º de setiembre de 1810	593
29	Informe del capitán británico Peter Heywood sobre el carácter y modalidades de los porteños. 12 de octubre de 1812.	595-598
30	Saavedra y Chile: Saavedra a don Manuel de Salas, sobre la anarquía política de 1820. Julio 30 de 1820	599
31	Carta de don Bernardo O'Higgins en un reto a duelo. 13 de julio de 1818.	599-560
32	Contestación de con Cornelio de Saavedra, 24 de agosto de 1818	-
33	Carta de don Miguel Zañartú al señor ministro de Estado y Gobierno.	601

	Enero 18 de 1821	
34	Carta de don Miguel Zañartú a don Bernardo O'Higgins. Abril 3 de 1817	601
35	Instrucciones dadas en 1814 por don Cornelio de Saavedra a su apoderado en el juicio de residencia.	603-626
36	Memoria póstuma	626-642

Nesta breve análise que fizemos das *Memorias*, ficam evidenciadas as intencionalidades de seu autor. Considerando que esta obra foi a principal fonte utilizada por Furlong para a escrita tanto da conferência, quanto da biografia sobre Saavedra, compreender quais as intenções do personagem ao escrever o texto de cunho autobiográfico torna-se importante no sentido de auxiliar-nos a perceber, a partir do uso que o historiador argentino fez deste documento, qual mensagem é transmitida ao público leitor.

Na continuidade, analisamos a *prática* de Furlong, procurando pensar como o historiador jesuíta se apropria do referencial metodológico da *Nueva Escuela Histórica*²³ para a produção da biografia sobre Saavedra. Afinal, qual a preocupação que Furlong teve em relação à autenticidade dos documentos por ele consultados ou transcritos para a elaboração desta obra? Ele realizou alguma espécie de crítica documental das fontes consultadas? Qual a metodologia por ele utilizada?

²³ No caso argentino, os historiadores do início do século XX – dotados de formação acadêmica e atuando nas universidades – procuraram empreender uma reescrita da história argentina, afastando-se do positivismo, até então em voga. Formou-se, assim, um grupo de historiadores que tinha entre seus principais expoentes Ricardo Levene e Emilio Ravignani. Este grupo tinha apreço pelo rigor metodológico, repudiando os relatos dos denominados polígrafos e condenando as insuficiências conceituais e metodológicas dos mesmos. Estes autores se dedicaram basicamente a estudos de história econômica, com ênfase no período colonial argentino, particularmente, sobre a fase de Vice-reino, concentrando, também, esforços na reunião e publicação de fundos documentais, como os *Documentos para la historia argentina* (coleção iniciada em 1913)²³. Este grupo de historiadores organizou, ainda, o II Congreso Internacional de Historia de América, ocorrido em 1937, em Buenos Aires. Foi no ano seguinte a este congresso que Guillermo Furlong SJ ingressou na *Academia Nacional de la Historia* (ANH), tendo sido apresentado por Enrique Udaondo, que já era membro da instituição. No capítulo anterior, já destacamos os vínculos que Guillermo Furlong SJ estabeleceu, durante sua trajetória, com os representantes da *Nueva Escuela Histórica*, intelectuais que atuavam junto a algumas das mais prestigiosas instituições de pesquisa do período. Entendemos que isto se deveu a uma sintonia teórico-metodológica entre Furlong e os membros destas instituições, o que promoveu o reconhecimento de suas investigações e possibilitou seu ingresso nestas organizações. Nelas, Furlong pôde se dedicar a outros tipos de produção, o que, evidentemente, não alterou seu *lugar social*, mas ampliou significativamente o contato do historiador jesuíta com outras abordagens e temáticas, especialmente, a partir do contato com os pressupostos da *Nueva Escuela Histórica*.

3.3. A CONSTITUIÇÃO DE UMA *PRÁTICA* OU COMO FURLONG LIDA COM SUAS FONTES

Certeau define a *prática* historiográfica como o conjunto de metodologias empregadas pelo historiador para fazer a coleta e análise das fontes e, posteriormente, para a construção do texto. Para o historiador francês, “O estabelecimento das fontes solicita, também, hoje, um gesto fundador, representando, como ontem, pela combinação de um lugar, de um aparelho e de técnicas” (CERTEAU, 2011, p. 72). Percebe-se, assim, que a *prática* historiográfica está condicionada tanto à escolha das fontes a serem utilizadas, o que implica a utilização de determinada metodologia, quanto à análise das mesmas. Cabe lembrar, entretanto, que tal condicionamento estará sempre ligado ao *lugar social* ocupado pelo historiador.

Como observado por Certeau, nesta operação de seleção que é a *prática*, deve-se prestar atenção, também, ao tratamento dado ao documento pelo historiador. No caso das *Memorias*, percebe-se que Furlong acredita que um testemunho direto, escrito pelo próprio Saavedra, conferiria maior veracidade à escrita biográfica, já que, quando da transcrição de passagens da fonte, a visão do biografado sobre o acontecimento se sobreporia no texto do biógrafo. Neste sentido, entendemos que Furlong tenha aceito o *pacto autobiográfico*, não tendo considerado a possibilidade de que o texto de Saavedra se constituía em uma versão dos fatos. Isto, por certo, não invalida as *Memorias* como uma fonte para a reconstituição dos acontecimentos da Revolução de Maio, mas, por ser um testemunho pessoal, e que tem o objetivo bastante específico de rebater críticas que foram dirigidas ao personagem, sua utilização exige uma reflexão sobre as implicações da intencionalidade deste documento, o que não se dá nos dois textos que Furlong publica sobre Saavedra, em 1960 e em 1979.

Para Enrique de Gandía, um dos autores dos textos divulgados na edição especial da revista *Archivum*, que foi dedicada aos cinco anos de falecimento de Furlong, a crítica a esta fonte se deu através da verificação de sua autenticidade, procedimento, aliás, adotado pelo historiador argentino, para quem “la cuestión de los documentos falsos, tanto en general como en particular, lo inquietó no pocas veces” (GANDÍA, 1979, p. 70). A despeito destes cuidados, é importante ressaltar que Furlong não se preocupou em desvendar as motivações que Saavedra teve para escrever o texto, no caso, a defesa de acusações feitas por seus adversários políticos.

Diante desta constatação, consideramos oportuno identificar e discutir quais foram as técnicas que o historiador argentino empregou – e que seguiria adotando – nas várias

biografias que escreveu. Recorremos, novamente, ao número de 1979 da revista *Archivum*, mais precisamente, ao texto intitulado *Una especialidad: las biografías*, de Ernesto Padilla, para encontrar pistas sobre a *práctica* empregada por Furlong. Em um (longo) trecho de seu artigo, Padilla (1979, p. 74, grifos nossos) nos aponta o seguinte:

Para el menester biográfico, *el padre Furlong tenía minucioso método propio*, permitiéndole sin dilapidación de tiempo y material, bosquejar el retrato para después acentuar los rasgos característicos y enfocarlo en el ambiente de donde recibe luces y sombras. [...] En la introducción de la biografía prologada por Hugo Wast, el mismo autor refiere sucintamente *el procedimiento empleado: lectura íntegra y detenida de todos los papeles, extractarlos, sintetizarlos para terminar fichándolos por temas y personas y así 'borronear'* – bajo atrayentes y sugestivos epígrafes, del decir de Sisto Terán – *los capítulos que en adelante los remodela, los amplía y los pule.*

A partir deste trecho extraído da revista *Archivum*, nota-se que as técnicas empregadas por Furlong assemelham-se àquelas que ainda hoje muitos historiadores adotam: a leitura atenta das fontes, a seleção dos trechos mais importantes, organizados na forma de fichas de leitura – as quais, no caso de Furlong, chegavam a oitenta mil – e, a partir destes fragmentos documentais, a organização de um texto que, posteriormente, será publicado. Para Padilla (1979, p. 76, grifos nossos), Furlong tinha a clara noção de que:

En toda esa intensa labor de biógrafo, realizada a la par de otras de mayor envergadura, se le pueden aplicar sus propias expresiones: 'Sinceramente, estoy satisfecho de la forma y del fondo, de lo que digo y de cómo lo digo, y es que *no soy yo, sino él (biografiado) el autor de estos volúmenes*'.

Para Furlong, o texto biográfico consistia em um relato no qual a palavra do biografado ganhava destaque, a partir do uso, pelo historiador-biógrafo, de transcrições de documentos de sua autoria, imprimindo à narrativa a impressão de que era o personagem quem falava no texto. Consideramos oportuno mencionar que tal percepção e, sobretudo, tal técnica remetem a um dos textos biográficos que Furlong mais admirava, a *Life of Johnson* (1791), escrita por James Boswell.

Intima emulación le despierta la placentera lectura de la vida de Samuel Johnson por James Boswell realizada, en 1911, en la biblioteca de Woodstock College. *La califica 'un ideal de biografías, ya que no era el biógrafo sino el biografiado quien más intervenía en su composición'* y, desde entonces, *formula la íntima aspiración de escribir la vida de algún ilustre compatriota en conformidad con esa técnica y con esa táctica.* (PADILLA, 1979, p. 73, grifos meus).

Vale lembrar que para muitos críticos, a biografia de Samuel Johnson não passa de uma “*colcha de retalhos*” de diferentes documentos que são editados, remodelados e transcritos, formando, assim, grande parte do texto da obra. Nesta biografia, os parágrafos escritos pelo autor tiveram a finalidade de “*costurar*” os diversos documentos entre si, dando inteligibilidade ao texto que o autor se propôs a escrever. Mas, se, por um lado, tem-se a impressão de que o biografado se impôs no texto, por outro, as fontes utilizadas, as passagens transcritas, bem como o texto elaborado a partir delas foram escolhas feitas pelo autor, e não pelo biografado. Se compararmos a biografia de Samuel Johnson com a que Furlong escreveu sobre Saavedra, encontramos esta “*costura*” entre documentos nas páginas 30 e 31, nas quais Furlong, ao dissertar sobre a oposição feita a Liniers em 1809, recorre a passagens das *Memórias*:

'Señor Saavedra, deje Vd. Es ésa la voluntad del Pueblo', *le dijo uno de los presentes, pero la respuesta fue tajante*: 'Esa es una de las muchas falsedades que se hacen jugar en esta comedia; venga el señor Liniers con nosotros, preséntese al pueblo, y si éste lo rechaza o dice no querer su continuación en el mando, yo y mis compañeros suscribiremos el acta de su destitución', y *tomando a Liniers por el brazo*, 'vamos, señor, preséntese V. E. al público y oiga de su boca cuál es su voluntad'.

Salieron ambos a la Plaza y la ovación fue general. La ante y la anti revolución de los realistas había fracasado y la pre revolución de los patriotas era una realidad, y la revolución podía ser otra magnífica realidad. Ni éso fue todo, ya que de inmediato Liniers dispuso, y Saavedra ordenó, a los cuerpos armados, contrarios a los Patricios, que rindiesen las armas. No acataron la primera intimación, pero informados de que en caso de negarse, se usaría de la fuerza, 'arrojaron, escribía después Saavedra, las armas y corrieron por las calles como gamos buscando cada uno el rincón de sus casas en que ocultarse. Así terminó aquel memorable día, agrega Saavedra: he dicho memorable, porque, en efecto, en él, las Armas de los hijos de Buenos Aires abatieron el orgullo y miras ambiciosas de los europeos, y adquirieron superioridad sobre ellos'.

Estas son expresiones de Saavedra y responden a la verdad histórica más absoluta. (FURLONG, 1979, p. 30-31, grifos nossos).

Note-se que as partes grifadas no trecho acima são, todas elas, palavras de Furlong, e têm o objetivo de dar inteligibilidade ao texto, “*costurando*” as diferentes citações extraídas por ele das *Memorias* ([1829] 2009). Nas últimas duas linhas, percebemos que Furlong atribui às palavras de Saavedra o *status* de verdade, indo além do *pacto autobiográfico*, não considerando a fonte consultada como a versão do biografado acerca dos fatos. É bastante provável que, se Furlong tivesse optado por cotejar o texto das *Memórias* com outros relatos da época, sua narrativa sobre os movimentos contra Liniers seria distinta da que a conferência

e a obra acabaram divulgando. Entretanto, cabe perguntar: Furlong pretendia chegar à outra versão dos fatos? Seu posicionamento sobre a Revolução de Maio permitiria outra abordagem? Sem anteciparmos uma discussão que será feita mais adiante neste capítulo, pensamos ser importante ter em mente o *lugar social* ocupado por Furlong e o quanto ele definiu as escolhas feitas pelo historiador jesuíta.

A partir destas considerações, cabe pensar, assim, como Certeau (2011, p. 64-65), qual o papel da interpretação e da técnica no trabalho historiográfico: “a história não começaria senão com a 'nobre palavra' da *interpretação*. Ela seria, finalmente, uma arte de discorrer que apagaria, pudicamente, vestígios de um trabalho. Na verdade, existe aí uma opção decisiva. O lugar que se dá à técnica coloca a história do lado da literatura ou da ciência”. Enquanto a *interpretação* feita por Furlong atribui ao texto de Saavedra - e à versão que o personagem dá aos acontecimentos - o *status* de verdade, a técnica por ele empregada, caracterizada pela valorização do documento, desprovida de crítica adequada e orientada para sua publicação –, aproxima-se, ao menos em parte, dos procedimentos teórico-metodológicos feitos pelos membros da NEH. Com eles, Furlong compartilha, também, a preocupação com a formação de uma identidade argentina, que teria como base as principais festas pátrias, tais como o sesquicentenário de Maio, o que estará muito presente em sua *escrita*.

Furlong proclama la escritura de una historia científica, que él entiende, debe apegarse a las fuentes y comparte con sus coetáneos de la Nueva Escuela Histórica la preocupación por la formación de la identidad argentina. También los une la tarea de exhumación, selección y publicación de fuentes que tanto la Nueva Escuela como los jesuitas consideran imprescindibles hacer como condición previa para escribir una nueva versión de la historia. (IMOLESI, 2014, p. 24).

Após termos investido em algumas reflexões sobre a metodologia e as técnicas empregadas por Furlong ao escrever os textos analisados nesta Dissertação, passamos a uma análise mais detida sobre o processo de sua *escrita*. Para tanto, discutimos algumas de suas passagens que acreditamos nos auxiliam a compreender como o historiador argentino articulou seu *lugar social* e a *prática* nestes textos biográficos.

3.4. A ESCRITA E SEUS DESDOBRAMENTOS: UMA VERSÃO SOBRE O PASSADO NACIONAL

A Companhia de Jesus utilizou-se, desde os primeiros anos de sua fundação, da escrita²⁴ como meio não apenas de comunicação, como especificou Inácio de Loyola²⁵ nas *Constituições* ([1559] 1997)²⁶, mas, também, de divulgação do trabalho da Ordem tanto para a Igreja, quanto para o público leigo. Como exemplos, podemos citar as *Cartas Ânua*s²⁷ e as *Histórias*²⁸. Segundo Carlos Page (2014), nas *Cartas* e nos martiriológicos podem ser

²⁴ Ao observarmos um dos principais documentos da Ordem, suas *Constituições* ([1559] 1997),²⁴ percebemos que Inácio de Loyola destacou a importância, na formação dos noviços, de disciplinas ligadas à escrita, como a Retórica. De acordo com a quarta parte do documento, intitulada *Como instruir nas letras e em outros meios de ajuda o próximo os que permanecem na Companhia*, os chamados *escolásticos*, ou seja, os estudantes, deveriam seguir um padronizado Programa de Estudos. Nos colégios da Ordem, os noviços deveriam cursar as seguintes disciplinas: Estudos Humanísticos (incluindo-se aí a Retórica); Línguas, como Latim e Grego; Lógica; Filosofia Natural e Moral; Metafísica; Teologia Escolástica e Positiva; Sagrada Escritura. Tais estudos contemplariam, ainda, debates públicos e composições em latim que deveriam ser apresentadas aos colegas em datas previamente marcadas. No caso daqueles membros que dessem continuidade aos seus estudos nas Universidades da Companhia, cabia uma formação dividida em dois cursos. O curso de Teologia compreendia as disciplinas de: conhecimento da literatura (que compreendia Gramática, Retórica, Poesia e História); Latim, Grego e Hebraico. Já a formação em Artes e Ciências Naturais era composta por: Lógica; Física; Metafísica; Matemática; Pedagogia (ensinar a ler e a escrever) e Ciências Naturais.

²⁵ O espanhol Inácio de Loyola nasceu em uma família nobre em 1491. Fez carreira militar, interrompida no cerco de Pamplona, em 1521. Após uma peregrinação para Roma e Jerusalém, empreendeu estudos em Barcelona, Alcalá e Salamanca, finalizando-os em Paris, onde, juntamente com outros companheiros, fez os votos da Companhia em 1534, tendo-a dirigido até sua morte em 1556.

²⁶ As *Constituições* são o conjunto de regras definidas por Inácio de Loyola e seus colaboradores mais próximos para o ingresso, permanência e eventual desligamento de membros, além de expor alguns ideais do fundador da Companhia em relação ao ser missionário e ao estar em missão. Neste sentido, “[...] o texto é essencial para a compreensão desses ideais inacianos, além de nos fornecer informações a respeito da própria organização e estruturação da Ordem” (ARNAUT; RUCKSTADTER, 2002, p. 108). Sobre as *Constituições* da Companhia de Jesus ver também FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Em defesa da virtude e em busca do martírio: jesuítas em Missão no Guairá (século XVII). In: MACEDO, José Rivair. (Org.). *A Idade Média portuguesa e o Brasil - Reminiscências, transformações, ressignificações*. Porto Alegre: Editora Vidrágua, 2011, v. 01, p. 185-200. É interessante notar, ainda, que em 1997, ano da edição das *Constituições* que utilizamos, este modelo de Programa de Educação permanece inalterado.

²⁷ Desde os primeiros anos de existência da Companhia de Jesus, e devido à dispersão dos membros da Ordem pelas diversas regiões do mundo, Inácio de Loyola instituiu a prática da comunicação entre os Superiores e os missionários através da prática epistolar. Segundo Londoño (2002) as cartas deveriam seguir algumas regras de escrita, onde a carta principal era separada da chamada *hijuela*. A primeira deveria conter informações que pudessem ser mostradas a qualquer pessoa e que fossem edificantes, levando em consideração aspectos relativos ao trabalho missionário, à saúde dos membros da Ordem que atuavam na região e, também, um obituário, que trazia informações sobre a trajetória e a morte de cada um dos jesuítas falecidos. Já a *hijuela* era composta de assuntos que diziam respeito a problemas enfrentados na missão, quer fossem eles de ordem prática ou relativos aos missionários. Nestas cartas, uma seção que consideramos importante é a dos Necrológicos. Além da função de informar ao Padre Geral da Companhia sobre os óbitos ocorridos durante determinado período, apresentavam um relato da trajetória do jesuíta que faleceu, enaltecendo suas virtudes e desprendimento, já que “La vida de un jesuíta ‘virtuoso’, una vez desaparecido, se convertia en atractiva para su imitación” (BURRIEZA SÁNCHEZ, 2009, p. 523).

²⁸ No século XVII, os jesuítas Jean Bolland (1596-1665) e Godfried Henskens (1601-1681) inauguraram uma tradição historiográfica na Companhia, que através da atenta leitura de fontes, como as cartas e outros textos escritos por missionários, procurava reconstituir a história da Ordem. Page (2014) salienta que os *bollandistas*, após uma rigorosa seleção e leitura crítica dos documentos consultados, procediam também à análise de sua autenticidade. A principal publicação do grupo (que é editada e circula até os dias de hoje) é conhecida pelo

encontradas não apenas relatos sobre as circunstâncias que provocaram a morte dos missionários, mas, também, sobre suas trajetórias. Estas narrativas se caracterizam por seu caráter pedagógico, pois ao serem lidas pelos membros da Ordem deveriam inspirá-los a observar as virtudes dos já falecidos. O autor ressalta ainda que

Tanto cronistas como historiadores, compañeros de las misiones y hasta testigos de martirios, conocidos o desconocidos, no dejaron de volcar sus recuerdos en textos que tuvieron los mismos objetivos que se persiguieron desde el *encomium* y las hagiografías, martirologios y menologios. *Es decir, dejar marcada para la posteridad la vida de quienes estuvieron junto a ellos, que dejaron sus cómodos hogares europeos a cambio de habitaciones precarias, mala alimentación y peligros diversos en sus vidas. Pues se destacaron en el afán de entregarse al otro, que no era ni más ni menos que el hombre americano.* (PAGE, 2014, p. 21, grifos nossos).

Parece-nos acertado afirmar que nestas narrativas, para além da edificação dos próprios membros, que deveriam pautar suas condutas pelos exemplos de outros jesuítas virtuosos, a Companhia procurava divulgar o trabalho de evangelização que vinha realizando na América e no Oriente, para, assim, constituir uma memória sobre sua atuação.

Caso semelhante é encontrado por Oliveira (2011), que, ao analisar a obra do jesuíta argentino José Maria Blanco²⁹, constatou o que denomina de um *estilo jesuítico* de se escrever história, que se basearia em “falar o menos possível e deixar que os testemunhos tomem a fala”, pois, “contemporânea aos acontecimentos, a documentação produzida pelos jesuítas contém a história em si, não sendo necessária uma intervenção mais incisiva do pesquisador” (OLIVEIRA, 2011, p. 273). Ainda sobre o *estilo jesuítico*, Oliveira (2011, p. 271, grifos nossos) afirma que

título de *Acta Sanctorum*, obra – que já conta com 68 volumes – e que reúne hagiografias de santos. Embora se dediquem a estudar trajetórias, os *bollandistas*, a partir de sua rigorosa metodologia, inspiraram grande parte dos textos posteriores escritos por jesuítas sobre a história da Ordem. Embora, a escrita de *Histórias* por membros da Companhia tenha iniciado pouco tempo após sua fundação, tendo por objetivo narrar os sucessos de seu trabalho missionário, no século XVIII, segundo Gargnel (2009), a Ordem investe naquilo que a autora chama de *políticas de escritura*. Para o caso da América hispânica, temos os exemplos das obras de Pedro Lozano e José Guevara, ambas intituladas *Historia de la conquista*. Lozano e Guevara foram historiadores oficiais da Companhia e dedicaram suas trajetórias aos estudos históricos. Escrever tais *Histórias* era “fundamental para la Compañía para afirmar su papel en Europa así como para justificar sus actividades en estas tierras” (GARGNEL, 2009, p. 300). É interessante notar que, no momento em que estas obras eram produzidas, em meados do século XVIII, a Companhia enfrentava diversas críticas de intelectuais e autoridades políticas, que questionavam a atuação dos missionários e seu trabalho de evangelização das populações tanto americanas, quanto asiáticas. Tais críticas culminariam na expulsão e na supressão da Ordem nos anos posteriores. Para a autora, a principal originalidade dos escritos de Lozano e de Guevara tem relação com a metodologia utilizada. Sobretudo Lozano, baseia todas as suas afirmações em documentos, os quais, além de terem sido transcritos, foram submetidos a uma intensa crítica.

²⁹ Trata-se de uma biografia que o jesuíta José María Blanco escreveu sobre o padre Roque González, intitulada *Historia Documentada* (1929).

O estilo dos historiadores nos permite uma maior aproximação do seu ofício, pois o estilo diz respeito às formas como comunicam os resultados das suas pesquisas, *Os historiadores jesuítas não são meros colecionadores de fatos depurados dos documentos, que sustentam uma duvidosa objetividade*. Percebe-se, de uma maneira geral, ao lado da busca pela exatidão dos fatos, um grande *apreço e cuidado com a narrativa*. *O lugar de onde escrevem, e os laços indissociáveis da instituição com a escrita como forma de comunicação e edificação, e as circunstâncias que os levaram a escrever, exigiram dos historiadores uma maneira singular de expressar suas verdades históricas, num tom dramático, heroico, com abundância de metáforas e descrições de forte apelo poético e visual*.

O *lugar social* ocupado pelos jesuítas faria, então, com que escrevessem de maneira a valorizar as virtudes dos biografados, tornando a narrativa mais envolvente, dada a dramaticidade das descrições. Neste sentido, deveria haver, por parte dos historiadores da Ordem, todo um cuidado com a *escrita* na produção de suas obras.

Note-se que Furlong, como já mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, recebeu boa parte de sua educação dentro da Companhia de Jesus. Ao mesmo tempo, e para além das disciplinas que se vinculavam mais estritamente ao ato de escrever, como a Retórica e a Poesia, o historiador argentino recebeu ensinamentos de jesuítas como Ramón O'Callaghan e Richard Tierney, que o iniciaram e auxiliaram em suas primeiras pesquisas, ainda nos tempos de formação. É a partir destas reflexões sobre a *escrita* na Ordem que iniciamos a análise do ato de escrever em Furlong. Afinal, de que forma seu *lugar social* e o *estilo jesuítico* de escrever História influenciam tanto o texto da conferência de 1960, quanto a biografia *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979)? No próximo tópico, nosso esforço será o de comparar os dois textos escritos por Furlong sobre Saavedra, compreendendo a importância da *escrita* para a construção não apenas dos textos, mas para a conformação de uma visão acerca do passado argentino.

3.4.1. A escrita de Furlong nas comemorações do sesquicentenário de Maio: uma comparação entre o texto divulgado na revista *Estudios* e o publicado em 1979

De fato, a escrita histórica – ou historiadora – permanece controlada pelas práticas das quais resulta; bem mais do que isso, ela própria é uma prática social que confere ao seu leitor um lugar bem determinado, redistribuindo o

espaço das referências simbólicas e impondo, assim, uma “lição”; ela é didática e magisterial.

Michel de Certeau – A escrita da História

Iniciamos, a partir de agora, a análise dos dois textos tantas vezes mencionados neste capítulo, o primeiro deles, *Cornelio de Saavedra* (1960) e, o segundo, *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979). Em relação ao primeiro, cabe lembrar que durante as comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio, diversas organizações aderiram aos festejos, promovendo conferências e publicações especiais. Neste momento, a Revista *Estudios*³⁰, editada pela Universidad del Salvador³¹, apresentou um número especial alusivo ao Sesquicentenário de Maio. A revista tinha edições mensais e, embora não tenha sido possível averiguar qual sua tiragem, sabe-se, através da folha de rosto da edição, que o público poderia adquirir os exemplares tanto avulsos, quanto através de assinatura anual ou semestral, e que os artigos submetidos eram avaliados por membros da Companhia de Jesus e por historiadores leigos convidados.

Na folha de rosto da edição em questão, encontramos a seguinte mensagem: “Al cumplirse el 150 aniversario de la Revolución de 1810, la revista “Estudios” y la “Universidad del Salvador” ofrecen esta edición especial, adhiriendose a los homenajes con que la nación conmemora esta fecha fundamental de nuestra historia”. Logo após o sumário, os editores informam que:

La revista “ESTUDIOS” seguirá publicando, en las sucesivas entregas del presente año trabajos de historia relacionados con el 25 de Mayo de 1810. Asimismo, la Universidad del Salvador ha organizado una serie de conferencias públicas que serán dictadas por historiadores de nota todos los días miércoles desde el 4 de mayo hasta el 27 de julio. (ESTUDIOS, 1960, p. 134).

³⁰ A revista leva o subtítulo de “*Revista Argentina de Cultura, Información y Documentación*”. Atualmente, a revista não se encontra mais em circulação. No endereço <http://www.biblioteca.salvador.edu.ar/Bibdigital/indexest.htm>, pode-se encontrar boa parte das edições da revista em formato PDF.

³¹ Até o ano de 1974, a *Universidad del Salvador* era mantida pela Companhia de Jesus, constituindo-se em espaço de formação acadêmica tanto para membros da Ordem, quanto para o público leigo. Entretanto, a partir de 1975, a USAL vem sendo administrada por leigos, que procuram preservar o vínculo com a fé e a moral católicas.

Outro ponto importante a ser analisado é o sumário da edição de 1960 da revista, no qual estão listados os textos que a compõem, que são de autoria não apenas de historiadores da Companhia de Jesus, como Guillermo Furlong, mas, também, de historiadores leigos, como Juan Carlos Zuretti³². Os artigos versam sobre diversas temáticas relacionadas a Maio, como as principais correntes ideológicas que influenciaram o movimento, a questão educacional, contando também com transcrições de documentos. Entretanto, o que mais chama a atenção é o fato de que há uma ênfase no papel dos indivíduos que participaram da Revolução. Enquanto o artigo de Jorge Biturro³³ procura compreender quem era o principal filósofo de Maio, Faustino Legon³⁴ analisa a trajetória de Funes em Buenos Aires e Córdoba. Já Furlong, que tem dois trabalhos publicados no mesmo número da revista, procura dar ênfase à trajetória de Cornelio Saavedra.

Tabela 4: Sumário da edição de Maio de 1960 da revista Estudios.

AUTOR/SEÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
La Dirección	Presentación	135
	Proyección Religiosa de los sucesos de mayo de 1810	138
Jorge Biturro	¿Quién fue el filósofo de la Revolución de Mayo?	143
Edberto Oscar Acevedo	América y los sucesos europeos de 1810	154
Guillermo Furlong	Hombres e ideas en los días de Mayo	177
Ludovico Garcia Lloyd	El clero en el Cabildo Abierto del 22 de Mayo de 1810	196
Guillermo Furlong	Cornelio de Saavedra	211
Faustino Legon (h.)	El Deán Funes en Córdoba y en Buenos Aires	229
Juan Carlos Zuretti	El tema educacional a través del “Correo de Comercio”	240
Documentos	La primera crónica de los sucesos de Mayo de 1810	250
	El catecismo político	252
Cronica	Festival del Mar del Plata	258
Resenas Bibliograficas	“Historia y bibliografía de las primeras imprentas	263

³² Professor, historiador e ideólogo católico argentino, autor de diversos livros didáticos utilizados durante o peronismo.

³³ Monsenhor, membro do comitê fundador da Universidad del Salvador e professor de Filosofia na Universidad Católica Argentina (UCA).

³⁴ Advogado, jurista e docente de Direito Público nas Universidades de La Plata e Buenos Aires.

	rioplatenses. 1700-1859”	
	“Algunos aspectos del Mercado Común Europeo”	264

Na tabela abaixo, podemos observar mais detidamente a estrutura que Furlong dá ao texto:

Tabela 5: Estrutura comentada do texto Cornelio de Saavedra, de Guillermo Furlong SJ. (1960)

CORNELIO DE SAAVEDRA (p. 211-228)	
Estrutura do texto	Descrição
I. SAAVEDRA, FACTOR MAXIMO DE LOS ACONTECIMIENTOS DE MAYO (p. 212-222)	Nesta parte do texto, Furlong procura descrever os acontecimentos desde a eleição de Saavedra a comandante do Regimento de Patrícios até a formação da primeira Junta de Governo. Através de longas passagens das <i>Memorias</i> (1829) escrita pelo biografado, o autor procura afirmar a importância do personagem para os acontecimentos de Maio, tanto como pensador do movimento quanto como realizador das manobras políticas necessárias à época. É interessante notar que, pelo fato do artigo fazer parte de um número especial da revista sobre a Revolução, Furlong não se preocupa em contextualizar nenhum dos acontecimentos que narra.
a) Jefe del Regimiento de Patricios	
b) La Proclama de Saavedra a los americanos	
c) Saavedra y Liniers	
d) Los Peninsulares y los nativos	
e) La caída de Sevilla y la decisión de los criollos	
f) El cabildo de Mayo de 1810	
g) Saavedra, Presidente de la Primera Junta	Nesta segunda parte, Furlong analisa e comenta as divergências políticas entre Saavedra e Mariano Moreno, secretário da Primeira Junta, e um dos principais pensadores ilustrados do Vice-reino do Rio da Prata.
II. SAAVEDRA Y MORENO (p. 222-225)	
a) Fusilamiento de Liniers	
b) Concepción centralista de Moreno	
III. SAAVEDRA PERSEGUIDO Y CALUMNIADO (p. 225-228)	Nesta última parte, Furlong procura apresentar como calúnias as acusações dos adversários políticos de Saavedra, procedendo, assim, a uma defesa do biografado e lamentando sua retirada do poder e seu exílio.

Note-se, em primeiro lugar, que um dos elementos que caracterizam a narrativa são os títulos das três partes do texto. Na primeira, a expressão “*factor máximo de los acontecimientos de Mayo*” tem por objetivo indicar a grande proeminência de Saavedra e sua importância para o movimento. O texto tem como principal função a de reabilitar a figura do líder de Maio e informar seus ouvintes/leitores das façanhas de Saavedra, fazendo com que

aqueles que viessem a conhecer sua história dessem o devido valor à tão importante personagem:

Ya sé que el afecto no se impone; es algo natural, espontáneo, fruto de un conglomerado de factores, pero menos aún puede surgir de la ignorancia, ya que no se ama lo que no se conoce. Los hechos de la vida de Saavedra son tales que no es posible dejar de lado la admiración; y sus infortunios, a raíz mismo de su exaltación a presidente de la Primera Junta, son también tales que es imposible dejar de lado la conmiseración. De la admiración y de la conmiseración ha de surgir, y surge ya, la justicia, ya a la par de ella puede brotar hasta el cariño. El primero en la guerra, el primero en la paz, el primero en los corazones de sus conciudadanos. (FURLONG, 1960, p. 211, grifos nossos)

Estes infortúnios, que deveriam merecer a comiseração dos argentinos, são colocados em questão na última parte do texto, onde, a partir das expressões “*perseguido*” e “*caluniado*” – empregadas no subtítulo *Saavedra perseguido e calumniado* –, Furlong apresenta Saavedra como vítima de acusações infundadas, que o teriam tirado do governo de forma muito repentina e em um momento onde a nova nação necessitava de estabilidade política e não de um novo golpe de Estado.

Dentre os questionamentos que surgiram da leitura de *Cornelio de Saavedra*, está o que diz respeito às possíveis diferenças entre o texto pronunciado como conferência para a *Agrupación Celeste y Blanca* e o que foi publicado na revista. Em seu livro intitulado *Tratado da argumentação*, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) afirmam que um orador, ao elaborar seu discurso, deve levar sempre em consideração qual será seu auditório. Segundo os autores, tanto Aristóteles, quanto Cícero, na Antiguidade Clássica, já afirmavam que havia a necessidade de se adaptar a mensagem a ser transmitida, caso a plateia fosse formada por pessoas rudes e sem instrução ou por políticos e pessoas nobres, resultando que “o conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 23). Os autores ainda acrescentam que:

Para que uma argumentação se desenvolva, é preciso, de fato que aqueles a quem ela se destina lhe prestem alguma atenção. A maior parte das formas de publicidade e de propaganda se preocupa, acima de tudo, em prender o interesse de um público indiferente, condição indispensável para o andamento de qualquer argumentação. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 20).

Neste sentido, é preciso considerar para qual foi o auditório a que Furlong se dirigiu. Temos acesso a esta informação através de um trecho da publicação de 1979:

La simpática entidad, denominada, “Agrupación Celeste y Blanca”, nos pidió que diéramos una conferencia sobre la persona y la actuación de don Cornelio Saavedra, y el día 8 de julio, en uno de los salones de la Sociedad Científica Argentina, desarrollamos el tema solicitado, ante numeroso y selectísimo público. Pocas veces como en este caso, este postrer epíteto, tan frecuentemente como rutinariamente empleado, respondió a la realidad, ya que *asistieron a dicha conferencia, así numerosos descendientes de don Cornelio Saavedra, como de otros próceres de la Independencia.* (FURLONG, 1979, p. 7, grifos nossos).

No trecho acima transcrito, podemos encontrar a informação de que estavam presentes no auditório diversos descendentes, não apenas de Saavedra, mas, também, de outros líderes de Maio. Assim, podemos ir além do colocado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), pensando que Furlong não apenas precisava atrair o interesse daqueles que assistiam à conferência, mas, também, agradá-los, já que estava se referindo a familiares dos líderes da Revolução de 1810. Tanto que, após destacar sua admiração por Saavedra, o historiador jesuíta esclarece que “lejos de nuestra intención el achicar a unos próceres para enaltecer a otros: todos ellos, en la medida de sus talentos, sirvieron a la Patria” (FURLONG, 1960, p. 211).

Outro aspecto que devemos considerar foi a utilização pelo historiador argentino de longas passagens extraídas da fonte consultada, unidas de modo a dar a entender que era o biografado quem falava. Isto pode ter contribuído para que Furlong conquistasse a platéia, na medida em que procurou aproximá-la do documento escrito por Saavedra, conferindo, assim, veracidade às informações fornecidas na conferência. Sobre este ponto, Michel de Certeau (2011, p. 103, grifos nossos) argumenta que

Citando, o discurso transforma o citado em fonte de credibilidade e léxico de um saber. Mas, por isso mesmo, coloca o leitor na posição do que é citado; ele o introduz na relação entre um saber e um não saber. Dito de outra maneira, o discurso produz um contrato enunciativo entre o remetente e o destinatário. Funciona como discurso didático, e o faz tanto melhor na medida em que dissimule o lugar de onde fala (ele suprime o eu do autor), ou se apresente sob a forma de uma linguagem referencial (é o “real” que lhes fala), ou conte mais do que raciocine (não se discute um relato) e na medida em que tome os seus leitores lá onde estão (ele fala sua língua, ainda que de outra maneira e melhor do que eles).

Se nesta conferência, Furlong procura, ao contar a história dos antepassados aos familiares presentes, reabilitar uma memória sobre o personagem e, por conseguinte, da Revolução de Maio, o mesmo pode ser observado na obra escrita em 1960 e publicada em 1979. Já nas primeiras páginas, Furlong afirma que Saavedra não era devidamente reconhecido e amado pela população argentina:

Recientemente ha escrito el doctor Ricardo Zorraquín Becú, no sin algún exceso de optimismo, que 'ciento treinta años después de su muerte, la figura egregia y rectora de don Cornelio ha alcanzado por fin, la consagración póstuma que merecía'. Así es, pero sólo entre los historiadores serios y con sentido de responsabilidad, ya que la turba de los que escriben sobre temas históricos extienden sobre esa máxima figura de Mayo, el innoble manto de la preterición, cuando no el sambenito de la detracción. Debido primordialmente a la deficiente enseñanza que se imparte en las escuelas y colegios del país, nuestro pueblo ama a Belgrano, ama a San Martín, pero no ama a Saavedra. (FURLONG, 1979, p. 16, grifos nossos).

Para sua escrita e, tendo em vista este propósito de reabilitação da memória de Saavedra, Furlong recorre ao texto das *Memórias*, de 1829. Assim como na conferência publicada em 1960, este trabalho é dedicado à reconstituição da vida de Saavedra (do seu nascimento, em 1792, até o ano de sua morte), destacando, especialmente, sua atuação no período compreendido entre as invasões inglesas e a Revolução de Maio. Em alguns momentos, como no capítulo intitulado *Saavedra: Todo un caballero*, podemos encontrar retomadas de aspectos da infância do biografado, quebrando com o encadeamento cronológico da narrativa observado em outras passagens. O autor destina, também, alguns capítulos a transcrições de documentos – como cartas –, ao compartilhamento de alguns casos, a referências à religiosidade dos membros da primeira Junta Provisória, como encontrado nos capítulos 23 e 24, bem como a comparações entre Saavedra e George Washington, o que é feito tanto nas páginas iniciais, quanto no capítulo intitulado *Washington y Saavedra*:

Va para dos centurias que en los Estados Unidos de Norte América se ha cristalizado con vigor diamantino y luce con destellos de rubí, el dicho popular, referente a George Washington: fue el primero en la guerra, fue el primero en la paz, fue el primero en el corazón de sus conciudadanos. Hubo también entre nosotros, no tan solo uno, sino tres varones máximos que se hicieron acreedores a igual elogio, en cuanto a los tres incisos del mismo: Saavedra, Belgrano, San Martín. Pero si el héroe de Tucumán y el de Maipú, cada uno a su manera, fue el primero en la guerra, el primero en la paz, y el primero en el corazón de sus conciudadanos, esto postrero, por razones menguadas, no se otorgó al que fue, a la par de Liniers, el primero en la lucha contra los invasores británicos, y al que, frente al pueblo

bonaerense, fue el numen y el nomen en los días de Mayo, y fue la encarnación de los ideales de la revolución y fue el alma grande y firme, luminosa y con intuiciones de la más fina política, en la Primera Junta. (FURLONG, 1979, p. 15, grifos nossos).

Para o historiador argentino, se Washington tinha lugar privilegiado no coração de seus concidadãos norte-americanos, devido à sua atuação política, o mesmo podia ser observado em relação a Saavedra, igualmente respeitado pelos argentinos. Sua atuação durante a Revolução de Maio, sua habilidade política e os ideais que carregava consigo faziam-no digno desta comparação.

Na tabela abaixo, listamos os títulos dos capítulos que compõem a obra de pouco mais de cem páginas, que é dividida em 37 capítulos, todos eles com menos de dez páginas, o que nos leva à indagação sobre quais teriam sido as motivações para esta fragmentação do texto. Afinal, a obra estava destinada a ser lida por intelectuais e por uma elite letrada? Havia sido pensada para que circulasse entre uma parcela maior da população argentina? Embora a Argentina tenha alcançado, na década de 1960, altos índices de alfabetização, uma vez que, segundo o censo daquele ano, em todo o país apenas 8,5% da população declarou-se analfabeta, enquanto que, na Província de Buenos Aires, apenas 5,6% dos habitantes consideraram se enquadrar nesta categoria, é necessário considerar que, talvez, o público alvo do historiador argentino não tenha sido a população argentina como um todo. Se, como observado anteriormente, o principal público-alvo das produções historiográficas é constituído por pares, e que a biografia publicada originou-se de uma conferência proferida, principalmente para descendentes dos líderes de Maio, é plausível supor que o texto tenha sido escrito com o intuito de lembrar a alguns historiadores (que faziam referências constantes a outros personagens, como Mariano Moreno) e também aos leitores sobre o relevante papel desempenhado por Saavedra nos eventos do início do século XIX na Argentina. A subdivisão em pequenos capítulos teria, assim, apenas uma função didática, visando chamar a atenção do leitor para os principais pontos que Furlong desejava enfatizar na biografia.

Tabela 6: **Capítulos da obra *Cornelio Saavedra: Padre de la Patria Argentina* (1979).**

Nº	TÍTULO	PÁGINAS
1	<i>Cornelio Saavedra entre 1792 y 1810</i>	18-23
2	<i>Saavedra: Todo un Caballero</i>	23-26
3	<i>Cuando las invasiones inglesas</i>	26-29
4	<i>Saavedra y Liniers. Asonada del 1º de enero de 1809</i>	29-33
5	<i>Hombre de honor y conciencia</i>	33-35

6	<i>Proclama de Saavedra a los Americanos</i>	35-38
7	<i>Saavedra, pioner de la Revolución</i>	38-46
8	<i>Los peninsulares y los nativos</i>	46-48
9	<i>En tiempo de Cisneros</i>	48-49
10	<i>El fallo salomónico de Cisneros</i>	49-51
11	<i>Cuando maduren las brevas</i>	51-53
12	<i>El hombre imprescindible</i>	54-55
13	<i>Saavedra contra Cisneros</i>	55-57
14	<i>En el cabildo Abierto del día 22</i>	58-59
15	<i>La fundamentación filosófico-jurídica</i>	60-63
16	<i>164 contra 61</i>	63-66
17	<i>Por la eliminación de Cisneros</i>	66-67
18	<i>Saavedra, primer Presidente</i>	67-69
19	<i>En nombre de Fernando VII</i>	69-73
20	<i>Evolución, no Revolución</i>	73-75
21	<i>Evolución cristiana a la española</i>	75-77
22	<i>“Nosotros solos...”</i>	77-79
23	<i>Espíritu religioso de don Cornelio</i>	79-82
24	<i>Religiosidad de la Primera Junta</i>	82-91
25	<i>Saavedra y Moreno</i>	91-96
26	<i>Fusilamiento de Liniers</i>	97-102
27	<i>Ingenuidad más que colombina</i>	102-106
28	<i>Concepción centralista de Moreno</i>	106-112
29	<i>La revolución del 5 y 6 de abril</i>	112-114
30	<i>Despojo del mando</i>	114-120
31	<i>Saavedra es calumniado y perseguido</i>	120-122
32	<i>San Martín apoya a Saavedra</i>	122-124
33	<i>Grandeza moral y cívica</i>	124-129
34	<i>Desde el púlpito de La Merced</i>	129-134
35	<i>Washington y Saavedra</i>	134-136
36	<i>“Buen hijo y buen servidor”</i>	136-137
37	<i>Patriotismo creador</i>	137-138
	<i>Bibliografía</i>	139-150

Podemos perceber que do primeiro capítulo até o vigésimo quarto, o historiador argentino se preocupa em reconstituir de forma descritiva os principais acontecimentos ocorridos entre os anos de 1806 e 1810. Nesta descrição, chamam a atenção algumas expressões utilizadas por Furlong. Em diversos momentos, o autor usa o termo *pátria* ao invés do termo *nação*, que aparece, como visto anteriormente, em obras de autores que se dedicaram a estudar a Revolução de Maio, como Mitre e Levene, por exemplo. Acreditamos que Furlong poderia reconhecer que não haveria uma questão identitária, para além do catolicismo, que fosse capaz de ligar os diferentes grupos, à época da Revolução de Maio. Neste sentido, talvez o historiador argentino se utilizasse de *pátria* se referindo ao local de nascimento em comum, mas ainda sem o significado maior que tem o termo *nação*. Ao se

referir à votação sobre qual forma de governo deveria ser implantada após a deposição de Cisneros, Furlong (1979, p. 64, grifos nossos) argumenta que:

Después de los abogados, que en su mayoría estuvieron a favor de la causa de los Patriotas, y después de los Alcaldes de Barrio, que en su casi totalidad estuvieron de parte de los mismos, fueron los militares y fueron los clérigos quienes respaldaron con mayor énfasis el voto de Saavedra, y emulando su valentía, hicieron la revolución en aquel memorable día 22 de Mayo, ya que el 81% de los militares, allí presentes, y el 75% de los clérigos, que asistían a esa trascendentalísima asamblea, forjaron en ese día la nueva nación.

Pode-se perceber algo importante neste trecho: se foram os militares que, em grande medida, ofereceram apoio a Saavedra, além de outros grupos, tal postura pode dever-se não apenas a questões ideológicas, mas, também, a estratégias e alianças políticas formadas pelo líder no período anterior à Revolução.³⁵ Em nenhum momento, Furlong leva este fato em consideração, procurando, apenas, elogiar o personagem por seus atos.

Uma questão que chama a atenção do historiador argentino é o fato de Saavedra ter sido escolhido em diversos momentos, tanto no caso das invasões inglesas ao Rio da Prata, quanto durante a própria Revolução de Maio, para cargos importantes, como chefe miliciano e, inclusive, presidente da primeira Junta de Governo. Entre as páginas dezenove e vinte da biografia aqui estudada, Furlong afirma que Saavedra possuía qualidades que o fariam ser reconhecido para os cargos de chefia:

[...] su equilibrio moral, su hombría de bien y su amplio humanismo. Positivamente consta que se reconocía y se admiraba su ponderación, su equilibrio, su capacidad directiva, como se admiraba lo que fue de estas eximias dotes: el singularísimo ascendiente que ejerció sobre la tropa y, a través de ella, sobre la población toda de Buenos Aires. (FURLONG, 1979, p. 19-20).

A narrativa prossegue e, em alguns momentos, o historiador jesuíta regressa no tempo para trazer aspectos da formação e da infância de Saavedra para melhor elucidar seu caráter. Um dos elementos mais importantes da formação do personagem – que estará presente no capítulo intitulado *Saavedra: todo un caballero* (páginas 23 a 26), e nos capítulos *Espíritu*

³⁵ Como comentado anteriormente, se consideramos o texto das *Memorias*, de 1829, o biografado era um grande estrategista, que durante os anos que antecederam o Cabildo Aberto de 1810, esforçou-se sempre para manter a legalidade, razão pela qual optou por esperar até o momento em que o poder da Espanha estivesse totalmente fragilizado, em decorrência da invasão das tropas napoleônicas, para iniciar o movimento independentista.

religioso de don Cornelio (páginas 79 a 82) e *Religiosidad de la Primera Junta* (páginas 82 a 91) – é a formação católica e a expressão deste catolicismo ao longo de sua trajetória.

[...] *tal todo el testamento de Don Cornelio, rebosante de piedad y cuyas últimas palabras a sus hijos, plenas de patriotismo y de religiosidad, dicen así: ruego a mis hijos reciban el legado que les dejo y 'espero sabrán conservarloy cultivarlo con su sumisión y obediencia a las leyes, con la uniformidad de su conducta a ellas y con ser buenos ciudadanos y servidores de su patria, por cuya conservación en su libertad e independencia de toda dominación extranjera, les ruego con el mayor encarecimiento prodiguen no solo sus bienes sino también sus vidas, y en la última vez que [su padre] les habla, también les pide, no abandonen la Santa Religión e sus mayores.* (FURLONG, 1979, p. 80, grifos do autor).

E, logo abaixo, o historiador argentino acrescenta o seguinte comentário:

Como quien había estudiado la sagrada teología, sabía Saavedra que en la sumisión y en la razón consiste el verdadero cristianismo, ya que si éste eleva a los plebeyos a lo interior y sublime, humilla a los soberbios a lo exterior, y es perfecto por tener ambos elementos, ya que es preciso que el pueblo sea capaz de entender el espíritu de la letra y no es menos preciso que los intelectuales sometan la letra al espíritu. (FURLONG, 1979, p. 80).

Para Furlong, o respeito e a devoção à Igreja já faziam de Saavedra um homem especial. Pode-se pensar que tal valorização não tem por objetivo apenas ressaltar a religião do próprio historiador argentino, mas, principalmente atribuir valor à moral cristã e todas as qualidades que um bom cidadão deveria ter. Por sua condição de intelectual católico, Furlong provavelmente entendia que tinha um compromisso com a transmissão de determinados valores à sociedade argentina, que, além das dificuldades políticas e econômicas, se envolvida na luta não apenas contra o peronismo, mas também, contra outras tendências de esquerda. Para que isto fosse alcançado, era preciso que esta população (ou mesmo que uma pequena parcela) observasse o exemplo que Saavedra, não apenas um modelo de cristão, mas, também, como um católico de posicionamento político moderado que levou a Argentina à conquista de um de seus maiores triunfos pátrios: a Revolução de Maio.

É interessante notar, também, que as transcrições de documentos que Furlong utiliza para compor o texto são, em diversos momentos, muito longas. Algumas chegam a ocupar mais de uma página. Outras constituem capítulos praticamente inteiros. Mas, por outro lado, todas estas citações se encontram devidamente destacadas no texto, sendo assinaladas em itálico e possuem referência precisa em notas de rodapé. Estas, ainda, estão presentes em quase todas as páginas. Aquelas que não possuem a função de fazer referência aos

documentos citados, têm como objetivo apontar e corrigir “erros”³⁶ cometidos por outros autores que escreveram sobre a Revolução de Maio ou, ainda, citar documentos que não fazem parte do texto em si.

Furlong procura deixar claro ao longo de seu texto que a posição política de Saavedra era “moderada”, em contraposição a de outros líderes de Maio, como Mariano Moreno, que tinha tendência mais “exaltada”. Embora, no caso aqui estudado, “exaltado” seja sinônimo de um político que tomou contato com o Iluminismo europeu e que tinha como exemplo a Revolução Francesa, o historiador argentino faz uma crítica, a partir das palavras escritas por Saavedra, ao radicalismo assumido por esta posição. No capítulo intitulado *Evolución, no Revolución* (páginas 73-75), Furlong apresenta passagem extraída de uma carta escrita pelo personagem biografado, onde este afirma que: “Por eso combatió las tendencias extremistas, procurando ‘se moderen y mitiguen los rigores que hasta ahora se habían adoptado. El Systema Robespierriano que se quería adoptar en esta, la imitación de la revolución francesa [...], gracias a Dios que han desaparecido [...]” (FURLONG, 1979, p. 74-75).

Acreditamos que, aqui, podemos encontrar uma das principais características do texto de Furlong. Ao apresentar Mariano Moreno como um adversário político, com ideias que iam diretamente de encontro às de Saavedra, o historiador argentino cria uma intriga entre os personagens, ou seja, utiliza a “invenção do inimigo” como estratégia retórica. Furlong afirma de forma reiterada que a posição *extremista* de Moreno deveria ser combatida, instaurando-se, assim, uma versão da história que coloca frente a frente os dois líderes e que dá a Moreno o título de vilão, por encabeçar uma oposição “exaltada”, enquanto o foco do governo que tinha Saavedra como presidente escolhido para a Primeira Junta era moderado, e que pode, neste sentido, ser identificado como o herói, ao procurar manter a ordem e a segurança da nova nação.

Ao mesmo tempo, pode-se pensar que tal crítica às tendências políticas apresentadas por alguns dos líderes de Maio não está sendo dirigida apenas aos “exaltados” das primeiras décadas do século XIX. Pensando-se no período de extrema instabilidade política vivenciado pela Argentina no final dos anos 1950 e, ainda, durante as comemorações do sesquicentenário de Maio, tal crítica pode ser interpretada como uma projeção para as próximas décadas do século XX. Como observado por Spinelli (2010), os festejos ocorridos em 1960 tinham como

³⁶ Tomemos, aqui, como exemplo, a nota de rodapé nº 20 da página 38: “No obstante lo vago e impreciso de la biografía de B. González Arrili, publicada en *La Prensa* y después en *Hombres de Mayo*, Buenos Aires 1960, págs. 33-34, la verdad histórica sale ganando considerablemente en ella pero la misma está aún muy lejos de reflejar toda al verdad”. Como se pode constatar, o historiador argentino procura indicar os equívocos de outros historiadores, atribuindo falhas nas pesquisas feitas ou a formulação de juízos de valor injustos em relação ao prócer.

objetivo de ser uma pausa para reflexão, onde um governo com tendência moderada poderia ser bem-vinda. Tal governo, entretanto, deveria possuir a mesma habilidade de Saavedra de articular os interesses dos diversos grupos políticos sem prejudicar o objetivo maior, a pátria, como teria mostrado o personagem quando da nomeação, em 1809, de um novo vice-rei para a região do Rio da Prata:

Algunos patriotas exaltados, al saber de que había llegado y se hallaba en la Colonia del Sacramento, el nuevo virrey, Baltasar Hidalgo de Cisneros, fueron de parecer que no se le debía recibir. Además de un acto de felonía, habría sido un paso fatal para el nacimiento normal y racional de la futura patria. Así lo entendió Saavedra, y llegó a convencer a sus compañeros de cuán conveniente era recibir, y con toda cortesía y pleitesía, al nuevo mandatario. (FURLONG, 1979, p. 48).

Como se pode constatar no texto da conferência e da obra publicadã Furlong apresenta Saavedra como um *exempla vitae* de político e militar, ou seja, de grande homem, aproximando-se, assim, do estilo narrativo adotado por Plutarco, que enfatiza as virtudes de seus biografados e utiliza-se da *Historia Magistra Vitae*, que tem por característica básica a exemplaridade, se constituindo em um tipo de história que busca no passado os referenciais de atuação dos grandes homens do futuro.

Para Plutarco [...], trata-se de perpetuar pelo *exemplum* um certo número de virtudes morais. [...] O *bios*, ao mesmo tempo “vida” e “modo de vida”, serve-lhe de apoio para sublinhar algumas virtudes éticas indispensáveis aos dirigentes políticos e militares. O herói de Plutarco é uma personalidade forte, animada por um ideal a que se consagra por inteiro. Definido como um ser não sujeito a regras, marcado pela desmedida (*hybris*), esse herói está, por definição, sujeito às tentações do descomedimento. Deve, pois, redobrar a vigilância a fim de não soçobrar nos piores escolhos. (DOSSE, 2009, p. 129).

Neste sentido, o texto de Furlong, conforme ele próprio afirma, tem por objetivo legar o exemplo moral de Saavedra à posteridade, reabilitando sua imagem e trazendo consigo toda uma crítica à situação política argentina do final da década de 1950 e inícios de 1960. Parece-nos que o empenho na valorização da trajetória deste prócer indica que o historiador argentino estava, efetivamente, propondo uma política de viés moderado e que seguisse determinados valores morais – principalmente, cristãos, como uma saída para a crise que a Argentina estava atravessando. Sua *escrita*, assim, aproxima-se àquela dos memorialistas, pois busca vencer o esquecimento e firmar-se na memória coletiva.

No horizonte dessa evocação biográfica, encontramos o mesmo impulso, a mesma esperança que motiva a operação histórica: a ânsia de vencer o esquecimento, a finitude da existência, e o **cuidado de transmitir, imortalizar a ação humana a ser perpetuada na lembrança dos pósteros, na memória coletiva [...]**. (DOSSE, 2009, p. 128-129, grifos meus).

Como demonstramos neste capítulo, o historiador da Companhia de Jesus Guillermo Furlong inseriu-se nas comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio ao atender o convite para proferir uma conferência sobre a trajetória de Cornelio Saavedra. Desta participação resultaram dois textos, uma conferência publicada em 1960, na revista *Estudios*, e o outro, uma biografia, publicada em 1960 e novamente em 1979. Mesmo sendo um jesuíta, com um *lugar social* bastante definido, sua inserção e circulação por instituições historiográficas leigas permitiu que tivesse acesso e que produzisse outro tipo de pesquisas e trabalhos, que não mais apenas aqueles sobre e para a Ordem.

Este *lugar social*, inequivocamente, condicionou a *prática* historiográfica realizada por Furlong e, também, sua *escrita*. Embora se constate um rigor na utilização dos documentos pelo historiador jesuíta, principalmente no tocante à comprovação da autenticidade dos mesmos – já que se empenhou na busca de fontes produzidas pelo próprio biografado –, Furlong recorreu, acriticamente, à transcrição de longos trechos, e a *escrita* teve a função de ligá-los, compondo assim uma narrativa em que a *palavra* de Saavedra predomina. Os dois textos produzidos por Furlong, muito semelhantes tanto em sua estrutura, quanto em seus resultados, tiveram o objetivo de tornar o personagem um *exempla vitae* para a nação argentina, reabilitando-o e apresentando-o como exemplo de moderação política.

4 O HISTORIADOR COMO MEMORIALISTA: NAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA NOS TEXTOS SOBRE SAAVEDRA

Em 2010, o Editorial Planeta, de Buenos Aires, lançou uma série de biografias de políticos argentinos, que abarcava desde líderes de Maio até presidentes da segunda metade do século XIX, como Bartolomé Mitre. Estas biografias fazem parte da denominada “Colección Bicentenario”, sob coordenação de Alejandro Ulloa, publicada em homenagem à Revolução de Maio, e se inserem nos festejos ocorridos no ano de publicação, que comemoravam os duzentos anos do início do processo independentista da região do Rio da Prata. Dentre os títulos da coleção, podemos encontrar a obra *Cornelio Saavedra el destacado líder de Mayo* (2010), a qual conta com um projeto gráfico que dá espaço a quadros com informações complementares àquelas da trajetória analisada na publicação e, também, imagens que ilustram ricamente o texto.

O primeiro capítulo desta obra intitula-se *Las memorias de un patricio*, e é dedicado à análise de algumas interpretações historiográficas argentinas sobre a trajetória de Saavedra. Os principais historiadores citados são A. Zimmerman Saavedra¹, que publicou, em 1909, uma biografia do personagem, e textos de Ricardo Levene² e Rodolfo Puiggrós³, que se dedicaram, mais especificamente, à trajetória de Mariano Moreno, mas, que, em alguns momentos de suas obras, fizeram comentários sobre a atuação de Saavedra durante a Revolução de Maio.

Zimmerman Saavedra (apud ULLOA, 2010, p. 9) afirma que em diversos momentos “(...) se han tejido embustes e invenciones de todo género” contra a figura do líder de Maio. Neste sentido, o principal objetivo de sua obra é “(...) demostrar la fragilidad de estas afirmaciones, nunca apoyadas en documento alguno que les dé fuerza, sino en la imaginación parcial de los escribidores de historia. No es extraño que esto suceda, y no es tampoco Saavedra la primera y única víctima de tales cuentos”. Entretanto, por mais que atue em defesa da memória do presidente da Primeira Junta de Governo, Zimmerman Saavedra preocupa-se em esclarecer que “no pretendo que la vida de Saavedra esté exenta de errores; sería disminuir su personalidad suponerlo infalible. (...) Pero su labor como jefe militar, como

¹ Esta biografia, *Don Cornelio de Saavedra presidente de la Junta de Gobierno de 1810* (1909) pode ser encontrada na listagem de livros e artigos consultados por Furlong quando da escrita da biografia de Saavedra, em 1960.

² Ulloa (2010) se utiliza da obra intitulada *Mariano Moreno. Rumbos de una nueva nación* (s/d) presente na coleção *Grandes escritores argentinos* coordenada por Alberto Palcos.

³ O livro intitula-se *La época de Mariano Moreno* (1960).

caudillo, (...) como consejero en los días nebulosos de la emancipación, se destaca nítida y serena (...)” (ZIMMERMAN SAAVEDRA apud ULLOA, 2010, p. 9).

O segundo historiador citado, Ricardo Levene, argumenta que as memórias de muitos dos líderes de Maio sofreram com o esquecimento ou – o que é pior – com a ingratidão e perseguição por parte tanto de seus adversários políticos, quanto, principalmente, das gerações que os sucederam. Para que suas atuações não fossem esquecidas e nem alvo de injúrias, alguns personagens optaram por responder a estas acusações, já que “Ellos mismos se adelantaron a escribir su propia historia – autobiografías, memorias y crónicas – sintiendo la necesidad de defenderse (...) de las críticas de sus contemporáneos, porque en definitiva no habían podido hacer(...) todo lo que habían prometido (...)”. Levene ainda considerava que, embora, com o passar do tempo, a consciência nacional tenha conseguido se sobrepor às paixões revolucionárias, a memória em relação aos líderes do movimento ainda era bastante conflituosa: “Con el tiempo, la conciencia nacional consiguió sobreponerse a las pasiones que envenenaban las fuerzas sanas, pero no fue sin que antes sucumbieron los jefes que habían abrazado la gloria peligrosa de realizar una abrumadora misión” (LEVENE apud ULLOA, 2010, p. 13).

Por seu turno, é Puiggrós quem apresenta as críticas mais duras em relação à atuação de Saavedra durante a Revolução de Maio. Embora admita que o regime de governo adotado pelos revolucionários (a formação de uma Junta) tenha sido sugerido pelo personagem durante o Cabildo Aberto do dia 22 de maio de 1810, o autor argumenta que “Cornelio Saavedra se plegó a la revolución arrastrado por las circunstancias, cuando las noticias de la derrota de Ocaña, que abría a los franceses la puerta de Andalucía, el descrédito del partido ‘español’ y el ascendiente adquirido por el partido ‘patriota’, hacían inevitable el derrocamiento de Cisneros” (PUIGGRÓS apud ULLOA, 2010, p. 17). Além destas afirmações, Puiggrós acrescenta que o personagem não teria o talento e a energia que o movimento independentista necessitava, tornando-se, assim, um fantoche nas mãos de seus adversários políticos:

Desde el instante en que Saavedra se hizo cargo de la presidencia de la Junta no pudo dar un solo paso sin la aquiescencia del partido ‘patriota’ o, para ser más exactos, el partido ‘patriota’ llenó con su actividad todas las funciones y Saavedra se limitó a rubricar los documentos. Gravísimos riesgos corría el nuevo gobierno. Cisneros y los oidores se confabulan para derrocarlo y Saavedra firmaba sin chistar la orden de deportación que le presentaba Mariano Moreno. Liniers y Concha organizaban en Córdoba la contrarrevolución y Saavedra aceptaba la sentencia de muerte que dictaba el inflexible secretario. El presidente era el convidado de piedra en los

acuerdos de la Fortaleza. Moreno hacía y deshacía; Saavedra nada podía hacer ni deshacer porque no estaba a la altura de los acontecimientos y la revolución exigía un talento, una energía y una visión que no poseía. (PUIGGRÓS apud ULLOA, 2010, p. 17).

Os três autores citados por Ulloa (2010) expressam opiniões diferentes em relação à trajetória de Saavedra. Enquanto Zimmerman Saavedra sai em clara defesa daquele a quem considera prócer, Levene procura argumentar não somente em favor desta trajetória, procurando destacar a importância de todos os líderes do movimento de Maio para a história argentina. Como contraponto, Puiggrós faz duras críticas às ações de Saavedra como presidente da Primeira Junta. Como se pode notar, cada um destes autores constrói, de uma forma ou de outra, uma memória sobre o personagem a que se referem.

Do mesmo modo, tanto a conferência proferida por Furlong em 1960, quanto a biografia publicada no mesmo ano, e reimpressa em 1979, expressam opiniões sobre a trajetória de Cornelio Saavedra, fundamentadas, em sua grande maioria, no texto da *Memória autógrafa* (2009 [1829]), escrita pelo próprio personagem. Os textos visam a reproduzir um discurso antigo, permeado pelas virtudes do biografado, construindo, assim, não um texto historiográfico que se quer crítico e analítico de um determinado acontecimento, mas sim a reprodução de uma memória sobre os fatos já construída quando da escrita da *Memória autógrafa* de Saavedra.

A partir destas considerações iniciais, neste último capítulo, procuramos responder às seguintes questões: qual memória é construída sobre Saavedra e, neste sentido, sobre a Revolução de Maio? Esta memória sobre um dos líderes da Revolução, que segue uma tendência moderada bem definida, poderá ser estendida ao acontecimento como um todo, evidenciando, talvez, a tendência do próprio autor da biografia sobre o tema? Qual a memória construída acerca de Furlong como historiador? Ao mesmo tempo, procuramos, também, compreender como Furlong construiu uma memória de si mesmo como historiador, através de sua inserção em organizações leigas e das incursões que fez nas trajetórias de leigos, o que pode ser compreendido a partir de alguns fatos da própria trajetória do autor já expostos desde o primeiro capítulo.

Iniciamos esta análise com uma discussão teórica sobre a memória e suas relações com outros conceitos, aplicando-a, posteriormente, quando procuramos observar com maior aprofundamento tanto o texto da conferência de 1960, quanto aquele da biografia publicada também em 1960, e reimpressa em 1979. Por fim, analisamos a memória construída sobre e por Furlong como historiador. Para isto, retomamos os textos da edição de 1979 da revista

Archivum, uma das principais fontes para a reconstituição da trajetória do historiador argentino. Entretanto, antes de analisarmos os textos de e sobre Furlong, procuramos, de forma breve, reconstituir o contexto de reimpressão da biografia escrita pelo historiador argentino, o que nos auxiliará na compreensão da construção da memória sobre Saavedra.

4.1. A PUBLICAÇÃO DA OBRA *CORNELIO SAAVEDRA PADRE DE LA PATRIA ARGENTINA* EM 1979: O SESQUICENTENÁRIO DA MORTE DE SAAVEDRA

Se o contexto da primeira publicação da obra *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979), mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, foi marcado, de um lado, pelas comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio, que tinham por objetivo reunir a população argentina em torno da rememoração de uma das mais importantes datas pátrias, e de outro, pela grande instabilidade político-econômica, no ano do sesquicentenário da morte do líder de Maio, a Argentina se vê diante de outra realidade: o *Proceso de Reorganización Nacional*. Entretanto, para compreendermos o *Proceso*, é necessário retroceder um pouco no tempo.

Desde o período entre guerras, a Argentina vinha assistindo ao crescimento de uma corrente antiliberal, que Beired (2001) denomina de “nacionalismo de direita”. Segundo o autor, os intelectuais desta corrente “investiram-se da missão de salvar a nação contra o que julgavam ser uma vasta conspiração de forças inimigas da Argentina, cuja encarnação eram: as finanças internacionais, a democracia, o liberalismo, o bolchevismo, os partidos políticos, o movimento operário, os imigrantes, e em particular os judeus”. Livrando o país de todas estas ameaças, o caminho estaria aberto para o resgate de diversas características que estariam perdidas: “o passado glorioso, a tradição hispânica, o catolicismo, a família e valores, tais como ordem, hierarquia autoridade, disciplina e heroísmo, enfim, valores inerentes a uma concepção autoritária da identidade nacional” (BEIRED, 2001, p. 305).

Ainda segundo o mesmo autor, esta corrente foi tomando força com o passar dos anos e a instabilidade político-econômica enfrentada pelo país a partir de meados do século XX. Em 1966, com a chamada “Revolución Argentina”, as Forças Armadas depõem o presidente Arturo Illia e, em 29 de junho, assume o cargo de presidente o tenente general Juan Carlos Onganía. Já nesta época, segundo Luna (2010, p.131-132), “las claves de su acción fueron la despolitización, la verticalización y la tecnificación”. Para tanto, o governo militar atuou em

várias frentes: “(...) la ‘Revolución Argentina’ proclamó la necesidad de erradicar los brotes guerrilleros y la amenaza de la insurrección izquierdista. Los partidos políticos fueron disueltos, intervenidas las universidades y se ejerció una censura que abarcó todos los campos del quehacer público y privado”. Neste sentido, buscava-se construir na Argentina uma moral controlada pelo Estado, já que “el ideal subyacente en la nueva estructura del Estado se sintetizaba en ‘el restablecimiento de la moral’, es decir, la instauración de valores que pudieran enfrentar el peligro de la subversión marxista” (LUNA, 2010, p.131-132).

Os anos seguintes foram bastante conturbados. O regime militar perdurou até 1971, quando, ao entrar em uma grave crise, deu espaço para uma transição para a democracia que foi tutelada pelas Forças Armadas. Entretanto, embora tenham colocado em prática o chamado *Gran Acuerdo Nacional*, um pacto entre o exército e os partidos políticos para uma transição constitucional e, inclusive, tenham saído vitoriosos das eleições de março de 1973, os militares assistiram o regresso de Juan Domingo Perón ao país, após seu exílio e, num golpe de Estado, a convocação de novas eleições para 23 de setembro do mesmo ano, as quais o ex-presidente e sua então esposa, “Isabel” (María Estela Martínez), venceram com 61,85% dos votos.

Os grupos de extrema direita voltam ao poder com a morte de Perón em julho de 1974. Sua esposa e, até então, vice-presidente, assume a presidência e, a partir daí, alguns grupos peronistas assumiram a repressão de movimentos que se posicionavam contra as políticas do Estado, como os sindicatos e os partidos de esquerda. Muitos foram os desaparecimentos e mortes ocorridos nos dois anos de governo de Isabel.

(...) los grupos paramilitares, apoyados por las estructuras policiales, iniciaran la represión de los peronistas que se oponían a la metamorfosis del movimiento. Los activistas de derecha y la policia enfrentaron a tiros las acciones reivindicativas de los trabajadores; los locales de la tendencia y los partidos de izquierda fueron atacados con bombas; muchos militantes fueron secuestrados y asesinados. La serpiente se arrastraba cada vez más con mayor agilidad. (GONZALEZ JANSEN apud LUNA, 2010, p. 176).

As políticas iniciadas pela presidente abriram espaço para um novo golpe das Forças Armadas em 1976, que dá início ao *Proceso*. Neste ano, uma junta composta por Jorge Videla, representando o Exército, Emilio Massera, pela Armada, e Ramón Agosti, representando a Fuerza Aérea, assumiu o comando do país, tendo nomeado o primeiro de seus membros como presidente. Este período de governo militar foi marcado por políticas econômicas que beneficiaram as grandes corporações industriais. A hiperinflação, que chegou

a mais de 100% ao ano, os altos juros e a pouca diversificação da indústria interna argentina facilitaram a concentração de poder econômico nas mãos de poucos.

Dentre as principais características do período, porém, podemos ressaltar dois aspectos. Em sua obra intitulada *Historia de la Argentina, 1955-2010* (2011, p. 144), Marcos Novaro argumenta que os militares procuravam, a partir de diversas políticas públicas – que passavam, inclusive, pelos conteúdos escolares –, “reeducar y reorganizar a los actores sociales y políticos” para empreender, com o apoio de grupos católicos, sua luta contra o comunismo.⁴ Note-se que esta já foi uma das características do governo militar de finais da década de 1960. Assim, havia uma grande preocupação com a formação política e moral da população argentina, à procura de um controle eficiente das dissidências.

O mais notável, entretanto, foi uma espécie de crescimento e internalização da ação estatal, traduzida no próprio controle, na autocensura, na vigilância do vizinho. A sociedade patrulhou a si mesma, se encheu de *kapos*, como escreveu Guillermo O’Donnell, assombrado por um conjunto de práticas que – desde a família às roupas ou às crenças – revelava como o autoritarismo potencializado pelo discurso estatal estava arraigado na própria sociedade. (ROMERO, 2006, p. 200).

Este controle da população passava também – e aí encontramos o segundo aspecto que gostaríamos de ressaltar – pela intensa repressão exercida pelo Estado contra os cidadãos considerados “subversivos”, tanto que Luis Alberto Romero (2006) denomina-a genocídio. Segundo o autor, os militares procuravam “cortar o mal pela raiz”, eliminando seus adversários, considerados inimigos também da nação, em ações que, de certo modo, eram aceitas pela sociedade que se encontrava amedrontada e imobilizada.

⁴ Já na primeira metade do século XX, grupos católicos integristas argentinos haviam refletido sobre a situação interna do país, com a sucessão de regimes políticos e de crises políticas, econômicas, sociais e culturais. Para estes grupos, era necessário que a Igreja acompanhasse as diferentes disputas pelo poder e seus reflexos na sociedade, salientando que a solução para estes conflitos estaria, sempre, na doutrina cristã tradicional (ZANOTTO, 2014). Segundo Giorgi (2010, p. 54), a “Revolução Argentina” já havia sido apoiada por diversos intelectuais católicos: “un número significativo de sociólogos, politólogos, filósofos, economistas, abogados, entre otros, apoyarán y se sumarán activamente a la experiencia de la Revolución Argentina, desde diversas posiciones. Se trata de una militancia en el campo político y cultural, en universidades, conformando think tanks y ocupando cargos en el Estado. En este grupo se destacan particularmente los sujetos socializados o insertos en redes y espacios socio-religiosos”. Ao mesmo tempo, surgiram outros grupos, como o denominado *Tradição, Família e Propriedade* (TFP), que, explicitamente confessional, procurava atuar no sentido de “defende[r] um modelo de crer, de vivenciar as crenças, de agir a partir delas, de compreensão de Igreja e também do papel que essa instituição teria ante a sociedade e o Estado” (ZANOTTO, 2014, p. 235). Neste sentido, estes grupos passaram a apoiar regimes como os civil-militares, procurando empreender, junto aos círculos nos quais atuavam, e de acordo com as pretensões destes governos, a “construção de uma nova Argentina, pautada em elementos de ordem, hierarquia, autoridade, verdade absoluta, combate e também dinamicidade, vitalidade e criatividade” (ZANOTTO, 2014, p. 237).

O discurso da autoridade, grandioso e opressor, retomou duas questões tradicionais da cultura política argentina e as desenvolveu até as últimas e terríveis conseqüências. O adversário – de contornos indefinidos, que podia incluir qualquer dissidente – era o não-ser, a ‘subversão apátrida’ sem direito a voz ou à existência, que podia e merecia ser exterminado. Contra a violência não se argumentou a favor de uma alternativa jurídica e consensual, própria de um Estado republicano e de uma sociedade democrática, mas a favor de uma ordem que era, na verdade, outra versão da mesma equação violenta e autoritária. (ROMERO, 2006, p. 200).

Neste contexto, no qual os intelectuais de direita valorizavam um idealizado passado nacional e em que, através de políticas públicas e repressão, a população passou a ser reeducada e reorganizada, é interessante notar que não encontramos qualquer referência a comemorações ou a atos públicos relativos ao sesquicentenário da morte de Cornelio Saavedra. A única iniciativa associada à data foi a reimpressão, subsidiada pelo *Ministerio de Cultura y Educación de la Nación*, da obra *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979). Cabem, portanto, as perguntas: Tendo sido fruto de uma ação governamental, qual teria sido a intenção do Estado ao publicar novamente esta obra? Teria alguma preocupação educativa? Através dela procurava-se resgatar um personagem que poderia servir de exemplo para a nação? Nos próximos tópicos deste capítulo, procuramos responder a estas questões.

4.2. A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA SOBRE SAAVEDRA E SOBRE A REVOLUÇÃO DE MAIO

Para iniciarmos esta discussão sobre a memória construída acerca de Cornelio Saavedra por Guillermo Furlong, ao escrever uma conferência e uma biografia sobre o personagem, acreditamos ser necessário, aqui, definir e relacionar alguns conceitos que consideramos importantes e operacionais para subsidiar esta análise. Referimo-nos, mais especificamente, às relações existentes entre os conceitos de História, Memória e Nação. Embora estes conceitos já tenham sido mencionados nos capítulos anteriores, consideramos importante relacioná-los, aqui, de forma mais específica, a fim de melhor construir o argumento central desta última parte do presente trabalho.

No livro intitulado *Identidade nacional: um enigma* (2013), Marcel Detienne disserta sobre o conceito de identidade nacional na França do século XXI, utilizando como mote a

criação, em 2007, do Ministério da Identidade Nacional. Através de um provocativo diálogo entre História e Antropologia, o autor procura compreender como se desenvolve, no indivíduo, o sentimento nacional e como o mesmo é fundado, entre outras coisas, a partir da alteridade e de constantes reconstruções. Entretanto, dois pontos chamam a atenção na análise do historiador belga e se associam diretamente à nossa discussão neste trabalho. Em um primeiro momento, ressaltamos aquilo que o autor chama de "dívida para com os mortos". Para tanto, Detienne (2013, p. 36) invoca Jules Michelet, ao afirmar que “a história nasce endividada, o historiador está em dívida com os mortos. Ele assume uma magistratura dos túmulos, é o ‘tutor e o protetor dos mortos’. Pois ‘cada morto deixa um pequeno bem, sua memória, e pede para que cuidemos dela’”. Estes túmulos, estes mortos, também possuem uma estreita ligação com a terra onde viveram, fazendo com que seus descendentes aprendam, desde cedo, sua responsabilidade para com sua memória, chegando a esta conclusão ao invocar, também, Maurice Barrès: “Uma pátria é fundada sobre os mortos e sobre a terra. A ‘pátria francesa’ e ‘sua consciência nacional’ se originam na terra da França: ‘A terra nos dá uma disciplina, e somos o prolongamento dos ancestrais. Aí está a realidade sobre a qual devemos nos fundar’” (DETIENNE, 2013, p. 36). Para o autor, a memória e a construção da identidade nacional andam unidas. Os mortos e suas trajetórias ligam o passado ao presente. E, para que esta ligação se torne efetiva, é necessário que esta memória seja constantemente reconstruída.

Neste sentido, as discussões atuais sobre o conceito de memória apontam um caminho bastante frutífero a ser seguido pelos pesquisadores. Como já sinalizado na *Introdução* desta dissertação, há uma grande preocupação por parte de teóricos como Joël Candau (2012) e Fernando Catroga (2001) em caracterizar memória como uma reconstrução do passado condicionada pelo presente e que sempre será utilizada com alguma finalidade, principalmente, pedagógica. Ao mesmo tempo, é necessário ter em mente que tal reconstrução é sempre seletiva. Seja por conta de transtornos psicológicos que afetem a memória, como traumas, seja por intenção daquele que lembra, a reconstrução de um acontecimento sempre passará por uma seleção daquilo que será rememorado e daquilo que será relegado ao esquecimento. As lembranças (selecionadas, fragmentadas) são apresentadas como se fossem o próprio acontecimento, e não uma versão deste. Neste sentido, a memória

(...) nunca poderá ser um mero *registro*, pois é uma *representação* afectiva ou melhor, uma *re-presentificação*, feita a partir do presente e dentro da tensão tridimensional do tempo. E, nesta o futuro é ligado ao passado por um fio *totalizador e teleológico*. Isto é, toda a recordação tende a objectivar-se

numa narrativa coerente que, em retrospectiva, domestica o aleatório, o casual, os efeitos perversos do real-passado quando este foi presente, actuando como se, no caminho, não existissem buracos negros deixados pelo esquecimento. (CATROGA, 2001, p. 46).

Esta *re-presentificação* do passado não tem apenas o objetivo de trazer à lembrança, por si só, um determinado acontecimento. É preciso levar em consideração o fato de que a evocação – seletiva – de uma lembrança em detrimento de outra acaba por adaptar, conformar a visão acerca daquilo que se quer lembrar. No caso de rememorações intencionais ocorridas, por exemplo, durante comemorações ou cerimônias que homenageiam datas importantes, a evocação de feitos gloriosos ou, por outro lado, dolorosos para determinados grupos, auxilia na constante construção de identidade necessária para a Nação.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAUI, 2012, p. 16).

A “dívida para com os mortos” pode ser, assim, seletiva. Há acontecimentos que desejamos rememorar ou esquecer e, do mesmo modo, há indivíduos que, para a história nacional, por exemplo, podem ser lembrados ou relegados ao olvido. Esta seleção pode depender da intencionalidade do grupo que comemora, do grupo que lembra, e, também, da importância que aqueles que escreveram sobre o(s) indivíduo(s) – sejam eles historiadores, leigos ou profissionais de outras áreas – atribuem à(s) sua(s) atuação(ões).

O segundo ponto que nos chama a atenção no texto de Detienne (2013), e que se encontra ligado ao primeiro, é a dualidade História⁵/memória e a utilização que a primeira faz da segunda na construção de seu discurso. No verbete intitulado *História* da obra *História e Memória* (2003), Jacques Le Goff já havia comentado acerca daquilo que chama de “duas

⁵ Utilizamos, aqui, a definição de História proposta por Jacques Le Goff em sua célebre obra intitulada *História e Memória* (2003). Nas primeiras páginas do verbete intitulado *História*, após discutir as principais definições dadas ao termo ao longo dos últimos dois milênios, o autor chega à seguinte conclusão: “Penso que a história é bem a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objeto da história, por uma reconstrução incessantemente reposta em causa (...). Esta interação entre passado e presente é aquilo a que se chamou função social do passado ou da história. Também Lucien Febvre (1949): ‘A história recolhe sistematicamente, classificando e agrupando os fatos passados, em função das suas necessidades atuais. É em função da vida que ela interroga a morte. Organizar o passado em função do presente: assim se poderia definir a função social da história’ (...)”. Neste sentido, fica evidente que a História pode apoiar-se na memória para construir sua investigação e seu discurso. Entretanto, a memória, ao ser utilizada como fonte, deve passar pelo crivo da crítica historiográfica, para que não haja uma mera utilização da mesma como História.

histórias”, uma que se apoia na memória e a reproduz, e outra que toma essas narrativas como fonte, mas aplica seus métodos e sua crítica para construir seu discurso.

Em primeiro lugar, (...) há pelo menos duas histórias, e voltarei a este ponto: a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e pela *mass media*, corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros. Mas estará o historiador imunizado contra uma doença, se não do passado, pelo menos do presente e, talvez, uma imagem inconsciente de um futuro sonhado? (LE GOFF, 2003, p. 29).

Opinião semelhante é a de François Dosse que, em seu livro intitulado *A História* (2012), dedica um capítulo à análise daquilo que denomina “dissociação entre história e memória”. Para o autor francês, “tudo as opõe”. De um lado, “A memória é a vida, sempre levada por grupos vivos e, por isso, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas deformações e manipulações, suscetíveis a longas latências e súbitas revitalizações.”; em contraposição, “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. (...) A história, por ser uma operação intelectual e laicizante, convida à análise e ao discurso crítico”. Por isso, “a memória instala a lembrança no sagrado, a história a tira de lá e sempre a torna prosaica” (DOSSE, 2012, p. 285-286).

Ambos os historiadores sinalizam o fato de que, mesmo estando em flagrante oposição, História e memória convivem e, inclusive, a segunda pode ser objeto de estudo e/ou fonte da primeira. Quando a memória se torna o objeto de estudo da História, podem-se abrir diversas perspectivas de trabalho. Entretanto, atualmente, historiadores como François Dosse (2012) têm salientado a importância de se trabalhar não apenas com um determinado acontecimento em si, mas, sim, com as diferentes memórias construídas ao longo do tempo sobre o mesmo e as maneiras como elas foram utilizadas pela sociedade. Neste sentido, o autor propõe aquilo que denomina de “história social da memória”, onde procura, citando o historiador francês Pierre Nora, propor o estudo, principalmente, de comemorações:

Está aberto o caminho para uma história completamente diferente: *não mais os determinantes, mas seus efeitos; não mais as ações memorizadas ou mesmo comemoradas, mas o rastro dessas ações e o jogo dessas comemorações*; não os acontecimentos por si mesmos, mas *sua construção no tempo*, o desaparecimento e o ressurgimento de suas significações; não o passado tal como se passou, mas *suas sucessivas reutilizações*; não a

tradição, mas *a maneira como ela se constituiu e transmitiu*. (NORA apud DOSSE, 2012, p. 189, grifos nossos).

Por outro lado, quando a memória é utilizada como fonte pela História, é necessário que esta passe pelo crivo da crítica, para que se possa construir um conhecimento e não apenas reproduzir um discurso. Deve-se levar em consideração, também, o fato de que, em alguns casos, as lembranças de alguns indivíduos (que podem ser transmitidas tanto de forma oral, quanto através da escrita, com a publicação de memórias, autobiografias ou testemunhos), podem ser tomadas como história. Esta “dívida para com os mortos” faz com que surja, em muitos casos, uma espécie de dever de memória tanto em relação a acontecimentos, quanto em relação a indivíduos, que podem ser considerados “esquecidos pela História” ou vítimas de interpretações errôneas de suas trajetórias por parte de outros historiadores. Esta “dívida para com os mortos” apenas pode ser paga através da constante rememoração de suas trajetórias, de seus feitos, da importância dos exemplos do passado para a construção do presente, como quer a *Historia Magistra Vitae*⁶. E é a partir deste sentimento de dívida que se dá toda uma escrita que procura ensinar aos mais novos os principais feitos e nomes dignos de ser lembrados⁷.

Entretanto, Roger Chartier (2010) observa que, mesmo que a rememoração e o esquecimento sejam necessários, a História, ao utilizar-se da memória como fonte, precisa, ao realizar a crítica, procurar compreender qual a intencionalidade por trás daquela lembrança. Se a fonte utilizada for um texto, como uma memória ou autobiografia, devem-se investigar quais as intenções do autor para a escrita do texto. Afinal, ele está respondendo a alguma acusação? E, ao mesmo tempo, ter em mente que esta memória sempre será uma das versões do acontecimento vivido; não a verdade, mas uma *re-presentificação* das lembranças do autor do texto.

⁶ Como mencionamos anteriormente, a *Historia Magistra* tem com sua primordial característica a exemplaridade, se constituindo em um tipo de história que busca no passado os referenciais de conduta moral e política para as próximas gerações. Neste sentido, a exemplaridade é necessária, de modo a aperfeiçoar os indivíduos intelectual e moralmente, para que possíveis erros que ocorreram no passado não aconteçam novamente. A *Historia Magistra* garante ao ser humano a possibilidade de compreensão dos modelos morais, mesmo que o personagem que serve de exemplo tenha vivido muitos séculos antes do público ao qual a biografia se destina, uma vez que o espaço de experimentação do ser humano é contínuo.

⁷ Como já mencionado na *Introdução* deste trabalho, Catroga afirma que o século XIX assiste a um grande surto historiográfico, com o reconhecimento do valor social e político da investigação, além do “ensino e popularização de interpretações do passado legitimadoras do presente, assim como assim como na institucionalização de práticas simbólicas postas ao serviço da sacralização cívica do *tempo* (comemorações) e do *espaço* (novos “lugares de memória”)” (CATROGA, 2001, p. 60). Esta história “ensinável” auxilia no enraizamento e na construção de novas memórias, podendo, neste sentido, utilizar-se de personagens da história nacional, como os líderes da Revolução de Maio argentina, para estabelecer um vínculo entre o passado e o presente.

A história deve respeitar as exigências da memória, necessárias para curar as infinitas feridas, mas, ao mesmo tempo, ela deve reafirmar a especificidade do regime de conhecimento que lhe é próprio, o qual supõe o exercício da crítica, a confrontação entre as razões dos atores e as circunstâncias constrangedoras que eles ignoram, assim como a produção de um saber possibilitada por operações controladas por uma comunidade científica. (CHARTIER, 2010, p. 12).

Alguns historiadores, como Guillermo Furlong, optaram por reconstruir as trajetórias de alguns destes personagens – neste caso, Cornelio Saavedra. É pensando, justamente, na questão que diz respeito à “dívida para com os mortos” que iniciamos a análise do texto da conferência, intitulado *Cornelio de Saavedra* (1960), que foi reproduzido na edição comemorativa ao sesquicentenário de Maio da revista *Estudios*. Entretanto, antes de adentrarmos no texto em si, consideramos importante retomar as *Palabras de presentación* de Atilio Dell’Oro Maini, pronunciadas antes da conferência de Guillermo Furlong para a Agrupación Celeste y Blanca, pois este pequeno texto, de apenas cinco páginas, evidencia a perspectiva que norteia a fala do jesuíta, que tende muito mais a uma *re-presentificação* dos feitos de Saavedra do que à construção de um discurso crítico sobre a trajetória do personagem.

Já na primeira página do texto, o apresentador invoca o exemplo deixado pelas gerações anteriores no que diz respeito ao serviço prestado à pátria: “El alto ejemplo recibido de los mayores, ahuyenta el desaliento, la desorientación, la protesta inútil y la ociosa nostalgia. Cada cual quiere tener su sitio, porque sabe que en el más oscuro y callado puede servir a su patria” (DELL’ORO MAINI, 1979, p. 9-10). Para o autor, é necessário que todos os indivíduos, da forma como puderem, prestem sua contribuição à terra a que se vinculam a partir das trajetórias daqueles que os antecederam. Tal compromisso é ainda maior, caso estes indivíduos descendam de algum personagem ilustre da história argentina:

Todo linaje, cuanto más ilustre, más comprometedor resulta para quienes tienen la honra de continuarlo. *Las contingencias históricas pueden no ser propicias a la repetición de las antiguas hazañas*, pero hay que llevar en el alma la voluntad de superarlas. *Sólo así se mantiene viva la fidelidad a los ideales que fueron su gloria y se tiene el corazón pronto para defender o enaltecer su nombre o para resguardar la integridad del patrimonio recibido.* (DELL’ORO MAINI, 1979, p. 10, grifos nossos).

Como assinalado no primeiro trecho grifado da citação acima, Dell’Oro Maini (1979) considera que o momento histórico do início da década de 1960 não é propício para uma

revolução. Talvez, como já assinalado nos capítulos precedentes, tanto o apresentador, quanto o próprio Furlong, na biografia que produziu sobre Saavedra, considerem que as alternativas políticas mais eficazes naquela conjuntura seriam a conciliação e a moderação. Tal perspectiva não estaria, de qualquer forma, afastada do posicionamento adotado pelo personagem durante o desenvolvimento das ações revolucionárias de 1810, já que, envolvido, como presidente da Primeira Junta, nas principais disputas políticas da época, principalmente em relação a Mariano Moreno, optou por uma postura considerada mais conciliadora e que procurava administrar os diferentes interesses que estavam em jogo naquela época.

Dell’Oro Maini (1979) chama a atenção, ainda, do público presente e que viria a assistir a conferência, para a importância das comemorações do sesquicentenário de Maio e, principalmente, do ato que estava sendo, então, realizado. Para o apresentador, “estáis realizando (...) un acto de profunda significación, al que yo rindo (...) el tributo conmovido de mi sincera alabanza. Vosotros, también, como descendientes de aquéllos, tomáis vuestro puesto de responsabilidad, dando un ejemplar testimonio de virtud cívica”. Como “heroes de la patria”, os líderes de Maio teriam deixado uma herança a seus descendentes, e estes, neste ato, estavam não apenas prestando homenagem, mas oferecendo-se para prosseguir com a obra por eles iniciada. Na continuação, o apresentador acrescenta que “(...) así como los próceres de Mayo unieron su esfuerzo, en la heroica y difícil solidaridad creadora de la patria, vosotros recogéis la virtud de aquel vínculo para fundiros hoy en la unidad del común recuerdo y de la misma esperanza. Estáis realizando un acto digno de vuestro linaje” (DELL’ORO MAINI, 1979, p. 10-11).

A partir destas *Palabras de presentación*, parece evidente que, neste momento de comemoração do sesquicentenário da Revolução de Maio, a *Agrupación Celeste y Blanca*, através do convite feito a Guillermo Furlong e da conferência que veio a proferir, buscava uma rememoração do acontecimento a partir dos principais feitos de um destes “heroes de la patria”. Não cabia, portanto, na ocasião, qualquer crítica à fonte utilizada ou às representações construídas acerca da trajetória de Saavedra, mas, sim, a exaltação de uma memória sobre o personagem por meio de elogios às suas escolhas e de críticas àqueles que não compartilhavam de opinião favorável sobre o personagem.

Em sintonia com as aspirações da *Agrupación*, Furlong expressa, em certo momento da conferência, sua crítica e condenação ao esquecimento a que Saavedra havia sido condenado após sua morte:

Sus contemporáneos le odiaron gratuitamente; la posteridad le olvidó ingratamente; desde 1810 espera una recompensa justiciera, pero ella está aún muy lejos de ser lo que debe ser. Aquel hombre que fue el primero en la guerra contra los ingleses, a la par de Liniers, y que fue el denodado militar que salvó los intereses patrios de enero de 1809; aquel hombre que fue, sin comparación alguna, el primero en la paz de los transcendentales sucesos de 1810, tiene todo derecho de ser el primero en el corazón de sus conciudadanos. (FURLONG, 1960, p. 211).

A menção que Furlong faz ao esquecimento parece ser a chave para interpretarmos o texto desta conferência. Para Furlong, o sentimento de amor pela pátria – note-se que o historiador argentino não utiliza o termo *nação* – não surge de forma espontânea nos cidadãos, “(...) menos aún pode surgir de la ignorancia” (FURLONG, 1960, p. 211). O historiador jesuíta defende que para que o sentimento de amor à terra natal aflorasse, os argentinos deveriam conhecer os feitos heroicos de um dos principais líderes da Revolução de Maio. Porém, é preciso ter bem presente que no texto desta conferência, estão descritos somente os feitos mais notórios de Saavedra no processo revolucionário, diferindo substancialmente da biografia publicada também em 1960 e novamente impressa em 1979. Nela, os elogios feitos a Saavedra se encontram mais diluídos no texto, o que decorre, muito provavelmente, do projeto editorial e dos objetivos que a obra publicada teve.

Um dos mais evidentes recursos de exaltação da figura do personagem utilizados por Furlong é o de sempre atribuir o protagonismo da ação revolucionária a Saavedra. Isto fica evidente no próprio subtítulo da primeira seção do texto, *Saavedra, factor maximo de los acontecimientos de Mayo*, e também no seu primeiro parágrafo:

Esa gloria se la otorgó la naturaleza, y se la otorgó la historia, al hacer de él el caudillo máximo de los patriotas de 1810 y el Jefe de la Primera Junta provisional, y hoy, desaparecidas las pasiones de otrora, los argentinos hemos de reconocer en don Cornelio de Saavedra al caballero sin tacha, al ciudadano probo y generoso, al hombre cultísimo al soldado tan denodado como valiente, al político cortado a la medida del prudente y sagaz Caton, al factor máximo de la Revolución de Mayo. (FURLONG, 1960, p. 212).

Para Furlong, Saavedra possuía as qualidades para o exercício de todos os cargos para os quais foi eleito. Estes elogios se repetem em algumas passagens do texto.⁸ Neste sentido,

⁸ Ao comparar as personalidades de Saavedra e Liniers, Furlong menciona diversas características em comum entre os personagens (e que serão repetidos na biografia publicada em 1960 e reimpressa em 1979): “Había no poco de parecido entre esos dos grandes hombres, los héroes máximos en las brillantes jornadas de 1806 y 1807: había ciencia seria y digerida; había madurez, había perspicacia para conocer a los hombres y sus intenciones; había capacidad para acometer empresas y había habilidad y constancia para llevarlas a su debido fin” (FURLONG, 1960, p. 214). Posteriormente, ao comentar as animosidades entre Saavedra e Mariano Moreno, o historiador argentino considera que “La actuación de Saavedra, antes, durante y después de los sucesos de 1810

nos parece bastante provável que o historiador argentino tenha se apropriado – além da exemplaridade, já citada – de mais um dos aspectos das *Vidas* da Antiguidade⁹: o discurso sobre as virtudes do biografado. No texto de Furlong sobressaem-se os elogios às virtudes pessoais do personagem. Cavalheirismo, generosidade, valentia, entre outras características, são muito mais citadas – e valorizadas – do que habilidades inerentes a um comandante de milícias ou a um chefe de governo, como capacidade organizacional e diretiva e conhecimentos sobre política e economia, por exemplo.

Além disso, outro ponto ao qual Furlong dá especial atenção, como já mencionado no capítulo anterior desta dissertação, diz respeito às divergências políticas entre Saavedra e Mariano Moreno. Mesmo considerando o segundo um dos mais importantes líderes de Maio, Furlong comenta que “Era, sin embargo, de un temperamente impulsivo, y era terco en sus opiniones y en los pocos meses de actuación al lado de Saavedra, creyó que éste era poco enérgico. Quería llegar al fin cuanto antes, sin etapas, contrariando así las leyes de la naturaleza, y las de la historia”. E, diferentemente de Saavedra, suas ações não seriam condizentes com suas ideias políticas: “El renunciar a su puesto en la Junta, por la incorporación de los diputados, y alejarse del país en un momento de los más trascendentales de nuestra historia, no dice bien de él” (FURLONG, 1960, p. 222).

Note-se, ainda, que as ideias políticas ilustradas de Moreno não eram bem recebidas naquele contexto. As elites bonaerenses e, principalmente, os líderes de Maio, estavam assustados com o posicionamento “exaltado” de Moreno, já que este preconizava mudanças e os primeiros, frutos da educação tradicional recebida naquela época, gostariam de manter o *status quo*, procurando apenas a mudança do governo da região do Rio da Prata:

El brillo de Moreno y su carácter arrebatado debían pesar y molestar si se quiere, a la mayoría de los graves y sesudos personajes de la Junta, con antecedentes tradicionales en el servicio público, recientes y gloriosos,

no pudo ser más atinada y más sagaz” (FURLONG, 1960, p. 222). Note-se que todos estes elogios se referem a características pessoais do prócer, e não à sua atuação como comandante do Regimento de Patricios ou como presidente da Primeira Junta.

⁹ Um dos exemplos mais conhecidos das *Vidas* são os textos intitulados *Vidas Paralelas* de Plutarco. O foco do gênero se dá nas virtudes e na exemplaridade do indivíduo. Segundo Dosse (2009) há uma linha muito tênue que separa a realidade da ficção nas *Vidas*, e a lição moral que será transmitida é muito mais importante do que seu compromisso com a realidade: “a biografia da época helenística alimenta uma ambição que se abebera tanto no real autenticado quanto na ficção. A biografia não corta o cordão umbilical que a liga ao imaginário, contrariamente ao gênero histórico. A liberdade criativa está aí toda inteira e o leitor não se preocupa em saber se as frases mencionadas foram ditas ou não. De resto, a inventividade dos biógrafos era amplamente solicitada e correspondia ao horizonte de expectativa dos leitores. Cumpria responder-lhes à curiosidade, e a lição de vida que se esperava do biógrafo devia ser exemplar, podendo até mesmo constranger a realidade se necessário” (DOSSE, 2009, p. 125).

algunos de ellos, en las luchas con el soldado inglés y en la manera de preparar la preponderancia criolla después, para llevar a buen fin, como lo estaban haciendo, el pensamiento triunfante el 25 de Mayo. (ZIMMERMANN apud FURLONG, 1960, p. 224).

Pode-se encontrar aqui uma espécie de comparação entre os dois personagens, com a valorização das “qualidades” de um em detrimento dos “defeitos” de outro. Este trecho evidencia uma segunda característica das *Vidas*, principalmente, das *Vidas Paralelas* de Plutarco, que

(...) concebeu suas biografias sob a forma de comparação dupla, confrontando os méritos e os defeitos de um herói grego e um romano. (...) O objetivo capital do projeto de Plutarco é revelar os traços de destaque de um caráter psicológico em sua ambivalência e complexidade, inaugurando assim o gênero da vida exemplar com tons moralizantes (...). A vocação universalizante da biografia consiste em ser, segundo a fórmula de Cícero, uma mestra da vida, uma *magistra vitae*. (DOSSE, 2009, p. 127-128).

A estratégia comparativa pode fazer com que o leitor compreenda mais facilmente quais as características que devem ser apreciadas e, por isso, apropriadas, e quais devem ser rejeitadas. Enquanto Saavedra traz consigo as virtudes que devem ser reproduzidas, imitadas, Moreno encarna o revolucionário que contradiz seu discurso. Afinal, por que ele propôs ideias radicais, para, posteriormente, desistir de sua luta? O exemplo de Saavedra deveria ser observado pelas gerações posteriores, na medida em que foi um herói que não se deixou intimidar por seus adversários, tendo lutado, não apenas pela independência argentina, mas, principalmente, pelo futuro da pátria:

Para Plutarco (...), trata-se de perpetuar pelo *exemplum* um certo número de virtudes morais. O método comparativo apenas lhe serve de suporte para uma demonstração no curso da qual exalta traços de caráter e tendências psicológicas similares, independentemente da diferença de tempo entre Grécia e Roma. (...) O herói de Plutarco é uma personalidade forte, animada por um ideal a que se consagra por inteiro. (...) Trata-se de uma lição moral que se pretende sugestiva para não importa qual leitor, o Plutarco se dirige primeiro a seus contemporâneos e sucessores. Para além da singularidade dos percursos relatados, o que ele almeja é a encarnação dos valores abstratos (...). (DOSSE, 2009, p. 129).

O último tópico abordado por Furlong na conferência diz respeito à deposição de Saavedra e a seu exílio. Para o historiador argentino, “Todo el pueblo estaba con Saavedra; todo el populacho, entendiendo por tal los frívolos y ligeros, estaban del otro bando (...)” (FURLONG, 1960, p. 225). É interessante notar que Furlong diferencia o *pueblo* do

populacho. Embora o autor não esclareça qual a diferença entre os dois termos, Goldman e Di Meglio (2008), apontam que havia diferenciação entre o *pueblo* e a *plebe*. O primeiro seria composto por aqueles que os autores denominam “vecindario ilustre”, ou seja, todos aqueles personagens ilustres por sua participação na política bonaerense e/ou por sua grande fortuna, o que os tornava influentes no meio social, ou seja, a gente decente. Já a *plebe* era formada por todo o resto da população, que não tinha influência política ou econômica. “Aquí se evidencia un uso de pueblo diferente a los ya mencionados, causado por la politización del concepto; puesto que el pueblo es ahora el sujeto que asumió la soberanía surge la disputa por quienes integran el verdadero pueblo: la gente decente o toda la población” (GOLDMAN & DI MEGLIO, 2008, p. 134). Assim, Furlong procura mostrar que Saavedra tinha o apoio de grande parte da população – pelo menos daquela que interessava – com relação à sua política de governo e que, por isso, não deveria ter sido retirado do poder: “Los miles de ciudadanos reunidos en la plaza pública, pedían la restitución de dignidades cuya ausencia, entendían a su manera, afectaba al presidente; la deportación de muchos ciudadanos y una serie de medidas de discutible conveniencia” (FURLONG, 1960, p. 225).

Por fim, ao encerrar a narrativa, o historiador argentino procura deixar um recado para aqueles que assistiram a conferência: “(...) la discordia de entonces y el sectarismo de hoy llevan a los mismos extremos (...)” (FURLONG, 1960, p. 226). Talvez a intenção de Furlong fosse a de alertar os ouvintes – que, nas palavras de Dell’Oro Maini, teriam um compromisso para com a pátria – para que deixassem de lado posições extremamente radicais ou intransigentes e procurassem, assim como Saavedra, optar pela moderação. Neste sentido, há uma lição moral no texto, e que não se aplica a uma época específica, mas pode (e deve) ser imitada sempre para que a Argentina possa alcançar um futuro próspero.

Se o discurso acerca das virtudes de Saavedra é o ponto central da conferência proferida e publicada na revista *Estudios* em 1960, na biografia acontece algo semelhante. Entretanto, como já assinalado anteriormente, os elogios encontram-se mais diluídos no texto, principalmente por conta da extensão do mesmo. Isso faz com que a biografia assumira um caráter um pouco diferente. E, para compreendermos esta diferença entre os textos, passamos, a partir de agora, à análise da obra intitulada *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979).

Logo no início do texto, Furlong aponta quais eram suas intenções ao escrever a biografia sobre a trajetória de Cornelio Saavedra:

Lejos de nosotros el achicar, en ningún momento, y por razón alguna injustificada a unos próceres para enaltecer a otros; todos ellos en la medida de sus talentos y de sus energías, así lo hemos de suponer, sirvieron a la Patria, aun aquellos que erraron, ya que hemos de considerar que los errores que cometieron no fueron sino efectos de la fragilidad humana y no de la malicia humana.

Pero esa justiciera estimación de los hombres de otrora no nos ha de inhibir para jerarquizarlos, ya que en la realidad de los hechos no todos ocuparon el mismo peldaño, antes unos más arriba, otros más abajo, y es incumbencia tan imprescindible como delicada del historiador, sin fobias y sin filias, antes con criterio sereno e imparcial, ubicar a unos y a otros. (FURLONG, 1979, p. 17).

Para o historiador argentino, havia uma verdadeira hierarquia dos heróis nacionais, que era definida de acordo com os feitos de cada um. Tal perspectiva pode ter relação com as afirmações feitas pelo próprio Saavedra no início de suas *Memórias*, quando ele argumenta sobre as distinções existentes entre os indivíduos.

Para iniciar a exposição das virtudes de Saavedra, Furlong se utiliza do capítulo intitulado *Saavedra: Todo un caballero* (páginas 23-26), onde aborda a infância do personagem e a educação que teve.

(...) si la educación más cabal es aquella que lleva a un hombre a tener su entendimiento sometido a la verdad, y su voluntad sometida a la moral, y sus pasiones sometidas al entendimiento y a la voluntad, y todo este conjunto, ilustrado, dirigido y elevado por la religión, hemos de reconocer que esa educación familiar, colegial y semi-universitaria, que fue la porción de Don Cornelio, le preparó para los grandes destinos que eran de su incumbencia. Y los realizó plenamente, y por eso la historia le ha otorgado por prudente y valiente, por perspicaz y aguerrido, el título de caudillo máximo de los patriotas de 1810, y hoy que las pasiones han amenguado algún tanto, los argentinos reconocemos en él al caballero sin tacha, al ciudadano probo y generoso, al varón cultísimo, al soldado denodado y valiente, al político cortado a la medida del prudente y sagaz George Washington. (FURLONG, 1979, p. 24, grifos nossos).

Além de reproduzir alguns dos elogios já feitos na conferência, Furlong acaba por cair em uma das maiores armadilhas do gênero biográfico, ou seja, aquilo que Pierre Bourdieu (1996) denomina de *ilusão biográfica*. Para o sociólogo francês, muitos historiadores, ao biografarem algum indivíduo, acabam incorrendo no equívoco de considerar que características pessoais apresentadas nos primeiros anos de vida ou durante sua formação determinariam suas ações posteriores. Ao comentar o posicionamento de Bourdieu (1996), Benito Schmidt (2012, p. 198, grifos nossos) afirma que tal perspectiva de escrita biográfica vem acompanhada, ainda, de expressões que a caracterizam:

Pierre Bourdieu tece uma severa crítica aos pesquisadores que tomam essa unidade do eu como material, como um pressuposto para os seus métodos e interpretações, e que, desse modo, incorrem no que chama de ‘ilusão biográfica’, ou seja, no *pressuposto ‘de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto’, ideia que se expressaria no uso de expressões como ‘já’, ‘desde então’, ‘desde pequeno’, ‘sempre’, comuns nas biografias e nas histórias de vida.*

No mesmo sentido, Sabina Loriga (1998) alerta para o fato de que em alguns estudos, os indivíduos parecem se encontrar presos a determinismos, em uma história de vida completamente coerente, sem desvios ou incertezas:

Parece-me que o estudo do passado continua a privilegiar uma concepção aritmética do indivíduo, pré-psicanalítica e mesmo pré-dostoievskiana – concepção que não oferece ao personagem homem senão uma alternativa: desempenhar o papel de um ser consciente e coerente ou, então, o de um peão no tabuleiro de xadrez da necessidade. (LORIGA, 1998, p. 245).

Ao apontar que a educação recebida por Saavedra o teria preparado para as ações e decisões que tomaria já na fase adulta, Furlong acaba por incorrer, também, nesta *ilusão biográfica*. O historiador argentino apresenta o personagem como alguém que desde a infância estava pronto a assumir os compromissos que a pátria dele exigisse, como se sua vinculação com a defesa de Buenos Aires durante as invasões inglesas e com a posterior Revolução de Maio não pudessem ser frutos de escolhas e/ou, inclusive, de estratégias pessoais. Portanto, Furlong acaba por desprezar uma das grandes possibilidades da escrita biográfica, que é, justamente, a de reconstruir a trajetória do personagem, procurando compreender quais caminhos, quais decisões foram tomadas, o porquê das mesmas e como elas afetaram esta trajetória, podendo, inclusive, trazer rumos inesperados a um relato de vida que, inicialmente, pareceria completamente coerente. Assim,

(...) biografar é evidenciar o ‘fazer-se’ do personagem focado ao longo do tempo, e que tal movimento não é linear e unidirecional, mas contextualmente delineado, sujeito, pois, a diferentes injunções e ritmos, bem como a incertezas, descontinuidades, oscilações e incoerências. (SCHMIDT, 2012, p. 199).

Além disto, há outro ponto que nos chama fortemente a atenção e que constitui uma das principais diferenças entre o texto da biografia e o da conferência que Furlong proferiu. Embora nesta última também estejam presentes as virtudes de Saavedra, foram as

características pessoais do biografado que mais se destacaram. Na biografia, diferentemente do texto lido no evento da *Agrupación Celeste y Blanca*, foram valorizados, também, diversos aspectos relativos às capacidades organizacionais e diretivas do personagem.

A fim de enaltecer as qualidades de Saavedra, Furlong recorre aos escritos de outro intelectual, e neles fundamenta suas afirmações sobre a formação do presidente da Primeira Junta:

Saavedra no era un militar de vocación ni de estudios; sólo llegó a las armas a los 47 años. *Su prestigio personal y sus condiciones de organizador explican su comandancia, no sus conocimientos castrenses*. Traía una formación humanista y cristiana, tan completa la humanista como podría tenerla quien no había realizado carrera universitaria, y tan profunda la cristiana como lo prueban sus escritos y su vida. (ORDÓÑEZ apud FURLONG, 1979, p. 25, grifos nossos).

Note-se que, neste trecho, a inflexão do discurso já é outra. Por mais que tivesse recebido o que os autores consideram uma educação completa, Saavedra iniciou sua carreira como soldado apenas aos 47 anos de idade, e tal guinada se deveu, principalmente, ao prestígio pessoal e aos conhecimentos administrativos que adquiriu, muito provavelmente, durante o período em que ocupou cargos junto ao Cabildo bonaerense. E, segundo o próprio Furlong, esta experiência pode ter sido fundamental, pois

(...) entre los componentes de la Primera Junta, fue Saavedra el único que había integrado, en 1792 y en 1801, el Cabildo bonaerense, y que su prestigio como hombre, como estadista, y aun como soldado había ido acrecentándose a la par que se presentaban o crecían las dificultades políticas y los problemas militares en la capital del virreinato. Tuvo una actuación nada vulgar, y según todos los indicios, fue ella hasta descollante (...). (FURLONG, 1979, p. 18).

Embora o historiador argentino associe diretamente a destacada atuação de Saavedra como administrador a sua chegada ao poder e, na sequência, ao cargo de presidente da Primeira Junta, entendemos que este trecho pode ser analisado sob outro ângulo. Conforme assinalamos no capítulo anterior, quando analisamos as *Memórias*, a principal fonte que Furlong utilizou para a reconstituição da trajetória do líder de Maio, nela Saavedra retrata a si mesmo como um hábil e astuto estrategista, que soube construir suas alianças políticas e, também, o momento oportuno para o início da Revolução de Maio. Para tanto, foi necessário que, primeiramente, o personagem passasse a integrar redes de sociabilidade, que oportunizassem o contato com aqueles que se tornariam os principais próceres da Revolução,

como Manuel Belgrano, por exemplo, e que adquirisse suficiente traquejo político e administrativo, que viabilizasse a formação de alianças políticas úteis, como por ocasião do *Cabildo Aberto* de maio de 1810. Neste sentido, sua passagem por cargos na instituição entre os anos de 1792 e 1801 podem ter contribuído de forma bastante efetiva – embora não totalmente coerente, como quer Furlong – para sua chegada ao poder posteriormente.

Outro ponto fundamental para a chegada de Saavedra ao poder foi o apoio político que obteve de uma parcela importante da população: o *Regimiento de Patricios*. Este corpo miliciano era um dentre os maiores que haviam se formado para a defesa de Buenos Aires durante as invasões inglesas ao Rio da Prata, e era composto por homens nascidos na região. “Y fue precisamente ese cuerpo el que primó por su valentía y bizarría, cuando la segunda invasión, y su jefe, por su denuedo, por su caballerosidad, por su acertada estrategia y por su rectitud, supo de tal suerte ganarse las simpatías de sus subordinados (...)” (FURLONG, 1979, p. 27). Para Saavedra, ter conseguido conquistar a simpatia de seus subordinados do *Regimiento* pode ter sido fundamental em momentos nos quais o apoio das Forças Armadas foi necessário para a manutenção da ordem que ele tanto almejava.

Após estas considerações elogiosas ao personagem, o historiador argentino se detém nas relações de amizade e admiração mútua existentes entre Saavedra e Liniers, fazendo referência às semelhanças existentes entre ambos:

Había no poco de parecido entre esos dos grandes hombres, héroes máximos en las brillantes jornadas de 1806 y 1807: *había en ellos madurez, había perspicacia para conocer a los hombres e intuir las intenciones de los mismos, había ciencia seria y digerida; había capacidad para acometer empresas arduas y había habilidad y constancia para llevarlas a su debido fin*. Un mutuo aprecio, que tal vez rayó en mutua admiración, los unió siempre, efectivamente antes, afectivamente aun después de Cabeza de Tigre. (FURLONG, 1979, p. 28, grifos nossos).

Além da exaltação da maturidade de ambos os personagens, Furlong elogia, novamente, os conhecimentos que ambos adquiriram através da experiência no serviço miliciano e na defesa de Buenos Aires, como “ciencia seria y digerida”, além de sua “capacidad” e “habilidad”, ao exercerem tarefas de grande complexidade na administração pública.

Desse modo, esta nova inflexão no discurso de Guillermo Furlong faz emergir uma nova figura do gênero biográfico: a do herói carlyleano. Como já mencionado no primeiro capítulo, “Carlyle exalta o herói como instrumento para escapar à contingência histórica e a uma forma de determinismo historicista segundo a qual o homem é produto de sua época”

(DOSSE, 2009, p. 163). Revisitando a *Historia Magistra Vitae*, Carlyle procura identificar em seus biografados as virtudes que os fazem se destacar na multidão e se tornar indispensáveis em momentos de necessidade. Além de uma vontade pessoal que se manifesta em suas atitudes, o “grande homem” carlyleano passa a representar, também, os desejos e as necessidades de toda uma coletividade, seja esta um determinado grupo ou, inclusive, uma nação ou até uma época.

O grande homem é aquele que consegue fazer coincidir sua determinação pessoal com a vontade coletiva de uma época: ‘O destino do grande homem cifra-se em encarnar uma vontade que ultrapassa o indivíduo e que, conforme seu ponto de partida, chama-se tanto vontade de uma nação, ou de uma coletividade, como vontade de uma época’. Isso justifica atentar de preferência para o destino e a vocação de alguns indivíduos escolhidos pelo biógrafo por sua capacidade de vencer as provas históricas da grandeza. (DOSSE, 2009, p. 169).

Para além das características pessoais já valorizadas pela *Historia Magistra*, o herói preconizado por Carlyle apresenta qualidades político-organizacionais que o tornam decisivo em momentos de crise. Na biografia que Guillermo Furlong escreveu sobre Saavedra, diversas são as virtudes que o historiador jesuíta considerou essenciais para a condução do processo revolucionário. Estas, na opinião dele, fizeram com que Saavedra liderasse a independência da região do Rio da Prata e que ela se desse com o atendimento da vontade de todo o povo de Buenos Aires.

Vale lembrar que, por maior que fosse a capacidade do personagem, o herói carlyleano sempre acabava realizando algum sacrifício pela causa que defendia. No caso de Saavedra, seu martírio residiu na falta de crédito e nas perseguições políticas sofridas, que culminaram no seu exílio, período durante o qual passou por diversas dificuldades e enfrentou a saudade da família.

Um verdadeiro deslocamento de sacralidade se opera e o martírio, no sentido cristão, se transforma no martírio pela causa da pátria. Semelhante sacrifício pressupõe a instauração de toda uma pedagogia da solidariedade nacional. A esse título, retoma-se o modelo antigo da *Historia Magistrae*, da vida exemplar de quem verteu seu sangue e que lá está como figura simbólica de inscrição de uma dívida indefinida, contraída pela comunidade à qual ele se sacrificou voluntariamente. (DOSSE, 2009, p. 179).

Nesta perspectiva, o sacrifício que Saavedra havia feito pela pátria argentina deveria implicar em uma dívida dos pósteros para com sua memória, uma espécie de “dívida para

com os mortos”, como referida por Detienne (2013). Ao mesmo tempo, a evocação de seu exemplo assume, inequivocamente, um sentido pedagógico, já que o “grande homem” relembra e cobra das novas gerações o compromisso que eles devem ter com a nação, a fim de que o presente e o futuro sejam tão gloriosos quanto o passado.

A educação e a transmissão do passado são então concebidas de maneira explícita, por seus responsáveis, como instrumentos que lembram a dívida das novas gerações para com seus ancestrais: ‘A nação substitui Deus e o rei, tornando-se depois deles a fonte transcendente mais aceitável dos deveres cívicos’. (DOSSE, 2009, p. 179).

É a partir deste sentido moral e educativo que as ações dos “grandes homens” evocam que podemos pensar não apenas a escrita da biografia em 1960, mas, também, na sua reimpressão em 1979. Divulgar a biografia de Saavedra neste momento parece ter sido interessante não apenas pelo exemplo moral que evocava, mas, também – e aqui voltamos a este argumento – pelo posicionamento político que assumiu. Em um momento em que o governo argentino lutava contra a “ameaça do comunismo”, apontar e enfatizar a tendência moderada de Saavedra, em contraposição à concepção muito mais “extremista” e “exaltada” de Mariano Moreno, pode ter sido percebido como um bom exemplo de conduta e de regime político para os cidadãos argentinos.

Entretanto, se consideramos a sucessão de golpes políticos ocorridos entre os anos de 1966 e 1976, pode-se pensar que também a legitimidade do regime pode ter sido considerada nesta associação. Em relação à Revolução de Maio, esta também foi uma das grandes preocupações de Furlong, que se empenhou em analisar a fundamentação filosófico-jurídica da mesma, como evidenciado, principalmente, no seguinte trecho:

Saavedra, inbuido en la doctrina clásica española de la era de los Augsburgos, y maravillosamente defendida y divulgada por el Padre Francisco Suárez, sostenía con este jesuita, como se había sostenido siempre en las Universidades de Córdoba y Charcas, que había entre los pueblos y los reyes un contrato bilateral, con derechos y deberes por ambas partes, y si bien en Rey de Castilla había fallado al cumplimiento del contrato al entregarse a Napoleón y abdicar en él la corona, era menester para mayor éxito esperar la caída total de la Península, para declarar caduco el dicho contrato. Así lo hizo, realizando así, y justificando así la revolución bonaerense y argentina. (FURLONG, 1979, p. 60-61).

Em relação à passagem acima, acreditamos ser válido pensar até que ponto a referência que Furlong faz ao padre Suárez – apresentado como principal divulgador da fundamentação filosófico-jurídica da Revolução – não tem apenas o objetivo de exaltar a

atuação da Companhia de Jesus. Em sua obra *Nacimiento y desarrollo de la Filosofía en el Río de la Plata* (1952), Furlong já havia afirmado que as ideias que orientaram o movimento de Maio de 1810 não têm relação com autores contemporâneos à ela ou à Revolução Francesa, mas, sim, com o Padre Suárez¹⁰ (1548-1617), teólogo, filósofo e jurista que, em seus escritos, sustentava que o poder advém do povo e é por ele concedido ao governante (ou grupo deles), o qual deve respeitar os direitos naturais adquiridos. Neste sentido, o poder do rei não emanaria de Deus, constituindo-se, portanto, em uma crítica ao Absolutismo. O povo, assim, teria autoridade comum, não individual, o que preconizaria formas de poder flexíveis. O jurista ainda acrescenta que o direito das gentes não é divino nem natural, sendo que é positivo e humano e é dado pelos costumes de todos os povos e nações com, necessariamente, um substrato moral e político comum.

Historiadores como Fradkín e Garavaglia (2009), também identificaram a mesma fundamentação filosófico-jurídica para a Revolução de Maio. Segundo os autores, “la rebelión se estaba convirtiendo en una revolución que invocaba un principio: la retroversión de la soberanía del rey al pueblo” (FRADKÍN & GARAVAGLIA, 2009, p. 209). Embora utilizem uma terminologia diferente, o princípio de “retroversão da soberania” admite que, na falta do soberano, o poder seja colocado nas mãos do povo, que possui um direito natural sobre este. Entretanto, em nenhum momento os autores citam qualquer teórico que tenha exercido influência direta e determinado a utilização deste conceito.

Ainda sobre tal ponto, Enrique de Gandía (1979), ao comentar a atuação de Furlong na *Academia Nacional de la Historia*, afirma que o historiador argentino teria incorrido em um erro ao afirmar que o padre Suárez havia sido o principal teórico da Revolução de Maio. Segundo o autor, esta convicção decorria do fato de Furlong ter lido uma obra do historiador espanhol Giménez Fernandez, na qual ele afirmava que o jurista teria inspirado os movimentos juntistas com a teoria da retroversão do poder aos povos. Entretanto, para Gandía (1979), a inspiração dos movimentos viria, em parte, de São Tomás de Aquino¹¹, e, por outra parte, de Jean-Jacques Rousseau¹².

¹⁰ O padre Francisco Suárez atuou como professor de Teologia na Companhia de Jesus e participou da elaboração da *Ratio Studiorum*. Entre suas principais obras estão: *Disputaciones metafísicas* (1597), *Sobre las leyes* (1612) (onde cristaliza seu pensamento jurídico-político, de posicionamento avançado para a época, com análises sobre as possibilidades de se retirar um governante de seu cargo, direito das gentes e sociedade internacional), *Defensa de la fe católica y apostólica contra los errores de la secta anglicana* (1613) e *Sobre el alma* (1621).

¹¹ São Tomás de Aquino (1224-1274), teólogo e filósofo italiano, autor da famosa *Suma teológica* (1274).

¹² Rousseau (1712-1778), juntamente com Voltaire e Montesquieu, é considerado um dos principais pensadores da Ilustração. Dentre suas principais obras estão *O contrato social* (1762) e *Emílio ou da educação* (1762).

Santo Tomás explicaba que Dios da el poder a los hombres cuando se reúnen en sociedad y los hombres entregan una parte de ese poder al gobernante, reservándose otra parte mayor para quitárselo cuando no obedece a sus mandatos. Rousseau sostenía que los hombres tienen el poder por su propia decisión, no lo entregan jamás, nombran y destituyen al gobernante. (GANDÍA, 1979, p. 69).

Para o mesmo historiador, Suárez tinha uma opinião que não estava totalmente de acordo com aquilo que Furlong veio a defender:

Suárez, a comienzos del siglo XVII, enseñaba que Dios da el poder a los pueblos, lo mismo que Santo Tomás, pero que lo entregan, totalmente y sin condiciones, al gobernante, al cual no se lo pueden retirar nunca más. Los textos, clarísimos, no admiten discusiones, pero Furlong quiso discutirlos y esto fue, indudablemente, un error. (GANDÍA, 1979, p. 69).

Nesta perspectiva, a menção a Suárez pode significar, pelo menos em parte, a vontade que Furlong tinha de enfatizar tanto a fé católica do biografado, quanto a atuação da própria Companhia de Jesus como divulgadora de ideias políticas modernas nos séculos XVII e XVIII. Entretanto, enquanto o historiador argentino se preocupa em tornar pública a história da Ordem à qual pertence, o Estado pode ter se apropriado destas discussões de outra forma. Afinal, se a Revolução de Maio – que, dependendo da ótica de análise, também pode ser considerada como um golpe de Estado – necessita de fundamentação para justificar sua legitimidade, por que não utilizá-la como exemplo de uma revolução que havia dado certo e apresentava exemplos positivos para os pósteros? Para além da simples rememoração do passado nacional, a escolha do texto de Furlong para reimpressão parece ter tido, assim, alguns significados e intenções muito maiores do que a comemoração em si.

Antes de passarmos ao próximo tópico, onde discutimos algumas questões relativas à memória construída sobre o próprio Furlong enquanto historiador, cabe-nos refletir sobre o que esta biografia de Saavedra significa para a memória da Revolução de Maio. Se, ao longo de toda a narrativa, o historiador argentino procura afirmar reiteradamente o protagonismo, de caráter moderado, de Saavedra nos acontecimentos da primeira década do século XIX, pode-se talvez concluir que Furlong não apenas admirava seu posicionamento, mas, também, compartilhava do mesmo.

Se retomamos a trajetória do historiador jesuíta, reconstituída no primeiro capítulo desta dissertação, constata-se que, em nenhum momento, são feitas referências sobre seu envolvimento com questões políticas. As disputas nas quais se envolvia, segundo seus

biógrafos, teriam se dado, basicamente, no campo historiográfico, como atestado no seu empenho em desvendar a fundamentação filosófico-jurídica do movimento de Maio.

Entretanto, cabe sempre lembrar que Furlong era um intelectual católico, noção que, segundo Imolesi (2014),

continúa resultando esquiva y problemática desde un punto de vista conceptual. Recientemente José Zanca, recuperando los desarrollos teóricos de Zygmunt Bauman ha propuesto una definición que, sin pretender agotar la cuestión, se muestra provechosa para explorar la dimensión paradójica en la que se inscribe el intelectual católico. La perspectiva de Zanca es sensible a las ‘tensiones’ porque traslada el eje de indagación de lo que el ‘intelectual’ afirma, es decir del contenido de sus discursos, a las contradicciones que lo atraviesan al formularlos. ‘Los intelectuales católicos emergen más de un tipo particular de intervención y compromiso que de cierta apropiación substancial de ideas o principios específicos’. La biografía de Furlong muestra, a nuestro modo de ver, estas contradicciones y este compromiso. (IMOLESI, 2014, p. 11).

Se o intelectual católico, como afirmado acima, pratica um tipo de intervenção e compromisso específicos, pode-se afirmar que Furlong, ao intervir em relação à memória construída sobre a Revolução de Maio, resgata a figura de um personagem que ele considerava esquecido, não apenas para torná-lo um exemplo para as novas gerações, mas, principalmente, para defender e assegurar a volta à tradição moderada e católica preconizada por diversas correntes, tanto políticas, quanto religiosas, na Argentina da segunda metade do século XX.

Tal hipótese é ressaltada, ainda, por Claudia Touris (2007), em trabalho intitulado *Tensiones en el campo católico. La cuestión del peronismo después de 1955*. A autora afirma que havia, por parte de diversos grupos católicos, e, inclusive, de seus intelectuais, desde antes da chegada de Perón ao poder, uma ânsia pela construção de uma Argentina católica que, embora mítica, era ainda muito exaltada. Embora tenham enfrentado diversas dificuldades durante o governo peronista, estes grupos acabaram por encontrar mecanismos de cooptação da sociedade, como a já citada TFP, para que as bases morais e tradicionais do catolicismo continuassem se consolidando como um sistema agregador da população na Argentina. É necessário mencionar, também, que a Igreja precisou se adaptar às grandes disputas políticas do país e, “en el plano político la aceptación de la pluralidad de partidos, la práctica del sufragio y el parlamentarismo fueron asimilados sin discrepancias por el grueso del catolicismo” (TOURIS, 2007, p. 333). Neste sentido, a atuação de Guillermo Furlong, como intelectual católico no campo historiográfico, se justificaria a partir da disseminação dos valores que a Igreja católica e ele defendiam.

Na continuidade, apresentamos uma breve análise sobre a memória que foi construída sobre Guillermo Furlong, a partir dos textos da edição de 1979 da revista *Archivum*.

4.2. GUILLERMO FURLONG E A OBRA "CORNELIO SAAVEDRA PADRE DE LA PATRIA ARGENTINA" (1979): UMA MEMÓRIA SOBRE SUA ATUAÇÃO COMO HISTORIADOR

Como já mencionado no primeiro capítulo, Guillermo Furlong dedicou praticamente todo o ano de 1960 ao estudo da Revolução de Maio, sendo que os resultados deste investimento foram divulgados através de diversos meios, como conferências e a publicação de obras e artigos em periódicos. Dentre os mais relevantes, podemos destacar a conferência pronunciada a convite da *Agrupación Celeste y Blanca*, a publicação do texto em formato de artigo na revista *Estudios*, e a biografia de 1960 reimpressa em 1979. Tendo em vista esta sua incursão na trajetória de Saavedra, e posteriormente, na de outros líderes da Revolução de Maio, consideramos pertinente refletir sobre o que a obra *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979), que analisamos nesta dissertação, representa no conjunto de sua produção como historiador. A esta questão podem ser acrescentadas outras duas, também de grande relevância: qual o papel de Furlong na historiografia argentina? Como ele foi lembrado, após a sua morte, por seus amigos e colegas?

É buscando responder a estas questões que concluímos o presente capítulo. Para tanto, procuramos identificar, através das fontes que localizamos sobre a vida e a produção de Furlong, qual memória sobre si mesmo o historiador argentino acabou por construir. Iniciamos explorando a maneira como o jesuíta argentino foi lembrado pelos autores que colaboraram com a edição da revista *Archivum*, publicada, em 1979, em sua homenagem, para, posteriormente, procurarmos compreender como a trajetória de Furlong tem sido estudada nas últimas duas décadas por autoras como Ayrolo (1999) e Imolesi (2014).

Em geral, os textos apresentados na revista possuem caráter elogioso. Apenas no primeiro texto analisado, o de Geoghegan (1979), pode-se encontrar um mais evidente caráter acadêmico. Os demais foram redigidos a partir de reminiscências, da imagem que os autores guardavam do jesuíta falecido havia cinco anos. Em alguns textos, podemos encontrar relatos

de como Furlong recebia de forma cordial as pessoas que iam visitá-lo em seus aposentos no Colégio del Salvador, em Buenos Aires; suas opiniões sobre as suas incansáveis pesquisas, sobre sua atuação como sacerdote, etc. Neste sentido, formam um conjunto, uma espécie de “quebra-cabeças” que tem por objetivo delinear a personalidade de um personagem conhecido de todos os autores que colaboraram para o número especial. A partir disso, torna-se importante analisarmos este conjunto de textos, sendo que este número da revista é dedicado especialmente ao jesuíta argentino.

Para respondermos à segunda questão proposta – qual o papel de Furlong na historiografia argentina? –, analisamos o texto intitulado *Guillermo Furlong, académico de la historia*, de Enrique de Gandía, que possui oito páginas e apresenta as lembranças do autor sobre a atuação do historiador argentino como membro da Academia Nacional de la Historia Argentina.

A narrativa começa com o ingresso de Furlong na instituição. Gandía (1979) lembra que os novos membros eram indicados por algum acadêmico de número. Em 1938, após conhecer o historiador argentino nos arquivos do Museo Mitre, o autor consulta outros membros da Academia sobre uma possível indicação de Furlong para compor o quadro da instituição. Porém, as respostas recebidas teriam sido as seguintes: “‘Nadie lo ha propuesto’. ‘Es un jesuita y mejor que no haya jesuitas en la Junta’, ‘Hay otros mejores que él’, etcétera” (GANDÍA, 1979, p. 65). Note-se que há certo desdém por parte de alguns historiadores profissionais em relação aos trabalhos produzidos por Furlong. Como se pode constatar nas respostas dadas, foi pelo fato de ser jesuíta que alguns acadêmicos opuseram resistência ao seu ingresso. Gandía (1979), então, inicia uma intensa campanha junto aos membros da Academia para conseguir a aprovação da indicação de Furlong à instituição.

O texto possui um caráter muito pessoal e enfatiza as recordações do autor. Gandía (1979) discorre sobre alguns aspectos do trabalho de Furlong como membro da Academia. Num primeiro momento, chama a atenção para a grande produção do historiador argentino: “El P. Furlong en la Academia fue un colaborador sorprendente. Concurría con asiduidad, discutía con pasión, pronunciaba conferencias, trabajaba en todo lo que se pedía” (GANDÍA, 1979, p. 66).

As temáticas exploradas pelo historiador argentino eram, segundo o autor, muito valorizadas, dentro da Academia, à época.

Amábamos por igual los años anteriores a la independencia. Estábamos de acuerdo en reconocer que los tres siglos de vida monárquica de nuestra

historia habían sido gloriosos en sus frutos y en sus raíces. Ciudades, universidades, imprentas, caminos, todo se había hecho en el campo material, y en el espiritual nada debíamos al extranjero: raza, lengua, religión, ideas, costumbres. Furlong y Torre Revello se especializaron en el estudio de los orígenes de la imprenta y de los primeros impresos americanos y argentinos. (...) Furlong buscaba la vida. Estudió los orígenes y la expansión de la cultura, tanto en las misiones como en las ciudades y en la mujer. (GANDÍA, 1979, p. 66).

Os trabalhos de Furlong estavam alinhados com os produzidos pelos demais membros da academia, como Ricardo Levene, Emilio Ravignani, o próprio Jose Torre Revello e tantos outros historiadores que faziam parte da *Nueva Escuela Historica*. Assim, pode-se pensar que o historiador inseria-se nas discussões deste grupo, não apenas de forma indireta, ou seja, publicando obras com temáticas e opções teórico-metodológicas convergentes, mas, sim, participando de debates travados em uma das principais instituições argentinas.

Outro artigo da revista *Archivum* que nos auxilia a responder a primeira pergunta proposta – o que a obra *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979) representa na produção do historiador argentino? –, é o intitulado *Una especialidad: las biografías*, de Ernesto E. Padilla (1979). Segundo o próprio autor, uma das principais motivações para a escrita deste texto de homenagem decorria do fato de Furlong ter publicado uma biografia de seu pai em 1959.

De acordo com o autor, o jesuíta deveria ser lembrado pelas biografias que escreveu, tanto de missionários da Ordem que atuaram na antiga Província do Paraguai, quanto de leigos, dentre as quais se encontravam historiadores ou profissionais de outras áreas, como médicos e militares, ou, então, os líderes de Maio. Além disso, o estilo que empregava em seus textos havia merecido avaliações elogiosas, como a de Hugo Wast, que salientou “la probidad, la erudición y la claridad” ou a de Atilio Dell’Oro Maini – nas já analisadas *Palabras de Presentación* da biografia sobre Saavedra – que destacou o “estilo disertado, rotundo, de clásica elegancia” (PADILLA, 1979, p.73).

Entretanto, estes textos, como se pode constatar, priorizam lembranças e apresentam informações sobre a personalidade de Furlong, não se detendo em uma análise de sua produção como historiador. Apesar disso, entendemos que os autores dos textos da edição de 1979 da revista *Archivum* acabaram por construir uma memória sobre o jesuíta, como se pode constatar nesta passagem do texto intitulado *Homenaje al padre Guillermo Furlong*, na qual seu autor observa que a atuação do historiador argentino estaria em sintonia com o projeto apostólico da Companhia de Jesus:

Fue una compañía de hombres que tuvo como jefe a Jesús; por eso, fue un proyecto al servicio de la Iglesia, para la mayor gloria de Dios y salvación de las almas. Fue un proyecto apostólico que en su tiempo se expresó como una unidad armónica de cultura, religión, de ciencia y virtud, de pensamiento teológico y pensamiento político, de fe y cultura. Proyecto que se concibió a través de cuatro campos de acción: las misiones entre infieles; la educación en colegios y seminarios; los estudios científicos, y la tarea pastoral (misiones populares, predicación a públicos diversos, ejercicios espirituales, dirección espiritual, ministerio sacramental, celebraciones litúrgicas). (AVILA, 1979, p. 140).

O mesmo autor relaciona outras características que seriam as mais marcantes em Furlong: o fervor religioso de conversão, o serviço à cultura argentina durante os cinquenta anos de pesquisa historiográfica, sua generosidade e entusiasmo. Assim como Furlong, também estes autores, ao escreverem sobre sua atuação como jesuíta e como historiador, fizeram escolhas em relação àquilo que escreveriam [ou não] sobre ele em seus textos, construindo, desta maneira, também, uma memória sobre a atuação do historiador argentino.¹³

Entretanto, em nenhum momento, os articulistas da revista *Archivum* se dedicam, em seus artigos, à qualquer reflexão teórica sobre o gênero biográfico ou sobre as biografias produzidas por Furlong. Se, até agora, questionamos a maneira como Guillermo Furlong se utilizou da trajetória de Saavedra para ressaltar determinadas características pessoais de seu biografado, cabem aqui algumas considerações sobre esta constatação. Independentemente de se constituírem de testemunhos¹⁴ dados por autores que colaboraram nesta edição em

¹³ Como demonstramos anteriormente, Furlong, ao dissertar sobre Saavedra, procurou enfatizar alguns pontos da trajetória do personagem, como, por exemplo, suas qualidades pessoais, em detrimento de suas habilidades político-organizacionais. Neste sentido, o historiador argentino acabou por fazer, mesmo que inconscientemente, escolhas em relação ao que caberia salientar e ao que deveria ser excluído de seu discurso, construindo uma memória que se baseou em apenas alguns aspectos de uma trajetória complexa como foi a de Saavedra. O mesmo pode ser observado em relação aos textos da revista *Archivum*, que apontam para a seleção de aspectos positivos da personalidade e dos trabalhos historiográficos de Furlong pelos articulistas. Ao adotarem tal procedimento, os autores dos textos acabam por, não apenas simplificar a trajetória do jesuíta, mas também por minimizar a atuação de Furlong enquanto um intelectual engajado na defesa de uma determinada concepção de história e de nacionalismo na Argentina do século XX.

¹⁴ Segundo François Hartog (2011, p. 204, grifos nossos) “a *testemunha* – entendida, por sua vez, como *portadora de memória* – impôs-se, gradualmente, em nosso espaço público; ela é reconhecida e procurada, além de estar presente e, até mesmo, à primeira vista, onipresente”. Entretanto, há um tipo de testemunha que se impõe perante as outras: o sobrevivente. Desde os sobreviventes do Holocausto até, no caso brasileiro, dos perseguidos pela Ditadura civil-militar, há uma vasta gama de testemunhos espalhados, formando aquilo que Hartog (2011) chamou de novo gênero literário, a literatura testemunhal. A testemunha é tida, a partir do século XIX, “como voz e memória viva” (HARTOG, 2011, p. 223). Estes testemunhos têm servido ao historiador como uma fonte para a reconstrução do passado, seja de experiências traumáticas como as citadas acima, seja de trajetórias de vida, como no caso de Guillermo Furlong SJ. Entretanto, deve-se considerar que, como narrativa de memória, seja estando ela em formato oral (entrevistas) ou escrito (literatura testemunhal ou o caso dos artigos da Revista *Archivum*), a utilização destes textos deve contar com uma crítica específica, dada a construção realizada pela testemunha. “Arquivos, documentos, monumentos, vestígios e testemunhos são várias formas de acesso a um mundo que não existe mais e do qual eles conservam, de maneira mais ou menos fiel, o indício. Nas ciências históricas, o testemunho é uma das fontes nas quais se apoiam os historiadores para construir seus relatos. Para o historiador, o testemunho é portanto um material, inscrito em um procedimento

homenagem a Furlong, entendemos que eles podem, sim, nos auxiliar na reconstituição da trajetória do biografado. Vale lembrar que em biografias de personagens cuja atuação deu-se no último século, dada a falta de documentação que permita ao pesquisador reconstituir integralmente suas histórias de vida, é comum que estas lacunas sejam preenchidas com entrevistas, que podem ser com o próprio indivíduo e até com parentes e pessoas mais ou menos próximas. Considerando que as testemunhas são, geralmente, oriundas de grupos diferentes, temos, assim, a possibilidade de encontrar diferentes facetas do mesmo indivíduo, como no caso dos testemunhos da Revista *Archivum*, que trazem perspectivas até certo ponto diferentes sobre Furlong. Entretanto, por mais que a intenção seja esta, na maioria das vezes, os autores de textos de natureza testemunhal acabam por incorrer na já tão referida *ilusão biográfica*, enfatizando eventos e qualidades pessoais, ao invés de empreender alguma análise de sua produção. Nesta perspectiva, os articulistas da Revista *Archivum* acabaram por reproduzir em seus relatos-testemunhos a mesma concepção de biografia utilizada anos antes pelo historiador argentino, uma concepção que se traduzia concretamente na exaltação da exemplaridade dos personagens.

Se os artigos divulgados nesta edição comemorativa de 1979 homenagearam e construíram uma memória sobre Furlong, trabalhos mais recentes, como o de Valentina Ayrolo (1999) e de María Elena Imolesi (2014) apresentam outras abordagens, destacando aspectos que nos auxiliam em nossa tentativa de resposta aos questionamentos que fizemos. A primeira historiadora procura investigar os vínculos historiográficos que Furlong estabelece com a *Nueva Escuela Historica*, e, também, com historiadores católicos. Neste artigo de 1999, Ayrolo refere, além de sua dissertação, intitulada *¿Historiografía católica, eclesiástica o historia de la Iglesia?* (1996), os livros *La historiografía: treinta años en busca de un*

metódico, tendo em vista a verdade histórica” (PIERRON, 2010, p. 125). Segundo Beatriz Sarlo (2007), atualmente tem-se construído narrativas, principalmente acerca de situações traumáticas, onde o testemunho é a principal, se não a única fonte utilizada pelo investigador. Entretanto, Pierron (2010, p. 125) alerta para o fato de que os testemunhos geralmente estão impregnados de emoções das testemunhas, exatamente pelo fato de que são relatos acerca de experiências pessoais. Neste sentido, é necessário atentar para o fato de que “para o historiador, a questão posta pelo testemunho não é, de início, a do ‘quem’, mas a ‘o que é que’ diz o ‘quem’ da testemunha”. Ainda segundo o autor, “O testemunho, em sua significação comum, é uma *fonte de informações da qual será preciso verificar o valor e a qualidade*. Testemunho escrito de um relato de vida, testemunho oral e testemunho audiovisual são *objeto de crítica* por parte do historiador. Sem que participe da mentira, o *testemunho não diz a verdade!* Pois não se podem misturar os registros da sinceridade e da verdade. *A sinceridade do testemunho não garante sua verdade, pois se pode enganar-se sinceramente*” (PIERRON, 2010, p. 128, grifos nossos). E continua: “*“O que nos atinge mais de perto não é necessariamente o que merece sobreviver”, notava Raymond Aron. É grande a tentação de ceder ao subjetivismo sob to pretexto de que a força do pathos assegura certa autenticidade. A valorização psicoafetiva do testemunho tende sempre a reduzir-se ao campo da emoção, a expensas da construção de um relato racional. A virtude heurística da emoção que a testemunha provoca corre o risco de aniquilar a ideia de história. A sinceridade de um relato não pode substituir a análise*” (PIERRON, 2010, p. 128-129, grifos nossos).

rumbo (1980), de Halperín Donghi, e *Historia de la historiografía argentina* (1940), de Rómulo Carbia. A partir destes textos, Ayrolo procura mapear as principais correntes historiográficas argentinas, desde finais do século XIX até meados do século XX (denominados *Relato fundador*, capitaneado por Mitre, *Nueva Escuela História* e *Revisionismo*, cujo principal representante foi Adolfo Saldías), com o propósito de identificar e discutir em qual delas a produção de Furlong se enquadraria.

Entretanto, diferentemente do que propusemos nesta dissertação, ao afirmar que o historiador jesuíta se vinculou à NEH em função das aproximações teórico-metodológicas que encontramos entre o grupo e o historiador argentino, Ayrolo insere Furlong em uma espécie de subgrupo do *Relato Fundador*, os *godoystas*, afirmando, ainda que “una de las características comunes de este grupo es tal vez, la de tratar de demostrar el origen católico de nuestra nación como rasgo cultural que daba homogeneidad a la nación y sentido de pertenencia a sus partes (...)” (AYROLO, 1999, p. 50). Neste sentido, a intenção do historiador seria a de enfatizar em seus trabalhos aquilo que considerava ser um ponto de conexão entre as populações da região do Rio da Prata e que daria unidade a este território, que contava com grandes diferenças internas. Suas conclusões – a de que o jesuíta valorizava a suposta raiz católica argentina – ficam evidentes na seção *Análisis del contenido del texto* do referido artigo:

Empecemos como lo hace Furlong por la Patria. La Patria es según él ‘... una unidad de destino dentro de la totalidad del mundo histórico’. Según su misma definición es también una *empresa colectiva* con una *misión común*. Para nuestro autor, no hay nada más alejado de la patria que la visión infantil que sobre ella se tiene y que es la liga a un territorio, un país, una ciudad natal etc., ya que según dice Furlong eso ‘es la corteza; corresponde a lo que en ella es periférico’.

Hay dos elementos básicos que, desde la perspectiva del jesuita, componen la Patria, y ellos son *la tradición histórica* y el *vínculo simultáneo de la unidad espiritual*. (AYROLO, 1999, p. 52, grifos da autora).

A autora argumenta que esta definição de pátria é crucial para a compreensão do raciocínio de Furlong, que teria um forte apego à tradição católica. Ao mesmo tempo, outra definição importante para o jesuíta era a de cultura: “Señala que las bases de la patria, [...] hay que buscarlas en la *cultura* misma del pueblo. Esa cultura es, según Furlong: ‘*el resultado de cultivar los conocimientos humanos y de ejercitar las facultades intelectivas*’ o sea que esta cultura es, en gran medida, fruto de la educación”. (AYROLO, 1999, p. 52, grifos da autora).

Tendo definido estes conceitos, a autora avança na análise do texto, destacando, primeiramente, a fundamentação filosófico-jurídica da Revolução, ressaltando que Furlong a

identifica nas ideias do padre Suárez. Posteriormente, a autora se detém em uma afirmação do historiador argentino, para quem “La cultura de los hombres de 1810 (...) era resultado de la influencia jesuítica en las universidades y de los valores cristianos imperantes durante la colonia” (AYROLO, 1999, p. 55). Vemos, aqui, novamente a já sinalizada inclinação do historiador argentino de valorizar o trabalho da Companhia de Jesus na Argentina do período colonial. Contudo, a historiadora vai um pouco mais além neste ponto, ao afirmar que Furlong criticava grande parte da produção historiográfica publicada a partir da década de 1880, pois ela teria sido escrita por intelectuais liberais, que estavam a serviço do Estado, ao reproduzir o seguinte trecho da obra *La revolución de Mayo, los sucesos, los hombres, las ideas*, escrita por Furlong em 1960:

... historia liberal, predominante en las escuelas argentinas... [que] no contenta con sacar de quicio los hechos, a fin de acomodarlos a objetivos espurios y con propinar esquemas que nada tienen que ver con la verdad histórica, se ha solazado, y se solaza aún, ... en gritar a los cuatro vientos, no con pruebas fehacientes, de que carece, que la Iglesia fue enemiga de la naciente patria argentina, como todavía es hoy... (FURLONG apud AYROLO, 1999, p. 55, grifos da autora).

É a partir destas posições assumidas por Furlong que a autora enfatiza reiteradamente que o jesuíta defendia que “ los textos que se producían en el ámbito de la historia debían estar organizados de forma tal, que fuesen transmisores idóneos de los valores propios del catolicismo fundamentalmente en los ámbitos relacionados con la educación” (AYROLO, 1999, p. 52).

Cabe ressaltar que, em seu artigo, Ayrolo não faz qualquer menção à trajetória de Furlong, empenhando-se em identificar a escola historiográfica da qual fazia parte, para, posteriormente, analisar o conteúdo da obra em si, a fim de inseri-la nas correntes da historiografia argentina da primeira metade do século XX. Neste sentido, consideramos pertinente questionar até que ponto uma análise que não contempla aspectos da biografia do autor, tais como vínculos institucionais e intelectuais e sua formação e atuação política, pode efetivamente abarcar todos condicionantes que devem ser levados em conta na crítica a um texto. E, embora concordemos com várias afirmações feitas por Ayrolo, principalmente, em relação ao uso que Furlong propõe à História como uma disciplina de educação moral, não podemos deixar de apontar para a ausência de uma discussão em torno de sua trajetória e formação, que consideramos relevante [e necessária] para compreendermos as motivações e as influências que orientaram as conclusões do historiador argentino. Pode-se, no entanto,

considerar o texto de Ayrolo como um primeiro esforço de análise da obra de Furlong sob o ponto de vista historiográfico, a despeito da ausência dos aspectos que mencionamos acima.

Diferentemente de Ayrolo, Maria Elena Imolesi, em trabalho de 2014, apresenta a trajetória do jesuíta, as relações que mantinha com historiadores leigos e sua militância como intelectual católico, ressaltando, ainda, a concepção de História que Furlong evidencia em suas obras. Chamou-nos a atenção que ao reconstituir a trajetória do historiador argentino, a historiadora argentina recorreu a um dos já citados textos da revista *Archivum*, intitulado *Apuntes para una biografía de Guillermo Furlong* (1979)¹⁵, de Abel Rodolfo Geoghegan.¹⁶

No artigo, Imolesi se detém nas obras *El expulsado Bernardo Ibáñez de Echávarri y sus obras sobre las misiones del Paraguay* (1933), *La Historia Universal de Tomás Borrego S.J* (1937), *Nacimiento y desarrollo de la filosofía en el Río de la Plata* (1952), *Cardiel y su Carta Relación. 1747* (1953), *La Santa Sede y la emancipación hispanoamericana. Según las investigaciones y los Estudios de Pedro Leturia S.J.* (1957), *Las misiones jesuíticas* (1961) e em *Misiones y sus pueblos de guaraníes* (1962), sendo que, após sua análise, chega a conclusões muito semelhantes às de Ayrolo. Contudo, ao abarcar um maior número de obras nesta análise, Imolesi teve condições de compreender melhor como as opiniões e as conclusões do historiador argentino foram se consolidando com o passar das décadas.

Em primeiro lugar, Imolesi (2014) associa, assim como procuramos também demonstrar em capítulo desta dissertação, as posições de Furlong às da *Nueva Escuela Historica*:

Fernando Devoto y Nora Pagano han notado que el variopinto núcleo de historiadores de la llamada ‘Nueva Historia Argentina’ (Ravignani, Levene) son coetáneos e hijos de una primera generación de inmigrantes, es decir, argentinos propiamente dichos. Por otra parte, la Nueva Escuela Histórica busca modificar el estatuto disciplinar ‘convirtiendo un relato en saber científico y unas prácticas en una profesión’. *Igual que Levene y Ravignani, Furlong nació entre 1885 y 1889 y es hijo de inmigrantes, pero si su historia familiar lo libera de cadenas, su pertenencia institucional lo condiciona sin duda. Furlong proclama la escritura de una historia científica, que él entiende, debe apegarse a las fuentes y comparte con sus coetáneos de la Nueva Escuela Histórica la preocupación por la formación de la identidad argentina. También los une la tarea de exhumación, selección y publicación de fuentes que tanto la Nueva Escuela como los jesuitas consideran*

¹⁵ Este texto, um dos testemunhos menos laudatórios dentre os que integram a edição especial da revista, foi posteriormente ampliado e publicado em formato de livro, e se constitui em uma das principais fontes para os pesquisadores que se debruçam sobre aspectos biográficos de Furlong, devido à grande quantidade de informações que apresenta, mesmo não respondendo a algumas questões importantes que formulamos e que envolvem as razões do envio ao exterior para que completasse seu período de formação.

¹⁶ É interessante notar, entretanto, que, neste artigo, Imolesi não investe em reflexões teóricas sobre o gênero biográfico, apesar do propósito de apresentar informações sobre a trajetória de Furlong.

imprescindibles hacer como condición previa para escribir una nueva versión de la historia. (IMOLESI, 2014, p. 24, grifos nossos).

Apesar de não se deter na *prática* de Furlong, Imolesi identifica seu apreço pelas fontes, o que contribui para a compreensão das discussões que faz e das conclusões a que o jesuíta chega, e realiza uma leitura atenta e sofisticada das obras de Furlong que se propõe a analisar. Em relação à obra *Misiones y sus pueblos de guaraníes* (1962), a historiadora afirma que “Furlong entiende a las misiones de guaraníes como ‘argentinas’: una argentinidad heredera de la cultura española y de la evangelización, educación y tarea civilizatoria de los jesuitas. Como contraparte, un marcado antilusitanismo se manifiesta en toda la obra” (IMOLESI, 2014, p. 52). E, segundo ela, embora exalte o trabalho da Companhia de Jesus na América platina, o historiador argentino considera que tal posicionamento estaria completamente de acordo com sua busca pela verdade histórica: “En términos de Furlong, ‘la verdad’, en el sentido científico, la construcción de la nación católica y, dentro de ella, la apología de las misiones jesuitas de guaraníes eran perfectamente compatibles. Estos rasgos son bastante inherentes a la historiografía jesuítica, marcadamente autoreferencial” (IMOLESI, 2014, p. 59).

A valorização do conhecimento construído pela Ordem não estaria apenas na exaltação do trabalho missionário durante o período colonial, uma vez que, segundo ela,

Furlong escribe ‘en respuesta a’ o en contra de los que él considera enemigos de la Compañía y de su providencial obra reduccional. El texto respeta la estructura de la polémica: cada una de las partes es la respuesta a las críticas que se le han hecho a la compañía de Jesús. Está respondiendo a otros y por ello selecciona amigos y enemigos, tanto protagonistas del pasado como a los historiadores de las misiones. *Reconoce el aporte de Pablo Pastells, Antonio Astrain, Pablo Hernández, Francisco Mateos y Guillermo Kratz (este último alemán, los demás españoles). De todos los que historiaron las misiones, estos cinco, jesuitas todos, fueron ‘los únicos’ que merecen recordación.* (IMOLESI, 2014, p. 60, grifos nossos).

Para Furlong, valorizar as obras escritas por jesuítas era, também, uma forma de exaltação da Ordem. Entretanto, pode-se ir além: os elogios à Companhia eram, também, uma forma de salientar a importância do catolicismo para a construção da nação argentina, algo notório em todas as obras analisadas por Imolesi. Para a trajetória de Furlong, o reiteramento desta posição em seus trabalhos fez com que se tornasse conhecido, tanto dentro, quanto fora da Ordem, fazendo com que, de certa forma, desse continuidade ao trabalho dos missionários de propagação da fé católica, já que “predomina la coherencia y la continuidad en su obra.

Furlong fue un verdadero ‘operario’ que se caracteriza por la *effusio ad exteriora* propia de los jesuitas que salen al mundo” (IMOLESI, 2014, p. 88).

A historiadora argentina ressaltava, ainda, que criou-se um mito em torno tanto da vida, quanto da morte do historiador argentino, fazendo com que na memória daqueles que o conheceram prevalecessem características como a dedicação ao trabalho historiográfico e o amor à religião, que fundamentou, em grande parte, as conclusões às quais chegou em seus trabalhos:

La anécdota acerca de su muerte, a los 86 años, confirma lo anterior: muere regresando en subterráneo (metro) desde una conferencia. Alguien se había ofrecido a llevarlo, a lo que él respondió ‘gracias, pero prefiero morir de pie’. Verdad o ficción, *el relato da cuenta del mito en torno a quien vivió abocado casi exclusivamente a su tarea de investigador y de docente y siempre dentro del marco de una Iglesia Católica que había acrecentado considerablemente sus ámbitos de acción en sociedad precisamente en los años en los que el novicio Furlong se formaba.* (IMOLESI, 2014, p. 88, grifos nossos).

Para além do jesuíta simpático e do dedicado e produtivo pesquisador que os textos da *Archivum* nos mostraram, a historiografia mais recente tem se empenhado em analisá-lo enquanto historiador, a partir de uma análise crítica tanto de sua trajetória quanto de sua vasta produção. Neste sentido, vários autores têm se esforçado para construir uma imagem de Furlong como um intelectual que, por sua vinculação institucional com a Companhia de Jesus e pelas diversas influências que sofreu, em decorrência da rede de contatos que formou, e do ingresso em instituições leigas, possuía certa percepção de história, assentada em seu período de sua formação e consolidada ao longo dos anos, como atesta sua vasta produção. As análises sobre sua trajetória passam, assim, de uma valorização de suas características pessoais a um exame mais minucioso de sua produção historiográfica, privilegiando também sua contribuição como intelectual católico.

Cabe ressaltar que apesar de já existirem trabalhos nos quais se constata a preocupação com a devida crítica às posições assumidas por Furlong, há outros, no entanto, que citam – de forma acrítica – os trabalhos de referência do historiador jesuíta, sem qualquer preocupação com a *operação historiográfica* ou com uma discussão sobre os procedimentos metodológicos por ele adotados. Entre os pesquisadores empenhados em analisar criticamente a produção de Furlong, destacamos Artur Barcelos (2010) e Guillermo Wilde (2014). No 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia, ao analisar alguns mapas do período

colonial que foram compilados pelo historiador argentino em sua obra *Cartografía jesuítica del Río de la Plata* (1936), Barcelos (2010, p. 5, grifos nossos)) argumentou que

Em que pese a riqueza informativa, há poucos trabalhos específicos sobre as fontes cartográficas jesuíticas. A coletânea de Guillermo Furlong, que abarca a área da Província Jesuítica do Paraguai, segue sendo a obra de referência mais significativa. Está composto de cento e onze mapas descritos, dos quais o autor oferece a reprodução de cinquenta e um. Furlong recorreu arquivos e bibliotecas na América Latina, Europa e Estados Unidos para localizar os originais ou cópias de mapas jesuíticos. *Também revisou uma vasta bibliografía para identificar as publicações dos mapas. Ainda que extenso, o trabalho de Furlong se limitou a uma descrição superficial dos mapas e uma busca por comprovar autorias.*

Para além das descrições superficiais dos mapas, Barcelos (2010) salienta que em diversos momentos as tentativas de comprovar as autorias dos mapas são um tanto quanto duvidosas. Um exemplo disso são as informações que Furlong traz sobre o mapa intitulado *Misiones quas Provincia Societatis Jesu Paraquarica excolit ad flumina Paraná & Uruguay ex natione Guaranica accurate delineatae á quodam ejustem Missionario Veterano, anno 1744:*

Sem apresentar dados convincentes, Furlong queria crer que o autor foi o padre Carlos Rechberg, que esteve na Província do Paraguai entre 1716 e 1746, sendo Reitor em Tarija e *Procurador de Misiones*. A única referência é uma carta de Matías Strobel com um comentário sobre Recheberg: *“Gracias a sus conocimientos astronómicos y matemáticos ha comenzado a trabajar una grande obra cartográfica de todo el país, y ha compuesto ya un hermoso mapa del Paraguay.”* (BARCELOS, 2010, p. 12, grifos do autor).

Já Wilde (2014, p. 271), apesar de se referir aos trabalhos do jesuíta como clássicos, observa que

Hasta el momento, la mayor parte de los estudios sobre dicho corpus ha sido de carácter descriptivo y exploratorio. Podemos decir que aún nos encontramos en una fase preliminar de investigación, pues no se ha avanzado mucho con respecto a los trabajos pioneros de Guillermo Furlong o José Toribio Medina, quienes hace varias décadas localizaron y dieron a conocer la existencia de un conjunto de materiales dispersos en bibliotecas y archivos del mundo.

O historiador argentino não deixa de fazer menção ao pioneirismo e à grande quantidade de documentos que tanto Furlong, quanto Medina teriam coletado, sistematizado e dado a conhecer através de seus trabalhos. E de ressaltar que a maioria dos estudos feitos sobre este valioso corpus documental tem se limitado à descrição, sem apresentar, portanto,

uma leitura mais crítica em relação aos critérios que presidiram a seleção que ambos fizeram destes documentos e dos trabalhos que eles produziram a partir deles.

Ao finalizarmos este tópico, parece-nos importante ressaltar a importância de conferirmos uma adequada dimensão tanto em relação ao que foi dito por alguns historiadores sobre Furlong, quanto ao que foi silenciado, pois somente desta forma poderemos compreender melhor os meandros do processo da construção de uma memória sobre Furlong.

Segundo Ricoeur (2007), uma memória individual pode tornar-se coletiva a partir de um processo de identificação com a memória de outrem. Determinado grupo pode ter vivido um fato histórico, mas também lembrar-se dele de modos diferentes, dadas as condições sociais dos indivíduos e aquilo que pretendem rememorar. Entretanto, alguns pontos em comum podem ser encontrados, o que faz com que por um processo de analogia entre as lembranças – que geralmente ocorre em comemorações – cada memória individual irá, pelo menos em parte, se reconhecer naquele todo e passará a fazer parte desta memória coletiva.

Há, neste sentido, uma necessidade de seleção dos fatos a serem rememorados, derivada tanto das *re-presentificações* passadas de geração em geração, quanto dos interesses de determinado grupo em relação à memória que se quer construir. Dentre os exemplos mais característicos podemos mencionar um “aniversário de morte” ou de nascimento de um personagem histórico. No caso de Saavedra, a rememoração de sua trajetória ocorreu em dois momentos específicos: as comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio, seu momento de maior proeminência política, e o do sesquicentenário de sua morte.

É interessante notar, contudo, que a memória que Furlong construiu sobre este personagem em 1960, em um período bastante específico da história argentina, foi retomada, e atualizada, dezenove anos depois, em um momento político distinto, no qual os militares estavam no poder. Embora não tenhamos tido notícias sobre comemorações relativas ao sesquicentenário da morte de Saavedra, a reimpressão da biografia escrita por Furlong parece apontar para uma tentativa do regime de promover, através de sua divulgação, a utilização estratégica da mensagem moral e, sobretudo, nacionalista que o texto continha, iniciativa que vinha totalmente ao encontro das aspirações do historiador argentino ao escrevê-la.

Ao transpormos este pensamento para o caso de Furlong, constataremos que aqueles que conheceram o jesuíta guardaram, cada um a seu modo, suas lembranças sobre ele. No caso de uma comemoração – a escrita dos textos para a revista *Archivum* – as lembranças de cada autor se uniram para formar uma memória coletiva sobre Furlong. Ao mesmo tempo,

pode-se pensar que o próprio historiador argentino, ao evocar as qualidades de Saavedra, tanto na conferência quanto na biografia por ele publicadas, acaba por divulgar uma memória sobre a atuação do personagem – fundada ora em características pessoais, ora em suas qualidades político-organizacionais – que, além de ser transmitida como um exemplo a ser seguido pelas futuras gerações, pode se fixar, pela analogia proposta por Ricoeur (2007), na memória coletiva, com o propósito de formar argentinos que, no caso do país, compreendam e aceitem as propostas de um regime de ultradireita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

I

Argentina, 1979. Durante o *Proceso de Reorganización Nacional* se dá o sesquicentenário da morte de Cornelio Saavedra. Embora não tenhamos notícias sobre outros festejos ou comemorações relativas à data, o *Ministerio de Cultura y Educación de la Nación* reimprimiu a obra já publicada em 1960 pelo historiador jesuíta Guillermo Furlong, sob o título *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina*. Dezenove anos depois das comemorações relativas aos 150 anos da Revolução de Maio, um dos líderes é novamente lembrado, e a evocação de sua biografia, neste momento, por um órgão governamental, parece ter um objetivo educativo, em que seu exemplo de posicionamento político moderado pode ter sido utilizado para orientar os cidadãos argentinos, principalmente aqueles que se opunham ao regime.

Furlong pode ter escrito esta biografia em 1960 com o objetivo de fazer lembrar a uma elite argentina – os descendentes dos líderes do processo revolucionário que estavam presentes na leitura da conferência que originou o livro – que o país tinha outros homens para reverenciar, não apenas Mariano Moreno, com seu posicionamento exaltado e sua inclinação por mudanças no *status quo*. Entretanto, este não foi o primeiro momento em que Furlong se utilizou dos *exempla vitae* para resgatar personagens históricos do esquecimento, algo que havia feito em muitas de suas obras.

II

Ao longo dos mais de quarenta anos, Furlong publicou um número imenso de trabalhos – para Geoghegan (1979) foram cerca de dois mil –, sendo que a maioria deles, e, também, os mais (re)conhecidos, versam sobre temas relativos à história da Companhia de Jesus na América platina do período colonial.

Uma das primeiras publicações do historiador argentino que nos chama a atenção é *Los jesuitas y la cultura rioplatense* (1933). A obra, de pouco mais de duzentas páginas, pode ser considerada como uma espécie de síntese, que reúne, em apenas um livro, dados não apenas sobre a história da Ordem, mas, principalmente sobre as trajetórias de seus missionários, abordando-as a partir de uma divisão de capítulos que enfatiza as atividades por eles exercidas durante seu trabalho de evangelização. Assim, os capítulos são intitulados

Exploradores, Colonizadores, Protectores de los indígenas, Geógrafos y Cartógrafos, Etnógrafos y Etnólogos, Lingüistas y Folólogos, Historiadores y Cronistas, Botánicos y Zoólogos, Matemáticos y Astrónomos, Farmacéuticos y Médicos, Folósofos, Teólogos y Jurisconsultos, Poetas y Prosistas, La Música y el Canto, Arquitectos, Escultores y Pintores, Impresores y Grabadores, Artes, Ofícios e Industrias, Agricultores y Ganaderos, entre outros. Cada um destes textos tem em torno de dez páginas, trazendo breves informações sobre os nomes completos, data de nascimento e falecimento, locais onde atuaram e quais foram as principais contribuições de cada um dos missionários citados. Dentre as trajetórias exploradas por Furlong, ganharam destaque, por exemplo, as de missionários que se dedicaram, também, à produção de conhecimento, com a escrita e/ou publicação de obras, como nos casos de Antonio Sepp¹, Florián Paucke, José Sánchez Labrador², Martín Dobrizhoffer³, Pedro Montenegro⁴, Segismundo Asperger⁵ e Thomas Falkner⁶. Para além da obra em si, podemos

¹ O Padre Antonio Sepp, natural de Caldaro (Kaltern), em Bolzano, na Itália (à época Áustria), nasceu em 22 de novembro de 1655. Ingressou na Companhia em 28 de setembro de 1674, vindo para a América em seis de abril de 1691. Com formação missionária e conhecimentos musicais, atuou desde sua chegada até o ano de 1733, quando falece, no dia treze de janeiro, na Redução de San José, em Misiones. É autor da *Relación de viaje a las misiones jesuíticas* (1696).

² O Padre José Sánchez Labrador, natural de La Guardia, Toledo, Espanha e nascido em nove de setembro de 1717, ingressou na Companhia de Jesus em dezanove de setembro de 1732. Estava entre o grupo de missionários que chegou à América em 25 de março de 1734. É autor das obras *El Paraguay Natural* (1771-1776) e *El Paraguay Católico* (1770-manuscrito). Faleceu no exílio, em dez de outubro de 1798, na cidade de Ravena, Itália.

³ O Padre Martín Dobrizhoffer, nascido em cinco de setembro de 1718 em Frymburk, Bohemia, atual República Tcheca, ingressou na Ordem em vinte de outubro de 1736 e estava no grupo de missionários com chegada à América em primeiro de janeiro de 1749. Com formação missionária, atuou em diversas Reduções. Após terminar seus estudos em Córdoba, em 1750 foi destinado para missionar junto aos mocobés, juntamente com Florián Paucke, na Redução de Concepción, onde permaneceu até 1754. Dobrizhoffer faleceu em dezessete de julho de 1791, em Viena, Áustria.

⁴ O Irmão Pedro Montenegro nasceu em quatorze de maio de 1663, em Santa Marina, Galicia, Espanha. Em 1679 ingressou como estudante no Hospital Geral de Madrid. Provavelmente já estava na América quando ingressou na Companhia, fato que se deu em 1691. Atuou como cirurgião, sendo um dos poucos irmãos que atuaram fora dos centros de formação da Companhia. Em sua principal obra, *Materia Medica Misionera* (1710), o autor descreve alguns tratamentos indicados para doenças como a tuberculose, da qual pode curar-se a partir de plantas nativas. Sua obra ainda dialoga com os princípios europeus de medicina, que, no Novo Mundo, eram mesclados às práticas indígenas. É autor também de uma obra conhecida como *Libro de Cirugia* (Manuscrito). Faleceu na Redução de Mártires em vinte de fevereiro de 1728.

⁵ O Padre Segismundo Asperger nasceu em 28 de outubro de 1678 em Innsbruck, Austria (STORNI, 1980, p. 16-17). Ingressou na Companhia de Jesus em nove de outubro de 1705 e durante sua formação atuou em um hospital, onde teve contato com práticas médicas. A partir de 1717 atuou na Província do Paraguai, tendo lecionado primeiramente no Colégio de Córdoba e sendo transferido para algumas missões do interior. Durante sua atuação escreveu um receituário intitulado *Tratado Breve de Medicina*, o qual permaneceu manuscrito, não tendo edição impressa. Seu receituário recebeu algumas críticas quando comparado com obra semelhante escrita pelo missionário Pedro Montenegro, intitulada *Materia Médica Misionera*, sendo Asperger acusado de plágio. Mesmo assim, foi reconhecido por seus contemporâneos através de correspondências particulares como insigne médico e especialista nas *artes de curar* (FURLONG, 1947). Quando da expulsão da Companhia de Jesus da América, Asperger foi o único missionário autorizado a permanecer na Província do Paraguai por conta de sua avançada idade, sendo que já se encontrava inválido havia alguns anos. Asperger faleceu em 23 de novembro de 1772 em Apóstoles.

⁶ O Padre Thomas Falkner nasceu em dezessete de outubro de 1707, em Manchester, Inglaterra (STORNI, 1980, p. 94-95). Foi discípulo de Sir Isaac Newton e formou-se em medicina após estudar com o Dr. Richard Mead,

encontrar, na seção intitulada *Selección Bibliográfica*, uma listagem de textos que visavam complementar as informações nela contidas.

Entre o ano de 1929, quando publica seu primeiro livro sobre temas históricos, e 1955, quando foi jubulado por sua atuação no Colegio del Salvador, Furlong publicou obras que, em sua maioria, tratavam da Companhia de Jesus na América e que enfocavam temas bastante diversos. Tais interesses podem ser encontrados em obras como *Cartografía jesuítica del Río de la Plata* (1936) e *Entre los mocobíes de Santa Fe* (1938); na coleção (*Cultura Colonial Argentina*), que leva os títulos: *Bibliotecas argentinas durante la dominación hispánica* (1944), *Músicos argentinos durante la dominación hispánica* (1945), *Matemáticos argentinos durante la dominación hispánica* (1945), *Arquitectos argentinos durante la dominación hispánica* (1946), *Artesanos argentinos durante la dominación hispánica* (1946), *Médicos argentinos durante la dominación hispánica* (1947) e *Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica* (1948); além daquela que é considerada uma de suas obras-primas: *Nacimiento y desarrollo de la filosofía en el Río de la Plata* (1953).

Nestas obras, mas, principalmente, na coleção *Cultura Colonial Argentina*, é flagrante o foco que Furlong dá às trajetórias dos missionários da Companhia de Jesus que atuaram na região do Rio da Prata no período colonial. Cada um dos jesuítas ganha um espaço especial, que pode variar entre alguns parágrafos ou mais de uma dezena de páginas, ao longo das quais seus principais feitos e qualidades pessoais são valorizados. A título de ilustração, destacamos o caso do missionário Segismundo Aspeger, que merece destaque em duas das obras da coleção⁷, pois Furlong o classifica como “*médico meritíssimo de la ciencia curativa, [que] dedicóse con afán y con éxito, nunca rivalizado en las regiones del Río de la Plata, al alivio de sus semejantes*” (FURLONG, 1947, p. 83).

Chama a atenção de Furlong o fato de o padre Asperger, apesar de muito jovem, ter sido reconhecido como médico aos olhos de seus contemporâneos. Por ocasião da epidemia de varíola ocorrida em Buenos Aires em 1718, Asperger não tinha vinte anos completos, o que levou Furlong a discutir longamente se o missionário possuía ou não formação acadêmica

ingressando na Real Sociedade de Londres. Atendendo ao pedido da instituição, ele empreendeu uma viagem de estudos à América, onde adoeceu e foi auxiliado por um missionário jesuíta, que o convenceu a converter-se ao catolicismo e ingressar na Companhia de Jesus, fato que ocorreu em quatorze de maio de 1732. Falkner foi expulso das possessões castelhanas no Novo Mundo em 1767, juntamente com os outros missionários que aqui atuavam. Após passar curto período em Cádiz, o jesuíta tem a oportunidade de voltar a sua terra natal, na qual se radica “*en Plowden Hall, rica mansión en otros tiempos de los Condes de Plowden*” (FURLONG, 1947, p. 116). Lá pôde sistematizar suas anotações, que foram publicadas em 1774 sob o título *A description of Patagonia and adjoint parts of South America*, obra considerada importante ainda nos dias de hoje. Falkner faleceu em trinta de janeiro de 1784, em Plowden Hall, Shropshire, Inglaterra.

⁷ Nos referimos às obras intituladas *Médicos argentinos durante la dominación hispánica* (1947) e *Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica* (1948).

em medicina. Furlong, no entanto, não desconsidera que Asperger tivesse, de fato, tal conhecimento acerca de práticas curativas quando iniciou seus trabalhos na botica do Colégio de Córdoba, já que as *Constituições* estipulavam que os noviços tinham que “dedicar um mês de serviço em um hospital”. Pode-se, então, aventar a hipótese de que o missionário tenha demonstrado genuíno interesse nas *artes de curar* ou, então, ainda na Europa, tido contato com a rotina de uma casa de enfermos e, até mesmo, com uma epidemia de varíola, o que fez com que conhecesse o tratamento que deveria ser administrado aos pacientes.

Deve-se, contudo, considerar que o destaque dado à atuação de Asperger como profissional das artes de curar em suas obras⁸ se deva aos documentos a que o jesuíta argentino teve acesso, muitos dos quais vinculam o nome do missionário à cura de enfermos. Por outro lado, ao reconstituir a trajetória deste membro da Companhia de Jesus, a valorização de características como zelo, caridade e comprometimento constrói em torno ao missionário uma aura de bondade, aproximando-o das particularidades inerentes dos santos, dada sua classificação como “*sacerdote ejemplar y misionero celoso [que] consagró sus energías todas a la dura labor de cristianizar a nuestros indígenas*” (FURLONG, 1947, p. 83).

Neste ponto, grande parte da narrativa se desenvolve a partir de suas realizações como missionário, trazendo uma lista das reduções nas quais atuou e enfatizando aquelas nas quais atuou como cura⁹, o que mostraria o sucesso de sua atuação, constituindo-se em exemplo a ser seguido pelos demais membros da ordem de sua época. O fato de ter sido designado como cura de redução aponta ainda para a possibilidade de Asperger ter sido dotado de grande carisma, o que garantiu uma maior proximidade com os indígenas, razão pela qual se dedicou também à evangelização dos autóctones.

Todas as afirmações feitas pelo historiador argentino se baseiam em fontes, que teriam sido escritas pelo próprio biografado ou por pessoas que teriam tido contato com ele. Em uma operação de “costura” dos documentos, as opiniões formuladas sobre o personagem parecem, assim, não ser de Furlong, mas do autor da fonte consultada. Aliás, este apego tanto às fontes quanto às trajetórias de vida se torna claro quando, a partir do ano de 1952, é lançada uma coleção de livros que tem como foco a trajetória de vida de alguns missionários e os principais documentos que produziram. Esta coleção conta com títulos como: *José Manuel*

⁸ Furlong dedica a maior parte da primeira metade de seus textos para a descrição da atuação de Asperger como missionário. Seus conhecimentos acerca de medicina são novamente explorados na parte final dos textos, quando também são analisados manuscritos a ele atribuídos. (FURLONG, 1947; 1948).

⁹ O cura era o padre responsável por determinada redução. Normalmente tinha consigo outro padre para auxiliá-lo ou, na falta deste, um irmão.

Peramás y su diario del destierro (1768) (1952), *José Cardiel S.J. y su Carta-Relación (1747)* (1953) e *Antonio Sepp y su “Gobierno Temporal” (1732)* (1962), entre outros. Nestas obras, o historiador argentino explora, juntamente com as biografias de cada um dos missionários, o conteúdo dos documentos que dão título aos textos, resenhando e, também, reproduzindo diversos trechos dos mesmos.

Se levarmos em consideração as temáticas centrais das obras aqui brevemente apresentadas, podemos perceber que Furlong, a partir de uma obra de síntese, na qual procurou sistematizar e apresentar dados sobre as diversas facetas da história da Companhia de Jesus no Rio da Prata, foi, com o passar dos anos, e, especialmente, com o desenvolvimento de suas pesquisas, aprofundando aspectos que havia abordado em seus primeiros estudos. Ao mesmo tempo, pode-se constatar que boa parte de sua produção versou sobre trajetórias de vida de missionários do período colonial, nos quais – como pode ser observado no texto sobre Asperger – sua principal preocupação estava em não apenas escrever a história de um determinado período da Ordem, mas, principalmente, em exaltar características pessoais e as qualidades inerentes ao missionário virtuoso, procurando torná-lo um modelo para futuras gerações – o que poderia incluir não apenas jesuítas, mas, também, o público leigo.

Como afirmamos na Introdução desta dissertação, o flerte de Furlong com o gênero biográfico não se restringiu apenas aos missionários de sua Ordem, estendendo-se a personagens leigos, como amigos e líderes da Revolução de Maio, entre os quais se encontra Saavedra. Escrita em 1960, momento em que as disputas políticas levavam a Argentina a um clima de total incerteza e a crises em diversos setores, e reimpressa em 1979, quando o regime comandado por militares e apoiado por diversos setores da sociedade (inclusive grupos católicos), a biografia sobre Saavedra parece ter encontrado sintonia com as aspirações de certos setores sociais argentinos por uma disciplina moral e por uma política conservadora e tradicional, vinculada diretamente ao catolicismo. Os trabalhos que Furlong escreveu sobre aqueles a quem considerava os principais próceres da nação argentina revelam não somente uma escrita plenamente identificada com a política escriturária da Companhia de Jesus, mas apontam também para certa atualização, na medida em que a conduta exemplar adquiria neles um novo sentido, associado à reeducação da população e ao nacionalismo (AYROLO, 1999).

Nos anos que se seguem, além da produção de textos que versam sobre a Revolução de Maio, Furlong se dedica à escrita de obras como *Misiones y sus pueblos guaraníes* (1962), *Historia social y cultural del Río de la Plata* (1969) e *Historia y bibliografía de las primeras imprentas rioplatenses* (1975), que se constituem de grandes

sínteses do conhecimento que o historiador jesuíta construiu ao longo dos anos de dedicação à pesquisa sobre a atuação da Companhia de Jesus na América platina. Nelas, o flerte com o gênero biográfico não é deixado de lado, e os missionários da Ordem ganham o destaque que o historiador jesuíta conferiu também aos líderes da Revolução de Maio. Profundamente marcadas pela *Historia Magistra Vitae*, as trajetórias de vida sobre as quais Furlong escreveu – tanto de jesuítas, quanto de leigos –, evidenciam a valorização da fé católica e das histórias de vida destes líderes morais do passado, nos quais, no entendimento do historiador jesuíta, a sociedade deveria se inspirar para regenerar-se.

III

Antes de encerrarmos esta dissertação, cabe-nos, ainda, fazer um balanço das possibilidades que a temática explorada neste trabalho nos permite ainda pesquisar. Se levarmos em consideração as obras escritas sobre as trajetórias dos principais líderes do movimento de Maio, podemos chamar a atenção para algumas questões que ainda se encontram sem resposta.

Em um período anterior aos estudos sobre a Revolução realizados por Furlong, dois nomes importantes da *Nueva Escuela Histórica* também deram suas contribuições para a historiografia sobre o tema. Em 1920, Emilio Ravignani publica um livreto intitulado *La personalidad de Manuel Belgrano: ensayo historico conmemorativo*. Um ano mais tarde é a vez de Ricardo Levene tornar pública uma das principais obras de sua carreira, aquela que o tornará, inclusive, conhecido como o biógrafo do principal adversário político de Saavedra: *Ensayo historico sobre la Revolución de Mayo y Mariano Moreno* (1921). A obra, em dois volumes, procura reconstituir concomitantemente a trajetória de Moreno e os acontecimentos de Maio de 1810, mesclando e explorando as ligações entre o personagem e o fato histórico (DEVOTO; PAGANO, 2009).

Diante disto, podemos propor alguns questionamentos: se os três historiadores faziam parte da mesma escola historiográfica, quais foram suas motivações para escrever sobre personagens distintos? Qual a influência de seus *lugares sociais* na escrita destas obras? Quais os resultados por eles obtidos? Abrem-se, assim, oportunidades de problematização tanto da produção sobre o tema, como, também, sobre a escrita biográfica praticada por este grupo, uma das principais correntes historiográficas argentinas do século XX. Estas, sem dúvida, são questões que merecem ser abordadas em trabalhos futuros.

IV

Por fim, cabe-nos retomar algumas das conclusões a que chegamos ao desenvolver a pesquisa da qual resultou esta dissertação. No primeiro capítulo deste trabalho, exploramos alguns aspectos da trajetória de Guillermo Furlong S.J.. Nosso foco deu-se, principalmente, em sua formação nos círculos da Companhia de Jesus, tanto na Europa e nos Estados Unidos, quanto na própria Argentina e, nos autores, contatos e instituições que podem ter influenciado a escrita tanto do texto da conferência, quanto da biografia sobre Saavedra. Acreditamos ser importante ressaltar que nosso objetivo não foi o de identificar as motivações para a escrita dos textos sobre o personagem através da reconstituição da trajetória do historiador argentino. Nossa intenção foi, prioritariamente, a de procurar perceber quais fontes e qual abordagem teórico-metodológica Furlong empregou para a escrita destes dois textos.

O historiador jesuíta, como procuramos demonstrar, teve uma formação que, além de atender ao previsto nas *Constituições* da Ordem, fomentava, através do incentivo a viagens de pesquisa e de estudos no exterior, o contato de Furlong com bibliotecas e arquivos históricos, e, especialmente – como apresentamos no segundo capítulo deste trabalho – com as obras de autores como Plutarco, Boswell e Carlyle, alguns dos biógrafos mais famosos da Antiguidade e dos séculos XVIII e XIX, respectivamente.

Durante os períodos em que permaneceu na Argentina, as principais influências que podemos identificar nas obras de Furlong decorreram dos contatos que manteve com historiadores e outros intelectuais e, a partir destes, com as instituições leigas às quais se encontravam vinculados, e nas quais veio a ingressar posteriormente. Tal contato fez com que o jesuíta acabasse por se inserir, em razão de uma confluência metodológica e de interesses específicos sobre a história do período colonial argentino, na *Nueva Escuela Historica*, onde pôde dialogar, através de suas obras, com alguns dos principais nomes da historiografia leiga argentina da primeira metade do século XX, como Ricardo Levene e Emilio Ravignani. Sua inserção nestas instituições pode ter feito com que outros tipos de produção fossem autorizados por seus pares, para além daquelas que versavam exclusivamente sobre a Companhia de Jesus, como as biografias que escreveu sobre leigos e sobre os líderes da Revolução de Maio. Os vínculos de amizade com outros intelectuais e benfeitores, como os já citados, possibilitou, ainda, o acesso a documentos e coleções de livros raros que estes homens mantinham, seja para seus estudos, seja como colecionadores.

O contato, tanto com autores, quanto com acervos e intelectuais possibilitou que Furlong construísse uma metodologia de escrita biográfica, que se baseava na “*costura*” de documentos, como se pôde constatar no uso que fez das *Memórias* de Saavedra, e que dava ao leitor a impressão de que “*o biografado falava*”. Entretanto, como exposto no segundo capítulo, este texto era de cunho autobiográfico e tinha sido escrito por Saavedra com o objetivo de defender-se de acusações feitas por seus adversários. Assim, ao não submeter o documento a uma crítica adequada, Furlong acabou por aceitar o *pacto autobiográfico*, transferindo tanto para a conferência, quanto para a biografia, a sua versão sobre os fatos. Cabe, ainda, atentar para outro aspecto: aos “*costurar*” o texto de sua autoria com passagens extraídas dos documentos, o historiador argentino adotou, necessariamente e previamente à escrita, outro procedimento, o de seleção, posicionando-se, também ele – assim como Saavedra o fez – em relação aos eventos da Revolução de Maio e em relação à atuação do biografado.

Nossas reflexões sobre a produção de Furlong nesta dissertação foram norteadas por uma pergunta: se a escrita de um texto de cunho autobiográfico, como o escrito por Saavedra, teve a intenção de divulgar as “*verdades*” sobre a Revolução de Maio, a biografia escrita por Furlong, permeada de evocações a um passado glorioso e às virtudes morais de um dos considerados próceres da nação, não teria tido a função de contar, também ela, apenas um dos lados da história?

Em 1960, ao escrever tanto o texto da conferência, quanto a biografia, Furlong utilizou-se de alguns aspectos da trajetória do personagem – com foco no período entre os anos de 1806 e 1811 – para apresentar um discurso enaltecendo as virtudes do seu personagem. A atuação de Saavedra durante as invasões inglesas ao Rio da Prata e o posto de comandante do Regimiento de Patricios, bem como sua chegada ao poder como presidente da Primeira Junta de Governo, não foram lembradas pelo historiador argentino e, muito menos, exaltadas as habilidades político-organizacionais que o líder pode ter desenvolvido durante a década anterior, quando assumiu diversos cargos no cabildo bonaerense. Em seu texto, Furlong optou por valorizar características pessoais [comportamentais] do personagem, tais como cavalheirismo, generosidade, valentia, entre outras, fazendo com que as mesmas servissem de exemplo para os pósteros.

Ao mesmo tempo, se as habilidades políticas de Saavedra não mereceram a devida valorização, por outro lado, seu posicionamento foi muito destacado, principalmente em relação a outro personagem, Mariano Moreno. Enquanto o segundo foi lembrado por Furlong como “*exaltado*”, por conta de sua formação ilustrada, Saavedra teria tido uma educação

muito mais tradicional e, principalmente, católica, o que o teria levado a assumir uma posição mais “moderada” e que viria ao encontro dos interesses da elite bonaerense de inícios do século XIX.

Apropriando-se de uma memória construída pelo próprio Saavedra em suas *Memórias*, o historiador argentino acabou por torná-lo um exemplo de conduta em um momento marcado simultaneamente pela comemoração do sesquicentenário de Maio e pelas contestações, no qual grupos pró e anti-Perón disputavam o poder em uma semidemocracia, em um país que enfrentava, ainda, uma série crise sócio-econômica. Esta conjuntura parece explicar a pequena adesão às comemorações oficiais organizadas pelo Estado, as quais puderam contar, no entanto, com apoio de algumas instituições, como a *Academia Nacional de la Historia*. Já a reimpressão da obra no ano do sesquicentenário da morte do líder de Maio, como procuramos demonstrar, parece ter atendido efetivamente aos propósitos do governo de ultradireita controlado pelos militares que visavam à reeducação da população e à adoção de uma política moderada.

Ao escrever suas *Memórias*, Saavedra havia deixado claro, nas últimas linhas de seu texto, que esclarecer suas “verdades” acerca do passado era um ato necessário para que não apenas sua memória, mas também as trajetórias de outros líderes do movimento fossem lembradas como fundamentais para a construção da nação argentina.

La obligación que todo hombre tiene de cuidar de su buen nombre, es la que únicamente me ha conducido en mis defensas. Pude y tuve declarado mi derecho a salvo para repetir los daños y perjuicios que me causaron sus violencias e injustas persecuciones, y no lo quise hacer, *contentándome puramente con haber vindicado mi buen nombre y honor, y desvanecido a la faz del mundo la falsedad de sus calumnias o errores de sus conceptos.* (SAAVEDRA, 2009, p. 106, grifos nossos).

Esta foi uma das principais premissas de Furlong para a escrita tanto do texto da conferência, quanto da biografia. Ao reabilitar um dos personagens da Revolução de Maio, em detrimento de outros, o historiador argentino também personificou em Saavedra os ideais morais e políticos que admirava e que considerava fundamentais e, sobretudo, que deveriam ser valorizados na história pátria e pelos cidadãos argentinos, como se pode constatar nas palavras que encerram a obra *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979):

[...] y hay que admirarle como Padre de la Nación Argentina, nuestro George Washington, en lo que fue único, pero ante todo y sobre todo hay que admirar en Saavedra lo que fue el sustratum de toda su prestancia, puesto que como hombre, como caballero, como cristiano y como patriota, fue un

altísimo dechado. *El entendimiento sometido a la verdad, la voluntad sometida a la moral, las pasiones sometidas al entendimiento y a la voluntad, y todo ello ilustrado, dirigido y elevado por la religión, y todo ello animado de un amor eficiente a la tierra nativa y a sus tradiciones; ése es el hombre completo, el hombre perfecto, el hombre por excelencia, y eso indiscutiblemente fue don Cornelio Saavedra. Por eso, en él la razón dio luz, la imaginación vivificó, la religión divinizó, el patriotismo creó.* (FURLONG, 1979, p. 138, grifos nossos).

Ao descrever o cristão e o patriota Saavedra, Furlong recorre a expressões como *entendimiento submetido à verdade, vontade submetida à moral, paixões submetidas ao entendimiento e elevação pela religião*, apresentando-o como um homem perfeito, que a *imaginação vivificou, a religião divinizou e o patriotismo criou*. Esta última passagem parece, no entanto, revelar que Furlong tinha a consciência de que, através da biografia que escreveu, contribuía para a construção de uma memória sobre Cornélio Saavedra, um dos próceres da Revolução de Maio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

ARANCIBIA, U. G. El hombre que hizo más, **Estudios**, nº 597, nov/1968, p. 30-33.

AVILA, Luis. Homenaje al padre Guillermo Furlong S.J., **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 139-148.

BOSWELL, James. **Life of Johnson**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

BUONOCORE, Domingo. Algo acerca de Guillermo Furlong S.J. como bibliógrafo y bibliófilo, **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 103-110.

ESTUDIOS. nº 513, maio, 1960

FRONDIZI, Arturo. **Discurso inaugural del presidente Arturo Frondizi de las celebraciones del sesquicentenario de la Revolución de Mayo, pronunciado en los balcones del Cabildo de Buenos Aires, el 22 de mayo de 1960**. Disponible em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/21484>. Acessado em: 25/07/2014.

FURLONG, Guillermo. **Los jesuitas**. Buenos Aires: [editora não identificada], 1941.

_____. **Médicos argentinos durante la dominación hispánica**. Buenos Aires: Editora Huarpes S.A., 1947.

_____. **Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica**. Buenos Aires, Huarpes, 1948.

_____. **Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina**. Buenos Aires: Ministerio de Cultura y Educación de la Nación, 1979.

GANDÍA, Enrique de. Guillermo Furlong, académico de la Historia, **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 65-72.

GEOGHEGAN, Abel Rodolfo. Apuntes para una biografía de Guillermo Furlong, **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 31-42.

JESUÍTAS. **Constituições da Companhia de Jesus**: anotadas pela Congregação Geral XXXIV e normas complementares aprovadas pela mesma congregação. São Paulo: Loyola, 1997.

MAYOCHI, Enrique Mario. El hombre, el sacerdote, el historiador, **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 43-56.

_____. **Guillermo Furlong Cardiff**. Buenos Aires: Junta de Historia Eclesiástica Argentina, 2009.

OBERTI, Federico. La biblioteca del P. Furlong. **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 149-152.

PADILLA, Ernesto E. Una especialidad: las biografías. **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 73-76.

PLUTARCO. **Vidas paralelas**: Alexandre e César. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SAAVEDRA, Cornelio. **Memoria autógrafa**. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2009.

SIERRA, Vicente D. Furlong, el hombre, **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 61-64.

SOJO, José Antonio. Guillermo Furlong S.J., **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 57-60.

Bibliografía:

ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de História Intelectual, **Tempo Social**, Vol. 19, Nº 1, 2007, p. 9-17.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. **Funciones**. Disponível em: <http://www.mininterior.gov.ar/archivo/mision.php?idName=arc&idNameSubMenuDerPrincipI=arcMision&idNameSubMenu=&idNameSubMenuDer=arcMision>. Acesso em: 18/11/2013.

ARNAUT, Cézár; RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. Estrutura e Organização das *Constituições* dos jesuítas (1539-1540), **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 24, n. 1, 2002, p. 103-113.

AYERRA, Jacinto. **El hermano coadjutor en la actual Compañía**. São Paulo: Loyola, 1963.

AYROLO, Valentina. El Padre Guillermo Furlong, historiador. In: **Jesuítas 400 años en Córdoba**: congreso internacional, 21 al 24 de setiembre de 1999, sede: Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Universidad Nacional de Córdoba, Volume 1, p. 47-58.

AVELLANEDA, Mercedes; QUARLERI, Lía. La milicias guaraníes en el Paraguay y Río de la Plata: alcances y limitaciones (1649-1756), **Estudios Ibero-Americanos**. PUCRS, Vol XXXIII, nº 1, junho, 2007, p. 109-132.

BANGERT, William V. **Historia da companhia de Jesus**. São Paulo: Loyola, 1972.

BARCELOS, Artur. **Expedições Jesuíticas e cartografia americana: século XVII e XVIII**. 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia. São Paulo, Abril, 2010, p. 1-15.

BARROS, José D'Assunção. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 25, p. 407-429, 2012.

_____. Da História pré-científica à constituição de uma nova matriz disciplinar: algumas considerações, **Recôncavo**, Nº 1, Ago/Dez de 2011, p. 20-43.

_____. Objetividade e subjetividade no conhecimento histórico: a oposição entre os paradigmas positivista e historicista, **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, v.1, n.2, maio/ago. 2010, p.73-102.

BATTICUORE, Graciela; GAYOL, Sandra (Orgs.). **Tres momentos de la cultura argentina: 1810-1910-2010**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

BEIRED, José Luis Bendicho. “A grande Argentina”: o sonho nacionalista para a construção de uma potência na América Latina, **Revista Brasileira de História**, São Paulo, Vol. 21, nº 42, 2001, p. 303-322.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203-233.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.

BRADING, D. A. A Espanha dos Bourbons e seu império americano. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina: América Latina colonial**, volume 1. São Paulo: Edusp, 2008, p. 391-446.

BURRIEZA SANCHÉZ, Javier. Los jesuitas: de las postrimerias a la muerte ejemplar. **Hispania Sacra**, LXI,124, julio-diciembre 2009, 513-544.

BUSHNELL, David. La independencia de la América del Sur española. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina**. (Vol. 5 – La independencia). Barcelona: Editorial Crítica, 1991, p. 75-123.

CABRERA, Mónica. **Las significaciones del pasado en las corrientes historiográficas argentinas**. Disponível em: <http://www.tomasabraham.com.ar/seminarios/2008/historiadores2008.pdf>. Acessado em: 10/12/2014.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARINO, Janaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa, **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 67, Agosto, 1999, p. 153-181.

CARVALHO, José Murilo de. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura, **Topoi**, Rio de Janeiro, Nº 1, 2000, p. 123-152.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. **Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620**. Bauru. SP: Edusc, 2006.

CATTARUZZA, Alejandro. La historia y la profesión de historiador en la Argentina de entreguerras, **Saber y Tiempo**, Nº 12, 2001, p. 107-139.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra (Org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: UFRGS, 2001, p. 43-69.

_____. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)**. Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005.

_____. Ainda será a História Mestra da Vida?, **Estudos Ibero-americanos**, núm. 2, 2006, p. 7-34.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CERVEIRA, Luís Alexandre. **Dos levantes de Castela às revoluções comuneras do Paraguai: apropriações e ressignificações de um conceito em três atos**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000013/0000132E.pdf>. Acessado em: 22/11/2014.

CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. **Estudos Avançados**, Vol. 24, Nº 69, 2010, p. 7-30.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002, p. 121-139.

CHIARAMONTE, José Carlos. El problema de los orígenes de los Estados hispanoamericanos en la historiografía reciente y el caso del Río de la Plata, **Anos 90**, Vol. 1, Ano 1, 1993, p. 49-83.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martín Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DEL BARCO, Ricardo [et all.]. **1943-1982**. Historia política argentina. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1985.

DELL'ORO MAINI, Atilio. Palabras de presentación del R. P. Guillermo Furlong por el Dr. Atilio Dell'Oro Maini. In: FURLONG, Guillermo. **Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina**. Buenos Aires: Ministerio de Cultura y Educación de la Nación, 1979.

DETIENNE, Marcel. **A identidade nacional, um enigma**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DEVITT, Edward. Georgetown College in the early days, **Records of the Columbia Historical Society**, Washington D.C., v. 12, 1909, p. 21-37.

DEVOTO, Fernando. Idea de Nación, Inmigración y “cuestión social” en la historiografía académica y en los libros de texto de Argentina (1912-1974), **Estudios Sociales**, Nº 3, Jul/Dez de 1992, p. 9-30.

DEVOTO, Fernando; PAGANO, Nora. Historia de la historiografía argentina. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

DOSSE, François. A idade heroica. In: DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 123-193.

_____. Uma história social da memória. In: DOSSE, François. **A História**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

_____. A pré-história dos Annales. In: DOSSE, François. **A história em migalhas: dos “Annales” à “Nova História”**. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992, p. 21-59.

_____. A oposição história/memória. In: DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2004, p. 169-191.

DREHER, Martin. **A igreja latino-americana no contexto mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999. (Coleção História da Igreja; v. 4).

FALCON, Francisco. História das Idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERRARI, Marcela P.; RICCI, Lila; SPINELLI, María Estela. **Memorias de la Argentina contemporánea, 1946-2002: la visión de los mayores**. Mar del Plata: EUEM, 2007.

FRADKÍN, Raúl Osvaldo; GARAVAGLIA, Juan Carlos. **La argentina colonial**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

FRADKÍN, Raúl Osvaldo; GELMAN, Jorge (Org.). **Doscientos años pensando la Revolución de Mayo**. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

GALASSO, Norberto. Revolución de Mayo, **Espacios de crítica y producción**, nº46, 2010, p.58-75.

GARGNEL, Josefina. La *Historia de la conquista* en la versiones de Pedro Lozano y José Guevara. Estudios comparados de la producción escrita de la Compañía de Jesús en el siglo XVIII, **História Unisinos**, São Leopoldo, nº13, Vol. 3, Setembro/Dezembro, 2009, p. 297-307.

GAUT VEL HARTMAN, Sergio. **Bicentenario 1810-2010**. Pensamientos que hicieron la patria. Mariano Moreno, Manuel Belgrano, Cornelio Saavedra, Bartolomé Mitre, Domingo Faustino Sarmiento, Juan Bautista Alberdi. Buenos Aires: Andrómeda, 2010

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIORGI, Guido Ignacio. Redes católicas y Estado en la “Revolución Argentina”, **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 12, nº 12, outubro, 2010, p. 53-78.

GOLDMAN, Noemí; DI MEGLIO, Gabriel. Pueblo/ Pueblos. In: GOLDMAN, Noemí. **Lenguaje y Revolución**. Conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008, p. 131-143.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. Vol. 6, Nº 2, 1993, p. 62-77.

GRAU, Carmen-José. **Las revistas de historia eclesiastica en America Latina en el siglo XX**. Disponível em:

[http://www.unav.es/adi/UserFiles/CvFiles/Files/27145/Revistas%20H%20Ig%20\(2000\).pdf](http://www.unav.es/adi/UserFiles/CvFiles/Files/27145/Revistas%20H%20Ig%20(2000).pdf).

Acesso em: 04/052014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice. 1990.

HALPERIN DONGHI, Tulio. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. **Revolução e guerra: formação de uma elite dirigente na argentina criolla**. São Paulo: Hucitec, 2015.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. A testemunha e o historiador. In: HARTOG, François. **Evidência da história: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 203-228.

HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios, 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Era dos extremos**. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IMOLESI, María Elena. **Sobre el país de los felicianos**. La narrativa histórica de Guillermo Furlong SJ acerca de las misiones jesuíticas de guaraníes. Disponível em:

https://www.academia.edu/4242363/Sobre_el_Pa%C3%ADs_de_los_Felicianos._La_narrativa_hist%C3%B3rica_de_Guillermo_Furlong_SJ_acerca_de_las_misiones_jesuitas_de_guaran%C3%ADes. Acessado em 23/05/2014.

_____. De la utopía a la historia. La reinención del pasado en los textos de Guillermo Furlong, **Italie et Méditerranée modernes et contemporaines**, nº 126-1, 2014.

JIMÉNEZ CALLE, Josefina. Cornelio Saavedra, ¿Padre de la patria? In: SAAVEDRA, Cornelio. **Memoria autógrafa**. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2009, p. 9-21.

KOSELLECK, Reinhart. História Magistra Vitae. Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento. In. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 41-60.

LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

LE GOFF, Jacques. **São Luís: biografia**. São Paulo: Record, 1999.

_____. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.

LEVENE, Ricardo. El II Congreso Internacional de Historia de América, **Estudios**, Buenos Aires, Nº 57, p. 7-8.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 167-182.

LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH, n.43, p.11- 32, 2002.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225-250.

_____. **O pequeno X: da biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LUNA, Félix. **Historia integral de la Argentina**. Vol. 10. El largo camino a la democracia. Buenos Aires: Booket, 2010.

LYNCH, John. Los orígenes de la independencia hispanoamericana. In: BETHELL, Leslie (Org.). *Historia de América Latina*. (Vol. 5 – La independencia). Barcelona: Editorial Crítica, 1991, p. 1-40.

MARTÍNEZ BAEZA, Sergio. Una olvidada causa de la emancipación sudamericana, **La revolución de Mayo en perspectiva: actas de las V jornadas sobre identidad cultural y política exterior en la historia argentina y americana / organizadas por la facultad de Historia, Geografía y Turismo**. Buenos Aires : Universidad del Salvador, 2010, p. 29-52.

MIRAUX, Jean-Philippe. **La autobiografía**. Las escrituras del yo. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

MURRAY, Edmundo. Guillermo Furlong (1889-1974). In: BYRNE, James; COLEMAN, Philip; KING, Jason (Org.). **Ireland in the Americas**. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2008.

MUSEO MITRE. **Orígenes y creación**. Disponível em: <http://www.museomitre.gov.ar/historia.htm>. Acessado em 25/07/2013.

NEUMAN, Eduardo. “De letra de índios”: cultura escrita e memória indígena nas reduções guaraníes do Paraguai, **Varia Historia**, Belo Horizonte, Vol 25, nº 41, Jan/Jun, 2009, p. 177-196.

NOVARO, Marcos. **Historia de la Argentina 1955-2010**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista**. Tese (Doutorado) – UFRJ/IFCS/Programa de Pós Graduação em História Social, 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp092105.pdf>. Acessado em: 25/08/2014.

OLIVEIRA, P. R. M. . Um estilo jesuítico de escrita da história: notas sobre estilo e história na historiografia jesuítica. **História da Historiografia** , v. 7, p. 266-278, 2011.

O’MALLEY, John. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo: Editora Unisinos; Bauru: EDUSC, 2004.

PAGE, Carlos. El desarrollo del género biográfico entre los jesuitas del Paraguay antes de la expulsión de España, **História, histórias**. Brasília, vol. 1, n. 1, 2013, p. 5-22.

PAREDES, Isabel. El Sesquicentenario de Mayo, la memoria y la acción editorial: Memoria e Historia hacia 1960, **Anuario del Instituto de Historia Argentina**, nº 10, 2010, p. 137-163.

PAVEZ, Leonardo Acquaviva. **História Magistra vitae: história e oratória em Cícero**. Dissertação (Mestrado) – USP, 2011.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PÈREZ, Óscar. **Historiadores de primera**: Mn. Manuel Betí Bonfill. Disponível em: http://www.bisbattortosa.org/index.php?option=com_content&view=article&id=527;, Acessado em 23/07/2013.

PERRY, Marvin. **Civilização Ocidental**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PIERRON, Jean Philippe. O testemunho e o conhecimento histórico. In: PIERRON, Jean Philippe. **Transmissão**: uma filosofia do testemunho. São Paulo: Loyola, 2010, p. 125-147.

PIMENTA, João Paulo Garrido. **Estado e nação no fim dos império ibéricos no Prata (1808-1828)**. São Paulo: Hucitec, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 2, Nº 3, 1989, p. 3-15.

PRIEN, Hans-jürgen. **La historia del cristianismo en america latina**. Salamanca: Sígueme, 1985.

RAMBO, Arthur Blásio. A Igreja da Restauração Católica no Brasil Meridional. In: DREHER, Martin Norberto. **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre: Edições EST/São Leopoldo: Sinodal, 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCK, David. Argentina, 1930-1946. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina**. Barcelona: Editorial Crítica, 2002, p. 3-59.

RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. *A formula scribendi* na Companhia de Jesus: origem, leitura paleográfica e fonte documental para o estudo da ação dos Jesuítas. **X Encontro Estadual de História**. Disponível em http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279402723_ARQUIVO_ST01-Ahistoriografiaentreoparticular_TextoAnaisdeLuizFernandoRodrigues.pdf. Acessado em 16/11/2011.

ROGERS, Pat. Introduction. In: BOSWELL, James. **Life of Johnson**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ROMEIRO, Adriana, SILVEIRA, Marco Antônio (Org.). **Diogo de Vasconcelos - o ofício do historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 125-159.

ROSCIANI, Maria Silvia Leoni de. **Corrientes en el contexto regional: una perspectiva desde la historiografía correntina**. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s12a7.pdf>. Acessado em: 25/10/2015.

RUIZA, Miguel, et all. **Biografías y Vidas**. Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/>. Acesado em: 22/07/2013.

SAID, Edward. **Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entrevista com Sabina Loriga: a história biográfica, **Métis: história & cultura**, Vol. 2, Nº 3, Jan/Jun de 2003, p. 11-22.

_____. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 187-205.

_____. Biografia e regimes de historicidade, **Métis: história e cultura**, v. 2, nº 3, p. 57-72, jan/jun, 2003.

_____. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos**, Vol. 8, Nº 10, Jul/ Dez, 2004, p. 131-142.

_____. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 19, 1997, p. 3 - 21.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (org). **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. c. 8, p. 231-269.

SILVA, Daniela Barbosa da. História Magistra Vitae: a história exemplar pode ensinar? In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (Orgs.). **Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?** Ouro Preto: Edufop, 2009.

SOLANO, Francisco Alexandre. A biografia desafiada: os contornos de uma vida por François Dosse, **Fênix**, Vol. 7, Nº 2, Maio/Agosto de 2010, p. 1-10.

SOUTO, Nora; WASSERMAN, Fabio. Nación. In: GOLDMAN, Noemí. **Lenguaje y Revolución**. Conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

SOUZA, Adriana; LOPES, Fábio. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema, **História da historiografia**, Nº 9, Agosto de 2012, p. 26-37.

SPINELLI, María Estela. **El sesquicentenario de la Revolución de Mayo**. Crisis política e historiografía. Disponível em: http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/vj_spinelli.pdf, Acesso em 15/08/2014.

STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Vol. 19, Nº 39, Curitiba, Junho, 2010

TANZI, Héctor J. **Historia de la Junta Eclesiástica Argentina**. Conferencia pronunciada el 11 de junio de 2012 al concluir la Asamblea de la Junta de Historia Eclesiástica Argentina. Disponível em: <http://www.jhea.org.ar/historia.html>. Acessado em: 24/07/2013.

TERÁN, Oscar. **Historia de las ideas en la Argentina: Diez lecciones iniciales, 1810-1980**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

TESLER, Mario. **La obra oculta del padre Furlong**. Buenos Aires: Ediciones Theoría, 1994.

TORRE, Juan Carlos; RIZ, Liliana de. Argentina, 1946-c. 1990. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina**. Barcelona: Editorial Crítica, 2002, p. 60-155.

ULLOA, Alejandro (Coord.). **Cornelio Saavedra: el destacado líder de mayo**. Buenos Aires: Planeta, 2009.

VANCE, John. Introduction. In: VANCE, John (Org.). **Boswell's life of Johnson: new questions, new answers**. Georgia-USA: University of Georgia Press, 1985.

WILDE, Guillermo. Adaptaciones y apropiaciones en una cultura textual de frontera: impresos misionales del paraguay Jesuítico, **História Unisinos**, nº 18(2), Maio/Agosto, 2014, p. 270-286.

ZANOTTO, Gizele. A atuação do movimento católico Tradição, Família e Propriedade (TFP) no cenário político-cultural argentino (1967-1983), **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VII, nº 20, setembro, 2014, p. 233-260.